



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências - Bauru



FELIPE GIMENES MOYANO

**FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O ENSINO E APRENDIZAGEM
DE LUTAS PARA A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA ESCOLA**



**Bauru
2021**

FELIPE GIMENES MOYANO

**FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O ENSINO E APRENDIZAGEM
DE LUTAS PARA A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA ESCOLA**

Orientadora: Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru, para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Bauru

2021

M938f	Moyano, Felipe Gimenes Formação Inicial em Educação Física : o ensino e aprendizagem de Lutas para atuação do Professor na Escola / Felipe Gimenes Moyano. -- Bauru, 2021 226 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger 1. Currículo. 2. Formação de Professores. 3. Intervenção Escolar. 4. Lutas. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Zenaide e Moyano e, a minha irmã Livia, pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Celestial, por todas as bênçãos e conquistas que a mim foram concedidas, por amparar e iluminar todos os meus passos.

Agradeço aos meus pais, por terem me ensinado valores e proporcionado condições de estudo para que eu chegasse até aqui. Cada um à sua maneira, tendo ambos fundamental importância em meu desenvolvimento. Com minha mãe, Zenaide, pude aprender os valores de fraternidade, cortesia, otimismo, solidariedade, compaixão e a importância de se atrelar a espiritualidade as nossas ações cotidianas. Com meu pai, Moyano, aprendi que o aprimoramento pessoal deve ser constante e para tanto, valores como a humildade, responsabilidade, perseverança, ousadia, lealdade, tolerância e integridade, necessitam ser lapidados para consigo e para com o próximo. Com eles aprendi o verdadeiro significado de Amor Filial, o amor entre pais e filhos, o amor mais puro e verdadeiro que pode existir.

Agradeço a minha irmã, Livia, por ser minha companheira de toda vida e por ter sido minha maior incentivadora na elaboração dessa monografia.

Agradeço a minha orientadora, Dagmar Hunger, pela confiança depositada na minha proposta de projeto e pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo.

Agradeço a todos os depoentes voluntários e colaboradores que participaram deste estudo, por compartilharem comigo seus relatos, experiências e memórias, os quais foram essenciais para o desenvolvimento desta monografia e, de extrema relevância e significativo benefício para a história e memória do campo das lutas e formação superior em Educação Física.

Agradeço a todos os professores do curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru pela elevada qualidade de ensino oferecido.

Agradeço às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de cursos, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da Bolsa de Iniciação Científica que possibilitou a realização deste estudo.

“Para compreender uma ciência é preciso
conhecer a sua história”

(AUGUSTE COMTE).

RESUMO

Currículos dos Cursos de Graduação Licenciatura em Educação Física significam representações intelectuais acadêmicas, científicas, histórico-culturais e sociais no que diz respeito ao mundo do trabalho no campo das manifestações corporais da civilização humana e suas exigências em termos de formação, competências, habilidades, conteúdos etc. para intervenção profissional escolar. Do conjunto de disciplinas dos fenômenos esportivos nos interessamos por investigar a preparação de estudantes universitários para o ensino das Lutas na instituição educacional formal. Pontuamos como questão problema de pesquisa: como se processa num determinado currículo o ensino e a aprendizagem das Lutas para atuação do Professor na Escola? Objetivamos preservar a memória curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, de uma Universidade Pública Estadual, do interior do Estado de São Paulo, analisando o Projeto Político Pedagógico, bem como, relatos de parte do seu corpo docente e discente no que diz respeito à formação inicial em Lutas e intervenção profissional no ensino escolar. Como hipótese tem-se os conteúdos disciplinares desenvolvidos por intermédio de vivências corporais próprias do esporte, jogos e recreação e não de modo temático-interdisciplinar abordados no processo da docência e aprendizagem estudantil. A revisão de literatura e documental abordam teoria curricular, formação inicial de professores, o ensino escolar de aprendizagem das Lutas e o Projeto Político Pedagógico do Curso ora em análise. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, o método é história oral e a técnica entrevista semiestruturada, sendo realizada com 04 Docentes e 18 Estudantes, de forma remota síncrona por meio de aplicativo de videoconferência. Fundamentados no método análise de conteúdo procedemos as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos relatos orais, discutidos à luz do Projeto Político Pedagógico e revisão da literatura, conforme os eixos: I. Desenvolvimento de Competências; II. Concepção de Conteúdo; III. Concepção de Aprendizagem; IV. Simetria Invertida; V. Conhecimento das Competências a serem desenvolvidas nos alunos das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica; VI. A Prática como Eixo Central; VII. Pesquisa e Atitude Investigativa; VIII. Concepção de Avaliação. Constatamos: a) desenvolvimento de competências como núcleo da organização curricular; b) relação entre educação e mercado no subcampo ensino escolar das Lutas; c) método expositivo de aula com fundamentação prática esportiva de técnicas corporais, dicotomia entre teoria e prática, ausência de vivências didáticas diretamente ligadas a prática profissional e processos avaliativos que incluem aspectos informais e formais, concretizados em observação sistemática/ assistemática. Concluimos que o Projeto Político Pedagógico valoriza a docência e o corpo de conhecimentos pertinentes ao ensino escolar de Lutas. No entanto, urge renovação curricular no que diz respeito à metodologia de ensino em sala de aula numa perspectiva interdisciplinar.

Palavras-chave: Currículo, Formação de Professores, Intervenção Escolar, Lutas.

ABSTRACT

Undergraduate Curriculum Courses Degree in Physical Education mean academic, scientific, historical, cultural and social intellectual representations with regard to the world of work in the field of bodily manifestations of human civilization and its requirements in terms of training, skills, abilities, content etc. for school professional intervention. From the set of disciplines of sporting phenomena, we are interested in investigating the preparation of university students for teaching Fighting in the formal educational institution. We pointed out as a research problem question: how does the teaching and learning of the Fights for a Teacher at School work in each curriculum? We aim to preserve the curricular memory of the Physical Education Degree course, from a State Public University, in the interior of the State of São Paulo, analyzing the Pedagogical Political Project, as well as reports from part of its faculty and students regarding the initial training in fights and professional intervention in school education. As a hypothesis we have the disciplinary contents developed through body experiences proper to sport, games, and recreation and not in a thematic-interdisciplinary way addressed in the process of teaching and student learning. The literature and documentary review address curricular theory, initial teacher training, school teaching on how to fight and the Political Pedagogical Project of the Course under analysis. It is a qualitative research, the method is oral history and the technique semi-structured interview, being carried out with 04 Teachers and 18 Students, in a remote synchronous way through a videoconference application. Based on the content analysis method, we proceeded with the stages of pre-analysis, material exploration and treatment of oral reports, discussed in the light of the Political Pedagogical Project and literature review, according to the axes: I. Skills Development; II. Content Design; III. Learning Conception; IV. Inverted Symmetry; V. Knowledge of the Skills to be developed in the students of the different stages and modalities of Basic Education; VI. Practice as a Central Axis; VII. Research and Investigative Attitude; VIII. Evaluation Conception. We note: a) skills development as the core of the curricular organization; b) relationship between education and the market in the school education subfield of Fights; c) lecture method based on sports practice based on body techniques, dichotomy between theory and practice, absence of didactic experiences directly linked to professional practice and evaluative processes that include informal and formal aspects, implemented in systematic / unsystematic observation. We conclude that the Pedagogical Political Project values teaching and the body of knowledge pertinent to school education in Fighting. However, there is an urgent need for curricular renewal with regard to teaching methodology in the classroom from an interdisciplinary perspective.

Keywords: Curriculum, Initial Teacher Training, School Intervention, Fights.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Duração do Curso de Licenciatura em Educação Física	21
Quadro 2 - Matriz Curricular da Formação Específica de Licenciatura em Educação Física..	24
Quadro 3 - Lutas e Competências Específicas Desejadas	27
Quadro 4 - Plano de Ensino Karatê	38
Quadro 5 - Plano de Ensino Práticas Formativas em Karatê.....	40
Quadro 6 - Plano de Ensino de Capoeira.....	41
Quadro 7 - Plano de Ensino Práticas Formativas em Capoeira.....	43

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 - Seleção dos Discentes	31
Organograma 2 - Seleção dos Docentes	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais

IES – Instituições de Ensino Superior

PE – Plano de Ensino

PPP – Projeto Político Pedagógico

RDIDP – Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	97
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevistas: Discentes (Integral e Noturno).....	99
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista: Docente que já ministrou disciplinas relacionadas a Lutas	125
APÊNDICE D - Roteiro de Entrevistas: Representantes Docentes Titulares que Integram o Conselho de Curso.....	143
APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista: Representante Docente Suplente que Integra o Conselho de Curso.....	184
APÊNDICE F - Cronograma de Entrevistas	222

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Parecer Consubstanciado Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	224
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 METODOLOGIA.....	19
2.1 Técnicas de Pesquisa	20
2.1.1 Revisão Bibliográfica e Documental	20
2.1.1.1 Perfil do curso de Licenciatura em Educação Física.....	21
2.1.1.1.1 Organização Curricular das Disciplinas de Lutas	26
2.2. Entrevista Semiestruturada	28
2.2.1 Critérios para a Seleção dos Participantes	31
2.2.1.1 Seleção dos Discentes	31
2.2.1.2 Seleção dos Docentes	32
2.3 Transcrição das Entrevistas	33
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO	36
3.1 O Conceito de Competências como Núcleo da Organização Curricular.....	46
3.1.1 Dicotomia Teoria X Prática	59
3.1.1.1 A Práxis Pedagógica	63
3.1.2 O “saber docente”, escolhas e implicações.....	68
3.2 Avaliação das Aprendizagens em Luta	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	96
ANEXOS	223

1 INTRODUÇÃO

Discussões no campo acadêmico e jurídico no que se refere à responsabilidade da intervenção profissional no campo das Lutas e Artes Marciais (PIMENTA, 2016, p.11) vêm sendo realizadas há mais de 20 anos. Desde outorgada em 1º de setembro de 1998, a Lei nº 9.696, que dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física (BRASIL, 1998) gera embates em torno destas modalidades.

Os Cursos de Educação Superior em Educação Física se tornam, então, responsáveis pela certificação de professores para atuarem profissionalmente, também, no ensino das Lutas e Artes Marciais realizadas por intermédio de conhecimentos teórico-científico e prático, no formato de disciplina acadêmica. Sendo de responsabilidade das Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas, o dever em seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), as quais estabelecem orientações específicas para a implementação dos Projetos Pedagógicos de Curso, conforme disposto no Art. 2º da Resolução nº 7, de 31 de março de 2004:

As diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de graduados em Educação Física definem os princípios, as condições e os procedimentos para a formação dos profissionais de Educação Física, estabelecidos pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, no desenvolvimento e na avaliação do projeto pedagógico dos cursos de graduação em Educação Física das Instituições do Sistema de Ensino Superior. (BRASIL, 2004).

As diretrizes curriculares para os Cursos de Graduação em Educação Física devem levar em consideração para sua síntese, competências gerais a serem desenvolvidas, a regulamentação da profissão e os objetivos específicos das modalidades da graduação, Licenciatura e Bacharelado, de modo a garantir objetivos definidos nos diversos contextos de atuação, Pimenta (2016, p. 11) enfatiza que as “Lutas e Artes Marciais são um campo de alta demanda social, seja em seu ensino em academias, escolas e para o esporte de alto rendimento”.

Observa-se uma incongruidade adotada pelos Cursos de Graduação em Educação Física, que nas disciplinas relacionadas a Lutas e Artes Marciais, com nomenclaturas específicas de suas modalidades (Judô; Karatê; Capoeira; Jiu-Jitsu Brasileiro; Boxe; Taekwon-Do; Muay-Thai, etc.), ou com nome ‘Lutas’ propriamente dito, evidenciam uma divergência entre o espaço da intervenção e o espaço da formação (PIMENTA, 2016, p.11).

Para atuar no âmbito escolar com a possibilidade de intervenção no campo das Lutas, os currículos propostos nos Cursos de Graduação em Educação Física devem permitir uma construção acadêmica e profissional com competências, habilidades e conteúdos (BRASIL, 2002), que possibilitem uma articulação entre princípios e valores ao que se refere às especificidades no campo das Lutas e Educação Física Escolar, capazes de proporcionar aos profissionais de Educação Física qualidade, eficiência e resolutividade ao regerem conteúdos relacionados com essas práticas. Hunger e Ferreira (2006, p. 144), explicam que “as competências se destacam como referência inicial para a organização curricular, devendo, portanto, serem definidas e tomadas como norteadores do projeto pedagógico”.

Convém destacar a aproximação que tenho com o tema Lutas, sendo portador da graduação de faixa preta de Judô, nidan (segundo grau), portador da graduação de faixa roxa de Jiu-Jitsu e portador da graduação de faixa amarela de Karatê-Do, a relação com estas práticas corporais despertou em mim o interesse pelo estudo das Lutas.

No âmbito acadêmico-científico, participei como Representante Discente Titular do Conselho de Curso de Educação Física da referida Universidade Pública Estadual, exercendo a função por dois mandatos consecutivos (2018/19 – 2019/20), as responsabilidades inerentes ao cargo, permitiram com que eu amadurecesse, atuando como porta voz de todo o corpo discente do curso e tendo direito a voto nas decisões tomadas pelo Conselho de Curso, despertando o interesse por diversos temas que envolviam o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, por exemplo, grade curricular, oferecimento de disciplinas, atividades extracurriculares, estágios, iniciação científica, ensino à distância e, foi em decorrência deste processo que tive um primeiro contato e um maior interesse em estudar o Projeto Político Pedagógico do Curso.

Ao estudar o PPP do curso de Licenciatura em Educação Física, de uma Instituição Universitária Estadual Pública, do interior do Estado de São Paulo, ora proposto como objeto de estudo da presente pesquisa, o qual tem como finalidade a formação de professores de Educação Física Escolar, destaca-se o desenvolvimento do conhecimento das competências à serem desenvolvidas nos alunos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, a prática como eixo central, a simetria invertida, pesquisa e atitude investigativa. O corpo de conhecimentos é constituído de disciplinas das ciências biológicas, exatas, humanas, práticas pedagógicas e esportivas, Neira (2011, p. 9) enfatiza que: “enquanto processo, o projeto pedagógico reúne as análises da realidade e as decisões acerca das finalidades educativas. O projeto pedagógico é o documento de identidade da instituição”, harmonicamente a esta metáfora, o Coletivo de Autores (1992, p. 15) afirmam que: “um projeto político-pedagógico representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É político porque expressa uma

expressão em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações”.

Assim sendo, a questão problema de pesquisa proposta a ser investigada com um grupo de docentes e discentes, de um dos cursos, na modalidade de Licenciatura, que integram umas das Faculdades, de uma Universidade Pública Estadual, do interior de São Paulo foi: como se processa nesse currículo o ensino e aprendizagem das Lutas para atuação do Professor na Escola, nas perspectivas professoral e estudantil?

Justifico a relevância da pesquisa objetivando-se melhor compreender currículo e formação profissional em Educação Física, especificamente, para atuação do ensino de Lutas na escola, analisado por uma visão contemporânea:

O currículo de uma disciplina agrega não só os conhecimentos a serem transmitidos, mas também métodos, avaliação, exemplos utilizados, recursos didáticos, ou seja, tudo o que envolve a experiência pedagógica e traz consequências para a formação das identidades de alunos e professores. (NEIRA, 2011, p. 10).

E ainda,

O currículo só ganha significado quando se mira as práticas educativas que lhe dão sustentação. É no fazer pedagógico que a ação curricular entra em ebulição. É por meio do currículo que professores, alunos e conhecimentos interagem numa direção ou noutra. Todo currículo, pode-se dizer é um recorte da cultura mais ampla, um conjunto de saberes que alguém selecionou, visando formar o sujeito que atuará na sociedade, o que permite concluir que todo currículo corresponde aos anseios e expectativas de um determinado setor social que comumente, goza de melhores condições para definir o que deve ou não ser ensinado e como isso acontecerá. (NEIRA, 2011, p. 10).

Silva (2010, p. 14) complementa que “para mostrar aquilo que o currículo é, depende precisamente da forma como ele é definido por seus diferentes autores e teorias”, segundo o mesmo autor “talvez mais importante e mais interessante do que a busca da definição última de ‘currículo’ seja a de saber quais questões uma ‘teoria’ do currículo ou discurso curricular busca responder” (SILVA, 2010, p. 14).

Para estabelecer uma articulação entre Realidade-Objetivo-Mediação, há a necessidade de o educador compreender que:

Uma educação significativa deve partir das condições concretas de existência e para isto, o educador, enquanto articulador e coordenador do processo precisa ter um bom conhecimento da realidade com a qual vai trabalhar: os alunos, escola, comunidade, sociedade, assim como a ciência que vai ministrar [...] O educador deve ter clareza dos objetivos que pretende atingir com seu trabalho. Não estamos nos referindo aqui à formulação mecânica de objetivos, aqueles famosos objetivos operacionais da

prática tecnicista; trata-se da dimensão teleológica da educação, da sua intencionalidade [...] A meta a ser alcançada e desenvolvida é a prática pedagógica significativa. Dialeticamente, realidade e objetivo devem se confrontar e dar possibilidade de realização de uma prática consciente, ativa e transformadora, que supere o viés reprodutivista (fazer a-criticamente o que sempre se fez) ou idealista (ficar nas ideias e não alterar a realidade). (VASCONCELLOS, 1992).

No contexto acadêmico e científico, no que diz respeito às Lutas, como um dos conteúdos que contemplam a dimensão do conhecimento das manifestações sócio-histórico corporais da civilização humana, identifica-se sendo aplicadas nos Cursos de Graduação em Educação Física como uma disciplina que o conteúdo tem sido constituído essencialmente de atividades motoras próprias do esporte, jogos e recreação e não de conhecimentos fundamentados nas ciências humanas e biológicas e exatas interdisciplinarmente estruturados em relação a estas atividades (Del'Vecchio; Franchini, 2006, p. 102). Tani (1991, p. 62) avalia que “esta ausência de identidade tem suas raízes no fato da educação física ter, historicamente, enfatizado o ensino, o aspecto profissionalizante, esquecendo-se de se estruturar enquanto uma área de conhecimento”, contudo:

Trata-se, em última análise, não de substituir um conhecimento por outro, mas sim de propiciar aos (às) estudantes a compreensão das conexões entre as culturas, das relações de poder envolvidas na hierarquização das diferentes manifestações culturais, assim como das diversas leituras que se fazem quando distintos olhares são privilegiados. (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 162).

Conforme problematizado, com a presente pesquisa objetivamos preservar a memória curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, de uma Universidade Pública Estadual, do interior do Estado de São Paulo, especificamente, analisando o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física, bem como, a formação do professor para a atuação do ensino das Lutas nas escolas ao ouvir e registrar relatos de parte do seu corpo docente e discente.

O segundo capítulo diz respeito à metodologia, a qual compreende esta pesquisa sendo de natureza qualitativa, o método utilizado é a história oral tendo como referência bibliográfica Amado e Ferreira (2004). Os procedimentos técnicos da pesquisa são descritos detalhadamente possibilitando ao leitor a compreensão dos elementos essenciais do documento em análise, investigado na revisão bibliográfica e documental, pois as informações selecionadas nessa fase são fundamentais para interpretação do perfil do Curso de Licenciatura em Educação Física e da organização curricular das disciplinas de Lutas. Este capítulo ainda aborda as fases das entrevistas, que foram desenvolvidas no modelo

semiestruturado, além de apresentar os critérios de seleção dos participantes e os procedimentos envolvidos na fase de transcrição das entrevistas.

O terceiro capítulo trata da análise e discussão dos resultados, fundamentada no referencial teórico de Laurence Bardin (2016) e, conforme o método de Análise de Conteúdo, analisamos e reinterpretemos na perspectiva dos docentes e discentes a preparação do professor para atuação do ensino das Lutas nas escolas, permitindo ao pesquisador o entendimento das representações que manifestam em relação a sua realidade e as interpretações que fazem dos significados ao seu redor dentro de um contexto específico, ou seja, as Lutas nos Cursos de Ensino Superior em Educação Física e formação acadêmica e científica para intervenção no Ensino Escolar.

A presente pesquisa ao investigar o processo de ensino aprendizagem da formação de professores para atuação do ensino de Lutas na escola, se difere da literatura estudada ao evidenciar as dinâmicas e as circunstâncias durante a formação inicial que constituem o desenvolvimento de competências e habilidades na preparação profissional de licenciandos em Educação Física para atuarem com estes conteúdos nos seus futuros contextos de atuação, a escola, e, ainda, preserva a memória curricular do curso ao dar ouvidos aos discentes e docentes, considerando-os coparticipes e protagonistas na construção da história das disciplinas relacionadas a Lutas que integram a organização curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, de uma Universidade Pública Estadual, do interior do Estado de São Paulo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa disposta tem como caráter investigativo a natureza qualitativa, que parte de:

Questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Diante dessa concepção, o método que erige para a análise e estudo da questão problema é a história oral que:

Estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, [...] as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte de teoria e prática. (AMADO; FERREIRA, 2006, p. xvi).

Nesse sentido deve-se ressaltar a importância de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, assim como o processo de relembrar que pode ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006, p. 67).

Ao delimitar o campo (RÉMOND, 2006, p. 207) é possível realizar uma reflexão essencial sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos que tem uma mesma formação ou configuração social (CHARTIER, 2006, p. 217), e dessa forma caracterizam a história do tempo presente, que lida com testemunhas vivas, presentes no momento do desenrolar dos fatos, que podem vigiar ou contestar o pesquisador (AMADO; FERREIRA, 2006), que deve estar atentos às mudanças, acolher novos temas, dar provas de imaginação (RÉMOND, 1992, p. 208).

Para Garnica (2003, p. 10) o trabalho com História Oral Temática deve ser pautado nos:

Depoimentos orais recolhidos de pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centra-se mais em um conjunto limitado de temas. Pretende-se reconstituir “aspectos” da vida dos entrevistados: pretende-se auscultar partes de experiências de vida, recortes previamente selecionados pelo pesquisador. Certamente que, dada a atmosfera em que se espera transcorra a

entrevista, fatos que deslizem para fora do campo temático previamente definido pelo pesquisador são também considerados, mas não terão, necessariamente, papel decisivo na interpretação da narrativa colhida.

Ainda que recentes o uso de registros orais como fontes históricas em experiências acadêmicas no meio das artes marciais, lutas e esportes de combate, tal procedimento metodológico aparenta ser promissor (FERREIRA; LISE; CAPRARO, 2016, p. 38).

2.1 Técnicas de Pesquisa

2.1.1 Revisão Bibliográfica e Documental

Caracterizou-se em colocar o estudante bolsista com o que já se produziu e registrou a respeito da problemática em questão, assim como a análise do Projeto Político Pedagógico, definido como:

Construção e gestão coletiva, o qual deve abranger os princípios da autonomia institucional; articulação entre ensino, pesquisa e extensão; graduação como forma inicial; formação continuada; ética pessoal e profissional; ação crítica, investigativa e reconstrutiva do conhecimento; abordagem interdisciplinar do conhecimento; indissociabilidade teórica-prática, por meio da prática como componente curricular, estágio profissional curricular supervisionado e atividades complementares; articulação entre conhecimentos de formação ampliada e específica. (HUNGER; FERREIRA, 2006, p. 142).

O documento se apresenta como fundamento do fato histórico, tendo-o não apenas como qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder, e, que só através da análise do mesmo enquanto monumento, permitirá recuperar à memória coletiva e ao pesquisador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 2013, p. 462 - 473).

Este estudo, propôs realizar a análise específica do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física, de uma Instituição Universitária Estadual Pública, do interior do Estado de São Paulo e, conseqüentemente, sistematizar o estado da arte, compreendido como processo metodológico responsável pela identificação e descrição da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar (FERREIRA, 2002, p. 258), possibilitando a fundamentação, elaboração e aprofundamento da revisão de literatura, bem como fundamentou a discussão dos objetivos e da pesquisa.

2.1.1.1 Perfil do curso de Licenciatura em Educação Física

Em agosto de 1988, após o processo de encampação e estadualização pelo Estado de São Paulo de uma universidade municipal do centro-oeste paulista, de cunho privado, que viria a se instituir enquanto universidade estadual, de cunho público, um dos cursos oferecidos até então pela antiga instituição e que permaneceria incorporado diante da modificação dos cenários vigentes de organização, estruturação e administração, foi o curso de Licenciatura em Educação Física (PÊGO, 2016).

O ingresso no curso de Educação Física é realizado por meio de vestibular, composto de duas fases, sendo a primeira fase eliminatória e classificatória, com questões relacionadas a conhecimentos gerais, de caráter objetivo, sob a forma de teste de múltipla escolha e, na segunda fase são convocados os candidatos que obtêm as melhores notas, através da realização de provas de conhecimentos específicos, questões discursivas e redação, gênero dissertativo (VUNESP, 2016).

Os períodos de oferecimento do curso são - Integral e Noturno, variando a duração do curso de acordo com o período escolhido:

Quadro 1 - Duração do Curso de Licenciatura em Educação Física

Período	Duração do Curso	
	Mínimo	Máximo
Integral	4 Anos	7 Anos
Noturno	5 Anos	9 Anos

Fonte: PPP (2015, p. 68 - 74). Quadro adaptado pelo autor.

São ofertadas (40) quarenta vagas em cada período, totalizando (80) vagas. Destas 40 vagas de cada período, vinte (20) são destinadas ao bacharelado e vinte (20) são destinadas a Licenciatura. Paralelamente são disponibilizadas até vinte (20) vagas a cada modalidade para o reingresso do aluno que já tenha concluído uma das modalidades, tendo como limite o número de quarenta (40) vagas em cada modalidade, após o núcleo comum do curso, sem a necessidade de duplicação de salas/turmas por modalidade, em cada período de oferecimento.

Em decorrência do tipo de ingresso possibilitado pelo processo seletivo do curso, o atributo de ingresso dos termos correspondentes aos discentes entrevistados neste estudo (Noturno: Ingressantes em 2016 e Reingressantes em 2019; Integral: Ingressantes em 2017 e Reingressantes em 2020), é realizado por entrada única, ABI, modelo explicado pelo Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, quando elaborado o Glossário em que se é apresentado às acepções corretas dos termos mais peculiares da Educação Superior:

Atributo de ingresso: ABI (Área Básica de Ingresso) – refere-se à situação em que uma única “entrada” no curso possibilitará ao estudante, após a conclusão de um conjunto básico de disciplinas (denominado de “ciclo básico” por algumas instituições de educação superior) a escolha de uma entre duas ou mais formações acadêmicas. ABI é comum em cursos de licenciatura ou bacharelado (História, Letras, Física, Geografia, Filosofia etc.) ou em cursos apenas de bacharelado como os de Comunicação Social e de Engenharia, que dispõem de várias formações acadêmicas vinculadas. (BRASIL, 2014).

Após a conclusão das disciplinas do Tronco Comum aos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, deverá ser feita pelo aluno a escolha da habilitação a ser cursada.

Deve-se, portanto, ter clareza e entendimento dos objetivos gerais das modalidades da graduação em Educação Física, para que haja uma seleção mais efetiva por parte dos discentes daquilo que continuarão a cursar e que lhes proporcione uma aproximação diante dos objetivos individuais definidos nos diversos contextos de atuação que possam vir a manifestarem interesse.

No que tange à formação de licenciados em Educação Física, o Projeto Político Pedagógico do curso analisado, apresenta como objetivos:

Formação inicial de professores aptos a desenvolver programas de Educação Física Escolar no ensino infantil, fundamental e médio, visando o desenvolvimento das competências exigidas no processo de ensino e aprendizagem de conhecimentos, atitudes e habilidades por parte dos alunos dos diversos níveis e modalidades da educação básica, e que permitam orientá-lo em direção ao exercício da cidadania crítica e à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento. (PPP, 2015, p.36).

Identifica-se a elaboração e desenvolvimento do documento em concordância com a Resolução CNE/CES 7/2004¹, pautado nos seguintes princípios: autonomia institucional; articulação entre ensino, pesquisa e extensão; graduação como formação inicial; formação continuada; ética pessoal e profissional; ação crítica, investigativa e reconstrutiva do

¹ Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena.

conhecimento; construção e gestão coletiva do projeto pedagógico; abordagem interdisciplinar do conhecimento; indissociabilidade entre teoria-prática e articulação entre conhecimentos da formação ampliada e específica. As competências de natureza político-social, ético moral, técnico-profissional e científica constituem a concepção nuclear do projeto pedagógico de formação da graduação em Educação Física.

Nesta análise documental, específica do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física, não será discutido a conceituação e fundamentação teórica que embasou a elaboração do documento, pois a realização desta tarefa suscitaria outras discussões, que não dizem respeito aos objetivos propostos para a realização deste estudo. Entretanto, buscamos contextualizar o PPP, como sendo este um documento que constitui o pensar de um grupo de intelectuais que contribuem para a constituição de uma nova cultura, de novos valores sociais e de novas concepções educacionais.

Destacam-se dois pontos vitais para a síntese do Projeto Político Pedagógico estudado: I. A delimitação do objetivo da formação tendo em vista a(s) especificidade(s) de atuação do graduado (Educação/Licenciatura e Saúde/Bacharelado), sem, todavia, limitar a formação geral do profissional (científica, filosófica, ética e estética); II. A prática profissional/pedagógica como eixo central do currículo, garantindo a especificidade da formação.

Sob esta concepção de currículo, emergem duas características principais ao documento:

Organizar-se a partir de temas, oriundos do projeto de Educação Física adotado, da tradição acadêmico-profissional da Educação Física, das novas tendências presentes na cultura de movimento, que resultam na dinâmica social mais ampla, assim como das direções apontadas pela pesquisa científica e pela reflexão filosófica na área, e das competências gerais que se deseja desenvolver.

Tomar como eixo central a dimensão da prática profissional-pedagógica, buscando o desenvolvimento das competências específicas à habilitação pretendida (Bacharelado ou Licenciatura). Esta dimensão da prática deveria ser a referência em todas as disciplinas, no sentido de que devem buscar um permanente diálogo com a Educação Física como área de intervenção acadêmico-profissional. (PPP, 2015, p. 19).

A grade e fluxo curricular em decorrência da necessidade de uma formação geral, um núcleo comum aos cursos de Bacharelado e Licenciatura, são compreendidas por Eixos Norteadores: I. Desenvolvimento de Competências; II. Concepção de Conteúdo; III. Concepção de Aprendizagem; IV. Simetria Invertida; V. Conhecimento das Competências a Serem Desenvolvidas nos Alunos das Diferentes Etapas e Modalidades da Educação Básica; VI. A Prática como Eixo Central; VII. Pesquisa e Atitude Investigativa; VIII. Concepção de

Avaliação. Tendo em vista a especificidade da habilitação pretendida, Licenciatura, o desenvolvimento de competências, temas, disciplinas e vivências profissionais pedagógicas, são compostas por um núcleo temático aprofundado na Cultura Corporal de Movimento² que propõe:

Por meio das diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, das lutas e das atividades rítmicas e dança, efetivar intervenções fundamentadas científica, filosófica, ética e esteticamente, de modo a realizar objetivos definidos nos diversos contextos de atuação. (PPP, 2015, p. 20).

Essas dimensões do conhecimento, quando estruturadas, partindo-se de uma formação ampliada (I. O Corpo Humano; II. O Ser Humano e a Sociedade; III. Produção do conhecimento; IV. Manifestações da Cultura Corporal de Movimento; V. Técnico-Instrumental), possibilitam ao discente uma intervenção didático pedagógica no âmbito escolar. Caracterizando, deste modo, uma matriz curricular com formação específica, Licenciatura em Educação Física.

Quadro 2 - Matriz Curricular da Formação Específica de Licenciatura em Educação Física
(continua)

Matriz Curricular	
Dimensão do Conhecimento	Disciplinas Obrigatórias
O Corpo Humano	Anatomia Humana Geral
	Anatomia do Sistema Locomotor
	Bases Biológicas da Educação Física
	Fisiologia Humana Geral
	Biomecânica do Sistema Locomotor
	Fisiologia do Exercício I
	Crescimento e Desenvolvimento
	Disciplinas Optativas: a serem definidas

² Conceito articulador que trata os conhecimentos da Educação Física, configurando-a enquanto disciplina pedagógica, por temas ou formas de atividades, particularmente corporais (jogo; esporte; ginástica; lutas; dança ou atividades rítmicas). O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Quadro 2 - Matriz Curricular da Formação Específica de Licenciatura em Educação Física
(continuação)

Matriz Curricular	
Dimensão do Conhecimento	Disciplinas Obrigatórias
O Ser Humano e a Sociedade	Psicologia e Educação Física
	História da Educação Física
	Sociologia da Educação Física
	Filosofia da Educação Física
	Antropologia Cultural e Educação Física
	Filosofia da Educação
	Psicologia da Educação
	História da Educação
	Sociologia da Educação
	Lazer e Educação
	Disciplinas Optativas: a serem definidas
Produção do Conhecimento	Teoria da Educação Física
	Processos de Produção do Conhecimento Científico em Educação Física I
	Processos de Produção do Conhecimento Científico em Educação Física II
	Comunicação e Expressão em língua Portuguesa
	Noções Básicas de Estatística
	Disciplinas Optativas: a serem definidas
Manifestações da Cultura Corporal de Movimento	Atividades Rítmicas
	Atletismo
	Futebol
	Handebol
	Atividades Aquáticas
	Jogos, Atividades Lúdicas e Lazer
	Voleibol
	Capoeira
	Karatê
	Dança
	Basquetebol
	Ginástica
Disciplinas Optativas: a serem definidas	
Técnico-Instrumental	Primeiros Socorros
	Introdução ao Estudo da Língua Brasileira de Sinais
	Aprendizagem Motora
	Medidas e Avaliação em Educação Física
	Bases Teórico-Práticas do Treinamento Físico
	Educação em Saúde
	Tecnologias da Informação e Comunicação, Mídias e Educação Física
	Disciplinas Optativas: a serem definidas

Quadro 2 - Matriz Curricular da Formação Específica de Licenciatura em Educação Física (conclusão)

Matriz Curricular	
Dimensão do Conhecimento	Disciplinas Obrigatórias
Intervenção Didático-Pedagógica no âmbito da Escola	Concepções Teórico-Metodológicas do Ensino da Educação Física
	Didática e Educação Física
	Estrutura e Política da Educação Básica
	Educação Física Escolar I
	Educação Física Escolar II
	Educação Física Escolar III
	Educação Física para Pessoas com Deficiência
	Disciplinas Optativas: a serem definidas

Fonte: PPP (2015, p. 66 – 68). Quadro adaptado pelo autor.

São exigidos na Licenciatura o cumprimento de uma carga horária de 3.315 horas, totalizando 221 créditos, divididos em: disciplinas do currículo de Licenciatura; disciplinas optativas; estágio supervisionado em Licenciatura; Práticas Formativas em Licenciatura e atividades acadêmico-científico-culturais.

O perfil do egresso no Curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física é caracterizado pela busca dos valores da Cultura Corporal de Movimento que possibilitarão a intervenção pedagógica no âmbito da Educação Básica, de modo a realizar os objetivos da disciplina “Educação Física” nos diversos níveis escolares.

2.1.1.1.1 Organização Curricular das Disciplinas de Lutas

As disciplinas de Lutas neste currículo são desenvolvidas no 4º termo, para ambos os períodos, Integral e Noturno, ou seja, compõe a estrutura curricular de disciplinas referentes ao Tronco Comum dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, sendo compreendidas como um dos conteúdos que integram a dimensão do conhecimento das Manifestações da Cultura Corporal de Movimento, assim como as disciplinas de: Atividades Rítmicas; Atletismo; Futebol; Handebol; Atividades Aquáticas; Jogos, Atividades Lúdicas e Lazer; Voleibol; Dança; Basquetebol e Ginástica.

Propõe-se no Projeto Político Pedagógico analisado competências específicas desejadas para essa dimensão do conhecimento, possibilitando uma articulação com os temas a serem desenvolvidos nas disciplinas relacionadas às Lutas:

Quadro 3 - Lutas e Competências Específicas Desejadas

Dimensão do Conhecimento: Manifestação da Cultura Corporal de Movimento	
Competências específicas desejadas	Tema: Lutas
Utilizar jogos, brinquedos, brincadeiras, esportes, danças, atividades rítmicas e expressivas, ginásticas e lutas para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos;	Estuda a história, <u>especificidades</u> , técnicas, táticas, regras, organização, princípios pedagógicos, métodos de ensino das lutas corporais-desportivas, assim como as transformações didático-pedagógicas, articuladas com a finalidade e o contexto da instituição escolar.
Planejar, implementar, gerir e avaliar atividades de ensino que envolvam as diversas manifestações da cultura corporal de movimento;	
Manejar diferentes estratégias de ensino na utilização das várias manifestações da cultura corporal de movimento considerando: a diversidade dos alunos, as dimensões dos conteúdos (atitudinal, conceitual e procedimental) e o contexto escolar;	
Articular as manifestações da cultura corporal de movimento com as dimensões históricas, sociais, antropológicas, psicológicas, políticas, filosóficas e econômicas que envolvem a vida humana, buscando compreender suas construções e as relações com a atualidade;	
Identificar e analisar as distintas manifestações da cultura corporal de movimento, reconhecendo e criando possibilidades para as manifestações de outras formas de movimentação e sentidos corporais, bem como oferecer aos alunos tais possibilidades de criação.	

Fonte: PPP (2015, p. 53 - 54). Quadro adaptado pelo autor.

Constata-se o oferecimento de duas disciplinas do conjunto de Lutas, Karatê e Capoeira, sendo o Karatê uma arte marcial de natureza Oriental, essa caracterizada segundo Proni (1994, p. 401, apud MARTA, 2009, p. 18) por estabelecer de um modo geral “uma rígida disciplina corporal e exigem respeito a códigos éticos e a rituais de passagem”, enquanto a Capoeira de natureza Ocidental assume diversos contornos de expressividade que marcam fortemente o campo etnográfico, desportivo, educacional e lúdico da sociedade brasileira (ARAÚJO; JAQUEIRA, 2008, p. 89), revelando-se de formas distintas através da dança, jogo e neste currículo entendida como Luta.

Apurou-se que uma terceira disciplina relacionada ao conjunto de Lutas, Judô, também de natureza Oriental, era ofertada na grade e fluxo curricular para a Licenciatura em Educação Física. Devido às adequações realizadas no currículo vigente desde 2015 do curso de Licenciatura, ocorridas em atendimento às alterações de legislação (Deliberação CEE nº

111/2012³, Deliberação CEE nº 126/2014⁴ e Deliberação CEE nº 132/2015⁵), que implicaram na criação e implementação de novas disciplinas, bem como o aumento de carga horária de algumas disciplinas já existentes, incidindo diretamente na distribuição da carga horária anual de disciplinas dos docentes do Departamento de Educação Física, optou-se em suspender o oferecimento desta disciplina, pois se tornaria inviável a manutenção da mesma.

Evidencia-se uma lacuna na demanda de contratação por um docente responsável por ministrar a disciplina de Capoeira, que não consta de um docente fixo ao Departamento de Educação Física em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP), acarretando a contratação subsequente de Professores Substitutos, a cada semestre que a disciplina é ofertada, ou seja, por prazo determinado, em caráter emergencial, realizado por meio de Concurso Público de Provas e Títulos.

Por se tratar de um universo pequeno e facilmente de identificar os docentes responsáveis por ministrarem tais disciplinas e afim de não incorrer em questões anti-éticas sobre as práticas pedagógicas dos mesmos, optou-se neste estudo para as análises dos dados das entrevistas em identificar as Lutas de natureza Oriental, Karatê como Luta X e o Judô como Luta Y e, a Luta de natureza Ocidental, Capoeira como Luta Z, uma vez que a discussão a ser suscitada se dará em torno do processo de ensino aprendizagem das Lutas do curso de Licenciatura em Educação Física escolhido, a ser analisado.

2.2. Entrevista Semiestruturada

Para a realização da coleta dos relatos orais, optou-se pelo modelo-técnica de entrevista semiestruturada:

Que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecerem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem às respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado

³ Fixa Diretrizes Curriculares Complementares para a Formação Docente para Educação Básica nos Cursos de Graduação de Pedagogia, Normal Superior e Licenciaturas, oferecidas pelos estabelecimentos de ensino superior vinculados ao sistema estadual de São Paulo.

⁴ Altera dispositivos da Deliberação CEE nº 111/2012.

⁵ Acresce dispositivo na Deliberação CEE nº 111/2012.

pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

A pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas, estas são legitimadas como fontes seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico (AMADO, FERREIRA, 2006, p. xiv), permite ao pesquisador, enquanto contemporâneo de seu objeto, partilhar com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais (CHARTIER, 2006, p. 216), de acordo com Rémond (2006) “é preciso estender o método histórico a crítica dos depoimentos”, incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas, porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano (AMADO, FERREIRA, 2006, p. xiv).

Para Le Goff (2013) “a memória, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, permitem a compreensão da história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

Alguns autores (MARCONI; LAKATOS, 2003; TRIVIÑOS, 1987) têm focado a liberdade e espontaneidade necessárias para enriquecer a investigação que o modelo de entrevista semiestruturada proporciona tanto para o investigador, como para o informante. Em complemento, Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias e Di Luccio (2009, p. 42) comentam que “essa liberdade de expressão não pode ser subestimada. Tanto em sua versão presencial quanto em sua versão on-line, ela é fundamental para que possa emergir aquilo que o pesquisador não pode prever e deseja conhecer”.

Em face do cenário de isolamento social em razão do COVID-19, uma doença infecciosa causada pelo coronavírus, esse sendo um novo vírus e doença desconhecidos antes do surto em Wuhan, na China, em dezembro de 2019 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020) e sendo essa uma doença viral respiratória, que se prolifera e se dissemina rapidamente, além de apresentar altos índices de contágios afetando pessoas por todo o mundo, para este estudo levou-se em consideração todos esses fatores que vêm alterando o modo de convívio entre as pessoas e utilizando-se dos avanços tecnológicos que vem proporcionando uma inter-relação mais segura através do virtual, empregou-se nesse estudo a realização das entrevistas por meio de aplicativos de videoconferência, mais especificamente, o serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google, denominado Google Meet, que possibilita ao entrevistador e entrevistado estabelecerem uma comunicação interpessoal de forma síncrona, em que a troca de mensagens entre os interlocutores acontece

instantaneamente, ou seja, em tempo real (NICOLACI-DA-COSTA; ROMÃO-DIAS; DI LUCCIO, 2009, p. 38).

Compreendeu-se que as entrevistas on-line seriam mais adequadas no momento atual, desejáveis e necessárias, sendo este o único meio de alcançar os entrevistados diante da situação de pandemia ocasionada pela COVID-19 que afetou muitos países do mundo, inclusive o Brasil e também como alternativa para enfrentar os riscos de contaminação em que os participantes poderiam estar sujeitos a contrair ao estabelecerem contato direto entre si, durante a realização de uma entrevista presencial.

Para o desenvolvimento das entrevistas de forma remota, foi essencial averiguar se todos os participantes estavam familiarizados ao ambiente virtual, uma vez que parte das conversas antes presenciais ou telefônicas, passaram a migrar para estes novos ambientes (NICOLACI-DA-COSTA; ROMÃO-DIAS; DI LUCCIO, 2009, p. 38). O pesquisador ao se deparar com o fato de que muitos desses ambientes naturais deixaram de ser físicos e muitos passaram a ser virtuais (NICOLACI-DA-COSTA; ROMÃO-DIAS; DI LUCCIO, 2009, p. 38), atentou-se no decorrer das entrevistas se os entrevistados estavam em local confortável e seguro, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), encaminhado previamente aos participantes com o intuito de deixá-los cientes dos objetivos e procedimentos de pesquisa aos quais estariam participando, além de garantir uma maior segurança e veracidade das informações prestadas, tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador, diante da autorização em se deixarem entrevistar, gravar e filmar. Bem como, analisar para fins do Trabalho de Conclusão de Curso e Iniciação Científica.

O TCLE foi desenvolvido amparado na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e em suas disposições preliminares, incorpora:

Sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado (BRASIL, 2012).

Vale ressaltar que o projeto de pesquisa deste estudo foi considerado aprovado por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da referida Universidade, vinculado a

Plataforma Brasil, tendo o Parecer Consubstanciado (ANEXO A) inscrito sob o número: 4.158.986, aprovado em 16 de julho de 2018.

2.2.1 Critérios para a Seleção dos Participantes

As entrevistas foram planejadas a serem realizadas sob a ótica dos discentes e docentes, sendo distribuídos em fases distintas.

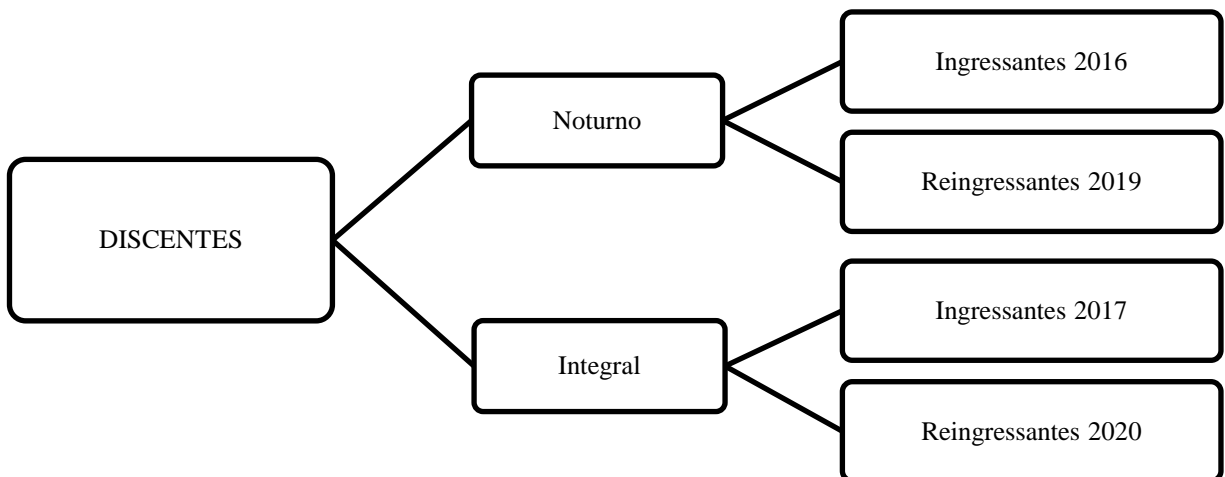
2.2.1.1 Seleção dos Discentes

Inicialmente, para a escolha dos participantes que integrariam o grupo representativo sob a ótica dos discentes, optou-se por delimitar a participação de alunos que estivessem no último ano do curso de graduação em Licenciatura em Educação Física.

O grupo dos discentes foi subdividido em dois subgrupos: Noturno e Integral, que correspondem aos períodos de ensino oferecidos da referida Universidade Pública Estadual.

Identificou-se uma parcela significativa e relevante de discentes reingressantes, o qual está previsto no Projeto Político Pedagógico do curso supracitado, assim como em resolução da respectiva instituição de ensino superior, que estabelece ao graduando a possibilidade de integralizar ambas as modalidades (Licenciatura e Bacharelado). Devido à especificidade desta categoria de alunos, como a discrepância encontrada no ano de ingresso no tronco comum do curso de Educação Física, emergiu a necessidade em distingui-los das demais categorias de alunos.

Organograma 1 - Seleção dos Discentes



Fonte: O Autor (2021).

Para com este grupo, buscou-se investigar o que aprenderam nas disciplinas relacionadas a Lutas, como também suas percepções sobre metodologia, experiências com atividades didáticas, perspectivas e limites no processo de aprendizagem das disciplinas de Lutas no curso.

Foram entrevistados um total de 18 (dezoito) discentes, desses, 07 (sete) correspondiam ao subgrupo Noturno, sendo 05 (cinco) da categoria de ingressantes em 2016 e 02 (dois) da categoria de reingressantes em 2019; o restante dos discentes, 11 (onze), correspondiam ao subgrupo Integral, sendo 09 (nove) da categoria de ingressantes em 2017 e 02 (dois) da categoria de reingressantes em 2020.

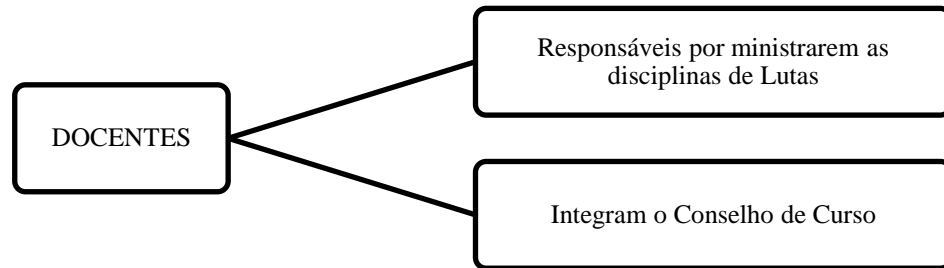
A título de ilustração, incorporada ao APÊNDICE B, constam quatro (04) entrevistas representativas dos relatos sob a ótica do grupo dos discentes, correspondendo cada uma (1) a um subgrupo e uma de suas respectivas categorias de ingresso ou reingresso.

2.2.1.2 Seleção dos Docentes

Em seguida, esperava-se entrevistar os docentes responsáveis por ministrarem as disciplinas de Lutas que compõe o currículo de Licenciatura em Educação Física, ou que já ministraram outras disciplinas relacionadas a essa matéria. Entretanto, obteve-se o retorno de apenas 01 (um) docente que atendia as demandas desse subgrupo, o mesmo também é atualmente membro Titular do Conselho de Curso, mas por já ter ministrado a disciplina da Luta Y, considerou-se mais significativo ter seu relato sob a perspectiva de quem já ministrou uma disciplina relacionada a Lutas, a fim de obter respostas para um melhor entendimento da constituição das disciplinas relacionadas a Lutas nesse currículo, bem como metodologias e didáticas utilizadas, formas de avaliação empregadas, atividades práticas pedagógicas desenvolvidas e seus respectivos objetivos para garantir a aprendizagem dos licenciandos e o desenvolvimento de competências (APÊNDICE C).

À medida que a pesquisa foi desenvolvida entrevistou-se um número maior de docentes, que integram o Conselho de Curso da graduação analisada que é composta por: Coordenador e Vice-Coordenador, quatro representantes docentes (e seus suplentes).

Organograma 2 - Seleção dos Docentes



Fonte: O Autor (2021).

No que se refere aos procedimentos e ações de cunho pedagógico, avaliativo e administrativo, compete ao Conselho de Curso de Graduação, a definição da estrutura curricular em conformidade com os objetivos e o perfil dos profissionais a serem formados, assim como os processos de avaliação do ensino, dos mecanismos de articulação horizontal e vertical dos componentes curriculares. O Conselho pretende ser uma instância interdepartamental, a dar unicidade aos cursos de graduação e a ocupar-se exclusivamente do trabalho pedagógico que neles se realiza, coordenando as ações relativas ao ensino no âmbito do curso de graduação.

Entendendo-se a importância do Conselho de Curso e as considerações que os docentes que integram esse Conselho têm sob o Projeto Político Pedagógico do Curso, especificamente, no que se refere às disciplinas de Lutas na preparação do Professor(a) de Educação Física para a intervenção no âmbito escolar, realizou-se questionamentos relacionados ao currículo, docência e formação acadêmica.

Na inexecutabilidade de entrevistar todos os membros do Conselho de Curso, devido à ausência de devolutivas aos convites realizados, contou-se com a participação de 03 (três) docentes, sendo 02 (dois) Representantes Docentes Titulares do Conselho de Curso (APÊNDICE D) e 01 (um) Representante Suplente do Conselho de Curso (APÊNDICE E).

2.3 Transcrição das Entrevistas

Manzini (2008) ao apresentar algumas considerações sobre como realizar a transcrição da entrevista, destaca para a relevância que o momento da transcrição representa para a experiência do pesquisador:

Diferentes são os papéis do pesquisador ao entrevistar e ao transcrever. No momento da entrevista, no processo de coleta de dados, o pesquisador necessita focalizar sua atenção no processo de interação, realizada por meio de perguntas, por meio da interação verbal e interação social. O pesquisador-entrevistador busca responder ao seu objetivo da pesquisa no ato de entrevistar. No momento da transcrição, essa meta, em manter a interação, já não está mais presente. O pesquisador se distancia do papel de pesquisador-entrevistador e se coloca no papel de interpretador de dados. O pesquisador, no momento da transcrição, vai distanciar-se de um fato vivido - que foi o processo de coleta - ao mesmo tempo em que revive esse fato em outro momento e com outro enfoque intencional. Neste momento, olha-se para aquilo que foi feito. Apesar de ser a mesma pessoa que entrevistou e que está transcrevendo, o enfoque, agora, é diferente. No primeiro – a coleta – o enfoque era o presente, na ação de entrevistar. As respostas, explicações, argumentações e explanações do entrevistado eram o que mantinham a atenção. Na transcrição, o enfoque será naquilo que foi ou não falado, pois é isso que é feito numa transcrição: transcreve-se o que foi falado, mas pode-se perceber o que foi ou não perguntado, o que foi ou não respondido e no que está inaudível ou incompreensível. Ou seja, ao transcrever, o pesquisador irá escutar, várias vezes, as verbalizações gravadas. (MANZINI, 2008).

O processo de transcrição do material produzido neste estudo foi desenvolvido por um misto entre um modelo artesanal e o auxílio tecnológico. Para a operacionalização dos procedimentos das transcrições de entrevistas tornarem-se possíveis e eficazes, configurou-se a entrada e saída do som do Notebook (SAMSUNG - modelo: NP270E5K-XW1BR) para o formato VoiceMetter Input (VB-Audio Voice Meeter VAIO) disponível dentro do próprio sistema do computador portátil utilizado e tem como função ser um mixer virtual de áudio, que possibilita ao pesquisador controlar e editar simultaneamente o áudio interno e externo, em seguida, optou-se pela digitação por voz realizada através do aplicativo DICTATION.IO, sua finalidade é transcrever discursos em tempo real, ou seja, com as devidas configurações programadas os sons emitidos durante as reproduções das gravações foram captados pelo próprio computador o qual se encaminhou em transcrever boa parte do material.

Faz-se necessário destacar que a transcrição resultante deste processamento não é totalmente fidedigna as falas dos depoentes, pois em alguns momentos a gravação pode apresentar falhas na captação do áudio e conseqüentemente palavras, interjeições, formulações de pensamentos, acabam não sendo transcritas, em alguns instantes perdendo até mesmo a contextualização daquilo que vinha sendo explanado.

Posteriormente exigiu com que o próprio pesquisador ampliasse as informações que se perderam nesse primeiro momento, através de um tratamento minucioso e cauteloso que buscou aproximar as transcrições de forma mais autêntica possível aos relatos, possibilitada em um segundo momento devido ao estabelecimento de normas como o uso de parágrafos, sinais de pontuação, distinção nas cores das falas na relação entre entrevistador e entrevistados, indicação de pausas e silêncios quando necessárias, e ajustes na identificação

dos participantes, de modo que, os entrevistados voluntários e colaboradores de ambos os grupos, discentes e docentes, recebessem nomes fictícios na intenção de preservar suas identidades.

Para a realização das entrevistas sob a ótica do corpo discente foram aplicadas 06 (seis) horas e, para as entrevistas sob a ótica do corpo docente 04 (quatro) horas e 25 (vinte e cinco) minutos, totalizando 10 (dez) horas e 25 (vinte e cinco) minutos de duração das entrevistas. Para a transcrição das entrevistas sob a ótica do corpo discente foram necessárias 60 (sessenta) horas e 16 (dezesesseis) minutos, já para as entrevistas sob a ótica do corpo docente 35 (trinta e cinco) horas e 20 (vinte) minutos, totalizando 90 (noventa) horas e 36 (trinta e seis) minutos. Assim como essas informações, tempo de duração das entrevistas e tempo de transcrição das entrevistas, outros elementos pertinentes ao cronograma desenvolvido com o intuito de atingir uma organização mais estruturada e que proporcionasse uma melhor identificação das características dos grupos aos quais cada entrevistado corresponde, são apresentados no APÊNDICE F.

Ao concluir a transcrição de cada entrevista, o pesquisador encaminhou ao seu respectivo correspondente para leitura e ajustes. Somente após a revisão e aprovação dos mesmos, que se iniciou as análises dos dados provenientes dos relatos produzidos, possibilitando posteriormente subsídios para o desenvolvimento das discussões realizadas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

No que concerne à análise e discussão dos dados, a pesquisa foi fundamentada no referencial teórico de Laurence Bardin (2016), conforme o método de Análise de Conteúdo, entendido como:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016).

Empregado à investigação qualitativa, o qual melhor se adéqua a presente proposta de pesquisa. Utilizou-se para analisar na perspectiva dos docentes e discentes a preparação do professor para a atuação do ensino das Lutas nas escolas, permitindo ao pesquisador o entendimento das representações que têm em relação a sua realidade e a interpretação que fazem dos significados ao seu redor dentro de um contexto específico, ou seja, as Lutas nos Cursos de Ensino Superior em Educação Física e formação acadêmica e científica para intervenção no Ensino Escolar.

Para tanto, o primeiro passo consistiu em estar de posse dos dados que foram coletados a partir da técnica de entrevista semiestruturada, que após serem transcritas, textualizadas e validadas, constituíram-se enquanto documentos possíveis de serem submetidos à pré-análise, junto ao PPP e aos Planos de Ensino (PE) da disciplina de Karatê E da disciplina de Capoeira. Este processo respeitou a regra de homogeneidade, conforme propõe Bardin (2016, p. 128) compreendendo que “os documentos retidos devem ser homogêneos, isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios”, nessa lógica, as perguntas desenvolvidas no decorrer das entrevistas foram fundamentadas no PPP da instituição e PE das disciplinas e, os relatos foram obtidos por técnicas idênticas (roteiro de entrevistas de acordo com o grupo que cada entrevistado correspondia, instruções para a participação, disponibilidade de acesso e conhecimento dos procedimentos e funcionamento da plataforma online utilizada durante a realização das entrevistas), bem como realizadas por indivíduos semelhantes, de acordo com os critérios estabelecidos para a seleção dos participantes, divididos em grupos (1. Discentes; 2. Docentes), subgrupos (1.I: Noturno e 1.II: Integral; 2.I: ministram ou já ministraram disciplinas relacionadas a Lutas e 2.II: Integram o Conselho de Curso) e categorias (1.I.a: Ingressantes em 2016 e 1.I.b: Reingressantes em 2019 e 1.II.a: Ingressantes em 2017 e 1.II.b:

Reingressante em 2020), objetivando obter resultados individuais possíveis de serem comparados entre si. Foram entrevistados 22 participantes ao todo, entre discentes e docentes, sendo 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, possibilitando a equidade entre os sexos.

No mês de julho de 2020 realizou-se uma entrevista piloto com uma discente que reingressou em 2019, a escolha desta participante foi realizada de maneira aleatória dentre os demais discentes cogitados inicialmente para a participação desta pesquisa, de acordo com os critérios adotados (estarem no último ano do curso de Licenciatura em Educação Física), a entrevista pode ser realizada após um contato inicial e mediante a disponibilidade e interesse da mesma em participar.

Algumas adequações tiveram de ser realizadas para melhor atender aos interesses da pesquisa e assim houve uma reformulação, inserindo questões mais objetivas e específicas sobre o ensino e aprendizagem nas disciplinas relacionadas a Lutas, na perspectiva dos discentes, bem como foi necessário, que o entrevistador se distanciasse do objeto de pesquisa e tomasse cuidado para não transferir seu lado pessoal e acabasse influenciando na resposta dos entrevistados.

Levando em consideração as adequações que se fizeram necessárias, a entrevista piloto foi refeita com a participante voluntária convidada, posteriormente, foram concretizadas outras 17 (dezessete) entrevistas com os discentes, totalizando 18 entrevistas com o grupo de discentes, sendo realizadas durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2020. Ao atingir esse número de entrevistas, optou-se por encerrar a coleta com esse grupo, pois observou-se que as informações já obtidas eram suficientemente confirmadas e que o surgimento de novos dados foram ficando cada vez mais raros, até que se atingiu o que Gewandsznajder e Alves-Mazzotti (1998) denominam de “ponto de redundância” a partir do qual não mais se justificava a inclusão de novos elementos.

O mês de novembro, foi destinado para a realização das entrevistas junto ao grupo de Docentes que Integram o Conselho de Curso, constatou-se um rico pensamento sobre a percepção dos depoentes a respeito de suas funções enquanto membros do Conselho de Curso, no que diz respeito ao processo em que o atual PPP foi elaborado, bem como mudanças impostas pela reestruturação curricular, à relação entre o espaço de formação e com o mundo de trabalho, especificamente, no que se refere às disciplinas “Lutas” na preparação do Professor de Educação Física.

Em dezembro, entrevistou-se um único correspondente ao grupo de Docentes que ministram ou já ministraram as disciplinas relacionadas a Lutas, o roteiro de entrevista buscou

explorar questões relacionadas ao currículo, docência, formação acadêmica, prática pedagógica e avaliação.

De acordo com a análise documental realizada por intermédio do PPP, tem-se que a formação no Curso de Licenciatura em Educação Física é constituída por conhecimentos identificadores correspondentes a sua especificidade, que compreende e integra as dimensões culturais, didático-pedagógicas e técnico-instrumentais das manifestações e expressões do movimento humano (PPP, 2015, p. 48).

Na organização curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física a dimensão da prática (Práticas Formativas) está presente em todas as disciplinas associadas às disciplinas referentes às Manifestações da Cultura Corporal de Movimento, Concepções Teórico- Metodológicas no Ensino da Educação Física, Educação Física para alunos com Deficiência, Educação Física Infantil, Educação Física no Ensino Fundamental e Educação Física no Ensino Médio (PPP, 2015, p. 63 – 65).

Identificou-se nos Planos de Ensino das disciplinas de Karatê e Capoeira, bem como nos Planos de Ensino correspondentes as Práticas Formativas destas disciplinas, propostas didático-pedagógicas que envolvem dimensões conceituais e ações dos conteúdos, que indicam para a realização de reflexões em torno dos princípios pedagógicos possíveis em cada uma das manifestações corporais e a apresentação de conteúdos procedimentais, ou seja, os movimentos em si, que nas Lutas são caracterizados por golpes de ataque e defesa, fundamentos fragmentados e/ou em sequência, nomes de golpes em outros idiomas ou que fazem referência a animais, estes fatores implicam em didáticas específicas.

Quadro 4 - Plano de Ensino Karatê

(continua)

Plano de Ensino		
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum
Identificação		
Disciplina: 0043101B – Karatê		
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física
Créditos: 3	Carga Horária: P:25 T:20	Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:		Co-requisito:
Objetivos	1. Executar técnicas básicas do Karatê-Dô e vivenciar os principais aspectos filosóficos desta arte; 2. Discutir e analisar as características específicas do ensino do Karatê-Dô no âmbito escolar; 3. Relacionar os conhecimentos educacionais e de saúde do Karatê-Dô ao contexto global da Educação Física.	

Quadro 4 – Plano de Ensino Karatê

(conclusão)

Plano de Ensino			
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum	
Identificação			
Disciplina: 0043101B – Karatê			
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física	
Créditos: 3	Carga Horária: P:25 T:20	Seriação Ideal: 2	
Pré-Requisito:		Co-requisito:	
Conteúdo	1. Histórico do Karatê-Dô/ Origem do Karatê-Dô/ O Karatê-Dô no Brasil/ Aspectos filosóficos; 2. Karatê-Dô e Educação Física/ Áreas de estudo da Educação Física que fundamentam a prática do Karatê-Dô; 3. O ensino do karatê-dô no âmbito escolar; 4. Técnicas do Kihon (Fundamentos)/ Oizuki/ Kizami-Zuki/ Guiaku-Zuki/ Jodan Ague-Uke/ Tiudan Soto-Uke/ Tiudan Shuto-Uke/ Mae-Gueri/ Yoko-Gueri Keague/ Yoko-Gueri Kekomi/ Mawashi Gueri/ Ushiro-Gueri/ Combinações diversas de técnicas de braço e perna; 5. Katas (Formas)/ Heian Shodan/ Heian Nidan; 6. Técnicas de Luta/ Gohon-Kumite/ Kihon-Ippon-Kumite/ Jui-Ippon-Kumite/ Shiai-Kumite 7. Noções básicas de arbitragem.		
Metodologia	Aulas expositivas dialogadas Discussão e análise de textos em grupo Aulas práticas Vídeos		
Bibliografia	<p><u><i>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</i></u></p> <p>NAKAYAMA, M. (1978). Best Karatê 2: Fundamentals. Tokyo: Kodansha International. NAKAYAMA, M. (1979). Best Karatê 5: Heian, Tekki. Tokyo: Kodansha International.. NAKAYAMA, M. (1986). Dyanamic Karatê. Tokyo: Kodansha International.. RASCH, P.J. & BURKE, R.K. (1987). Cinesiologia e Anatomia Aplicada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogam. SASAKI, Y. (1987). Clínica de esporte Karatê-Dô. São Paulo, Editora Edusp. SEYBOLD, A. (1980). Educação Física: Princípios Pedagógicos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. TANI, G.; MANOEL, E.J.; KOKUBUN. E. & PROENÇA, J.E. (1988). Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São paulo, EDUSP.</p> <p><u><i>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</i></u></p> <p>MAGILL, R.^a (2000). Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações. São Paulo: Edgard Blucher. RODRIGUES, S. T. (1994). O Timing Visual na Ação Interceptiva Guedan-Barai: Um Teste à Estratégia Tau. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM. SCHMIDT & WRISBERG, R. A. (2001). Aprendizagem e performance motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. Porto Alegre: Artmed. TANI, G. (2005). Comportamento motor: Aprendizagem e desenvolvimento. São Paulo: Guanabara Koogan.</p>		
Critérios de Avaliação e Aprendizagem	Avaliação teórico-prática; Trabalhos.		
Ementa	As técnicas básicas do Karatê-Dô são vivenciadas com ênfase na vinculação desta arte ao contexto da Educação Física. A discussão das aplicações destes conteúdos nas aulas de Educação Física é desenvolvida; evidência é dada às características educacionais e relacionadas à saúde para fundamentar o ensino do Karatê-Dô no âmbito escolar.		

Fonte: Plano de Ensino Karatê. Quadro adaptado pelo pesquisador.

Quadro 5 - Plano de Ensino Práticas Formativas em Karatê

(continua)

Plano de Ensino		
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum
Identificação		
Disciplina: 0043107B – Práticas Formativas em Karatê		
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física
Créditos: 1	Carga Horária: P:15	Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:		Co-requisito:
Objetivos	<p>Acompanhamento e intervenção no desenvolvimento do karatê visando a observação da realidade e atuação a partir da relação teoria-prática para o exercício profissional.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vivenciar e adquirir experiências com profissionais de Educação Física que atuam e se destacam no campo do karatê. - Aprofundamento prático de fundamentos da didática e metodologias de ensino no desenvolvimento do karatê. - Aproximar-se de pesquisas e da produção científica no campo do karatê, abrindo perspectivas para aprofundamento teórico acerca da inserção da ciência no estudo dessa modalidade. 	
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Atletismo como atividade esportiva, recreacional, voltada à saúde e educação, como forma de conhecimento e atuação profissional. - O papel do professor de educação física no desenvolvimento do atletismo voltado à formação humana na sociedade. - Atletismo como conteúdo da Educação Física Escolar conforme estabelecido pelo Currículo do Estado de São Paulo, implantado em 2008. 	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões para organização, orientação e acompanhamento da prática; - Atividades autônomas dos discentes na elaboração e gerenciamento de programas de atividades do atletismo com orientação e supervisão do professor responsável; - Exposição oral sobre as atividades observadas e sobre as intervenções vivenciadas ao longo da disciplina. 	
Bibliografia	<p><u>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</u></p> <p>NAKAYAMA, M. (1978). Best Karatê 2: Fundamentals. Tokyo: Kodansha International. NAKAYAMA, M. (1979). Best Karatê 5: Heian, Tekki. Tokyo: Kodansha International.. NAKAYAMA, M. (1986). Dyanamic Karatê. Tokyo: Kodansha International.. RASCH, P.J. & BURKE, R.K. (1987). Cinesiologia e Anatomia Aplicada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogam. SASAKI, Y. (1987). Clínica de esporte Karatê-Dô. São Paulo, Editora Edusp. SEYBOLD, A. (1980). Educação Física: Princípios Pedagógicos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. TANI, G.; MANOEL, E.J.; KOKUBUN. E. & PROENÇA, J.E. (1988). Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São paulo, EDUSP.</p> <p><u>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</u></p> <p>MAGILL, R.^a (2000). Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações. São Paulo: Edgard Blucher. RODRIGUES, S. T. (1994). O Timing Visual na Ação Interceptiva Guedan-Barai: Um Teste à Estratégia Tau. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM. SCHMIDT & WRISBERG, R. A. (2001). Aprendizagem e performance motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. Porto Alegre: Artmed. TANI, G. (2005). Comportamento motor: Aprendizagem e desenvolvimento. São Paulo: Guanabara Koogan.</p>	

Quadro 5 – Plano de Ensino Práticas Formativas em Karatê

(conclusão)

Plano de Ensino		
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum
Identificação		
Disciplina: 0043107B – Práticas Formativas em Karatê		
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física
Créditos: 1	Carga Horária: P:15	Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:		Co-requisito:
Critérios de Avaliação e Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de relatórios escritos e de resultados das atividades de observação e Intervenção; - Elaboração e apresentação de trabalhos teórico-práticos; - Capacidade de organização e comprometimento do aluno com as atividades propostas. 	
Ementa	<p>A Prática Formativa em Karatê envolve as dimensões conceituais e ações dos conteúdos, possibilitando reflexões sobre os princípios pedagógicos e as transformações didático-pedagógicas possíveis a partir do atletismo. Constitui-se, portanto, em uma ação de orientação, acompanhamento e intervenção da atuação do profissional de Educação Física, com objetivo de efetivar a integração entre a formação acadêmica e o exercício profissional, possibilitando relacionar a teoria e a prática pedagógica profissional, vivenciar e avaliar as ações didático-metodológicas no desenvolvimento do karatê.</p>	

Fonte: Plano de Ensino Práticas Formativas em Karatê. Quadro adaptado pelo pesquisador.

Quadro 6 - Plano de Ensino de Capoeira

(continua)

Plano de Ensino		
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum
Identificação		
Disciplina: 0043100B – Capoeira		
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física
Créditos: 3	Carga Horária: P:25 T: 20	Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:		Co-requisito:
Objetivos	<ol style="list-style-type: none"> 1) Conhecer e difundir as diversas dimensões da capoeira (jogo, dança, luta, ritual, arte etc.) na educação física; 2) Trabalhar a percepção rítmica e habilidades corporais específicas ao jogo da capoeira de maneira contextualizada (considerando as transformações culturais, sociais e históricas – considerando desde sua origem no Brasil até os dias atuais). 	
Conteúdo	<p>HISTÓRIA DA CAPOEIRA</p> <ul style="list-style-type: none"> - A etimologia da palavra; - Da luta pela sobrevivência para a luta pela paz ou pela guerra? (da capoeira escrava aos dias atuais – o jogo de capoeira angola X o esporte capoeira regional); <p>* FUNDAMENTOS DA CAPOEIRA ANGOLA</p> <ul style="list-style-type: none"> - A influência da matriz cultural africana para a compreensão da sociedade e cultura brasileira expressa nos movimentos corporais: gingas, negativas, quedas de rim, de três, de quatro, rabo-de-arraia, meia-lua-de-frente, de costas, chapas, aús, tesouras, chamadas etc.; - A linguagem musical: os instrumentos e sua função ritual e os seus respectivos toques nos berimbaus, pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque; tipos de canto e função: ladainhas e corridos; - O jogo–jogo de dentro, jogo de fora, jogo em cima, jogo em baixo, jogo lento, jogo rápido e a relação da música com os diferentes tipos de jogos; - O aspecto lúdico que permeia desde o aprendizado das técnicas corporais (no sentido maussiano) ao jogo em si; - A camaradagem com o companheiro de jogo (a ênfase na cooperação e não na competição);- A intencionalidade dos movimentos corporais; - A expressão corporal do capoeirista; - Roda (síntese de todas as linguagens). 	

Quadro 6 – Plano de Ensino de Capoeira

(continuação)

Plano de Ensino	
Curso: 2611 – Educação Física	Ênfase: Tronco Comum
Identificação	
Disciplina: 0043100B – Capoeira	
Unidade: Faculdade de Ciências	Departamento: Departamento de Educação Física
Créditos: 3	Carga Horária: P:25 T: 20 Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:	Co-requisito:
Metodologia	- Aulas teórico-práticas - Método diretivo e não-diretivo
Bibliografia	<p><u>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</u></p> <p>BOLA SETE, Mestre. A capoeira angola na Bahia. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.</p> <p>BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Conselho Nacional de Educação. Brasília: CNE/CP, 2004.</p> <p>FALCÃO, J. L. C. A internacionalização da capoeira. Revista Textos do Brasil: Capoeira, n. 14, Brasília: Ministério das Relações Exteriores, pp. 124 – 133, 2008. http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/file/A%20Internacionalizao%20da%20Capoeira.pdf</p> <p>PASTINHA, M. Capoeira Angola. Salvador: Escola Gráfica N. S. de Lorêto: Convento da Piedade, 1964. 78p.</p> <p>REGO, W. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Bahia: Itapuã, 1968.</p> <p>REIS, L. V. de S. O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil. 2. ed. São Paulo: Publisher.</p> <p>SIMÕES, R. M. A. Artes cênicas e música: expressões do lúdico no folclore brasileiro. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (Org.) Dinâmica lúdica: novos olhares. Barueri/SP: Manole, 2004. (pp. 33-54).</p> <p>VIEIRA, L. R. O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.</p> <p>ABREU, Frede. O Barracão de Mestre Waldemar. Salvador: Zarabatana, 2003.</p> <p>BARBIERI, C. Um jeito brasileiro de aprender a ser. Brasília: DEFER, Centro de Documentação e Informação sobre Capoeira (CIDOCA/DF), 1993, 197p.</p> <p>BOLA SETE, Mestre. A capoeira angola na Bahia. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.</p> <p>COUTINHO, D. O ABC da capoeira angola: os manuscritos do Mestre Noronha. Brasília: DEFER, Centro de Documentação e Informação sobre Capoeira (CIDOCA), 1993, 126p.</p> <p>CRUZ, J. L. O. Capoeira angola: do iniciante ao mestre. Salvador: EDUFBA/Pallas, 2003.</p> <p>LIMA, L. A. N. Mestre João Pequeno: uma vida de capoeira. Rio Claro, 2000.</p> <p>MESTRE João Pequeno, MESTRE João Grande (disco). Programa Nacional de Capoeira (SEED/MEC): Capoeira Arte & Ofício Salvador, 1989.</p> <p>MESTRE Waldemar, MESTRE Canjiquinha (disco). Salvador: Estúdio Boca do Rio, 1986.</p> <p>PASTINHA, M. Capoeira Angola. Salvador: Escola Gráfica N. S. de Lorêto: Convento da Piedade, 1964. 78p.</p> <p>REGO, W. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Bahia: Itapuã, 1968.</p> <p>REIS, L. V. de S. O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil. 2. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.</p> <p>SIMÕES, R. M. A. Angola e Regional: uma análise fenomenológica dos movimentos na capuêra. In: CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO FIEP-UNIMEP, 1, Piracicaba, 2000. Coletâneas... Piracicaba: Faculdade de Educação Física da UNIMEP, 2000 (pp. 335-38).</p> <p>_____. Artes cênicas e música: expressões do lúdico no folclore brasileiro. In: SCHWARTZ, Gisele Maria(Org.) Dinâmica lúdica: novos olhares. Barueri/SP: Manole, 2004. (pp.33-54).</p> <p>VIEIRA, L. R. O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.</p> <p><u>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</u></p> <p>ABREU, Frede. O Barracão de Mestre Waldemar. Salvador: Zarabatana, 2003.</p> <p>MESTRE Waldemar, MESTRE Canjiquinha (disco). Salvador: Estúdio Boca do Rio, 1986.</p>

Quadro 6 – Plano de Ensino de Capoeira

(conclusão)

Plano de Ensino			
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum	
Identificação			
Disciplina: 0043100B – Capoeira			
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física	
Créditos: 3	Carga Horária: P:25 T: 20		Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:		Co-requisito:	
Crítérios de Avaliação e Aprendizagem	Levam-se em conta os seguintes fatores numa escala de 0-10: -Assiduidade e participação nas aulas -Avaliação teórica e prática (seminários, artigos; execução dos movimentos, toques, cantos etc.).		
Ementa	Disciplina teórico-prática que contemplará, a partir de uma abordagem socioantropológica, os diferentes momentos históricos da capoeira e suas diferentes formas de manifestação sociocultural no intuito de compreender suas diferenças e/ou transformações (desde movimento de resistência, luta contra opressão, lazer, jogo-de-luta-dançada, arte, educação etc.). Estudará a capoeira angola e a capoeira regional e suas consequências e/ou importância na Educação Física. Promoverá o aprendizado relativo ao ritual da capoeira angola (movimentos corporais, toques de instrumentos, cantos etc.).		

Fonte: Plano de Ensino de Capoeira. Quadro adaptado pelo pesquisador.

Quadro 7 - Plano de Ensino Práticas Formativas em Capoeira

(continua)

Plano de Ensino			
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum	
Identificação			
Disciplina: 0043106B – Práticas Formativas em Capoeira			
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física	
Créditos: 1	Carga Horária: P:15		Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:		Co-requisito:	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar observação participante em contextos de ensino-aprendizagem da capoeira considerando a relação teoria-prática para o exercício profissional; - Vivenciar e adquirir experiências com Mestres e/ou professores de capoeira para potencializar; - sua inserção no campo da Educação Física; - Exercitar didáticas e metodologias de ensino próprias à capoeira; - Aproximar-se de pesquisas e da produção científica e artística sobre capoeira, abrindo perspectivas para aprofundamento teórico-prático de maneira transdisciplinar. 		
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Capoeira como jogo, luta, dança, como forma de conhecimento e atuação profissional. - O papel do professor de educação física na promoção da capoeira voltada à formação humana na sociedade. - Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar conforme estabelecido pelo Currículo do Estado de São Paulo, implantado em 2008. 		
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões para organização, orientação e acompanhamento da prática; -Atividades autônomas dos discentes na elaboração e gerenciamento de programas relacionados à capoeira com orientação e supervisão da professora responsável; - Exposição oral sobre as atividades observadas e sobre as intervenções vivenciadas ao longo da disciplina. 		
Bibliografia	<p><u>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</u> BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Conselho Nacional de Educação. Brasília: CNE/CP, 2004.</p>		

Quadro 7 – Plano de Ensino Práticas Formativas em Capoeira

(conclusão)

Plano de Ensino		
Curso: 2611 – Educação Física		Ênfase: Tronco Comum
Identificação		
Disciplina: 0043106B – Práticas Formativas em Capoeira		
Unidade: Faculdade de Ciências		Departamento: Departamento de Educação Física
Créditos: 1	Carga Horária: P:15	Seriação Ideal: 2
Pré-Requisito:		Co-requisito:
Bibliografia	<p><u><i>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</i></u></p> <p>LIMA, L. A. N. Mestre João Pequeno: uma vida de capoeira. Rio Claro, 2000.</p> <p>MESTRE João Pequeno, MESTRE João Grande (disco). Programa Nacional de Capoeira (SEED/MEC): Capoeira Arte & Ofício Salvador, 1989.</p> <p>SIMÕES, R. M. A. Capoeira e escravidão: movimento de resistência versus submissão. Movimento. UFRGS – Porto Alegre, Ano VII, n. 13, 2000/2 (pp. 26-31).</p> <p>_____. Capoeira: um convite ao jogo feminino. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade), Instituto de Biociência, UNESP, Rio Claro, 1999.</p> <p>_____. Da inversão à re-inversão do olhar: ritual e performance na capoeira angola. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UFSCar, São Carlos, 2006.</p>	
Critérios de Avaliação e Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de relatórios escritos e de resultados das atividades de observação e Intervenção; - Elaboração de planos de ensino e/ou atividades relacionadas à capoeira na educação física escolar; - Capacidade de organização e comprometimento do aluno com as atividades propostas. 	
Ementa	<p>A Prática Formativa em Capoeira envolve a relação teoria e prática dos conteúdos, possibilitando reflexões sobre os princípios pedagógicos e as transformações didático pedagógicas possíveis a partir do contexto de ensino-aprendizagem da capoeira no mundo contemporâneo. Constitui-se em uma ação de orientação, acompanhamento e intervenção da atuação do futuro profissional de Educação Física, com objetivo de efetivar a integração entre a formação acadêmica e o exercício profissional de maneira compromissada com o ambiente e a sociedade.</p>	

Fonte: Plano de Ensino Práticas Formativas em Capoeira. Quadro adaptado pelo pesquisador.

Utilizou-se para a exploração do material, processo dedutivo, que permitiu ao pesquisador a partir dos próprios textos apreender as ligações funcionais entre as diferentes variáveis, tidas em dois planos, vertical e horizontal, o plano vertical corresponde a fala dos entrevistados, tidos como variáveis independentes do nível das condições de produção, ou seja, as percepções de um entrevistado sob um determinado ponto de vista poderia ser diferente de outro participante, justamente por sua interação, significância e vivência sobre a situação questionada, influenciando assim nas opiniões manifestadas e, o plano horizontal, nível dos textos enquanto variáveis dependentes e que considerou se a fala dos discentes e docentes, correspondiam ou contradiziam as propostas de ensino e aprendizagem contidas no PPP e PE (BARDIN, 2016).

Bardin (2016) nos explica que “esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração de regras previamente formuladas”, para a autora este é o momento de fazer “falar” o material.

Adotou-se o uso de categorização pela semântica (mesmo sentido dos vocábulos da língua), a qual reuniu grupos de elementos (unidades de registro) sob títulos genéricos, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos, compreendendo a categorização como uma passagem de dados brutos a dados organizados (BARDIN, 2016).

Deste modo, após os procedimentos supracitados, pré-análise e exploração do material, os temas evidenciados da análise de conteúdo das fontes orais coletadas pela técnica de entrevista semiestruturada e conforme roteiro prévio de questões, adequados a cada grupo investigado, elaborados para responder aos objetivos da pesquisa, sob a ótica de discentes e docentes, foram os seguintes:

I. O CONCEITO DE COMPETÊNCIAS COMO NÚCLEO DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Analisou-se a concepção de competência adotada no PPP. Tal tema tratou de reconhecer, sob a ótica docente, as percepções sobre a constituição curricular e seleção dos conteúdos propostos para a intervenção acadêmico-profissional, especificamente, a relação entre educação e mercado, no subcampo ensino escolar das Lutas. O relato dos discentes, em face das competências e das habilidades específicas do licenciado, contrapõe as propostas de ensino adotadas pelo currículo para a formação de professores, apresentando contradições entre teorização e a prática efetiva no plano das didáticas específicas.

II. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS EM LUTAS

O referido tema analisou por intermédio dos depoimentos coletados como as estratégias didático-pedagógicas e metodológicas são desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem de Lutas. E, até que ponto tem correspondido as expectativas de avaliação expressas no documento analisado.

Na sequência efetuou-se a análise e interpretação das informações obtidas (tratamento dos resultados) com o auxílio do software ATLAS.ti, é bom frisar que apesar de se tratar de um software para análise qualitativa:

Não processa e interpreta as informações – tal como um programa de estatística resolve equações e apresenta resultados. Sua principal função está em garantir uma maior sistematicidade para o seu trabalho de análise, através de uma melhor

organização do material e do fornecimento de um suporte para suas ideias. (UNICENTRO, 2006).

Em seguida, elaborou-se a discussão à luz da revisão de literatura e documental, considerando-se as questões investigativas e os objetivos inicialmente estabelecidos e, ainda, respeitando-se as três fases fundamentais do método.

3.1 O Conceito de Competências como Núcleo da Organização Curricular

Em estudo realizado por Esteves (2009), em que se observa a construção e o desenvolvimento de competências consideradas necessárias num dado momento histórico como componente na formação de professores, a autora define o conceito de competência a ser “interpretado de múltiplas formas, quer entre campos científicos diferentes, quer mesmo dentro de um único desses campos”, apesar de polissêmico o termo referente às competências profissionais não é original (MARCON; NASCIMENTO; GRAÇA, 2007), por outro lado, um “novo” paradigma educacional emerge, o conceito de competência é apresentado como nuclear na organização curricular (DIAS; LOPES, 2003, p. 1156).

No PPP do Curso de Licenciatura em Educação Física, ora em análise, identifica-se uma consonância a essa premissa, a perspectiva do desenvolvimento de competências profissionais é indicada de forma central, incidindo nos objetivos, conteúdos e metodologias das diversas disciplinas, bem como na definição dos tempos e espaços da dimensão prática, que adquire assim o sentido de prática profissional, e não prática de exercícios físicos (PPP, 2015, p. 36 - 37). Dias e Lopes (2003, p. 1156) acrescentam que “é por intermédio do conceito de competência que se organiza o discurso que objetiva construir a qualidade da formação docente”.

A Formação Inicial em Nível Superior de Professores da Educação Básica é marcada por uma forte influência estabelecida entre educação e mercado, relação essa já identificada em outros momentos da história em que o currículo, influenciado por teorias curriculares tradicionais, foi objeto de expressiva intervenção governamental, atreladas a reformas curriculares da formação docente influenciadas em virtude de novas exigências do mundo do trabalho e de mudanças sociais e culturais em curso, instituindo deste modo uma responsabilidade para com a formação de professores que tem como finalidade a condição de capital humano eficiente para o mercado (DIAS; LOPES, 2003, p. 1155).

O debate em torno da constituição curricular e seleção dos conteúdos, fomentam uma discussão contemplada muitas vezes por opiniões antagônicas, assim como vemos manifestada entre os próprios membros que integram o Conselho de Curso, como podemos notar quando Ayrton, Representante Docente Titular do Conselho de Curso faz a seguinte reflexão:

Nós devemos fazer um Currículo para que a gente também possa contemplar aquilo que tem no mercado de trabalho. O mercado de trabalho, vamos dizer assim, ele é mais dinâmico do que as modificações, as alterações que nós fazemos na grade curricular. (Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

Em contrapartida, Cláudia, Representante Docente Suplente do Conselho de Curso posiciona-se da seguinte maneira:

Eu tenho uma certa crítica a olhar para o currículo e vinculá-lo diretamente ao mercado de trabalho. Eu considero sem dúvida importante fazer esse diálogo, mas eu acho que ele não pode ficar refém do mercado de trabalho, porque o mercado de trabalho também ele estabelece um constructo onde um discurso e uma prática também do consumo, né?! Capitalista. Então eu acho que a Formação Inicial, ela também tem que fazer frente na oposição, na resistência ou no estabelecimento de novos debates que critiquem e que possam promover mudanças no cenário do mercado de trabalho. Então eu me preocupo um pouco com essa relação direta de causa e efeito: “Ah, mas como é que tá o Mercado de Trabalho?”, “Vamos colocar isso no Currículo”. Eu acho que isso pode ser um tiro no pé. Eu acho que tem que ter muita cautela para fazer esse tipo de debate. (Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

A formação profissional e o mundo do trabalho estabelecem uma relação de influência e dependência que são exercidas ora de modo direto, ora indireto, seja pela influência que o mercado estabelece na demanda por profissionais qualificados para atender aos novos contornos que emergem em sua evolução histórica enquanto área profissional ou pelo perfil do profissional egresso, que vem se constituindo nas formações profissionais provenientes das diversas Instituições de Ensino Superior em Educação Física, públicas e privadas, de todo o país e, que consequentemente estabelecem novos contornos ao contexto de atuação destes profissionais, qualificando-os a intervirem em diversas áreas e subáreas relacionadas a Saúde, Educação, Esporte e Lazer e que influenciam na criação de novos campos de atuação profissional.

As Lutas enquanto manifestações corporais da civilização humana, são dotadas de especificidades em seu campo de intervenção, possuem inúmeras manifestações corporais de origens distintas, orientais e ocidentais, diversas são as possibilidades de intervenção profissional que este campo proporciona, desde o educacional-recreativo, ao esportivo e o de

defesa pessoal. Diante desta gama de intervenção profissional que as Lutas dispõem em seu arcabouço histórico-cultural-social, os discentes questionam o “por quê” da escolha de tais Lutas dispostas na Matriz Curricular do Curso, bem como “quais são” os critérios de seleção destas disciplinas relacionadas a Lutas neste currículo, vejamos:

Por que existem várias Lutas, né?! Eu não sei, qual é o critério do nosso curso em incluir apenas a Luta X ou a Luta Z? (LUNA, Reingressante em 2020).

O Docente Rogério, esclarece as circunstâncias que influenciaram as escolhas das especificidades adotadas com o Tema Lutas na atual estruturação curricular do Curso:

A gente entende que tem alguns cursos que fazem um agrupamento para que tenha uma experiência na concepção geral de Lutas. Algumas delas, ganharam espaço por conta da cultura nacional, outras ganham espaço pela grande difusão social e como já estão a muito tempo em prática no Brasil, também já fazem parte da cultura nacional, trazido por outros povos, mas já trazem aí o seu enraizamento na nossa cultura. (Responsável por já ter ministrado a disciplina Y de Lutas).

A Docente Cláudia, considera que para qualquer adequação ser efetiva:

Não dá para a gente ignorar o corpo docente. Então você tem um determinado corpo docente, com um determinado perfil, e aí, algumas mudanças são possíveis de serem feitas e outras não são. (Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

Rogério é bastante esclarecedor ao descrever o processo de readequação, que alterou a composição da grade e fluxo curricular do Curso, especificamente, ao relatar como Docente responsável por ministrar a disciplina Y de Lutas, a qual foi revisada dando-se prioridade a disciplina X de Lutas, bem como da implementação da disciplina Z de Lutas, na composição do quadro das disciplinas que integram o tema Lutas:

Na verdade, foi um acerto de carga horária, então nós tínhamos um limite de carga horária e precisava fazer opções. No entanto, frente a essa opção nós também presamos a questão da diversidade. Então foi colocado, foi dado prioridade a uma disciplina Z de Lutas, por ter uma cultura diferente das outras artes marciais, da origem histórica das outras artes marciais e dentre as outras artes marciais que eram aplicadas Luta X e Luta Y, nós tínhamos ali, conteúdos e habilidades diferentes, mas nós temos ali uma perspectiva histórica muito similar, foi dada aí a opção por uma delas na ocasião. Então como o Professor da Luta X, tinha uma identificação muito maior com a área, do que eu tinha com a Luta Y, apesar de eu ter sido Professor por muito tempo, a minha identificação em termos de área de investigação é diferente. Então como o Professor [REDACTED] tem ali também, não só a área de atuação profissional, mas também a área de investigação voltada para a Arte Marcial, então ficou ali uma ocasião mais propícia a manutenção da Luta X. Então eu acho que contribui mais com relação a essa parte mais global que se espera, associando ensino, pesquisa e extensão.

Em complemento, Cláudia, compartilha sua percepção sobre a relevância da implementação da disciplina Z de Lutas:

Quando inaugurado efetivamente a composição da disciplina Z de Lutas no curso, que eu também acho fundamentalmente importante para formação dos alunos, considerando toda a matriz cultural nacional, as nossas influências afrodescendentes, uma série de aspectos históricos e cultural e, até pela Lei que a gente tem aí de trabalhar conteúdos afro-brasileiros. [...] A gente ainda continua nessa coisa da especificidade, mas especificidade por especificidade, seria bacana que já que a gente tem uma representante oriental, que a gente tivesse uma representante das práticas de Lutas com outra tradição, e aí, a Luta Z seria uma representação importante. (Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

A lei que a docente se refere, é a Lei nº 11.648, de 10 de março de 2008, que em seu Art. 26 - A, determina que nos estabelecimento do ensino fundamental e ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileiras e indígena, especifica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil. O mesmo artigo ainda determina que tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, literatura e história brasileiras (BRASIL, 2003).

A Docente Fátima, explica que a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, conforme disposto no parágrafo anterior, deva ser entendida para além da:

Luta enquanto modalidade Esportiva, é Luta enquanto resistência de um povo escravizado. (Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

O processo de reestruturação curricular engloba uma série de variáveis, não se trata apenas de mudar o nome de determinada disciplina, ou juntar/ ou separar disciplinas que apresentam certa similaridade em seus conceitos, estas são dotadas de especificidades e:

O específico também é importante, porque ele garante a valorização da dinâmica interna daquela prática, por mais que você encontre elementos que tenham identificação com outras, o interior de uma prática ele é sempre moldado por aquilo que ele estabelece como referência específica, então não tem prática igual se você for pensar na especificidade, por isso que os nomes são diferentes. (CLÁUDIA, Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

A Docente, ainda nos chama a atenção para:

O currículo, ele não pode dialogar só com o que você tem para hoje, no interior do corpo docente. (CLÁUDIA, Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

Pensar em reestruturação curricular, envolve identificar o perfil do corpo docente que terá fundamental importância na formação desses futuros professores; compreender as especificidades das modalidades do curso, bacharelado e licenciatura, e os seus respectivos contextos de atuação, no caso do licenciando, seu contexto de atuação é a escola; implementar concepções provenientes das Diretrizes Curriculares Nacionais de Professores da Educação Básica, estes são elementos que se influenciam, relações de poder são estabelecidas nesse processo, é válido e primordial que questionamentos sobre o “Por que determinado conhecimento e não outro?”. “Quais interesses fazem com que esse conhecimento e não outro esteja no currículo?”, “Por que privilegiar um determinado tipo de identidade ou subjetividade e não outro?”, sejam realizados para a manutenção do status quo⁶ (SILVA, 2010), que ao longo do tempo, paralelamente à evolução histórica, social e profissional, podem e devem sofrer atualizações e desta maneira possibilitar conexões entre saber, identidade e poder (SILVA, 2010).

O Docente Rogério, realiza um questionamento autorreflexivo sobre qual a:

[...] própria utilidade da arte marcial como formação? (Responsável por já ter ministrado a disciplina Y de Lutas).

No entanto, esta pergunta retórica encontra respostas nas palavras da discente Luna, que apresenta como limite no processo de ensino e aprendizagem de Lutas, lacunas entre o espaço da intervenção profissional e o espaço da formação inicial de professores:

Luta, eu acho que é uma coisa meio complicada, assim, porque a gente não necessariamente precisa ser um profissional, né?! Não precisa ser formado como um Profissional de Educação Física, né?! E você tem que estar por exemplo, na faixa preta da Luta X, e aí, por exemplo, você pode dar Lutas. Então, eu acho que fica meio vazio assim, por exemplo, a gente ter um treinamento na faculdade, sendo que a gente nunca vai poder executar aquilo fora de lá, né?! Não vai poder exercer isso, então, acho que ficou meio vago pra mim, assim, é eu ter o treinamento e não

⁶ Estado ou circunstância que se mantém igual.

aprender a como aplicar isso dentro de onde eu possa atuar, entendeu?! Pra mim o que eu acho que faltou foi isso. (Reingressante em 2020).

Para a Docente Cláudia, a situação relatada na fala da discente encontra prerrogativa na especificidade das Lutas e Artes Marciais e na flexibilidade do Conselho de Profissão em fiscalizar esta atividade:

Eu vejo que as Lutas, elas tenham identidade a parte, principalmente as Lutas de Matriz Oriental. Até eu acho que o Conselho de Profissão tenha uma certa flexibilidade com isso, porque você vai comparar a formação de um faixa preta de qualquer Luta que você quiser pensar, de qualquer Arte Marcial, com alguém que tá tendo pela primeira vez no Curso Luta, um conhecimento básico sobre aquela Luta, acho que é muito diferente. Agora, a garantia de que esse faixa preta vai dar uma boa aula, eu também coloco em “xeque”, eu também não tenho assim, a segurança de dizer “não, mais ele é faixa preta, ele dá uma boa aula”. Eu acho que são coisas diferentes, o faixa preta para mim é da competência dele fazer muito bem o Kata, dele executar muito bem as manifestações dos gestos e talvez alguns elementos da filosofia, da disciplina, do respeito, mas isso não te dá necessariamente, efetivamente, garantia de ensinar bem, de se preocupar com esse contexto, de alinhar o contexto ao grupo social que vai fazer a prática. É um pressuposto. Eu uso esse pressuposto também para falar do Esporte, eu não sei se nas Lutas não é a mesma coisa, mas eu tendo achar que sim. (Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

Rogério reconhece distinções no modelo de formação do profissional que irá atuar com Lutas, relação esta, instaurada por diferentes facetas consoante ao tipo de abordagem que se pretende desenvolver da modalidade, seja enquanto modalidade esportiva que propicia elementos legitimadores próprios da prática em si ou de conhecimentos estruturados cientificamente, no âmbito acadêmico-científico, mediados pela intervenção do profissional habilitado em Educação Física, com ênfase em Licenciatura para atuação no âmbito escolar:

Eu acho que quando a gente consegue diferenciar as duas coisas, nós trazemos, nós diferenciamos o Professor daquele que é por exemplo um Técnico que nem sempre tem a Profissão, mas que tem a formação dentro da habilidade. Então é interessante “por quê?”. Porque no boxe, na esgrima, nós não temos especificamente esse tipo de formação, mas por exemplo na Luta X, Luta Y e Luta Z, existe uma graduação própria da disciplina e aquele que alcança um nível superior de graduação é constituído como um habilitado dentro da disciplina como Professor. Então muitas vezes essa pessoa não é um profissional da Área de Educação Física, é um Profissional de outra Área, mas que atua com o Esporte, porque tem uma graduação que o Esporte lhe conferiu. Então aí fica uma questão, digamos uma dupla formação profissional, a acadêmica e a que o Esporte confere. Então eu vejo assim, os Profissionais de Educação Física, os Profissionais com uma formação acadêmica, tem por opção e por dever, isso é uma perspectiva pessoal, de saber identificar quais são as habilidades que podem ser utilizadas para o aprendizado na escola, e não do esporte em si, mas como o esporte em si, pode ajudá-lo a melhorar. (ROGÉRIO, Docente Responsável por já ter ministrado a disciplina Y de Lutas).

A Regulamentação da Profissão de Educação Física, bem como a criação dos respectivos Conselhos Federal e Conselhos Regionais de Educação Física, reconhecidos pela lei 9.696/98, conseqüentemente atribuiu a estes Conselhos a responsabilidade da fiscalização da profissão, no entanto, a lei aborda inicialmente de forma genérica o campo de competência exclusiva dos profissionais desta área:

Art. 3º - Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos **nas áreas de atividades físicas e do esporte**. (BRASIL, 1998, grifo do autor).

Somente após um quaternário de anos, considerando: a necessidade em se definir as atividades próprias do Profissional de Educação Física, constante da lei 9.696/98; a conjuntura do mercado de trabalho dos Profissionais de Educação Física decorrente da pluralidade de competências próprias desses profissionais; o exercício das atividades de Educação Física enquanto prerrogativa dos Profissionais de Educação Física; a importância do Documento de Intervenção Profissional como mais um instrumento norteador das ações de fiscalização e organização do exercício da profissão e a importância do Documento de Intervenção Profissional como mais um dos instrumentos orientadores para a elaboração das propostas curriculares dos cursos de Formação na área de Educação Física (CONFED, 2002), é então promulgada a Resolução CONFED 46/ 2002, que dispõe sobre a Intervenção do Profissional de Educação Física e respectivas competências e define os seus campos de atuação profissional:

Art. 1º - O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações – ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, **lutas, capoeira, artes marciais**, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho ou condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e da estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para a consecução da autonomia, da autoestima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e da preservação do meio ambiente, observado os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo. (CONFED, 2002, grifo do autor).

Os Conselhos Regionais de Educação Física (CREFs), amparados no dispositivo da lei supracitado, passaram a fiscalizar quaisquer locais onde podiam ser ministradas atividades físicas e/ou desportivas, inclusive práticas relacionadas a lutas, capoeira e artes marciais. A grande polêmica deste período, passa a ser quando os CREFs começam a autuar instrutores que não possuíam formação em Educação Física e/ou não se encontravam na autarquia (CORRÊA, 2015), sendo estes formados por suas respectivas escolas de ofício (DRIGO; et. al. 2011), com base no Decreto-lei nº 3.688, de 3 de julho de 1941, “Lei de Contravenções Penais”, que em seu Capítulo VI, apresenta as contravenções penais relativas à organização do trabalho:

Art. 47. Exercer profissão ou atividade econômica ou anunciar que exerce, sem preencher as condições a que por lei está subordinado o seu exercício. (BRASIL, 1941).

Segundo Corrêa (2015) “houve uma imediata reação por parte de diversas entidades e instrutores que atuavam nesses campos. Muitas batalhas judiciais ocorreram em todo o país”. Um caso emblemático foi o julgamento do Recurso Especial 1.012.692/ RS (2007/0294222-7), tendo como recorrente o Conselho Regional de Educação Física CREF/RS, julgado em terceira instância pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) que encerra a questão, ao decidir:

1. Recurso especial pelo qual o Conselho Regional de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul sustenta a obrigatoriedade de inscrição em seus quadros de profissionais diversos, por se considerar que os artigos 1º e 3º da Lei n. 9.696/1998 têm comando normativo suficiente para caracterizar as atividades por eles exercentes como próprias do profissional de educação física. Defendem-se, ainda: (i) a legitimidade do Ministério Público e adequação da ação civil pública; e (ii) a ocorrência de julgamento extra⁷ e ultra⁸ petita.
2. No caso dos autos, em sede de apelação em ação civil pública movida pelo parquet⁹ estadual, o TRF da 4ª Região, entendendo ser ilegal e inconstitucional a Resolução n. 46/2002, do Conselho Federal de Educação Física, decidiu não ser possível que o Conselho Regional fiscalizasse e autuassem aqueles profissionais elencados na referida resolução, em especial os profissionais de dança, ioga, artes marciais e capoeira, sejam professores, ministrantes ou instrutores de tais atividades.
3. O recurso especial não merece ser conhecido, no que se refere à alegação de violação da Lei n. 7.347/1985, pois as questões da legitimidade do

⁷ Trata-se de termo jurídico, a qual uma decisão concede algo diferente do que foi pedido pelo autor.

⁸ Trata-se de termo jurídico, a qual uma decisão concede algo diferente do que foi pedido pelo autor.

⁹ O termo Parquet tem origem francesa e, em uma tradução literal, significa, “local onde ficam os magistrados do ministério público fora das audiências”. Entretanto, no mundo do Direito tal vocábulo é utilizado geralmente em Petições como sinônimo de Ministério Público (MP), ou algum de seus membros.

Ministério Público e da adequação da ação foram decididas, exclusivamente, com apoio no art. 129, III, da Constituição Federal.

4. No que pertine à alegação de ocorrência de julgamento *extra e ultra petita*, o recurso não merece provimento, pois, ante a reconhecida ilegalidade e inconstitucionalidade da resolução acima mencionada, a Corte de origem estendeu o comando da sentença àqueles que praticassem as atividades nela descritas, de tal sorte que não houve qualquer julgamento fora dos limites do que fora pedido pelo Ministério Público, sendo desinfluyente o fato de não se ter feito alguma diferenciação a respeito da capoeira ou dos professores, ministrantes ou instrutores das atividades descritas naquela resolução.

5. Quanto aos **artigos 1º e 3º da Lei n. 9.696/1998**, não se verificam as alegadas violações, porquanto **não há neles comando normativo que obrigue a inscrição dos professores e mestres de danças, ioga e artes marciais (karatê, judô, tae-kwon-do, kickboxing, jiu-jitsu, capoeira etc.) nos Conselhos de Educação Física, porquanto, à luz do que dispõe o art. 3º da Lei n. 9.696/1998, essas atividades não são caracterizadas como próprias dos profissionais de educação física.**

6. O art. 3º da Lei n. 9.696/1998 não diz quais os profissionais que se consideram exercentes de atividades de educação física, mas, simplesmente, elenca as atribuições dos profissionais de educação física.

7. Subsidiariamente, deve-se anotar que saber, em cada caso, a atividade, principalmente, visada por aqueles profissionais que o recorrente quer ver inscritos em seu quadro, para o fim de verificar-se o exercício de atribuições do profissional de educação física, exige a incursão no acervo fático-probatório, o que é inviável ante o óbice da Súmula n. 7 do STJ.

8. Recurso especial parcialmente conhecido e, nessa parte, desprovido. (BRASIL, 2011, grifo do autor).

Com relação às atividades de ioga, dança e artes marciais, cumpre anotar que o Ministério Público para fundamentação constitucional da determinação final do processo, descaracteriza estas práticas como meras atividades físicas, relacionando-as com a arte, com a cultura e com a evolução espiritual. Cabendo, então somente, aos Conselhos Regionais de Educação Física, a fiscalização e autuação de instrutores destas modalidades, ou entidades responsáveis pela atuação dos mesmos, quando estiverem em descumprimento com a Lei nº 9.696/98, ou seja, se a atividade for finalissimamente utilizada como método para a melhoria e manutenção do condicionamento físico e, estiver desvinculada ao aprendizado das técnicas inerentes aos conhecimentos específicos destas práticas (CORRÊA, 2015).

As Lutas, ao passo que se estruturam enquanto unidade temática, ganham contornos que lhes possibilitam espaço de intervenção no âmbito escolar, como uma das seis unidades temáticas (brincadeiras e jogos, danças, lutas, ginástica, esportes e práticas corporais de aventura) a serem desenvolvidas como conteúdo programático da disciplina de Educação Física, correspondente a área de Linguagens, regulamentada pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), sendo este um documento que assegura as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, é tido como referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e redes escolares dos Estados e contribui para o alinhamento de outras políticas e ações, como a formação de

professores (BNCC, 2018), a qual identificamos essa influência na Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), quando apresenta em seu:

Art. 2º A formação docente pressupõe o desenvolvimento, pelo licenciando, das competências gerais previstas na BNCC-Educação Básica, bem como das aprendizagens essenciais a serem garantidas aos estudantes, quanto aos aspectos intelectual, físico, cultural, social e emocional de sua formação, tendo como perspectiva o desenvolvimento pleno das pessoas, visando à Educação Integral. (BRASIL, 2019).

Neste contexto, a formação do licenciando em Educação Física, passa a demandar um capital simbólico próprio do campo científico, tendo nos critérios de objetividade, fidedignidade e confiabilidade, na produção do conhecimento (CESANA, 2005, p. 185) para o desenvolvimento de competências e habilidades que lhes permitam, conforme esclarece o PPP (2015, p. 64) “uma síntese, integração e aplicação em relação aos conteúdos que serão objeto da atividade docente, adequando-os às atividades próprias da Educação Física na qualidade de disciplina escolar nas diferentes etapas e modalidades da educação básica”.

Neira (2011, p. 173) faz uma crítica quanto ao desenvolvimento de competências que no campo curricular da Educação Física “idolatravam a aquisição de determinadas competências de atividade motora ou que promovem o ensino de conceitos de fisiologia e nutrição para a adoção de um estilo de vida ativo e saudável”, nestes casos:

Agregam os significados e sentidos pertencentes aos grupos dominantes e veiculam representações hegemônicas de mundo, reduzindo o espaço para a manifestação de outras concepções. Esses currículos se configuram como campos fechados, impermeáveis ao diálogo com o patrimônio cultural que caracteriza a diversidade que coabita a sociedade. Tais propostas se coadunam com um projeto pedagógico idealizado pela sociedade neoliberal, na qual, o mercado, a competitividade e a meritocracia são palavras de ordem. (NEIRA, 2011, p. 12).

Para o autor, ocorre uma deferência com relação a estes conteúdos tidos como incontestes, neutro, universais ou imprescindíveis (NEIRA, 2011, p. 173), propõe a busca por um currículo cultural que contenha conceitos e critérios que favoreçam um potencial político e que por meio deste se desenvolva uma:

Articulação com um projeto institucional coletivo, enraizamento cultural, evitamento do daltonismo cultural, descolonização do currículo, ancoragem social

dos conhecimentos, justiça curricular, mapeamento da cultura corporal, ressignificação, ampliação, aprofundamento, leitura e interpretação das práticas, pedagogia do dissenso, patrimônio cultural subalternizado, abordagem etnográfica etc. (NEIRA, 2011, p. 189 – 190).

As propostas de desenvolvimento dos conteúdos específicos, das lutas brasileiras, bem como lutas de todo o mundo, que integram a unidade temática Lutas na escola, focalizam as disputas corporais, fundamentadas num binômio desporto/cultura (DRIGO, et. al. 2011) e são desenvolvidas através da pedagogia dos esportes e de crescimento e de desenvolvimento infantil, além das atividades lúdicas (CESANA; TOJAL; DRIGO, 2018).

Corrêa e Hunger (2007) ao discutirem a Profissionalização da Educação Física, sua regulamentação, formação e mercado de trabalho, sob uma perspectiva da influência de determinados efeitos no processo de modernização e o jogo de poderes que se estabelece no contexto de legitimação de uma área, consideram que:

Entre os favoráveis à regulamentação e os contra, as suas opiniões divergem, estão em constante competição, mas existem pontos que se convergem como exemplo a formação do corpo de conhecimento que lhes garantam a legitimidade de suas áreas. Na trama de relações pode-se considerar que a profissionalização não se trata de um “produto” acadêmico, mas um despertar para a formação profissional, discutindo uma possível falta de sintonia entre a formação (universitária e progressiva) e o mercado de trabalho, sobre um profissional que atenda às necessidades de mercado e a sua área de conhecimento. Sendo assim, o conhecimento científico e a formação profissional são de fundamental importância para legitimar a área da Educação Física. Assunto este que merece uma introspecção e aprofundamento crítico da questão, ou seja, uma reflexão acerca da formação do profissional de Educação Física no bacharelado e na licenciatura, bem como a sua regulamentação profissional. (CORRÊA; HUNGER, 2007).

Em aspectos legais, da regulamentação da profissão e fiscalização das atividades dos Profissionais de Educação Física, as Lutas, tendo a Escola como local de Intervenção, e sendo constituída de conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos, submetem o Profissional de Educação Física, pela natureza e características da profissão que exerce, a ser devidamente registrado no:

Sistema CONFED/CREFs – Conselho Federal/ Conselhos Regionais de Educação Física, possuidor da Cédula de Identidade Profissional, sendo interventor nas diferentes dimensões de seu campo de atuação profissional, o que supõe pleno domínio do conhecimento da Educação Física (conhecimento científico, técnico e pedagógico), comprometido com a produção, difusão e sociabilização desse conhecimento a partir de uma atitude crítico-reflexiva. (CONFED, 2002).

As disciplinas relacionadas a Lutas no PPP analisado, são ofertadas como disciplinas do Tronco Comum aos cursos de Licenciatura e Bacharelado, devendo contemplar

conhecimentos gerais que possibilitem ao graduando a intervenção didático-pedagógica em seus respectivos contextos de atuação. Estas disciplinas são programadas para serem desenvolvidas em apenas um semestre, a temporalidade designada, implica em um dos elementos da não possibilidade em classificá-las como artes marciais, pois este termo demanda anos para a formação de seu praticante, caracterizada por deter conhecimentos com fins voltados para a guerra, que nos dias de hoje, o mais próximo que se chegaria do seu termo e aplicabilidade de origem, seria se empregadas as técnicas de combate estritamente para o uso como defesa pessoal, o que distância aos propósitos de um curso de formação de professores, que visa ensinar a ensinar, através de conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais, deve-se considerar, conforme consta no PPP (p. 64) que “em muitas vezes o graduando encontra-se em uma situação similar aos alunos ao quais futuramente ensinará, ou seja, é um iniciante naquela modalidade e portanto, é simultaneamente “sujeito” e objeto da prática pedagógica”.

Sendo assim, a Formação Inicial do Profissional de Educação Física no Ensino Superior, válida os conhecimentos desejáveis para atuar com Lutas, no âmbito específico da escola, essa sob a incumbência da Licenciatura, correspondendo as responsabilidades sociais no exercício profissional valorizadas pelos Conselhos da Profissão, quanto as especificidades da intervenção na regência e docência da Educação Física e seus conteúdos, dentre eles evidencia-se aqui as Lutas, seja no treinamento esportivo, preparação física, avaliação física, recreação em atividade física, orientação em atividades físicas e gestão em educação física e desporto, possíveis de serem desenvolvidas tendo a escola como local de intervenção.

Mediante esse contexto, relação entre educação e mercado, da formação inicial e as especificidades que caracterizam os diversos contextos de atuação do Profissional de Educação Física, como também a fiscalização dos campos de intervenção da área sob tutela dos respectivos Conselhos de Profissão e a influência, direta ou mesmo indireta, que estes órgãos estabelecem para com formação de graduandos, ao serem responsáveis pela delimitação do campo de atuação dos futuros profissionais, parece salutar que haja essa pluralidade de concepções, desde que não se realize de forma independente, mas em prol de um constructo coletivo que dialogue e vise atingir uma aproximação entre espaço de formação e espaço de intervenção, tendo na formação inicial oportunidades para o desenvolvimento da Tríade Acadêmica das IES, atividades-fim que devem ser desenvolvidas de forma equivalente, conforme previsto na Constituição Federal que estabelece que “as Universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e

extensão” (BRASIL, 1988, Art. 207), logo é da articulação de cada um destes pilares que se tem a concepção que rege a missão e o dever das Universidades no Brasil.

Estendendo a consideração de identidade institucional, ao que sugerem Canen e Canen (2005) como um “conjunto de marcadores que caracterizam um ambiente institucional, no marco das tensões entre identidade individuais plurais, as identidades coletivas e um projeto de instituição que se deve construir”, concebe-se então a interpretação de que a identidade institucional, igualmente os documentos produzidos para a orientação e as diretrizes que as regem, devam ser constituídos na pluralidade cultural que enfatizem a democratização das práticas corporais, caso contrário corre-se o risco de os currículos da formação inicial permanecerem:

Alinhados “à direita”, por declararem-se simpáticos aos princípios neoliberais de exaltação hedonista do mercado e enfatizarem um viés comercial, consumista e privatizante das práticas corporais, em detrimento de sua dimensão expressiva, pública e culturalmente lastreada. (NEIRA, 2011).

Ao focalizar o conceito de competências, no âmbito da teoria curricular, em que se verifica uma estreita relação entre currículo por competências e a qualidade da formação inicial de professores, entende-se que:

A proposta de currículo para formação de professores, sustentada pelo desenvolvimento de competências, anuncia um modelo de profissionalização que possibilita um controle diferenciado da aprendizagem e do trabalho dos professores. Tal perspectiva apresenta uma nova concepção de ensino que tende a secundarizar o conhecimento teórico e sua mediação sobre a prática acaba assumindo o papel de maior relevância, em detrimento de uma formação intelectual e política dos professores. (DIAS; LOPES, 2003, p. 1157).

O PPP em evidência, tido como fonte primária documental, assume uma concepção de “competência”, entendida pela capacidade de mobilizar conhecimento de diferentes naturezas. Entendo que as disciplinas de Lutas por integrarem a dimensão do conhecimento referente a Manifestação da Cultura Corporal de Movimento, identificadas na Matriz Curricular do Projeto Político Pedagógico analisado (PPP, p. 67), lidam especificamente com o conhecimento didático-pedagógico, portanto, se faz necessário articular conhecimentos e saberes que possibilitem aos licenciandos formas de intervenção didática junto aos seus futuros alunos. Em uma perspectiva de transformar esta concepção em ação, de modo a desenvolver aproximações que possam contribuir para uma maior compreensão do documento e de seus atores, discentes e docentes, inicia-se a discussão dos resultados produzidos pela interpretação da já conhecida dicotomia entre teoria e prática na formação de professores.

3.1.1 Dicotomia Teoria X Prática

A análise do cenário que envolve a relação dicotômica agudizada entre teoria e prática na formação de professores, especificamente na Educação Física, não é recente. Entretanto, se faz necessário à compreensão dos termos, para um entendimento melhor das relações estabelecidas entre eles.

A Teoria parte da especulação, observação, contemplação e reflexão, em série, o que possibilita a sistematização do que antes seria considerado um discurso vazio, desvinculado da realidade vivida do concreto, ao que se propõe a explicar a ocorrência de determinados fenômenos ou acontecimentos (JEBER, 1995; MARCELLINO, 1995; TOJAL, 1995).

Atribui-se à Prática, o uso de um conhecimento aplicado, resultando de uma experiência desvinculada da “Teoria”, o que a transforma, em tarefa, ou ação, advinda de um saber conjunto de conhecimentos sistematizados sobre determinados fenômenos (JEBER, 1995; MARCELLINO, 1995; TOJAL, 1995).

Ao que tudo indica a tradicional distinção entre aulas práticas e aulas teóricas nas disciplinas investigadas relacionadas ao Tema Lutas, é manifestada frequentemente no relato dos discentes entrevistados, independentemente de qual seja o ano de ingresso ou reingresso a que correspondem:

A gente no começo, fazia uma parte mais teórica. (THALES, Ingressante em 2017).

[...] a gente também teve a experiência de ter as vivências, após um conteúdo teórico, então a gente tinha essas duas situações em aula, a parte teórica e a parte prática. (LUÍSA, Ingressante em 2017).

Teve bastante vivência prática. (GAEL, Ingressante em 2016).

A aula era 99% voltado pra prática. (MARINA, Ingressante em 2017).

Na minha mente eu lembro muita coisa prática, por exemplo, de como funcionava as aulas [...] Parte teórica assim, não tem muita coisa na minha cabeça [...]. (Sophia, Reingressante em 2019).

Não teve muito teórico. (ISABEL, Ingressante em 2017).

Nota-se sob a ótica dos discentes, uma percepção de valorização da prática, das vivências corporais das Lutas propriamente ditas, em detrimento da teoria, conhecimentos estruturados acerca das ciências-mães (biologia, psicologia, sociologia etc.). Essa relação dicotômica, é tida como um desafio a ser mediado pelos docentes, uma vez que:

No passado, o aluno até reclamava demais que se tinha muita disciplina prática e não tinha muita teoria, então você tinha que dar mais teoria. Hoje, já estão dizendo que é ao contrário. (AYRTON, Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

As adversidades encontradas na relação entre teoria e prática, podem ser interpretadas pela influência de uma concepção restrita de prática, que diante dos relatos de discentes e do docente Ayrton podemos interpretar que ocorra uma segmentação das disciplinas relacionadas a Lutas em dois polos isolados entre si:

O primeiro polo supervaloriza os conhecimentos teóricos, acadêmicos, desprezando as práticas como importante fonte de conteúdos da formação. Existe uma visão aplicacionista das teorias. O segundo polo, supervaloriza o fazer pedagógico, desprezando a dimensão teórica dos conhecimentos como instrumento de seleção e análise contextual das práticas. Neste caso, há uma visão ativista da prática. (BRASIL, 2001).

Assim, a regência destas disciplinas mais se aproxima de teorias prescritivas e analíticas, deixando para as práticas formativas o momento de colocar esses conhecimentos em prática. A docente Fátima entende que “esses dois momentos são um só na verdade”, não devendo existir uma fragmentação do conteúdo em que se estabelece “agora é teoria, agora é prática”, parte de uma premissa que o sujeito é o centro das intencionalidades, ou seja, os significados dados as vivências que são propiciadas no campo das Lutas, quando exteriorizados, são importantes na medida em que podem sempre estar sendo reelaborados, de modo que integrem outros conhecimentos:

Então quando eu olho para a abordagem de qualquer fenômeno, eu vou abordá-lo dessa forma integral, por isso que quando eu falo de vivência eu também ao mesmo tempo estou trazendo a história, também estou trazendo a cultura, os aspectos culturais, inclusive construindo com os discentes essa cultura, ressignificando isso. (FÁTIMA, Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

Na opinião da Professora Cláudia, a gênese do aparente impasse entre teoria e prática, está na mediação, quando se compreende:

[...] que o curso de formação é para o aluno aprender a executar, a gente já incorre no primeiro equívoco. E aí, eu acho que quando a gente se preocupa com aluno saber executar, eu acho que a gente faz uma grande decisão entre teoria e prática [...] então eu me preocupo com a ideia de se ensinar a fazer só, como se aquilo fosse instituído e o graduando tende a naturalizar e dizer “Ah essa prática sempre foi assim”. Primeiro que nada, nunca, é sempre do mesmo jeito, a vida inteira, as coisas sempre se modificam ao longo do tempo, se não se modificaram em seu interior, elas podem modificar em percepção. Então isso o aluno precisa aprender, mas se você separa teoria e prática, nessa perspectiva aí da execução, vai ser difícil que o

futuro Professor aprenda isso. (Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

Os receios expressos na fala da Professora Cláudia, se configuram nas palavras de Gael:

A gente mais executou e mais aprendeu sobre a Luta X, para que depois a gente pudesse ensinar, através do que a gente tinha aprendido. Foi baseado nisso. (Ingressante em 2016).

A atual e acentuada separação da díade, teoria e prática, no ensino e aprendizagem de Lutas durante a Formação Inicial de Licenciandos em Educação Física, pode ser elucidada pela expectativa criada em que torno do aluno, que desde um primeiro momento esperasse que este aprenda a executar um movimento específico de determinada Manifestação da Cultura Corporal de Movimento, neste estudo representados pelas Luta X, Luta Y e Luta Z, que em decorrência desse fato inicial, a tendência acaba sendo a de:

[...] separar mais teoria e prática, porque aí você vai falar de elementos teóricos, fundamentos daquela manifestação e na hora da manifestação em si, você vai fazer, vai executar, vai aprender. (CLÁUDIA, Representante Docente Suplente do Conselho de Curso).

A concepção de aula teórica nas disciplinas relacionadas a Lutas neste currículo, ainda é interpretada, como um momento em que mantém forte vinculação a ideia de ir a:

Uma sala, sentar e ver alguma coisa. O Professor escrever na lousa, trazer conteúdo da lousa. (DANTE, ingressante em 2016).

A aparente carência no desenvolvimento de conteúdos teóricos, é considerado por Luísa, como um limite no processo de aprendizagem dessas disciplinas:

Eu acho que faltou um pouco a gente ter momentos de reflexão, ter momentos de a gente conhecer além da prática, entender o movimento: “Por que acontece?”; “Como que as pessoas faziam?”; “De onde surgiu?”. Então, acho que faltou muito isso pra gente, toda essa parte histórica da Luta a gente não teve conhecimento. (Ingressante em 2017).

No que se refere a prática, o Professor Rogério compartilha conosco que o desenvolvimento desta etapa, está centrada:

[...] no aprendizado de habilidades. (Docente Responsável por já ter Ministrado a Disciplina Y de Lutas).

Podemos compreender o termo habilidades, em termos de proficiência, como um ato ou tarefa em que o principal determinante do sucesso é a qualidade do movimento que o executante produz (SCHMIDT; WRISBERG, 2000, p. 26), os autores consideram que algumas características proeminentes que distinguem uma atividade da outra, precisam ser levadas em consideração ao classificar essas habilidades, dentre elas a importância relativa dos elementos motores e cognitivos e o nível de previsibilidade do ambiente durante a performance.

Na visão da Professora Fátima, essa metodologia de ensino ao considerar a aprendizagem intimamente ligada ao desenvolvimento de performance, expõe-se ao risco de “instrumentalização” do conhecimento.

Os depoimentos a seguir ilustram uma consonância ao ponto de vista declarado pela Professora Fátima. Melina relata sua sensação como discente:

Eu acredito que a disciplina X de Lutas foi bem voltada para a questão tecnicista. Os movimentos em si, uma sequência de movimentos, uma construção mais prática do que teórica. (Reingressante em 2019).

Theodoro é enfático ao afirmar que:

Basicamente a gente teve a vivência corporal da Luta X e foi uma experiência bem prática, onde a gente tinha quase que treinamentos ali e foram poucas vezes que a gente teve contato com a teoria, com algo pedagógico [...] foi uma experiência inicial plenamente corporal, pouco de teoria e pouca explanação, pouca conversa, era mais falar e fazer, “a faz isso e pronto”. (Ingressante em 2017).

O raciocínio do graduando Otto segue no mesmo sentido, pois em sua fala ressalta que:

Eu lembro que foi uma didática bem prática, que a gente ia e fazia uma aula muito próxima do que seria se a gente fosse em uma academia. (Reingressante em 2020).

A síntese entre a proposta de ensino destas disciplinas e as respectivas análises das vivências práticas realizadas pelos discentes, convergem para o enaltecimento da técnica, indicada pela abstração do como fazer, do mecânico, do controlado, da repetição, denotando para a execução de determinadas funções ou tarefas, como um fim em si mesma.

A mobilização por um conjunto de conhecimentos didáticos que favoreçam a apropriação de estratégias metodológicas de ensino e que propiciem vivências que aproximem os discentes de seus âmbitos de atuação, são favorecidas pela realização de práticas formativas, que notoriamente herdaram características do saber docente sobre determinada manifestação cultural de movimento. Segundo Vasconcellos (1992) “a articulação, ou melhor, o não rompimento do conhecimento em relação à prática social que lhe deu origem”, são determinantes para a construção do conhecimento da práxis pedagógica.

A concepção de prática como eixo central apresentada no PPP (2015, p. 40) ao apresentar que “a articulação entre teoria e prática não pode ficar sob a responsabilidade restrita de uma ou outra disciplina isolada desarticulada do restante do Curso, sob pena de continuar reproduzindo a dicotomia entre teoria e prática” questão historicamente problemática na história da Educação Física na educação superior.

No próximo tópico conceitua-se práxis e em seguida discute-se a interação didático pedagógica, atentando-se as singularidades expressas por discentes e docentes ao comentarem suas experiências e conhecimentos sobre o tema Lutas, com a finalidade de articular a preparação profissional de professores durante a formação inicial, ao processo de amadurecimento prático-pedagógico para intervenção profissional no âmbito escolar.

3.1.1.1 A Práxis Pedagógica

As abordagens pedagógicas, voltada para o processo de ensino e aprendizagem, segundo Genú (2018) devem “apreciar o processo para a formação humana, para além da mecanização da aprendizagem, requer partir dos conhecimentos culturais e do conhecimento sistematizado”. De acordo com a mesma autora é por meio da apropriação epistemológica pelo professor que a relação do ensino-aprendizagem se desenvolve para além do domínio de técnicas pedagógicas.

A perspectiva fenomenológica de análise considera que a realidade é construída socialmente pelo homem, mais especificamente tratando-se da formação de professores, para que o objeto de conhecimento que o professor propõe torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o aluno, enquanto ser ativo que é, esteja mobilizado para isto, ou seja, que dê significado aos objetos, às situações e às experiências vividas, que dirija sua atenção, seu pensar, seu sentir, seu fazer sobre o objeto de conhecimento (CALDEIRA; ZAIDAN, 2013; VASCONCELLOS, 1992).

Numa primeira aproximação junto aos graduandos do último ano do Curso de Licenciatura em Educação Física, uma constante manifestação na fala destes ganha destaque, muitos são os alunos que relatam ter tido pouco ou nenhum contato prévio com o tema Lutas antes de ingressarem no ensino superior:

Eu não conhecia, eu não tinha tido experiência nenhuma, foi a primeira vez que eu tive. (RUAN, Ingressante em 2016).

Eu nunca tinha tido contato com nenhum tipo de Luta, a vivência em si eu nunca tive, [...] então eu achei interessante, pensando nessa perspectiva, assim, de nunca ter vivenciado. (LUÍSA, Ingressante em 2017).

Na disciplina X de Lutas, eu pude ter um primeiro contato com a modalidade. (OTTO, Reingressante em 2020).

Quando eu entrei na faculdade era um tema que eu era muito “ignorante” na verdade, entendeu?! Porque não era uma coisa que eu tive acesso na minha época de escola, eu nunca tive uma aula de Lutas, por exemplo. Nenhuma brincadeira que incluísse esse tema, por exemplo. (LUNA, Reingressante em 2020).

Ou mesmo quando mencionado alguma experiência prévia com Lutas, percebe-se que a vivência corporal é realizada em ambientes externos ao âmbito escolar:

Eu já pratiquei, sempre pratiquei artes marciais, principalmente a Luta X que eu já tinha praticado em um dojô. (ESTEVÃO, Ingressante em 2017).

Eu já treinei Taekwondo por um bom tempo, numa academia, para treinar especificamente isso. (MARINA, Ingressante em 2017).

Para a Professora Fátima, as Lutas e outras manifestações da cultura corporal de movimento, como as Danças, acabaram sendo postas em segundo plano como um dos conhecimentos a serem tratados na Educação Física Escolar, por conta de um modelo característico de uma abordagem tradicional de ensino que perdurou por um longo período na formação inicial de professores e que estabelecia um modelo em que para desenvolver o ensino-aprendizagem relativos a esses conteúdos, entendia-se que:

O ensino na escola destes fenômenos, desses elementos da cultura, que muitas vezes no passado, na minha geração eu posso te dizer, ficou relegado. ‘Por que?’, porque a gente entendia que nós tínhamos que dominar, que tínhamos de saber fazer. (Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

Assim, evidencia-se que este entendimento em que se deve haver o domínio sobre a prática ou mesmo o saber fazer, podem perpassar por gerações, ocasionando em opiniões

desfavoráveis que nem sempre são baseadas em dados objetivos, mas que são fundamentadas unicamente em um sentimento hostil motivados por hábitos de julgamento ou generalizações apressadas:

Até porque para mim, que nunca tinha tido nenhuma experiência, a não ser na Universidade, então foi o meu primeiro contato e [...] eu estava com um receio de não gostar da disciplina, mas tipo por nunca ter tido nenhuma vivência, nenhuma prática e acredito que a didática serviu para que eu tirasse, digamos: um certo pré-conceito de que eu talvez não fosse gostar e porque eu gostei muito da disciplina, então, para mim, a didática foi boa. (DANTE, Ingressante em 2016).

O projeto político-pedagógico ao apresentar a Concepção de Conteúdos como um dos eixos norteadores da organização curricular (PPP, p. 37 – 38), discorre uma breve discussão e síntese em torno da seleção e sistematização dos saberes e conhecimentos a serem desenvolvidos na educação escolarizada, educação física na escola e educação física no ensino superior:

Embora se saiba que a educação escolarizada selecione e sistematize saberes e conhecimentos que provém da cultura, assim como a Educação Física na escola “recorta” e tematiza, com propósitos pedagógicos, conteúdos da cultura corporal de movimento, adequando-os às atividades escolares próprias das diferentes etapas e modalidades da educação básica e às características dos próprios alunos e do contexto escolar, a formação do docente há de ser mais ampla. Quer dizer, os conteúdos que compõe o currículo da graduação são mais amplos do que os conteúdos do programa desenvolvido pelo professor na educação básica. (PPP, 2015, p. 37 – 38).

Entendendo estes momentos como distintos, mas ao mesmo tempo como partes que integram um mesmo processo de ensino e aprendizagem como um todo, o Professor Ayrton destaca para a importância de os discentes em sua formação inicial terem o maior contato possível com as diversas práticas da cultura corporal:

Eu acho que isso tem que ser estimulado, [...] não faz ali, nunca mais vai fazer em lugar nenhum, nunca mais, porque não vai ter outra oportunidade [...] e dentro da universidade você vai poder ter um contato mínimo, para depois ter uma certa autonomia, para você buscar conhecimento após a formação, mas você tem que ter a experiência básica ali, não tenha dúvidas. (AYRTON, Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

O oferecimento destas disciplinas, disciplina X de Lutas e disciplina Z de Lutas, podem sinalizar para um indicativo de futuras possibilidades de mudanças para a intervenção didático-pedagógica no campo das Lutas e enriquecimento de tradições e costumes destas

práticas até então desconhecidas ou pouco vivenciadas, conforme relata Melina ao descrever como sentiu o seu progresso durante o desenvolvimento das disciplinas relacionadas a Lutas:

Por mais que as disciplinas apresentem algumas limitações, no entanto eu acredito que todos estamos sujeitos a isso, e o curso em si também, então cada ano o objetivo é melhorar, mas assim, o que eu posso tirar disso é que eu tive o primeiro contato tanto com a disciplina X de Lutas, como com a disciplina Z de Lutas. Então isso foi de grande aprendizado para mim, porque agora na Licenciatura, nos estágios, eu tenho passado por esse processo e eu acredito que se eu não tivesse tido essa vivência antes eu teria passado mais dificuldades, claro que com a prática a gente aprende, com os anos de prática, mas ali de saber o nome, de onde veio, porque as crianças são curiosas e elas vão perguntar, vão querer descobrir coisas novas e eu acho que é nosso papel ali orientar de alguma forma, então pelo menos o básico para instigar a gente a querer procurar e saber mais. Então assim, eu tive o primeiro contato ali e o interesse em querer estudar um pouco mais sobre isso, talvez se eu não tivesse passado pelas disciplinas do curso, eu nunca teria lido nada sobre a disciplina Y de Lutas, porque foi uma coisa que nunca me interessou, disciplina X de Lutas muito menos, porque eu sempre fui voltada para outros esportes. Tive um contato com Lutas bem simples, mas acredito que esse primeiro contato é importante para gente desenvolver também quem sabe ali, alunos que queiram estar atuando com isso, mais nesse sentido de o primeiro contato ser importante para gente ali na graduação. (MELINA, Reingressante em 2019).

O professor Ayrton realiza um adendo a fala da aluna:

Mas o que eu penso é o seguinte: quando eu tenho uma base teórica sólida, eu aumento a minha capacidade de repertório e de convencimento para o desenvolvimento das nossas atividades práticas, certo?! Eu acho que isso é muito difícil, demora muito tempo para você entender isso.
[...] Então essa formação mais geral, generalista, eu acho que ela seria interessante e importante para o desenvolvimento, porque a gente tem muitas formas de desenvolver Lutas dentro da escola, nós poderíamos ter do ponto de vista de estratégia de colocar esse conteúdo, esse conhecimento pro aluno e despertar o gosto por essas atividades, mas não dessa forma clássica/ original daquilo que nós temos, que eu enxergo do desenvolvimento disso tudo nas academias, aquela coisa toda [...] eu vou apresentar os fundamentos a partir do momento que ele desenvolve essas habilidades, ele consegue ter domínio sobre elas. “O que vai acontecer?”. Ele vai despertar o gosto, e aí, ele pode se tornar uma pessoa que vá seguir e, se não for, todo esse aprendizado, esse repertório que ele desenvolveu, vai servir de certa forma para outras modalidades que ele vier a escolher para o futuro, pensando a longo prazo, na idade adulta, nisso nós temos a criação do repertório que ela é importante, estimulação desse repertório para vida como um todo do aluno. (Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

Levando em consideração o compartilhamento da experiência da discente Melina e as proposições realizadas pelo Professor Ayrton, podemos interpretar conforme Vasconcellos (1992) “que o processo de conhecer é o estabelecimento de relações significativas entre as representações/ ideias/ conceitos do sujeito e objeto, num determinado contexto”, a Concepção de Aprendizagem adotada no PPP (2015, p. 38 – 39) defende que:

Os indivíduos constroem seus conhecimentos em interação com a cultura na qual vivem, com os demais indivíduos e colocando em uso suas capacidades pessoais. O que se pode aprender em dado momento depende das formas de pensamento de que se dispõem dos conhecimentos já construídos e das situações de aprendizagem vivenciadas. Por isso, fala-se em constituição de competências, na medida em que o indivíduo se apropria de elementos com significação na cultura. É importante observar que não há oposição entre conhecimentos e competências, pois não há real construção de conhecimentos sem que resulte, do mesmo movimento, a construção de competências. (PPP, 2015, p. 38 – 39).

Este processo nem sempre dependente da motivação intrínseca do educando, que ainda de acordo com Vasconcellos (1992) cabe ao educador “orientar quanto ao processo de conhecimento, revelar ao aluno como deve ser a abordagem do objeto para que se possibilite o melhor conhecimento”, ou seja, ao se estabelecer uma esfera favorável ao ensino e aprendizagem de Lutas, que englobe sentido aquela prática, a assimilação do conteúdo e a construção do conhecimento é facilitada.

Não se trata de dizer que ensinar é uma tarefa fácil de se realizar, mas sim de proporcionar ao aluno, ao grupo de alunos, a turma ou termo, vivências didáticas realizadas através de exposições dialogadas que estabeleçam uma relação de proximidade entre professor-alunos, alunos-alunos, que por intermédio do estímulo a pesquisa teórica entenda-se a origem de determinada manifestação cultural, suas relações sociais, antropológicas, aspectos filosóficos que fundamentam as condutas de comportamento de seus praticantes dentro e fora do contexto que determinada Luta é difundida, aspectos históricos que constituem características de uma manifestação específica do campo das Lutas a qual pretende-se trabalhar e suas implicações com aquilo que conhecemos sobre a mesma nos dias de hoje; pesquisa de campo aproximando os discentes aos seus respectivos espaços de intervenção, colocando em contato direto licenciandos com professores que já atuam, buscando promover a interação e integração entre os que estão imersos a prática profissional e aqueles que estão em formação, identificamos essas características no seguinte trecho destacado no PPP, em que do ponto de vista metodológico:

É necessário propiciar situações de aprendizagem focadas em situações-problema ou no desenvolvimento de projetos que possibilitem a interação dos diferentes conhecimentos, organizados estes em áreas ou disciplinas. É preciso que os futuros professores sejam desafiados por situações-problemas que os confrontem com obstáculos que exijam superação, e que experienciem situações didáticas nas quais possam refletir, experimentar e agir, a partir dos conhecimentos que possuem. (PPP, 2015, p. 39).

Gatti et. al. (2019) ao discorrer sobre experiências inovadoras na formação inicial e continuada de professores e professoras, tecem comentários a projetos didáticos que

desenvolveram propostas renovadoras em relação ao que vinha sendo desenvolvido perante à aprendizagem da docência do futuro professor com estudantes de educação básica, um dos projetos didáticos que destacam é o de autoria de Neira (2017) intitulado “Análise e produção de relatos de experiência da educação física cultural”, que por se tratar de uma proposta analítica recente o autor do projeto se sentiu:

Desafiado a mudar essa realidade, ou seja, em diminuir o distanciamento entre o que se ensina na universidade e na realidade escolar, esse formador motivou-se a tomar a decisão de transformar os saberes produzidos pelos professores da educação básica em conteúdos da disciplina metodologia do ensino da educação física. (GATTI, 2019, p. 2017).

A práxis nas disciplinas relacionadas a Lutas, aparenta estar distante de ser algo concreto, uma vez que poucos são os relatos que nos permitem identificar uma reflexão sobre a prática das atividades, quando mencionado algo sobre a apropriação do conhecimento, compreende-se uma mudança relacionada a percepção dos pré-conceitos sobre as Lutas e, não uma reflexão sobre o pensar e fazer, fazer com o outro, ser e fazer (GENÚ, 2018, p. 65). A ausência destes momentos leva-nos à discussão do saber docente, que será aprofundada no próximo tópico.

3.1.2 O “saber docente”, escolhas e implicações

As especificidades da formação profissional dos próprios formadores de professores, ganha relevo durante a exploração do material quando os correspondentes do grupo docente, passam a exemplificar em seus relatos uma aproximação com as suas respectivas experiências na área em que atuam, transparecendo um paradigma técnico-instrumental que nos permite analisar a discussão da dicotomia entre teoria e prática no ensino e aprendizagem das Lutas, atentando-se a um panorama mais amplo em que o conjunto dos saberes que fundamentam o ato de ensinar no ambiente escolar (TARDIF; LESSARD, 2000 apud TARDIF, 2002, p. 60), são saberes provenientes de fontes diversas, tais como a “formação inicial e contínua dos professores, currículo e socialização escolar, conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, experiências na profissão, cultura pessoal e profissional, aprendizagem com os pares” (TARDIF, 2002).

O Professor Ayrton, ao ponderar sobre as dificuldades em desenvolver competências pedagógicas nas disciplinas como as Lutas e todas as demais disciplinas que compõem o fluxo curricular de ambos os períodos, Integral e Noturno, do Curso de licenciatura em

Educação Física que estão diretamente ligadas a dimensão da prática (PPP, p. 59), recria sua intervenção enquanto docente e comenta sobre a aparente adversidade do saber-ensinar em um grupo múltiplo:

[...] em determinado momento eu percebo que o meu discurso durante o desenvolvimento do meu conteúdo, ele acaba que sendo dirigido muito mais pra quem está com ideia em trabalhar na Licenciatura, do que com quem tá com ideia de trabalhar no Bacharelado. [...] Agora, um ponto também que eu percebo dentro dessa dificuldade é que nós professores, também às vezes alimentamos isso. O professor que tem o perfil mais do Bacharelado, muito provavelmente, ele vai já trabalhar uma disciplina dessa com uma tendência maior a atender o... vamos dizer assim: a essa área, esse nicho. Já o que está mais na Licenciatura, talvez ela possa até pender um pouco mais pras questões, se atendendo ao... voltar mais o seu discurso, os seus conteúdos para a Licenciatura. Então, isso é uma coisa que de fato é muito difícil. (Representante Docente Titular do Conselho de Curso).

Tardif (2002) atribui a noção de “saber” que conferida em sentido amplo engloba “os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, saber-fazer, e de saber-ser”. A estes saberes, a professora Cláudia realiza uma associação a construção curricular dos Cursos de Graduação em Educação Física, que inicialmente eram balizadas pelas Licenciaturas, e que em sua opinião, após as mudanças mais recentes instituídas a este currículo, houve uma “dissipação da Licenciatura” em Educação Física, quando ocorre a entrada do Bacharelado, que passa a integrar as modalidades de ensino oferecidas pelo curso. Esta implementação acarretou a demanda por novas contratações docentes, para atender as características de um novo curso que foi constituído por referenciais teórico-conceituais específicos da área das ciências biológicas, caracterizando um Curso de Bacharelado em Educação Física com núcleo temático aprofundado em Aptidão Física e Saúde, na proporção em que “é um curso mais voltado pra questão da... orientado pelas... pelas quatro bases aí que seriam: as doenças cardíacas, as doenças relacionadas a diabetes, as doenças osteoarticulares e as deficiências em si, não doenças, mas é o quadro que orienta a base desse currículo”, comenta a Professora Cláudia. O corpo docente que se constitui em virtude deste processo de mudanças, é tido pela mesma como “bem específico” e que apresenta “certa dificuldade em dialogar com a Licenciatura”, justamente pelo distanciamento existente entre os objetivos definidos para cada curso e seus respectivos contextos de atuação. No Projeto Político Pedagógico do curso de Bacharelado em Educação Física, da referida Universidade Pública Estadual, o documento apresenta como objetivo:

Formação inicial de profissionais em Educação Física aptos a avaliar, prescrever e orientar programas de exercícios físicos, visando a aptidão física para o rendimento físico ótimo, e a prevenção de distúrbios metabólicos, funcionais e motores em pessoas saudáveis nas diferentes fases do seu desenvolvimento, bem como a reabilitação da saúde em pessoas com diferentes níveis de condição patológica associada a estes distúrbios. (PPP - Bacharelado, 2015, p. 33)

Ao destacar suas experiências como docente responsável por já ter ministrado a disciplina Y de Lutas, Rogério apresenta como fonte primária os vários conhecimentos da matéria e do conhecimento relativo ao planejamento das aulas e, quanto à sua organização:

A gente organizava as atividades de acordo com a parte da complexidade da tarefa, a gente organizava de acordo com aquilo que é mais simples de ser aprendido, daquilo que é considerado básico para conhecer o perfil de um determinado esporte, ou seja, o que é que eu tenho de corpo de conhecimento mínimo para o aprendizado. Então nós tínhamos ali uma “ferramenta”, que eu sempre comentei por ser uma área de minha atuação, muito realizado a parte de desenvolvimento Psicobiológico, porque ali a gente, associava uma fase por exemplo de desenvolvimento humano com a sua habilidade mais adequada pra estimular ou ser realizado. Bem, mas isso é eu, enquanto profissional, por conta da minha área mais próxima da Fisiologia.

Ao aderir por uma dimensão do conhecimento técnico-instrumental em que se estuda os princípios e bases teóricas que regem os processos de controle e aprendizado da ação motora (PPP, 2015, p. 55), o professor aborda aspectos didáticos-metodológicos importantes no ensino-aprendizagem do movimento da Educação Física fundamentados na Fisiologia do exercício, nos princípios básicos do condicionamento físico e os princípios e técnicas de avaliação físico-motora.

No entanto, ao considerar o corpo de conhecimento mínimo para a aprendizagem da disciplina como uma “ferramenta” e com fins em se conhecer o perfil de um esporte, a relação ensino-aprendizagem se distancia do estudo da história, assim como as transformações didático-pedagógicas, articuladas com a finalidade e o contexto da instituição escolar (PPP, 2015, p. 54).

Nesta discussão não temos a pretensão de fazer juízo de valor dos aspectos didático-metodológico oriundos das entrevistas, apresentando o que é certo ou o errado, mas sim de compreender suas implicações, diretas e indiretas, no ensino-aprendizagem que:

Particularmente, na Educação Física o denominado “conhecimento de trabalho” ou “saber docente”, nem sempre passível de verbalização ou teorização, parece desempenhar o importante papel na história de professores bem-sucedidos no ensino de habilidades motoras e esportivas, dando respaldo a afirmação de que profissionais “sabem mais do que conseguem dizer”. (PPP, 2015, p. 36).

Assim, finalizamos o presente capítulo, tendo discorrido sobre a constituição curricular do PPP, seleção dos conteúdos na formação inicial de professores e suas implicações teórico-práticas, e o “saber docente” como mediador desta relação dicotômica.

3.2 Avaliação das Aprendizagens em Luta

O processo das práticas avaliativas no ensino e aprendizagem das disciplinas relacionadas a Lutas, são aspectos que merecem serem tratados com desvelo, pois ao investigar os procedimentos e momentos de avaliação, estamos analisando o que os discentes aprenderam e as práticas pedagógicas mobilizadas pelos educadores para possibilitarem e direcionarem essa aprendizagem.

A aprendizagem procede da mobilização, construção e da elaboração da síntese do conhecimento (VASCONCELLOS, 1992), sendo plurais os momentos que se estabelecem o efetivo processamento do conhecimento, não devemos entender avaliação, de acordo com Mendes, Nascimento e Mendes de “forma reducionista, autoritária, classificatória e quantitativa dos sistemas de avaliação já instituídos, quanto à compreensão da avaliação apenas como um produto final da aprendizagem”, há de ser entendida como parte da formação, que tendo clareza dos objetivos de aprendizagem estabelecidos, possibilitem a inclusão de estratégias metodológicas diversificadas no campo sociocomportamental e no campo cognitivo, que possibilitem aos discentes identificarem quais são os momentos de avaliação formal e informal e quais os aspectos a serem considerados para a atribuição de conceitos avaliativos do processo de ensino-aprendizagem, os quais serão úteis para a autoavaliação do professor repensar e replanejar sua atuação didática e de forma indireta determina a qualidade do processo de ensino, isto é, o sucesso do trabalho docente, em que o aproveitamento do aluno reflete, em grande parte a atuação didática do professor (HAYDT, 1997).

A formulação mecânica de objetivos, fomentam a questão tradicional problemática da Educação Física em avaliar especificamente o desempenho físico-motor, restringindo a avaliação aos famosos objetivos operacionais da prática tecnicista (VASCONCELLOS, 1992). Se pensarmos na formação do Licenciando em Educação Física e seu contexto de atuação, a escola, o processo avaliativo segundo Vasconcellos (1992) deve incluir “a dimensão teleológica da educação, da sua intencionalidade”, além disso:

Uma parte dos processos avaliativos deverão ser similares ao que se recomendam sejam utilizados na Educação Física Escolar, ou seja, não se pode apresentar determinados procedimentos como mais adequados para a Educação Básica, e utilizar outros nas próprias disciplinas do curso de graduação. (PPP, 2015, p. 43).

Assim, na atribuição de conceitos aos graduandos, o PPP analisado destaca cinco (5) recomendações (PPP, 2015, p. 43) para um melhor aproveitamento deste processo pedagógico:

I. A avaliação deve ser contínua, compreendendo as fases que se convencionou denominar: diagnóstica ou inicial, formativa e somativa.

Essas três etapas que constituem o processo de avaliar, são dotadas de informações diferentes e com propósitos distintos, que permitem ao docente organizar e interpretar estas informações para tomar decisões (CARVALHO, 1994, p. 136). A dimensão projetiva da intervenção docente, busca conhecer quais as necessidades, interesses, representações, valores, experiências, expectativas, problemas que os discentes colocam, para que possa se dar a interação educativa e a construção do conhecimento, bem como a instrumentalização, para que o educando possa continuar autonomamente a elaboração do conhecimento (VASCONCELLOS, 1992).

A avaliação inicial orienta o processo de ensino-aprendizagem e nota-se a presença deste processo no relato do discente Gael:

Pelo que eu me lembro, a Professora ela avaliava a gente no início da disciplina, ela via como que a gente estava, mais ou menos em relação à Luta Z, em relação a cultura corporal do movimento que a gente tinha, o quê que a gente podia fazer e o quê que não, ela foi trabalhando em cima disso, foi sempre procurando evoluir o que ela dava nas aulas anteriores. (Ingressante em 2016).

A abordagem inicial, é um momento importante, pois podem aparecer visões equivocadas que, se não forem trabalhadas no sentido de uma superação, funcionarão como obstáculos epistemológicos na aprendizagem (VASCONCELLOS, 1992), por isso tem-se como objetivos fundamentais da avaliação inicial, diagnosticar às dificuldades e limitações dos alunos face as atividades previstas e prognosticar seu desenvolvimento (CARVALHO, 1994).

A avaliação formativa regula o processo de ensino-aprendizagem aproximando-o dos objetivos de aprendizagem definidos, o docente Rogério compartilha conosco como desenvolveu esse processo na disciplina Y de Lutas:

Nós tínhamos as avaliações práticas acontecendo primeiro, juntamente com cada etapa de evolução, tá bom?! Então a partir de cada conjunto básico a ser ensinado, nós entrávamos com uma aplicação prática. Aí a parte teórica vinha após o fechamento dessa parte prática e depois por fim para finalizar a disciplina vinha os conhecimentos sobre as aplicações acadêmicas pra fazer o fechamento final da disciplina. (Docente Responsável por já ter Ministrado a Disciplina Y de Lutas).

Podemos identificar duas modalidades distintas, mas complementares no modo como o docente desenvolveu o processo de avaliação formativa na disciplina Y de Lutas que ministrou no passado. A primeira delas pode ser entendida como avaliação contínua, quando em seu relato apresenta que “a partir de cada conjunto básico a ser ensinado, nós entrávamos com uma aplicação prática”, entende-se que esta era uma avaliação que ocorria informalmente em todas as aulas, estabelecida por interações interpessoais nas relações entre docente-discentes e discentes-discentes, e mesmo intrapessoais. A “parte teórica” e os “conhecimentos sobre aplicações acadêmicas pra fazer o fechamento final da disciplina”, revelam um caráter formal e pontual de avaliação, que demonstra sinteticamente o que foi aprendido em um determinado período e autentifica a avaliação contínua.

A formação somativa permitiu ao docente uma sistematização de critérios, que condicionam a atribuição de conceitos avaliativos, a serem pensados de modo que possibilitem uma mensuração das atividades propostas. Para a docente Fátima, os critérios de avaliação devem ser estabelecidos em conjunto com os discentes, é um momento em que deve haver uma construção coletiva que atribua significado a prática pedagógica dos docentes e significância aos discentes, quando estes realizarem as atividades propostas:

[...] eu acredito que partindo desse pressuposto que você precisa ter a didática, as competências, então a gente olha para as competências para **construir com os alunos alguns elementos ali, os critérios que a gente vai avaliar**, mas a gente parte das competências se ele teve a competência, a didática. Então a competência/didática que eu acredito engloba o domínio das estratégias metodológicas para ensinar aquele conjunto de conhecimentos, para organizar esse conjunto de conhecimentos e, também para colocar em ação esse conjunto de conhecimentos, eu penso que esses são os elementos que talvez possam nos dar alguns indícios, algumas indicações de **quais instrumentos avaliativos nós poderíamos construir juntos com eles**, pensando nessas competências. (FÁTIMA, Representante Titular do Conselho de Curso, grifo do autor).

Identificamos uma conformidade no relato da docente Fátima com as concepções de avaliação presentes no PPP (2015, p. 42 - 44) que ressalta “deve-se avaliar não só o conhecimento adquirido, mas a capacidade de acioná-lo e de buscar outros para realizar o que é proposto, ou seja, a avaliação só cumpre plenamente o seu papel se diagnosticar o uso funcional e contextualizado de conhecimentos”, o que corresponde ao relato da docente

quando esta apresenta que considera imprescindível que sejam proporcionadas situações que oportunizem o desenvolvimento de competências e didáticas para que os discentes estabeleçam domínio das estratégias metodológicas para ensinar determinado conjunto de conhecimentos, acredita que assim a consciência destes professores em formação sobre o seu processo de aprendizagem será favorecida e o percurso dos discentes será regulado por ações de sua formação.

Nos relatos destacados até o momento, nota-se a utilidade dos processos avaliativos para problematização da ação pedagógica, orientação e reorientação do processo de ensino e aprendizagem, contribuição para a autoavaliação do professor, assim como atribuição de conceitos aos discentes, de modo a situá-los com relação aos seus progressos e às exigências institucionais e culturais.

II. A avaliação deve englobar os domínios cognitivo, afetivo ou emocional, social e motor.

O Curso Superior em Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma formação crítico-reflexiva que o leve a autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento (BETTI, 1994a, 1994b; BETTI; ZULIANI, 2002), para que se atinja essa autonomia é necessário que seja possibilitado e estimulado ao discente durante a formação inicial o desenvolvimento do pensamento lógico e abstrato, a capacidade de análise e de crítica, em realizar uma abordagem mais complexa de aspectos teóricos, relacionados a aspectos socioculturais e biológicos (BETTI; ZULIANI, 2002).

Partimos da análise da dimensão técnico-instrumental, buscando a compreensão dos meios de avaliação da cultura corporal de movimento, que tende a revelar o desenvolvimento do comportamento motor, nas disciplinas relacionadas a Lutas, com aspecto de treinamento físico, frente ao emprego de técnicas e de atividades motoras sistematizadas:

Então, antes da avaliação a gente realizava treinos prévios, e aí, avaliação a gente realizou sequências de golpes. (MARINA, Ingressante em 2017, grifo do autor).

As disciplinas relacionadas a Lutas, no ensino superior em Educação Física, adquirem um sentido de prática de exercícios físicos e não prática profissional, quando se privilegia o desenvolvimento de habilidade motoras, compreendendo os fundamentos básicos como conteúdos compostos geralmente de repetições das técnicas, combinações diversas de técnicas de braço e perna, aplicados parado ou em movimento, que permitem aos discentes aprimorarem suas destrezas físicas, corrigirem a postura, a respiração, o deslocamento durante

a execução do movimento, neste contexto, ocorre um distanciamento dos propósitos das disciplinas acadêmicas, entendo os discentes enquanto praticantes e não mais como professores em formação, em um ambiente que mais se assemelha a prática de “treinos”, do que um espaço de intervenção pedagógica que ensine a ensinar.

Sobre o processo avaliativo que privilegia o desenvolvimento de atividades motoras, Gael, coloca que:

A gente teve que fazer o Kata, os 21 golpes, em sequência. Quem fizesse do jeito certo, que ele esperava, era aprovado. (Ingressante em 2016).

Na percepção expressa pelo discente Gael, a aprovação está automaticamente direcionada para o saber fazer, do que para o saber como fazer. O docente Ayrton, considera que o processo de avaliação não deve ser resumido apenas a avaliação da técnica em si, mas que deve ser avaliado se o discente:

Se tornou hábil suficiente, capaz suficiente pra transmitir o conteúdo, eu acho que isso é imprescindível, vamos imaginar o seguinte - eu não tenho que ver se o aluno aprendeu a fazer um rolamento pra frente, eu tenho que entender se ele aprendeu a se sentir capaz a ensinar esse rolamento pra frente, é isso que eu acho que é o mais importante, então a gente avaliar dessa forma e é muito complexo, avaliação é um negócio difícil, não é um negócio fácil, mas você enxergar o fato de o aluno fazer o rolamento pra frente de uma maneira perfeita, isso não quer dizer que ele estará em condições pra transmitir aquele conteúdo, isso não é um pré-requisito. (Docente Titular do Conselho de Curso).

Dante menciona suas memórias sobre o processo avaliativo:

Eu lembro da avaliação prática, que a gente tinha que fazer umas movimentações e tudo mais. Eu não lembro se teve a avaliação teórica, isso eu vou ficar devendo, porque eu não lembro realmente se teve ou não, mas o que eu lembro de ter usado foi a avaliação prática. Se eu não me engano, na disciplina a gente teve que fazer a realização do Kata, do primeiro Kata, acredito que tenha sido isso, mais algumas outras movimentações, mas foi bem bacana, foi uma avaliação que deu pra ver mesmo o que a gente aprendeu, mais na questão de movimentação mesmo. (Ingressante em 2016).

O modelo de avaliação técnica realizado, que enfatiza a execução dos fundamentos básicos, expressados pelo discente como “movimentações e tudo mais” e, “do primeiro Kata”, parece agradar ao discente por ter clareza daquilo que estava sendo avaliado e considera este um procedimento conveniente para a validação dos objetivos de aprendizagem propostos.

O termo Kata é constantemente identificado nos relatos dos discentes, Kata é um termo japonês, que em tradução literal pode ser interpretado como forma. É uma prática

comum de se identificar entre as artes marciais orientais, principalmente as que possuem o Japão como país de origem. Caracterizado por desenvolver sequências de movimentos pré-estipulados de ataque e defesa que simulam um combate real, pode ser desenvolvido individualmente, em duplas ou em grupos, variando de acordo com as especificidades de cada Luta e nos permite interpretar como o processo de aprendizagem do **Kata**, enquanto conteúdo da disciplina X de Lutas, foi marcante para o processo avaliativo da disciplina:

A avaliação, como a gente fez durante o semestre todo a prática corporal, a avaliação simplesmente foi a própria prática corporal. A gente teve que apresentar o **Kata**, algumas sequências de ataque e defesa, que naquele dia foi o exame de faixa, da faixa branca para amarela, foi isso avaliação. (THEODORO, Ingressante em 2017, grifo do autor).

O modelo de avaliação final da disciplina X de Lutas, nas palavras do discente Theodoro um “exame de faixa”, apresenta um modelo de avaliação semelhantes às corporações de ofício, que segundo Drigo et. al. (2011, p. 61) é o momento da “apresentação da “obra-prima” – os movimentos técnicos – a uma banca examinadora formada por outros mestres que avaliarão o aprendiz”, em que se exige dos discentes demonstrar o conhecimento prático, pertinentes ao conteúdo de graduação da qual é portador, “da faixa branca a faixa amarela”.

Ao contar o que protagonizou durante os processos avaliativos das disciplinas relacionadas a Lutas, o relato de Melina, se aproxima das palavras de Theodoro:

A avaliação que eu me lembre, teve que apresentar essa sequência de movimentos, que eu tinha dito, movimentos do **Kata**, com avaliadores externos, que são da Luta. Esses avaliaram o desenvolvimento da sequência, para observarem se os alunos estavam aptos para ganharem uma nova graduação. (MELINA, Reingressante em 2019, grifo do autor).

A discente Melina, faz uma ressalva sobre o papel do responsável da disciplina X Lutas, considerando que este não apenas restringiu-se a avaliar o desempenho pontual dos discentes na tarefa proposta, exame de faixa, compreendendo que:

O Professor da disciplina em si, ele não levou tanto para esse ponto, acho que ele quis promover a participação dos alunos em sala de aula e observar o que os alunos assimilaram do conteúdo, noção do movimento e não exatamente realizar perfeitamente. (Reingressante em 2019).

A avaliação final na disciplina X de Lutas é realizada através de demonstrações práticas sob a supervisão de uma comissão examinadora, que analisa os discentes para

verificarem se estão “aptos para ganharem uma nova graduação”, conforme destaca Melina. A banca de avaliação é formada por profissionais de Educação Física que atuam e se destacam no campo da Luta X e indicada pelo docente responsável pela disciplina, a vivência e experiência junto a convidados externos constam como um dos objetivos propostos no PE da disciplina X de Lutas, como podemos identificar neste estudo ao consultar o Quadro 4.

Para Betti e Zuliani (2002, p. 75) “não basta aprender capacidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente”, deve-se fornecer durante o processo de ensino-aprendizagem informações políticas, históricas e sociais, motivos e sentidos na prática corporal desenvolvida devem ser atribuídos, favorecendo atitudes positivas para com elas (BETTI, 1992; BETTI; ZULIANI, 2002).

A proposta avaliativa de elaborar uma coreografia de dança, para a disciplina Z de Lutas, situação relatada em um dos depoimentos pelo corpo discente, reuni informações que aproximam os conhecimentos socio-históricos-culturais aos fundamentos específicos da modalidade, de forma didática, entendendo-se que ao integrar os domínios cognitivo, afetivo ou emocional, social e motor em uma mesma apresentação, sendo esta uma ferramenta alternativa de avaliação, é possível despertar a vontade e emoção para a prática e a para apreciação do corpo em movimento (BETTI, 1992; BETTI; ZULIANI, 2002), percebe-se o envolvimento entre o sujeito e a atividade:

A avaliação a gente fez uma apresentação final, foi uma apresentação voltada como se fosse uma peça artística, a gente fez uma dança voltada pro jogo, como se fosse um ritual, mostrando uma história por trás daquilo, então ele não ficou observando só a questão tecnicista, mas a história que a gente queria passar, por tudo aquilo que a gente estava apresentando. (MELINA, Reingressante em 2019).

Verificamos no relato da discente Melina a aplicação de uma avaliação referente a disciplina Z de Lutas, em que foram desenvolvidas de forma cultural apresentações artísticas que contavam com movimentos expressivos da dança, da encenação lúdica intermediadas pelo jogo, como forma de manifestações dos conhecimentos que retratam percepções rítmicas e habilidades específicas ao jogo da Luta Z de maneira contextualizada, considerando as transformações culturais, sociais e históricas.

Sophia, no que se refere a musicalidade presente na disciplina Z de Lutas, complementa a fala de Melina:

Teve um trabalho pra Práticas Formativas, que a gente tinha que levar uma música e o grupo tinha que ensinar essa música pro restante da turma e, dessa música ia acontecendo o jogo da Luta Z. (SOPHIA, Reingressante em 2019).

A linguagem musical, os instrumentos e sua função ritualística são elementos essenciais para a roda, esta por sua vez é compreendida como o momento em que a síntese de todas as linguagens da Luta Z é concretizada.

Vasconcellos (1992) opina que o papel do educador “não se restringe à informação que oferece, mas exige sua inserção num projeto social, a partir do qual desenvolva a capacidade de desafiar, de provocar, de contagiar, de despertar o desejo, o interesse”, criando um ambiente prazeroso que estimule o processo de ensino-aprendizagem, como quando Isabel, relata suas experiências com a disciplina Z de Lutas:

Bastante roda de conversa e por ter essa proximidade, eu acho que fluiu uma roda de conversa muito boa, desde o entendimento que a gente estava tendo da matéria, do que a gente estava achando da disciplina (ISABEL, Ingressante em 2017).

A roda de conversa como mecanismo de uma construção dialógica entre docentes e discentes, é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala, contribui para o processo de ensino e aprendizagem, ao estimular o discente a se comunicar, melhor contextualizando o seu aprendizado, uma vez que este, passa a ter voz e novos conhecimentos passam a ser possíveis de serem realizados coletivamente (GUARDA et. al. 2017; SILVA, 2012). Além disso, constitui-se um alicerce para a construção do novo e um espaço, em que se parte do pressuposto, de que a roda de conversa pode auxiliar o aluno a tornar-se mais crítico, participativo e equilibrado na sua relação social (GUARDA et. al. 2017; SILVA, 2012).

Apesar de o documento analisado, PPP, sugerir variadas formas de avaliação que contemplem os domínios cognitivos, afetivos ou emocionais, sociais e motor, dentre elas:

Os processos avaliativos incluem aspectos informais e formais, concretizados em observação sistemática/assistemática e anotações sobre o interesse, participação e capacidade de cooperação do aluno, autoavaliação, trabalhos e provas escritas, testes para avaliação qualitativa e quantitativa de habilidades e capacidades física, resolução de situações problemáticas propostas pelo professor, elaboração e apresentação de coreografias de dança, exercícios ginásticos ou táticas de esporte coletivos etc. (PPP, 2015, p. 44).

Ocorre uma predominância nas disciplinas relacionadas a Lutas de avaliações que contemplam o comportamento motor e, especificamente, na disciplina de Lutas de matriz afro-brasileira há um estímulo maior dos domínios cognitivos, afetivos ou emocionais e sociais do que em comparação as disciplinas de Lutas de matriz oriental.

III. A avaliação deve referir-se aos conhecimentos científicos relacionados à prática das atividades corporais de movimento.

A interpretação da realidade e dos conhecimentos que constituem os objetos de ensino dos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos deve ser uma atitude cotidiana (PPP, 2015, p. 41), o documento ainda destaca a importância de desenvolver junto aos discentes o estímulo a pesquisa e atitude investigativa, bem como adaptar esta proposta ao processo de avaliação, incluindo-os nas situações de aprendizagem focadas em situações-problemas, para isso é necessário que o docente envolva propostas de atividades avaliativas que relacionem diferentes delineamentos de pesquisa “estudos de campo, pesquisas qualitativas, etc.”. O docente Rogério destaca os tipos de avaliação e os conteúdos que foram desenvolvidos sob sua supervisão na disciplina Y de Lutas:

Nós tínhamos ali uma avaliação teórica e uma avaliação prática, além de uma avaliação de uma dinâmica em grupo, sobre um tema específico. Então eu acho que essas perspectivas se complementam, porque eu acho importante ter o domínio da cultura, por exemplo, na Luta Y os nomes são em japoneses, são todas nomenclaturas japonesas, então é difícil, é difícil associar nome a uma técnica, é complicado, mas algum domínio tem que ser mostrado sobre isso. Então na prática a gente via se a pessoa sabia fazer essas relações. A parte teórica, estava relacionada a própria estrutura de aula e a questão histórico e competitivo da Luta Y, então aí é uma parte que completa todo o perfil da prática da modalidade, então quais são os conhecimentos básicos sobre a história, sobre a competição, sobre as aulas?! (Docente Responsável por já ter Ministrado a Disciplina Y de Lutas).

Podemos identificar três momentos distintos em que a avaliação é realizada, “avaliação teórica”, “avaliação prática” e uma terceira avaliação realizada como uma “dinâmica em grupo”, mas que estabelecem relação direta entre si e que na percepção do docente “se complementam”. A dicotomia teoria x prática reaparece estando presente não só no modo de transmitir os conteúdos das disciplinas relacionadas a Lutas, como já abordado anteriormente neste estudo, mas também no modo como avaliar o processo de ensino-aprendizagem das mesmas. A avaliação teórica se dá por meio da construção e assimilação de termos, nomenclaturas específicas que preservam a tradicionalidade do idioma do país de origem em que a Luta Y foi criada, Japão, e que possuem significado singular dentro da modalidade e, que permitem identificar um conjunto de técnicas, expressões ritualísticas de conduta ou hierarquia, particulares da Luta Y. Estes procedimentos são desenvolvidos num plano conceitual que antecedem a prática, tidos como a “própria estrutura de aula”, neste contexto, pressupõe-se que quando se “domina” os elementos básicos da modalidade, compreende a trajetória histórica e sua relação enquanto modalidade esportiva, o discente

estará propenso a ter um desempenho melhor na avaliação prática, esta realizada em um segundo momento e que ratificará todo o processo.

Sobre o processo de avaliação compreendido em um plano teórico, Theodoro comenta:

Teve as teorias, que eram feitas a partir de trabalhos escritos, que a gente tinha que entregar, mas foram poucos trabalhos, a maioria deles eram ler texto, avaliação era isso, foi uns dois/ três trabalhos escritos. (Ingressante em 2017).

Têm-se na leitura prévia de textos uma aproximação conceitual com o conteúdo que será desenvolvido, este recurso didático-pedagógico possibilita a ativação de conhecimentos prévios e a retomada de conteúdos relacionados ao tema estudado. Na abordagem de aula invertida conforme esclarece Valente (2014, p. 86) “o aluno estuda antes da aula e a aula se torna o lugar de aprendizagem ativa, onde há perguntas, discussões e atividades práticas”, o papel do docente nessa prática passa a ser de mediador do processo (PEREIRA; DA SILVA, 2018, p. 68).

Em complemento, Luna e Melina, relatam:

A gente fez alguns relatórios na disciplina sobre algum texto que ele nos enviou ou algum filme que ele nos passou. (LUNA, Reingressante em 2020).

Tiveram alguns trabalhos de documentário, que a gente assistiu, resenhas, que foi complementando essa nota final. (MELINA, Reingressante em 2019).

O relatório é uma redação técnica com linguagem formal, em que a ideia principal é desenvolver um resumo claro, coeso e detalhado relatando sobre o desenvolvimento de um trabalho, nele, a metodologia utilizada, a bibliografia consultada e os resultados obtidos são características essenciais e a conclusão deve apresentar um fechamento das principais ideias envolvidas (DIANA, 2020), este recurso didático-pedagógico é importante para que estabeleça-se uma relação de proximidade do discente com a pesquisa e atitude investigativa, para que estes conheçam minimamente os contextos e espaços de investigação usados pelas diferentes ciências e não se tornem meros repassadores de informações (PPP, p. 41).

Thales cita, ainda, outros tipos de processo avaliativos o qual presenciou nas disciplinas relacionadas a Lutas:

A gente fez seminários, a gente fez trabalhos também em grupos, a gente foi avaliado na participação também e fomos avaliados em forma de autoavaliação. (Ingressante em 2017).

As capacidades de pesquisa, de sistematização dos fatos, de raciocínio e de conclusão são exploradas pelos seminários, conforme destaca o docente Rogério no seguinte trecho de seu relato:

E o seminário?! Onde a gente pega o que se procura, quais são os principais temas a serem investigados com relação a Luta Y, então nós tínhamos ali a parte fisiológica, a parte comportamental, nós temos a parte do próprio ensino, a parte relacionada ao desenvolvimento motor. Então essas questões relacionadas a Luta Y, que são temas digamos assim, mais aplicados, mais acadêmicos, também faz parte. Pra mostrar que existe a possibilidade aí de investigação, então não é só uma questão relacionada a um conteúdo fechado, mesmo que tenha uma perspectiva histórica já muito grande nessa parte esportiva, ainda há muito que se conhecer e o que se vem buscando conhecer. (Docente Responsável por já ter Ministrado a Disciplina Y de Lutas).

O principal objetivo do seminário é a propagação do conhecimento, o acesso aos conhecimentos e métodos da investigação acadêmica apresentam informações científicas nas diferentes áreas que compõem o tema Lutas e permite discussões a respeito delas. O docente ao contextualizar a avaliação, ao apresentar os critérios daquilo que será avaliado, ao determinar quais os temas que devem ser estudados, ao estipular o formato que as apresentações sucederão, se preocupa em promover um espaço democrático e facilitador para o compartilhamento das informações reunidas, que serão apresentadas pelos discentes, principalmente, através da linguagem oral.

Os recursos didáticos-pedagógicos relatórios, resenhas, seminários, possibilitam uma avaliação cognitiva dos conteúdos e objetos de aprendizagem nas disciplinas relacionadas a Lutas, que apresentam em boa parte de seu programa vivência corporais.

IV. A avaliação deve levar em conta os objetivos específicos propostos pelo programa de ensino.

O processo avaliativo parte da ação do professor, a atitude docente para Gil (2012, p. 34) envolve “decidir acerca dos objetivos a serem alcançados pelos alunos, conteúdo programático adequado para o alcance dos objetivos, estratégias e recursos que vai adotar para facilitar a aprendizagem, critérios de avaliação, etc.”. A avaliação possibilita ao docente verificar se os objetivos estão sendo atingidos ao longo da disciplina, para isso é importante conforme nos lembra Spudeit (2014) que o docente “deixe claro no plano de ensino como ocorrerá a avaliação indicando claramente os critérios usados, pesos, formas de avaliação, entre outras informações pertinentes para que o professor tenha esse instrumento para a tomada de decisão e o aluno saiba como será avaliado”.

Os Plano de Ensino são orientados pelo PPP, o primeiro é produto de uma construção individual, desenvolvida por um docente responsável por uma determinada disciplina, demonstra em termos mais concretos o que o docente irá realizar em sala de aula e como irá alcançar os objetivos educacionais propostos para a disciplina, o segundo orienta as metas e objetivos de aprendizagem e os meios que serão usados para concretizá-los, a elaboração deste documento é desenvolvida coletivamente e conta com a participação do corpo discente e do corpo docente. Caracteriza-se como objetivos específicos propostos pelo programa de ensino a:

Formação inicial de professores aptos a desenvolver programas de Educação Física Escolar no ensino infantil, fundamental e médio, visando o desenvolvimento das competências exigidas no processo de ensino e aprendizagem de conhecimentos, atitudes e habilidades por parte dos alunos que permitam orientá-los em direção ao exercício da cidadania crítica e à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento. (PPP, 2015, p. 36)

Dentre os objetivos das disciplinas relacionadas a Lutas, verificamos nos planos de ensino correspondentes das disciplinas X e Z de Lutas, bem como em seus respectivos planos de ensino de práticas formativas, os seguintes objetivos que atendem ao desenvolvimento de propostas pedagógicas voltadas para as especificidades da formação inicial de Licenciatura em Educação Física:

Objetivos da disciplina X de Lutas - 1. Executar técnicas básicas da Luta X e vivenciar os principais aspectos filosóficos desta arte; 2. Discutir e analisar as características específicas do ensino da Luta X no âmbito escolar; 3. Relacionar os conhecimentos educacionais e de saúde da Luta X ao contexto global da Educação Física. (QUADRO 4).

Objetivos de Práticas Formativas da disciplina X de Lutas - 1. Acompanhamento e intervenção no desenvolvimento da Luta X visando a observação da realidade e atuação a partir da relação teoria-prática para o exercício profissional; 2. Vivenciar e adquirir experiências com profissionais de Educação Física que atuam e se destacam no campo da Luta X; 3. Aprofundamento prático de fundamentos da didática e metodologias de ensino no desenvolvimento da Luta X; 4. Aproximar-se de pesquisas e da produção científica no campo da Luta X, abrindo perspectivas para aprofundamento teórico acerca da inserção da ciência no estudo dessa modalidade. (QUADRO 5).

Objetivos da disciplina Z de Lutas - 1. Conhecer e difundir as diversas dimensões da Luta Z (jogo, dança, luta, ritual, arte etc.) na educação física; 2. Trabalhar a percepção rítmica e habilidades corporais específicas ao jogo da Luta Z de maneira contextualizada

(considerando as transformações culturais, sociais e históricas – considerando desde sua origem no Brasil até os dias atuais). (QUADRO 6).

Objetivos de Práticas Formativas da disciplina Z de Lutas - 1. Realizar observação participante em contextos de ensino-aprendizagem da Luta Z considerando a relação teoria-prática para o exercício profissional; 2. Vivenciar e adquirir experiências com Mestres e/ou professores de Luta Z para potencializar sua inserção no campo da Educação Física; 3. Exercitar didáticas e metodologias de ensino próprias à Luta Z; 4. Aproximar-se de pesquisas e da produção científica e artística sobre a Luta Z, abrindo perspectivas para aprofundamento teórico-prático de maneira transdisciplinar. (QUADRO 7).

As disciplinas X e Z de Lutas estão dispostas no Tronco Comum da grade curricular do Curso, as quais devem contemplar ambas as especificidades, Bacharelado e Licenciatura, a descrição dos objetivos são realizadas de modo a atender os diversos espaços de intervenção didático-pedagógicos em que as Lutas podem ser desenvolvidas, identifica-se que em apenas um tópico o objetivo é destinado exclusivamente a ser desenvolvido no âmbito escolar, item dois dos objetivos de aprendizagem da Luta X.

V. A avaliação deve operacionalizar-se na aferição da capacidade do aluno expressar-se, pela linguagem escrita e falada, sobre a sistematização dos conhecimentos relativos à cultura corporal de movimento, e, quando for o caso, da sua capacidade de movimentar-se nas formas elaboradas por esta cultura.

As disciplinas de Lutas, enquanto temas que pertencem a dimensão do conhecimento da Manifestação da cultura Corporal de Movimento devem buscar uma aproximação da prática pedagógica da Educação Física, a fim de tornar mais evidentes aos discentes os procedimentos de ensino utilizados, facilitando a reflexão e integração de conhecimentos pedagógicos para a intervenção didático-pedagógico no âmbito da Escola (PPP, 2015, p. 42).

Theodoro, relata uma das vivências em que experienciou, como discente, durante o processo de formação, que propunha a aproximação com o espaço de intervenção profissional, ou seja, a regência de aulas de Lutas no âmbito escolar:

Teve uma provinha em grupo, onde a gente tinha que preparar uma aula para iniciação e os alunos seriam os nossos colegas de sala, a gente aplicaria aula para os colegas de sala. Então teve a prova teórica digamos assim, que seria os trabalhos e a parte prática que foi ensaiar uma aula, pra gente aplicar nos colegas. (THEODORO, Ingressante em 2017).

Neste tipo de atividade, exige-se do professor em formação a mobilização de modelos didáticos, capacidades e modos de organização que se pretende que venham ser concretizados em suas práticas pedagógicas (PPP, 2015, p. 39).

Para o docente Ayrton, o momento em que os discentes têm a oportunidade de desenvolverem a prática pedagógica que engloba conteúdos, estratégias de ensino e formas de avaliação compatíveis com as que recomendam desenvolver nas escolas voltadas para a educação básica, é ao ministrarem atividades, orientarem exercícios, microaulas ou aulas propriamente ditas, durante as disciplinas de Lutas, em suas considerações neste processo o que deve ser avaliado do professor em formação é:

Eu enxergo assim: eu dou muito mais valor, do ponto de vista da avaliação que eu faço do aluno, ou da sala, ou da turma, em enxergar se eles estão adquirindo capacidades e habilidades pra transmitir o conteúdo enquanto docentes, do que na realização do próprio conteúdo. Então é evidente que a experiência física daqueles movimentos, daquelas habilidades, daquelas capacidades que compõem essas disciplinas práticas ela é importante, mas isso não é um fim. A finalidade, o objetivo principal que eu enxergo é a forma como nós vamos lidar com isso. Então, estimular esses momentos em que os alunos eles vão preparar, vão assumir a posição, digamos assim, entre aspas, de "docente"/ "professor", eu acho que isso é fundamental! Eu sempre brinco, se é que a gente erra, a hora de você errar e de fazer a experimentação é ali, entre 4 paredes e tal, vendo o que pode dar certo, o que pode dar errado, essas "simulações", é assim que eu enxergo, mas não avaliando o desenvolvimento da técnica, de como que eles estão fazendo isso, mediante esse comportamento individual, e sim, de forma como eles estão melhorando suas relações entre professor-aluno; ensino-aprendizagem, como eles vão conseguir transmitir (Docente Titular do Conselho de Curso).

Percebe-se a estima que o docente tem pela vivência corporal das atividades por parte dos graduandos, “é evidente que a experiência física daqueles movimentos, daquelas habilidades, daquelas capacidades que compõem essas disciplinas práticas ela é importante”, a fala do docente dialoga com o PPP (2015, p. 39 – 40) “pois sabe-se que as experiências de movimento vividas por um professor ao longo da sua vida influenciam decisivamente o modo como ele as valoriza e transmite aos alunos, tendendo a reproduzir na sua prática pedagógica o modo como ele próprio as vivenciou”, mas conforme aduz o docente “não é um fim”. Compreendendo que o fazer pedagógico cotidiano, demanda da ação de uma consciência crítica, interpretativa e transformadora, e, para atingir essas características:

O ambiente educativo transcende “habilidades e competências” exercidas no domínio de técnicas utilitaristas e requer a atividade da consciência sobre o objeto do conhecimento. A apropriação dos conceitos fundantes de uma prática pedagógica assegura muito mais resultados satisfatórios do que o domínio de técnicas de ensino e procedimentos metodológicos, essa é a tese construída. Isso porque parte-se do princípio de que o processo se constrói no próprio processo, no fazer fazendo. Ao

compreender o fazer e saber o objetivo, é fácil para o professor ajustar a técnica, replanejar ou até substituir o programa. (GENÚ, 2018, p. 60).

O docente Ayrton complementa sua linha de raciocínio expondo que são diversos os elementos que integram o pensar e planejar a prática:

Você tem uma composição de uma quantidade de exercícios, você tem que enxergar uma série de coisas que vão depender muito dessas experiências, muitas vezes também a gente trabalha diante de um certo imprevisto, então, antes de trabalhar diante de um certo imprevisto você tem que ter um certo laço também já desenvolvendo esse tipo de atividade. Então, você fala “parece coisa simples”, mas se eu tenho 50 minutos pra desenvolver uma aula, por exemplo, da Luta Y: “Quais são os exercícios e atividades que eu vou integrar?”; “Qual o tempo destinar a cada um deles?”; “Como que eu vou fazer isso?”, enfim, porque parte da aula, até a própria motivação do aluno depende disso. Eu não posso selecionar três atividades e ficar 50/ 60 minutos no mesmo, que se torna uma coisa chata, monótona, cansativa. Então, isso é o olhar que a gente tem que ter dentro desse processo. Não se ele executa lá o movimento de forma correta e tal, ele tem que entender se conseguiu desenvolver a habilidades pra ensinar aquele movimento, ensinar aquele conteúdo, aquela atividade. (Docente Titular do Conselho de Curso).

A consciência e a ação intencional, e a aplicabilidade são conceitos fundantes de uma ação pedagógica crítica (GENÚ, 2018, p. 60), identificadas no trecho da fala do docente Ayrton, quanto este exemplifica “você tem uma composição de uma quantidade de exercícios, você tem que enxergar uma série de coisas que vão depender muito dessas experiências”, estes conceitos fundantes tendem a constituir a práxis docente, que para Genú (2018, p. 60) ocorre no instante em que o docente “adquire uma sustentação teórica mais consolidada, opera sua prática com maior segurança, replanejando os procedimentos metodológicos, isto é, efetivando um acompanhamento avaliativo de seu fazer pedagógico e do desenvolvimento do trabalho com o grupo”.

O pensar sobre a prática pedagógica, ou seja, planejar e sistematizar processos de aprendizagem com aporte teórico e sustentado por uma concepção de educação e sociedade (GENÚ, 2018, p. 56), de forma a garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para o estágio de formação do aluno (FRANCO, 2016, p. 547) e conduzem para a síntese do conhecimento, práxis, permitindo ao sujeito-discente refletir no plano teórico, sobre a dimensão criativa de sua atividade (CALDEIRA; ZAIDAN, 2013, p. 22), esta é uma atitude fundamental, que dará suporte para o desenvolvimento de competências e habilidade na intervenção junto aos diversos ciclos de escolarização, e que possibilitará aos licenciandos desenvolverem atitudes e conceitos, que subsidiem as tomadas de decisões metodológicas futuras e que influencie nos processos de elaboração de seus respectivos planejamentos e modos de avaliar, quando estiverem atuando no âmbito escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar início a esta sessão retoma-se os objetivos do presente estudo que se formaram tendo seu viés em preservar a memória curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, de uma Universidade Pública Estadual, do interior do Estado de São Paulo, analisando o Projeto Político Pedagógico, bem como, relatos de parte do seu corpo docente e discente no que diz respeito à formação inicial em Lutas e intervenção profissional no ensino escolar.

Neste sentido, as técnicas de pesquisa empregadas, com base na revisão bibliográfica e análise do PPP, tido como fonte primária documental, permitiram-me identificar o perfil do curso de Licenciatura em Educação Física e a organização curricular das disciplinas de Lutas neste currículo, pontuando como problemática da pesquisa, indagamos como se constitui neste currículo o ensino e a aprendizagem das Lutas para atuação do Professor na Escola.

A problemática da pesquisa, visou ser respondida no decorrer da investigação, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas, nas perspectivas professoral e estudantil, ouviu-se e registrou-se os relatos de dezoito (18) discentes do último ano do curso de Licenciatura em Educação Física; três (3) docentes que integram o Conselho de Curso e um (1) docente que já ministrou uma disciplina relacionada a Lutas. Compreendendo que estes são grupos que apresentam funções distintas, mas interdependentes e complementares, dentro do processo de ensino e aprendizagem de Lutas, buscou-se realizar questionamentos que atendessem responder à questão problema da pesquisa, respeitando a singularidade de cada grupo.

A transcrição dos relatos orais dos depoentes voluntários, possibilitou-me realizar a leitura nas entrelinhas dos discursos manifestos, interpretar o que discentes e docentes recuperavam e recriavam de suas memórias teve um significado muito grande para mim, pois algumas das vivências e experiências relatadas eu compartilhei na situação de colega de classe dos entrevistados. Essa aproximação entre mim, enquanto discente pesquisador e, os relatos, especificamente, dos discentes do período noturno, ingressos em 2016, termo o qual também sou ingressante, teve de ser operacionalizada com cautela e distanciamento, atentando-me para não incorrer em expressar manifestações pessoais que exercessem influência nas respostas dos discentes entrevistados, pois em diversos momentos me identifiquei com as informações declaradas ou pelos valores simbólicos implícitos que algumas falas continham.

Com referência ao desenvolvimento de competências como núcleo da organização curricular, o PPP assume uma concepção de competência que propõe desenvolver a

capacidade de mobilizar conhecimentos de diferentes naturezas. Logo, essa concepção incide nos objetivos, conteúdos e metodologias, que visam articular conhecimentos e saberes que possibilitem aos licenciandos formas de intervenção didática junto aos seus futuros alunos. Entretanto nas disciplinas relacionadas a Lutas, o desenvolvimento de competências mais se assemelha a um plano técnico-instrumental, em que prevalece a execução de atividades motoras e sistematizadas, do que o desenvolvimento de competências que possibilitem a apropriação de atitudes e conceitos que subsidiem a intervenção didático-pedagógica no âmbito da escola.

No que diz respeito a constituição curricular e seleção dos conteúdos propostos para a intervenção acadêmico-profissional, os discentes questionam os critérios adotados para a composição do quadro das disciplinas relacionadas a Lutas, Karatê e Capoeira, que integram atualmente este currículo. Esclarecem os docentes que esta não é uma escolha simples, é um processo que envolve múltiplas facetas, dentre elas o perfil que se tem do corpo docente, que viabilizam ou não mudanças e adequações, mas é unânime que dentre as especificidades que as modalidades de Lutas apresentam, a escolha do conselho de Curso foi em optar pela diversidade, se já havia uma Luta de Matriz Oriental, em complemento optou-se pela implementação de uma Luta de Matriz Ocidental. Em especial este processo era uma curiosidade que sempre tive comigo, pois ao ingressar no Ensino Superior já sendo portador da graduação de faixa preta de Judô, tinha altas expectativas em cursar essa disciplina na graduação, mas por ter ingressado em 2016, um ano após a reestruturação do currículo analisado, em que a disciplina de Judô foi revisada dando-se prioridade para a disciplina do Karatê, o que impossibilitou com que eu tivesse contato com a mesma durante minha formação inicial.

O segundo tema da análise estabelece a relação entre educação e mercado no subcampo ensino escolar das Lutas, que é evidente a influência que a Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998 que dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física, exerce sob este contexto de atuação. Cabe salientar que, apesar dos limites apresentados no contexto histórico de fiscalização sobre a área de Lutas, estas tendo a Escola como local de intervenção, e sendo desenvolvidas como conteúdo programático da disciplina de Educação Física, demandam de conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos, que o Ensino Superior dispõe de modo estruturado, atribuindo ao licenciando valores que permitem realizar a intervenção pedagógica no âmbito da Educação Básica.

Contudo, tem-se os conteúdos disciplinares desenvolvidos por intermédio de vivências corporais próprias do esporte, jogos e recreação e não de modo temático-interdisciplinar abordados no processo da docência e aprendizagem estudantil.

Esta afirmação se sustenta, diante do depoimento dos entrevistados, que em suas falas emergem elementos como método expositivo de aula com fundamentação prática esportiva de técnicas corporais, dicotomia entre teoria e prática, ausência de vivências didáticas diretamente ligadas a prática profissional e processos avaliativos que incluem aspectos informais e formais, concretizados em observação sistemática/ assistemática.

A título de conclusão, e como parte final desta monografia tecem-se os argumentos e propostas sobre como deveria ser o ensino e a aprendizagem das Lutas para atuação do Professor na Escola. Estes comentários unem a realidade apresentada pelos docentes e discentes participantes da pesquisa e as concepções e análises do pesquisador.

Inicialmente, destaca-se que é primordial que os Cursos de Licenciatura em Educação Física, aproximem o licenciando de forma crítica e qualificada do seu futuro contexto de atuação, a Escola, pois são nesses momentos que ao abranger conhecimentos, vivências e didáticas, será possível ao profissional em formação sistematizar os respectivos conteúdos a serem desenvolvidos no plano conceitual, procedimental e atitudinal, possibilitando competências e habilidades para que estes desenvolvam a prática pedagógica no âmbito da Educação Básica ao realizarem intervenções com a temática Lutas.

Contudo, o que se evidenciou das dinâmicas das disciplinas relacionadas a Lutas neste currículo caracterizam-se por vivências corporais das aprendizagens técnicas; os docentes responsáveis por tais disciplinas transmitem conhecimentos específicos das Lutas aos discentes, desenvolvendo deste modo uma concepção de ensino centrada na figura do professor.

Por esse motivo, o ensino e a aprendizagem de Lutas durante a formação acadêmica inicial do licenciando em Educação Física para a intervenção profissional no ensino escolar, deve contemplar não só as demandas provenientes da sua área específica de conhecimento, como também proporcionar sentido na prática destas atividades corporais, facilitando a apropriação histórico e cultural destes conteúdos.

O Projeto Político Pedagógico valoriza a docência e o corpo de conhecimentos pertinentes ao ensino escolar de Lutas. No entanto, urge renovação curricular no que diz respeito à metodologia de ensino em sala de aula numa perspectiva interdisciplinar.

Ressalta-se, por fim, a necessidade de outros estudos sobre a temática da formação de professores para a atuação do ensino das Lutas nas escolas, bem como, é preciso pesquisar a

constituição das disciplinas relacionadas a Lutas na organização curricular dos cursos de Ensino Superior em Educação Física, com a finalidade de entender as metodologias e didáticas utilizadas, formas de avaliação empregadas, atividades práticas pedagógicas desenvolvidas e seus respectivos objetivos para garantir a aprendizagem dos licenciandos e o desenvolvimento de competências para a intervenção no Ensino Escolar. Dessa forma, é possível evidenciar alternativas, outros olhares e novas compreensões para que o tema Lutas seja melhor assimilado no campo da formação profissional.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs). Apresentação. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- ARAÚJO, P. C.; JAQUEIRA, A. R. F. A luta da capoeira: reflexões acerca da sua origem. **Antropolítica**, Niterói, n. 24, p. 1-296, 1. Sem. 2008.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução RETO, L. A; PINHEIRO, A. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BETTI, M. Ensino de 1º. e 2º. graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.
- _____. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994a.
- _____. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. **Discorpo**, n. 3, p. 25-45, 1994b.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2002.
- BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. Decreto-lei 3.688, de 3 de julho de 1941.
- _____. CONGRESSO NACIONAL. Lei nº 9696, de 1º de setembro de 1998.
- _____. CONGRESSO NACIONAL. Lei nº 11.645, de 9 de março de 2008.
- _____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CES nº 138, de 03 de abril de 2002.
- _____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES nº 7, de 31 de março de 2004.
- _____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES nº 2, de 20 de dezembro de 2019.
- _____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CP nº 9, de 8 de maio de 2001.
- _____. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução CNS/MS nº 466, de 12 de dezembro de 2012.
- _____. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Art. 207. Promulgada em 5 de outubro de 1988.
- _____. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo da Educação Superior: Glossário - 2014. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/questionarios_e_manuais/2014/glossario_curso_2014.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

_____. **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**. Recurso Especial 1012692 RS 2007/0294222-7. Relator: Ministro BENEDITO GONÇALVES, Data de Julgamento: 26/04/2011, T1 - PRIMEIRA TURMA, Data de Publicação: Diário de Justiça Eletrônico 16/05/2011. Disponível em: <<https://stj.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/19085886/recurso-especial-resp-1012692-rs-2007-0294222-7>>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

CALDEIRA, A. M. S.; ZAIDAN, S. Práxis pedagógica: um desafio cotidiano. **Paidéia**, 2013.

CANDAU, V. M. (org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 1988.

CANEN, A.; CANEN, A. G. ROMPENDO FRONTEIRAS CURRICULARES: o multiculturalismo na educação. **Currículo sem fronteiras**, v. 5, n. 2, p. 40-49, 2005.

CARVALHO, L. M. D. Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. **Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física**, n. 10-11, p. 135-151, 1994.

CESANA, J. **O Profissional de educação física e as práticas corporais alternativas: interações ocupacionais**. 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

CESANA, J.; TOJAL, J. B. A. G.; DRIGO, A. J. **Educação Física e Corporeidade: paralelos históricos, formação profissional e práticas corporais alternativas**. São Paulo: CREF/SP, 2018. (Selo Literário 20 anos da Regulamentação da Profissão de Educação Física, 1).

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 215 – 218.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Resolução nº 46, de 18 de fevereiro de 2002.

CORRÊA, E. A.; HUNGER, D. A. C. F. A Profissionalização da Educação Física e o Jogo de Poder na trama das configurações de Norbert Elias. In: **X Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Campinas, SP: 2007.

CÔRREA, R. CREFs não podem fiscalizar instrutores de Lutas, Danças e Ioga. In: **Educação Física Legal**, 7 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www.educacaofisicallegal.com.br/2015/01/crefs-nao-podem-fiscalizar-instrutores.html>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

DIAS, R. E.; LOPES, A. C. Competências na formação de professores no Brasil: o que (não) há de novo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1155-1177, Dec. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302003000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 janeiro 2021. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000400004>.

DEL'VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate: Possibilidades, Experiências e Abordagens no Currículo da Educação Física. In: NETO, S. S.; HUNGER, D. A. C. F. (Orgs). **Formação Profissional em Educação Física**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 99 - 108.

DIANA, D. Como Fazer um Relatório. **Toda matéria**: conteúdo escolares. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/como-fazer-um-relatorio/>. Acesso em 28 de jan. 2021.

DRIGO, A.J. et al. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô brasileiro. **Motri.**, Vila Real, v. 7, n. 4, p. 49-62, out. 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2011000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

ESTEVES, M. (2009). Construção e desenvolvimento de competências profissionais dos professores. Sísifo - **Revista de Ciências da Educação**, 8, 37-48.

FERREIRA, F. D. C.; LISE, R. S.; CAPRARO, A. M. Fontes para a história dos esportes de combate. In: PIMENTA, T.; DRIGO, A.J. (Orgs). **Contribuição das ciências humanas nas artes marciais: formação profissional, história e sociologia**. Curitiba, Paraná: Factash, 2016. p. 15 - 45.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, agosto de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de abr. de 2020.

FRANCO, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812016000300534&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 fev. 2021.

GARNICA, A. V. M. História oral e educação matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetike**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 9–56, 2009. DOI: 10.20396/zet.v11i19.8646949. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646949>. Acesso em: 8 mar. 2021.

GATTI, B. A. et. al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GENÚ, M. S. A abordagem da ação crítica e a epistemologia da práxis pedagógica. **Educação & Formação**, v. 3, n. 3, p. 55-70, 2018.

GEWANDSZNAJDER, F.; ALVES–MAZZOTTI, A. J. O método nas Ciências Naturais e Sociais. **São Paulo: Pioneira**, 1998.

GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. adm. empres.** , São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abril de 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

GUARDA, G. et al. A roda de conversa como metodologia educativa: o diálogo e o brincar oportunizando o protagonismo infantil na sala de aula. In: **Anais do 13º Congresso Nacional de Educação: EDUCERE**. 2017. p. 28-31.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.

HUNGER, D. A. C. F.; FERREIRA, L. A. As diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de Graduação em Educação Física e de Licenciaturas. NETO, S. S.; HUNGER, D. A. C. F. (Orgs). **Formação Profissional em Educação Física**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 141 - 146.

JEBER, L. J. A relação teoria e prática no ensino e suas implicações na área da educação física escolar. **Motrivivência**, n. 8, p. 79-90, 1995.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução LEITÃO, B. et. al. Campinas, SP: UNICAMP, 2013.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: A entrevista na pesquisa em Educação e Educação e Educação Especial: uso e processo de análise. (Material utilizado para obtenção do título de Livre-Docência em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP Marília. Observatório Nacional de Educação Especial (ONEESP), 2008. Disponível em: <http://www.oneesp.ufscar.br/texto_oreintacao_transcricao_entrevista>. Acesso em 12/11/2020.

MARCELLINO, N. C. A dicotomia teoria/prática na Educação Física. **Motrivivência**, n. 8, p. 73-78, 1995.

MARCON, D.; NASCIMENTO, J. V. do; GRAÇA, A. B. S. A construção das competências pedagógicas através da prática como componente curricular na formação inicial em educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 11-25, 2007. DOI: 10.1590/S1807-55092007000100002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16640>>. Acesso em: 6 jan. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTA, F. E. F. **A memória das lutas ou o lugar do “DO”**: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo. Tese (História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Ver. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, agosto de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 de junho de 2020.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores**. 2011. Tese (Livre Docência em Educação Física (estudo e ensino)) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Doi:10.11606/T.48.2012.tde-10042012-164200. Acesso em: 30 de abril de 2020.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; ROMAO-DIAS, D.; DI LUCCIO, F. Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 36-43, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 de outubro de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Perguntas e respostas sobre o Coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/q-a-coronaviruses>>. Acesso em: 14 de maio de 2020.

PÊGO, P. L. S. **A história da graduação em Educação Física da Unesp de Bauru e memória da reestruturação curricular de 1990**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2016.

PEREIRA, Z. T. G.; DA SILVA, D. Q. Metodologia ativa: Sala de aula invertida e suas práticas na educação básica. **REICE: Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 16, n. 4, p. 63-78, 2018.

PIMENTA, T. Introdução. In: PIMENTA, T.; DRIGO, A.J. (Orgs). **Contribuição das ciências humanas nas artes marciais: formação profissional, história e sociologia**. Curitiba, Paraná: Factash, 2016. p. 9 -12.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. Curso de Graduação: Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Readequação Curricular: Bacharelado em Educação Física. Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. Curso de Graduação: Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Readequação Curricular: Licenciatura em Educação Física. Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.

RÉMOND, R. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 203 – 209.

SÃO PAULO (Estado). **CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO**. Deliberação CEE nº 111, de 1 de fevereiro de 2012.

SÃO PAULO (Estado). **CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO**. Deliberação CEE nº 126, de 14 de junho de 2014.

SÃO PAULO (Estado). **CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO**. Deliberação CEE nº 132, de 08 de abril de 2015.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e Performance Motora**. Tradução: PETERSEN, R. D. S. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, A. **A roda de conversa e sua importância na sala de aula**. 2012.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SPUDEIT, D. **Elaboração do plano de ensino e do plano de aula**. Rio de Janeiro, 2014.

TANI, G. Perspectivas para a Educação Física Escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, n. 5, p. 61-69, 1991.

TARDIF, M. **Saberes docente e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 65 – 93.

TOJAL, J. B. A. G. A dicotomia Teoria/Prática na Educação Física. In: **ANAIS III Semana de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu** – São Paulo, p.17-21,1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNICENTRO. **ATLAS.ti V5.0: Apostila de treinamento**. Paraná, 2006.

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em revista**, n. 4, p. 79-97, 2014.

VASCONCELLOS, C. S. Metodologia Dialética em Sala de Aula, In: **Revista de Educação AEC**. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

VUNESP. **Manual do Candidato**. São Paulo, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 466/12 – CNS

Você está sendo **convidado (a)** como **Voluntário (a)** e **Colaborador (a)** a participar da **Pesquisa** intitulada “CURRÍCULO, FORMAÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERVENÇÃO ESCOLAR NO CAMPO DAS LUTAS”. Sua participação consiste em se deixar entrevistar, gravar, filmar uma entrevista realizada pelo graduando Felipe Gimenes Moyano, entrevista essa realizada em local confortável, seguro, presencial e/ou via aplicativos de videoconferência. Caso sinta desconfortos ou inquietações, estas serão acolhidas e minimizadas em diálogos comigo, o entrevistador Felipe Moyano e/ou com a minha orientadora de TCC/IC, a Profa. Dra. Dagmar Hunger, os quais resolverão por melhores condições para a coleta do seu depoimento. Os dados coletados das entrevistas, filmagens serão analisados pelo entrevistador e seguirão o rigor da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) e sua identidade será preservada nas publicações científicas, sendo substituída por nomes fictícios. Expresso como Pesquisador o cumprimento das exigências contidas na resolução de ética em pesquisa (Resolução nº 466/12 – CNS). Os resultados da pesquisa serão publicados em meu nome como autor, estudante de Graduação em Licenciatura em Educação Física, Felipe Gimenes Moyano e da orientadora Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, como co-autora. Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar da entrevista e sua participação não deverá apresentar desconfortos e, principalmente riscos (saúde física e mental, perda de bens materiais etc.); caso se sinta em risco de inconveniente ético de pesquisa deve abordar imediatamente o Pesquisador e Orientadora. Informamo-lo que pode desistir a qualquer momento, sem prejuízos para si. O motivo que nos leva a realizar tal pesquisa parte da seguinte problemática: trata-se de analisar o Projeto Político Pedagógico do curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física, da UNESP - Bauru, especificamente, no que diz respeito à preparação do professor para atuação do ensino das lutas nas escolas, sob a ótica do corpo docente e discente, questionando-os sobre como se constitui nesse currículo o ensino e aprendizagem das Lutas para a atuação do professor na escola. Seu depoimento é de extrema relevância e significativo benefício para a história e memória do campo das lutas e formação superior em Educação Física. Uma cópia deste consentimento será arquivada por mim, Estudante Felipe Gimenes Moyano, do

Departamento de Educação Física, da Faculdade de Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Bauru/ SP, e outra será fornecida a você. Qualquer problema entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, Faculdade de Ciências, Unesp-Bauru; Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo; Fone: (14) 3103-9400; E-mail: cepsquisa@fc.unesp.br, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01; Bairro: Vargem Limpa, 17033-360-Bauru-SP; Telefone: (14) 3103-6000.

AUTORIZAÇÃO: Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da entrevista acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A Orientadora da pesquisa, Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, certifica-me de que todos os dados pessoais serão analisados e interpretados pelo pesquisador Felipe Gimenes Moyano, para fins de elaboração do seu TCC e artigos. Declaro que concordo em participar dessa entrevista. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Assinatura do(a) Docente/ Discente participante da entrevista.

Assinatura do Pesquisador Felipe Gimenes Moyano
(Orientando da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNESP/ FC/ DEF – BAURU
E-mail: dagmar.hunger@unesp.br

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevistas: Discentes (Integral e Noturno)

Identificação do Participante: Aurora	Entrevista de número: 12
Grupo: Discentes	Subgrupo: Noturno – Ingressantes 2016
Duração da Entrevista: 18 minutos	Tempo de Transcrição: 02 horas e 57 minutos
Data da Entrevista: 11/09/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina X de Lutas?

Entrevistada: Na disciplina X de Lutas...

Olha...

Eu acho que... Eu aprendi muito mais a questão dos movimentos, do que como trabalhar ela em sala de aula, né?!

Porque como poder trabalhar...

Claro... Eu falo em sala de aula, porque no caso eu tô na Licenciatura, né, mas...

Do que como conseguir levar aí para um... transmiti-la para outra... para outras pessoas, entendeu?!

Eu senti muito mais, que foi para nossa aprendizagem... tipo uma academia, do quê pra gente poder entrar numa escola, para dar aula da Luta X por exemplo.

Entrevistador: Como foi a didática adotada?

Entrevistada: Olha...

A gente teve muito mais prática, né?!

Então, a gente executou os movimentos e algumas pesquisas, se eu não estou enganada, mas assim, alguns textos e tals... mais coisa básica, né?!

Foi mais a questão dos movimentos... A gente realizava sempre.

Entrevistador: Quais foram às estratégias de ensino abordadas?

Entrevistada: Na verdade, eu não me recordo dele ter passado nenhuma estratégia para que a gente pudesse desenvolver depois.

Não sei se até passou e eu não estava atenta, mas o que eu me recordo é que a gente mais executou e mais aprendeu sobre a Luta X, para que depois a gente pudesse ensinar, através do que a gente tinha aprendido. Foi baseado nisso.

Entrevistador: Como foi a avaliação?

Entrevistada: Nós fizemos uma avaliação prática, agora não lembro se nós tivemos avaliação teórica...

Eu acho que não, mas eu sei...

Eu lembro que a gente teve avaliação prática, até depois essa avaliação ela pode de certa forma ser estendida para quem quisesse aí... adquirir a faixa amarela... amarela... branca... não lembro agora... para quem quisesse passar de... de nível, né?!

De faixa!

Entrevistador: Como e quais foram às vivências realizadas?

Entrevistada: Olha...

É assim... A dinâmica foi mais essa questão da gente sempre chegar e fazer igual academia, mas o que mais me marcou...

Eu acho que foi onde eu mais achei interessante na disciplina, porque ele pediu para que a gente fizesse, como quesito da disciplina, né... O estágio em uma academia ou em algum lugar que ensinasse a Luta X.

E o que mais me marcou é que eu pude ter contato com o pessoal que realmente fazia e tudo mais...

E aí eu aprendi muito com eles, mas eu aprendi muito no sentido de movimento; no sentido de ‘o que deve ou não se fazer’, mas não me recordo nada, de ter aprendido... nem...

Aliás com o professor na academia a gente até conversou um pouquinho sobre isso, mas...

O que mais me marcou foi essa questão da gente ter ido em outros lugares, de ter visto que: ‘como é uma luta que a gente quase não tem, não vê, né?!’ Por aqui! Pelo menos não aqui no interior. Tanto é, que, eu consegui achar uma (1) academia, numa cidade de 50.000 (cinquenta mil) habitantes, que tem a Luta X... E aí... mas eu achei muito legal, muito interessante, foi isso que me marcou! Poder explorar essas vivências, essa questão de estagiar aí...

Eu lembro que ele oferecia outras oportunidades para quem não conseguir ir, que era um projeto dele à tarde, tudo mais... mas que eu me lembro e as pessoas falavam também que: ‘o projeto continuava meio que voltado para esse tipo de ensino’, até porque o projeto era mais para quem quisesse, estava interessado na Luta X.

Eu não lembro se teve ou não algum convidado externo, o que eu me lembro, é que ele ia convidar depois, mas já eram jurados pra poder analisar aí a passagem dos... das faixas, né?!

De uma pra outra... que era no final da disciplina.

Entrevistador: Quais conhecimentos foram desenvolvidos?

Entrevistada: Nós aprendemos muito sobre fundamentos... sobre... fundamentos não... mas... ah não sei se leva o nome de fundamentos, mas enfim...

É muitas regras da Luta X, muito posicionamento, muita questão de postura, de movimentos, mais essa questão de...

De como eu posso dizer?!

...

De poder... de executar o movimento, de como fazer, de que maneira fazer e tal... foi mais... pelo o menos o que eu... o que eu mais tenho gravado é isso.

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina Y de Lutas?

Entrevistada: Olha...

Na disciplina Y de Lutas, eu acho que eu aprendi muita coisa, tanto é que eu levo hoje pra minha sala de aula, com os alunos normais... com os alunos normais não... mas... com os alunos... é... com os menores...

‘Mas eu levo em que questão?’

Eu levo a questão do ensino da Geografia, da História, até nas Ciências às vezes a gente aborda algumas coisas, mas eu trago pra essa realidade também, mas foi graças a disciplinas Y de Lutas, porque eu também nunca tinha tido contato, nem algo do tipo, eu só tinha... só fui ter contato nesta disciplina e foi a partir daí que eu tive muita bagagem pra poder levar hoje pra eles e contar o:

‘Por quê?’ e ‘como?’, né?!

‘Por quê que hoje as pessoas fazem?’ e ‘Como fazem?’, né?!

E tudo mais...

Entrevistador: Como foi a didática adotada?

Entrevistada: Foi bem interessante!

Porque no caso ela... eu não lembro se ela nos levou algum convidado, mas eu lembro que ela ensinava bastante, mas ela acima de tudo fazia com que a gente... vivenciasse aquele movimento; que a gente experimentasse, não necessariamente que a gente executasse, porque era apenas aquilo...

Geralmente tinha estudos sobre alguma coisa, então a gente entendia o porquê de cada coisa, o que fazia, como fazia.

Entrevistador: Quais foram às estratégias de ensino abordadas?

Entrevistada: Foi muito essa questão da experimentação...

Sempre estar experimentando o que é fazer o movimento, mas ao mesmo tempo a gente também está entendendo como ele funcionava ou como era o rodízio ali, como se inicia um roda da Luta Y, de que forma ela se dava, onde e a gente chegou...

Eu não lembro se foi na disciplina dela, mas eu lembro que a gente chegou a ver alguns vídeos até, e tudo mais...

Foram aulas que me marcaram e essa aula me marcou bastante, essa disciplina.

Entrevistador: Como foi a avaliação?

Entrevistada: Eu acho que...

Não lembro agora exatamente...

Mas eu acho que ela teve aí um quesito ‘metade/ metade’...

Agora eu não lembro exatamente se nós fizemos alguma atividade...

Eu não lembro exatamente como foi, pra te falar, mas acho que teve alguma coisa de algum trabalho, alguma coisa do tipo...

Mas eu não lembro exatamente a avaliação...

Até porque foi uma coisa que a professora não focava muito, então a gente experimentava mesmo...

Então acho que foi...

Acho que foi mais isso que me deixou... que me levou aí... a essa...

Legal! (*risos*)

Entrevistador: Como e quais foram às vivências realizadas?

Entrevistada: Nós vivenciamos muito essa questão da... do montar a roda da Luta Y; nós vivenciamos muito a questão do buscar uma canção, uma música utilizada na Luta Y - cada um trazia uma, a gente cantava juntos, a gente via como ela era distribuída na roda e tudo mais; um disputava ali a Luta Y contra o outro; outros tocavam...

Então todo mundo podia experimentar de tudo...

Então eu acho que essa vivência foi a mais legal...

Assim, nessa questão de todo mundo pode experimentar de tudo!

Entrevistador: Quais conhecimentos foram desenvolvidos?

Entrevistada: Nós vimos um pouco de conhecimentos históricos da Luta Y; nós vimos um pouco do conhecimento na questão das canções, cada um foi buscar uma canção ou um tipo; nós vimos também o conhecimento dos movimentos; nós vimos o conhecimento de como ela era estruturada; nós vimos...

Não lembro se nós vimos como a gente poderia ‘passar pra alguém’, mas eu lembro que... pelo menos, é assim... quando você vai jogar a Luta Y, você consegue passar para a outra pessoa, através do próprio jogo, né?!

É uma questão... que ela acaba sendo um pouco diferente da Luta X por exemplo. Se a gente fosse comparar, que a Luta Y ela acaba sendo mais leve, a Luta X não - ela acaba sendo mais sisuda, mais... a gente tem que fazer o movimento... ele é mais determinado... mas a Luta Y não, ela é bem leve, a gente, né?!

...

Pode se movimentar aí...

Pra todo tipo de lado e tudo mais...

Entrevistador: Como são desenvolvidos nessas disciplinas os conhecimentos e saberes que possibilitem a intervenção didático-pedagógica junto aos alunos dos diversos ciclos da Educação Básica?

Entrevistada: Eu acho que quando eu aprendi...

A luta X vai ser muito mais difícil de eu levar pra escola do que a Luta Y...

Porque a Luta Y abordou outros pontos, ela trouxe um pouco de história, de coisas que eu posso usar como ferramentas para outras coisas também, não só para a Educação Física.

Entrevistador: Quais os limites no processo de aprendizagem dessas disciplinas de Lutas?

Entrevistada: Eu acho que assim...

Quando a gente vai abordar uma disciplina, uma Luta, ou qualquer outra coisa...

O legal, o gostoso, é a gente conhecer ‘de onde vem’, ou ‘por que vêm’, ou ‘por quê que eu grito tal coisa em determinado momento’, né?!

Então Eu acho que quando a gente aborda esses pontos, quando o Professor traz tudo isso pro aluno, ele... ele carrega... ele enche, enriquece cada vez mais o próprio repertório do aluno...

Então Eu acho que o que falta muitas vezes é esse olhar, pro olhar do enriquecimento da formação do meu aluno...

Então Eu olhar pra ele:

‘Esse aqui Eu acho que vai poder ser legal, interessante, incrementar’...

Não tem problema se não for exatamente o movimento.

Que não necessariamente um professor para dar aula da Luta X ou pra dar aula da Luta Y, tem que ser o melhor naquilo que faz...

Não!

Ele tem que..

Claro, é bom ele conhecer, aquilo... os movimentos e tudo mais...

Mas não necessariamente você precisa praticar com perfeição... Até porque, senão ele seria um atleta e não um... estaria aqui... tentando... na escola por exemplo.... ou numa academia...

Então, eu acho que falta aí, uma questão de abordar outros pontos... abordar um pouco mais do...

Eu li uma frase outro dia que:

‘A gente deve saber sobre o fazer e o saber sob o como fazer’,

Então a gente deve saber sobre os dois, e... Eu acho também que a gente deve saber sobre o como fazer nesse caso, não só saber fazer, entendeu?!

Então, eu acho que é isso que falta muito ainda na universidade em geral, não só nas aulas de Lutas, não só nas... Eu acho que a gente precisa muito disso na Faculdade, na Universidade.

Entrevistador: Quais as perspectivas no processo de aprendizagem dessas disciplinas relacionadas a Lutas?

Entrevistada: Eu acho que quando eu...

Por exemplo...

Quando eu entrei na disciplina X de Lutas eu esperava... Eu não sei se eu esperava algo diferente ou se eu esperava... Eu não esperava que a gente fosse ter uma aula de academia, por exemplo dentro da Universidade...

E aí quando a gente chegou na disciplina Y de Lutas, Eu esperava ter uma aula parecida com a da disciplina X de Lutas, e aí a minha surpresa foi oposta, foi totalmente ao contrário, nós tivemos aí uma outra visão na aula da disciplina Y de Lutas.

Então, eu acho que... quando a gente...

Eu fui com a expectativa na aula da disciplina X de Lutas, ela foi bloqueada, porque eu cheguei lá e falei ‘poxa, isso aqui não vai agregar muito no que eu queria... o que eu buscava não era isso’... O que eu buscava era entender pra poder contribuir pra minha carreira, mas não só na Educação Física, pra minha carreira ao longo da Pedagogia, de tudo... Quando Eu entrei na disciplina Y de Lutas, Eu acho que já estava bloqueada naquele padrão: ‘eu acho que vai ser chato’ e não! A empolgação pra ir pra aula da disciplina Y de Lutas era totalmente diferente, tanto é, que eu sai de lá com alguns conhecimentos, ou com muitos conhecimentos que Eu não tinha ideia, ou que Eu nunca tinha experimentado...

Eu tinha visto...

Aqui na minha cidade a gente não tem a Luta Y, quase não temos esse tipo de manifestação cultural...

E aí eu tinha visto uma vez, numa feira aqui... mas aí, quando eu pude vivenciar ali, foi totalmente diferente, foi muito gostoso!

Assim como eu nunca tinha visto a Luta X, e não gostei tanto! Entendeu?

...

Eu acho que foi muito da condução do Professor.

Identificação do Participante: Melina	Entrevista de número: 01
Grupo: Discentes	Subgrupo: Noturno – Reingressantes 2019
Duração da Entrevista: 17 minutos	Tempo de Transcrição: 02 horas e 50 minutos
Data da Entrevista: 16/07/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina X de Lutas?

Entrevistada: Eu acredito que a disciplina X de Lutas foi bem voltada para a questão tecnicista.

Então os movimentos em si, uma sequência de movimentos, uma construção mais prática do que teórica.

Eu posso dizer que, sai da disciplina sabendo alguns golpes da modalidade e um pouco da história também, origem e etc.

Entrevistador: Como foi a didática adotada nessa disciplina?

Entrevistada: O objetivo principal, eu acredito, que fosse mais relacionado em fazer com o que a gente aprendesse como que é a disciplina X de Lutas.

Às vezes o pessoal que nunca tinha tido contado na questão em saber lutar...

Então eu não sei se esse era o objetivo em si, mas o que deu para tirar disso é que com a didática a gente saiu de lá sabendo como que faz os movimentos da disciplina X de Lutas e a didática também envolveu um pouco ali relacionado de filmes, alguma uma parte de contexto histórico, mas talvez a didática melhor tenha sido mais a parte prática do que teórica, voltou mais para esse lado.

Entrevistador: Como foram as estratégias abordadas nessas disciplinas?

Entrevistada: Tiveram alguns momentos que deu para reforçar ali quando a gente assistiu um filme, um documentário, que a gente conseguiu assistir em casa com mais tranquilidade e que talvez tenha reforçado um pouco aquilo que ele queria dizer ao longo das aulas...

Então teve mais esse complemento de atividades fora, trabalhos para fazer em casa...

Entrevistador: Como foi a avaliação?

Entrevistada: A avaliação que eu me lembre, teve que apresentar essa sequência de movimentos, que eu tinha dito, o Kata (*movimentos pré-estipulados de ataque e defesa*), com avaliadores externos, que são da Luta. Esses avaliaram o desenvolvimento da sequência, para observarem se os alunos estavam aptos para ganharem uma nova graduação, mas o professor da disciplina em si, ele não levou tanto para esse ponto, acho que ele quis promover a participação dos alunos em sala de aula e observar o que os alunos assimilaram do conteúdo, noção do movimento e não exatamente realizar perfeitamente, então para dar a nota foi mais nesse sentido, essa foi uma avaliação final e tiveram alguns trabalhos como eu tinha dito de documentário, que a gente assistiu, resenhas, que foi complementando essa nota final.

Entrevistador: Como e quais foram às vivências realizadas nessa disciplina?

Entrevistada: No meu ano, a gente só teve vivência dentro da instituição de ensino mesmo, não tivemos que fazer nenhum trabalho fora de lá.

Tiveram convidados, que foram mais para a avaliação final.

E vivência assim, do professor saber muito sobre a disciplina, e ele mostrar os movimentos, eu acho que ele era uma pessoa que demonstrava bastante, então a gente tinha ali, a observação que eu considero muito importante e em seguida a gente reproduzia o movimento.

Entrevistador: Quais conhecimentos foram abordados nesta disciplina?

Entrevistada: Acho que foi mais voltado para a gente saber como é que acontece a disciplina X de Lutas, um pouco da história, um pouco da sua origem, saber também a lide dar com a questão...

Como a gente tá ali, sendo formado para ser professor, então, Eu acredito que foi muito voltado para a gente aprender a fazer o movimento, porque se a gente tiver que passar para alguém posteriormente a gente saber o mínimo que seja.

Então, foi mais nesse sentido de a gente aprender a parte técnica para saber o que está sendo feito e conseguir aprender a linguagem pra passar pro outro também, da forma como é falado.

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina Y de Lutas?

Entrevistada: Acho que ela foi bem semelhante comparada com a disciplina X de Lutas, mas foi abordado mais o contexto histórico, o professor não se preocupou só com a prática.

Ele também levou para vivências externas.

Eu aprendi fazendo visitas em escolas, não só academias em si, pensando no Bacharel, por ser uma disciplina de tronco comum, mas também voltado pra escola, acredito que eu aprendi além da movimentação, como que joga, eu também consegui entender a história da disciplina Y de Lutas que é bem forte no Brasil.

Entrevistador: Como foram as estratégias abordadas nessas disciplinas?

Entrevistada: O professor apresentava bastantes vídeos durante as aulas.

Por ele ter uma experiência no mercado de trabalho, ele levava vídeos que apresentavam atividades desenvolvidas por ele mesmo em outros momentos, com os mais diversos grupos, desde crianças a adultos, iniciantes aos mais avançados, e com isso ele conseguia pegar todo esse público...

Se tivesse pessoas na nossa sala que já soubessem alguma coisa, ele conseguia mostrar ali, ou quem não sabia nada.

A gente teve visitas para fazer fora da instituição, além da prática da disciplina propriamente dita, além de apresentação de Power Point que ele ministrou as aulas...

Então eu acredito que ele conseguiu realizar as aulas com essas estratégias.

Entrevistador: E como foi a avaliação?

Entrevistada: A avaliação a gente fez uma apresentação final, também, bem parecido com a disciplina X de Lutas.

Foi uma apresentação voltada como se fosse uma peça artística, a gente fez uma dança voltada pro jogo, como se fosse um ritual, mostrando uma história por trás daquilo..

Então ele não ficou observando só a questão tecnicista, mas a história que a gente queria passar, por tudo aquilo que a gente estava apresentando e também fizemos alguns

trabalhos durante a disciplina, não me recordo se teve prova, propriamente dita, e avaliação não teve.

E em Práticas Formativas, trabalho fora, trabalhos de documentários, filmes, o tradicional mesmo.

Entrevistador: Quais conhecimentos foram abordados nesta disciplina?

Entrevistada: Foi muito sobre a história da modalidade, os tipos que têm, que são vários...

Então ele tentou separar bem...

Ele também falou do conhecimento que ele tem mais,...por mais que tenha vários tipos... então cada professor tem a linha que segue, então ele tentou falar não só daquilo que ele gostava, mas tentou falar de outros modelos que tinham.

O movimento propriamente dito, porque tem que ter ali a parte prática e também mostrar como que é a realidade, se as pessoas estão fazendo a Luta X mesmo, ou se ainda é uma Luta que não é tão falada, então foi um conhecimento amplo. Não foi um conhecimento específico, mas sim, de forma geral, como o professor mesmo disse, ‘a Luta Y não se manifesta de uma forma só’, então ele tentou abordar uma manifestação de cada e como é vista no Brasil, como está sendo praticada, como é conhecida.

Entrevistador: Como são desenvolvidos nessas disciplinas os conhecimentos e saberes que possibilitam a intervenção didático-pedagógica junto a alunos dos diversos ciclos da educação básica?

Entrevistada: Na disciplina Y de Lutas isso foi bem legal, porque a gente pode fazer a visita na Escola, então ele tentou não passar a disciplina Y de Lutas de forma avançada só pra quem já sabe jogar, mas também pra quem quer dar aula na escola e vai passar por isso nos anos de profissionalismo acadêmico.

Então, é uma forma de abranger ali os alunos, que quando se trata de uma escola, nem sempre todos os alunos vão querer aprender aquilo, sempre vai ter um que vai gostar mais de uma coisa e outro de outra.

Então eu acho que a forma lúdica como ele passou, por meio de brincadeiras as atividades, que saíram do padrão tecnicista da modalidade, de uma maneira didática pra gente levar isso pros anos básicos da educação, não só chegar na sala de aula e falar: ‘é esse o

movimento, é assim que faz, e a história é essa”, mas sim por meio de atividades mais simples chegar ao mais avançado, não necessariamente se aprofundar tanto.

Entrevistador: Quais limites no processo de aprendizagem dessas disciplinas de Lutas?

Entrevistada: Por mais que sejam professores que saibam da disciplina que ministram, talvez falte ainda, mais a questão de didática, de como levar isso pra graduação, sabendo que são pessoas de diversos interesses e também se tratando de um tronco comum em que as pessoas ainda não escolheram, tem mudado muito isso, mas assim, as vezes falta um pouco da área escolar ou as vezes falta um pouco da área de academia.

Eu acho que quando se trata de uma sala que está de forma geral, precisa ter esse equilíbrio, para não sobrepôr nem só aqueles que vão para escola, nem só aqueles que vão para as academias, e também de dar recursos para a gente de como ser professor, então a gente pode estar saindo da disciplina sabendo lutar, ou sabendo da história, como que a gente vai passar isso pros alunos, pensando ali 6º ano do Ensino Fundamental...

Então, eu acredito que faltam estratégias e também mais partes práticas não envolvendo só a Universidade, mas envolvendo ali fora da Universidade, como que está sendo a realidade.

Às vezes ali a gente aprende coisa, e vai pra prática e vê outra.

Talvez trabalho mais a campo, porque a gente tem ali a liberdade de fazer práticas formativas.

Entrevistador: Quais as perspectivas no processo de aprendizagem dessas disciplinas relacionadas a Lutas?

Entrevistada: Por mais que as disciplinas apresentem algumas limitações, no entanto Eu acredito que todos estamos sujeitos a isso e o curso em si também.

Então cada ano o objetivo é melhorar, mas assim, o que eu posso tirar disso é que eu tive o primeiro contato tanto com a disciplina X de Lutas, como com a disciplina Y de Lutas...

Então isso foi de grande aprendizado para mim, porque agora na Licenciatura, nos estágios, eu tenho passado por esse processo e Eu acredito que se Eu não tivesse tido essa vivência antes, Eu teria passado mais dificuldades...

Claro que com a prática a gente aprende...

Com os anos de prática...

Mas ali de saber o nome, de onde veio... porque as crianças são curiosas e elas vão perguntar, vão querer descobrir coisas novas e Eu acho que é nosso papel ali orientar de alguma forma.

Então pelo menos o básico para instigar a gente a querer procurar e saber mais.

Então assim, Eu tive o primeiro contato ali e o interesse em querer estudar um pouco mais sobre isso, talvez se eu não tivesse passado pelas disciplinas do curso, eu nunca teria lido nada sobre a disciplina Y de Lutas, porque foi uma coisa que nunca me interessou, disciplina X de Lutas muito menos, porque eu sempre fui voltada para outros esportes, tive um contato com Lutas bem simples, mas acredito que esse primeiro contato é importante pra gente desenvolver também:

‘Quem sabe ali alunos que queiram estar atuando com isso’,

Mais nesse sentido de o primeiro contato ser importante pra gente ali na graduação.

Identificação do Participante: Luísa	Entrevista de número: 18
Grupo: Discentes	Subgrupo: Integral – Ingressantes 2017
Duração da Entrevista: 21 minutos	Tempo de Transcrição: 03 horas e 35 minutos
Data da Entrevista: 06/10/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina X de Lutas?

Entrevistada: Então na disciplina Eu pude conhecer alguns movimentos, né... que até então, Eu nunca tinha tido contato com nenhum tipo de Luta, né... a vivência em si eu nunca tive...

Então, na disciplina X de Lutas, eu tive esse primeiro contato mesmo, né... os movimentos básicos...

Então, eu achei interessante, pensando nessa perspectiva, assim, de nunca ter vivenciado.

Entrevistador: Como foi a didática adotada?

Entrevistada: Eu achei interessante alguns pontos, principalmente, da gente ter um certo respeito com a prática, mas em contrapartida eu senti que faltou um pouco de cuidado, por exemplo, de você estar lhe dando com pessoas, né?!

Então, acabou sendo um pouco automático demais, não tinha muito essa relação de você ter um maior cuidado na hora de transmitir os seus conhecimentos, né... de ter... de ter essa atenção com uma pessoa, por exemplo, que nunca havia feito a prática, né... e ela já ter que tá ali, toda certinha, tudo... você fica até com um pouco de receio de fazer algo errado.

Então, isso as vezes acaba até que deixando a gente um pouco inseguro e também com relação a Educação Física Escolar, né... puxando pra parte da Licenciatura, talvez a gente não tenha tido muito a oportunidade de refletir é... como nós levaríamos essa prática pro ambiente escolar e como a gente teria... e como a gente poderia transmitir esse conhecimento pros alunos.

Então, a gente não teve esse momento de fazer essa transição de situações, assim de... nós estávamos ali como pessoas, ali no ambiente universitário, mas a gente não teve a situação de levar esse conhecimento pro ambiente escolar, com pessoas mais novas, então, eu senti que faltou um pouco disso.

Entrevistador: Quais foram às vivências que tiveram nessa disciplina?

Entrevistada: Então, a gente teve a oportunidade de realizar o Kata, né... primeiro... o primeiro Kata...

Depois teve a oportunidade de passar por uma avaliação sobre isso...

E isso eu achei até interessante pela vivência, pra ver realmente na prática como é, apesar de ser um nervosismo muito grande, assim, que a gente fica...

É tivemos a oportunidade também de pensar em uma brincadeira, envolvendo os movimento da Luta X, foi uma prática interessante pensando na questão da escola, mas que eu acredito que tenha ficado muito... éh... que tenha sido muito pouco, né, pra gente... que principalmente pretende ser professor, acabou sendo uma prática um pouco que única, né... a gente só teve aquela oportunidade de reflexão... éh... também pudemos assistir um filme juntos, mas no geral foram nesses sentidos de fazer um movimento com um colega e ter um pouco mais de noção sobre a prática nesse sentido, assim...

Entrevistador: Foi solicitada a realização de vivências externas para a sua turma?

Entrevistada: Não... não... a única vivência, assim, fora do período de aula da disciplina, ainda assim, eram vivências no ambiente que nós fazíamos a disciplina, né...

Então, era no mesmo lugar; com o mesmo professor; com as mesmas pessoas...

Então, era meio que uma extensão da aula, né... não era uma oportunidade de ver outros ambientes; de ver outros movimentos... enfim.

Entrevistador: Era obrigatório a realização dessas vivências?

Entrevistada: Sim...

Essas vivências...

Então, a gente tinha que ir fora do horário de aula habitual, eram obrigatórias.

Entrevistador: Ocorreu a realização de visitas externas, tanto dos alunos irem a campo ou de convidados virem às aulas?

Entrevistada: Então... Os únicos convidados foram os avaliadores, né... na... para que eles pudessem avaliar o nosso Kata... mas a nossa ida a algum outro ambiente diferente ou a vinda de pessoas de outros ambiente não aconteceu.

Entrevistador: Como era a dinâmica interna das aulas? Distribuição das atividades? Uso do espaço?

Entrevistada: Então... a gente tinha um espaço, relativamente... éh... que conseguia, né... suportar... aguentar todas as pessoas dentro, na mesma sala, mas acaba ficando muito quente, né...

Então assim, a gente tinha até uma certa limitação de espaço que a gente poderia usar... éh... a gente poderia escolher a dupla, que nós gostaríamos de fazer a prática, mas era sempre no sentido de distribuir a gente, né... enfileirados, assim... lateralmente e... e aí a gente fazia movimentos de ataque, de defesa... éh... a gente aprende esses movimentos de forma individual, né, num primeiro momento e depois a gente ia pra situação de Luta, né... de combate em si, mas funcionava sempre dessa mesma forma...

Então, como no primeiro momento a gente aprendia o movimento... repassava os movimentos... depois a gente fazia essa situação de confronto e aí a gente também iniciava os movimentos do Kata, que eram repassados, né... nas... em todas as aulas praticamente.

Entrevistador: Quais os conhecimentos desenvolvidos nessa disciplina?

Entrevistada: Teóricos foram pouquíssimos, assim... quase nada... a gente... se não me engano... Eu acho que a gente aprendeu algum lema, algo do tipo no começo... que passava pra gente a importância da Luta X e todo o respeito que tem que ter com a Luta, mas depois disso foi só prática, então, a gente não teve nenhum embasamento teórico, nada do tipo, né... e a gente teve um filme também que nós assistimos, mas era no sentido de também de falar da valorização da Luta X e tudo o que envolvia, mas além disso a gente não teve nada.

Entrevistador: Como foi a avaliação?

Entrevistada: A princípio, aquela atividade que a gente tinha que planejar uma brincadeira, surgiu como uma possibilidade de avaliação, mas o que realmente ficou marcado como atividade de avaliação pra gente foi a prática do Kata, né... aquele momento que a gente tinha

que apresentar o Kata pros avaliadores, então, se a gente tivesse ido bem no Kata, nós teríamos passado na disciplina, mas do contrário não... então, a gente ficou preso, justamente nisso.

Entrevistador: Teve alguma prática e/ou vivência que foi marcante para você na disciplina X de Lutas?

Entrevistada: Ah eu acho que foi o Kata, né... a gente teve que aprender uma sequência de movimentos, então, a gente teve que se dedicar muito pra conseguir fazer, é... e por ser a avaliação mais importante da disciplina, então, a gente tinha que ter essa responsabilidade de fazer com excelência, né... então, pra mim foi a parte mais marcante.

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina Y de Lutas?

Entrevistada: A disciplina Y de Lutas, a gente teve com uma docente que estava substituindo a matéria, mas ela é muito... ela foi muito dedicada, assim... então, ela se preocupou em várias questões, né... então, a gente também teve uma parte de entender a história da Luta Y; a história de resistência do povo negro; o que a Luta Y representa; valor que ela tem na sociedade e talvez a desvalorização que acontece também com a Luta Y e a gente também teve a experiência de ter as vivências, após um conteúdo teórico.

Então, a gente tinha essas duas... essas duas, situações em aula, né... a parte teórica e a parte prática.

Entrevistador: Quais foram às estratégias de ensino abordadas?

Entrevistada: Ela preparava todo o material antes da aula, então, a gente já sabia o que seria trabalhado nas aulas; ela nos indicava textos também; trabalhava com vídeos, tanto que pra ela conseguir se apropriar mais do conteúdo, ela começou a prática da Luta Y e com isso ela também buscou convidados pra que a gente pudesse ter... como ela não tinha toda essa experiência, ela não tinha formação pra isso... ela também trazia convidados do município, da região, que ela pesquisou e foi atrás, para a gente poder ter a vivência, né... a gente também tinha um colega de turma que praticava a Luta Y a muitos anos, então, ela conversou com esse colega, ele prontamente... por amor a Luta Y... ele prontamente ajudou ela em tudo o que ela precisava, então assim, ela sempre teve a humildade de conversar com a gente, assumir

que era um desafio novo, mas ela também sempre teve muita vontade de buscar novos conhecimentos, né... então fluía dessa forma... a gente também teve a oportunidade de apresentar um seminário... é... então... a gente sempre teve muita conversa sobre a Luta Y e uma prática muito boa porque a gente tinha contato com outras pessoas, então acontecia dessa maneira.

Entrevistador: Como foi na sua perspectiva a visita desses grupos externos? Como foi o contato em um primeiro momento com a turma? O que eles apresentavam? Teve alguma vivência marcante? Como foi a dinâmica das atividades?

Entrevistada: Existem mais de um tipo de manifestação da Luta Y...

Então, ela buscou grupos que faziam a prática de cada um dos tipos da Luta Y...

Então, nós tivemos visitas do pessoal que praticava a Luta Y – Y¹ e Y²...

Então, a gente teve esse contato de conseguir fazer perguntas, né... pros convidados, eles também mostrarem a diferença de uma manifestação da Luta Y pra outra, falar um pouco mais sobre cada uma delas... sobre os instrumentos que eram utilizados...

Então, eles tiveram... Ela teve esse cuidado de convidar pessoas que tivessem essa conversa com a gente, né... que as vezes a gente não conhece muito, então, eles levavam os instrumentos, as vestimentas... a gente tinha a oportunidade de tocar os instrumentos, né... conhecer os ritmos e também a gente teve a oportunidade de fazer algumas horas, em ambientes fora da universidade, então, a gente teve a oportunidade de ir em locais do município que fazem a prática da Luta Y e ver como elas... como ocorria nesses espaços...

Então assim, era muito interessante porque a gente podia tirar dúvidas, a gente tinha a liberdade de poder fazer os movimentos, aprendendo com um mestre já, então, a gente teve muita liberdade nessa disciplina pra poder aprender o conteúdo, foi bem interessante.

Entrevistador: Como foram essas visitas externas e o que solicitado a ser observado?

Entrevistada: Então... a gente se dividiu em alguns grupos, e ela trouxe pra gente também todos os locais que haviam as práticas da Luta Y, então, a gente tinha que escolher... cada grupo escolhia um lugar e cada um ia no lugar que pudesse ir... éh... a gente tentava se dividir, pra ir no máximo três pessoas em cada lugar, pra não ficar muito cheio... mas ela fez esse mapeamento, de onde nós poderíamos ir e aí a gente visitava, a gente tinha, se eu não me engano umas quatro ou seis horas, mais ou menos, não lembro com certeza, que a gente tinha

que estar nesse ambiente visualizando as aulas... e aí, a gente tinha um roteirinho, assim, pra gente focar nossa atenção, então, a gente tinha que anotar – identificar qual tipo da Luta Y estava sendo realizada ali; os instrumentos que tinha; as vestimentas... então, todos os detalhes, né... de... de conteúdos que a gente viu, que a gente pudesse colocar em prática essa observação durante a disciplina... e aí, a gente também pedir autorização pra gente poder filmar; tirar foto... então, cada um tinha um conteúdo no final dessa observação... cada grupo tinha um conteúdo muito interessante: que a gente podia ver um espaço do município; que a gente podia ver um vídeo da prática; que a gente poderia conhecer, né... e quem sabe, a gente poderia até ingressar na prática da Luta Y... então, foi uma... um material, assim, muito interessante, porque a gente conheceu além da sala de aula e eu achei bem bacana.

Entrevistador: Como são desenvolvidos nessas disciplinas os conhecimentos e saberes que possibilitem a intervenção didático-pedagógica junto aos alunos dos diversos ciclos da Educação Básica?

Entrevistada: Eu me sentiria muito mais preparada em abordar o assunto da Luta Y do que da Luta X.

Eu sinto que apesar de eu ter tido a vivência, eu não sei se teria a didática suficiente pra passar o conteúdo, mas talvez seria a questão de realmente procurar outros meios de formação e de conhecimento, mais uma das coisas principais, assim, que a gente compreende as Lutas elas vêm no sentido de... assim... ter um maior respeito, né?!

Até então, uma das partes mais difíceis de você lhe dar com a questão... é você falar sobre Lutas e diferenciar de Brigas, que é uma das grandes dificuldades do ambiente escolar, mas seria nesse sentido de você ver nas Lutas um espaço de respeito, de... de você desempenhar ali... éh... uma consciência corporal, né... muita coisa que eu vivenciei ali, eu não imaginaria que eu conseguiria fazer, né... ou o passo a passo pra conseguir realizar...

Então, eu acho que seria nessa perspectiva, assim, de utilizar das Lutas como um momento de você conhecer seu corpo; respeitar o oponente; ter alguns valores, né... principalmente a disciplina... a disciplina na disciplina X de Lutas, a gente teve que ter muita disciplina, até demais... mas seria mais nesse sentido, assim...

Entrevistador: Quais os limites no processo de aprendizagem dessas disciplinas de Lutas?

Entrevistada: Os limites?!

Olha... Eu acho que assim... na disciplina Y de Lutas, a gente conseguiu ter muito... ter muito conteúdo mesmo, assim... a gente conseguiu absorver muito... na disciplina X de Lutas eu sinto que talvez a gente não ter essa relação de um embasamento teórico, de ter um pouco mais de conversa... era simplesmente a prática, então, a gente... eu sinto pelo menos que na disciplina X de Lutas o limite foi realmente a gente estar ali só pela prática...

Eu acho que faltou um pouco a gente ter momentos de reflexão, ter momentos de a gente conhecer além da prática, né...

‘Entender o movimento’;

‘Por que acontece?’;

‘Como que as pessoas faziam?’;

‘De onde surgiu?’,

Então, acho que faltou muito isso pra gente... toda essa parte histórica da Luta, a gente não teve conhecimento... então, acho que seria... vai de encontro a isso, assim...

Entrevistador: Quais as perspectivas no processo de aprendizagem dessas disciplinas relacionadas a Lutas?

Entrevistada: A Luta Y, por mais que eu nunca tivesse vivenciado, a gente vê com mais frequência à prática do quê a Luta X...

A Luta X ela geralmente acontece em lugares mais específicos, né...

Às vezes você está andando na rua e você vê um pessoal praticando a Luta Y...

E Eu estava, assim... Eu tinha grandes expectativas sobre a Luta X, porque realmente se empolga, fica animado, vou usar o kimono, vou aprender uma Luta, né...

Eu vim de... Eu vim de uma escola estadual, então assim, eu nunca tinha tido conteúdo de Lutas na escola, eu fui totalmente crua pras disciplinas, né...

Então, da disciplina X de Lutas, talvez eu não tenha criado tanto afeto e tanta ligação, assim... acabou que a gente teve... fez a prática da Luta X, numa perspectiva de obrigatoriedade, assim... a gente não teve esse sentimento de querer a prática, de sentir que está pertencendo a prática...

E aí, com a disciplina Y de Lutas foi totalmente diferente... com a disciplina Y de Lutas a gente realmente foi introduzido na Luta, de cabeça assim... Então, a gente tinha um

referencial, a gente tinha a oportunidade de conversar com outras pessoas, a gente frequentou outros espaços... Então, a gente teve a oportunidade de ver a Luta Y, para além dos olhos do nosso docente... a sociedade no geral e as pessoas que praticavam...

Então, a gente acaba vendo a Luta com maior cuidado, com maior respeito, carinho, né... porque a gente vê o quanto ela é importante pras pessoas que praticam ela...

Então, seria nesse sentido assim: a disciplina Y de Lutas ela foi extremamente interessante, me senti realmente fazendo aquilo... em sentir o conhecimento e que eu tava realmente absorvendo o conteúdo... mas em contrapartida a disciplina X de Lutas eu senti que faltou um pouco a desejar, talvez eu depois da prática... talvez não... eu com certeza não tive muita vontade de continuar a prática da Luta X, diferentemente da Luta Y, então, eu acho que esse é um ponto que é bem relevante.

Identificação do Participante: Otto	Entrevista de número: 05
Grupo: Discentes	Subgrupo: Integral – Reingressantes 2020
Duração da Entrevista: 14 minutos	Tempo de Transcrição: 02 horas e 19 minutos
Data da Entrevista: 24/08/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina X de Lutas?

Entrevistada: Bom...

Na disciplina X de Lutas, Eu pude ter um primeiro contato com a modalidade e Eu acredito que Eu aprendi um pouco das Técnicas, um pouco da Filosofia, e um pouco da prática, Eu acredito que é isso.

Entrevistador: Como foi a didática adotada?

Entrevistada: Eu lembro que foi uma didática bem prática, que a gente ia e fazia uma aula muito próxima do que seria se a gente fosse em uma academia assim...

Entrevistador: Quais foram às estratégias de ensino abordadas?

Entrevistada: Eu acredito que foi de forma verbal, verbalização e executar mesmo na prática.

Entrevistador: Como foi a avaliação?

Entrevistada: Faz até um tempinho que eu fiz...

Eu não sou um dos que tem a melhor memória não, tá?!

Mas eu lembro que ao final teve uma avaliação como se fosse um exame, né...

De troca de faixa.

Que valeu como troca de faixa e a participação...

Ehh...

Se eu não...

Eu não tô lembrado aqui de ter tido uma prova escrita ou um seminário, mas....

Eu não tô lembrado mesmo, eu não tenho certeza tá?!

Entrevistador: Como e quais foram às vivências realizadas?

Entrevistada: Como foram?!

De forma similar mesmo, a como se fosse em uma academia né?!

Você vai, você faz a posição lá de joelho, que fugiu o nome agora...

Uma reverência...

Aí eu lembro que você fazia alguns golpes, aí você fazia o Kata, aí você fazia como se fosse uma luta em duplas, mas meio que sem o contato, eu acredito que era isso.

Entrevistador: Quais conhecimentos foram desenvolvidos?

Entrevistada: Eu acredito que os conhecimentos foram principalmente às técnicas e um pouco da filosofia mesmo.

Entrevistador: O que aprendeu na disciplina Y de Lutas?

Entrevistada: Eu pude aprender um pouco da cultura afro-brasileira, pude aprender um pouco das técnicas, né... da Luta Y....

Eu não sei se você sabe, foi com um Professor que eu acho que ele estava no mestrado quando... quando eu fui... Acho que era substituto, alguma coisa assim, mas enfim eu acho que é isso.

Entrevistador: Como foi a didática adotada?

Entrevistada: Então... Eu lembro que neste caso foi até que próxima da Disciplina X, onde ele até que demonstrava alguns golpes né... e a gente tentava aprender, tentava fazer em dupla, e ao final fazia uma roda, era basicamente assim.

Entrevistador: Quais foram às estratégias de ensino abordadas?

Entrevistada: Eu acredito que foi bem prática mesmo, foi fazer, ele demonstrar, explicar verbalmente, demonstrar fisicamente e a gente ia pra prática e tentava fazer parecido. Como eu falei:

‘De forma explanativa’,

Entrevistador: Como foi a avaliação?

Entrevistada: Então eu lembro que a gente chegou a fazer trabalhos sim e não teve uma avaliação prática assim de você fazendo e mais presença também, mas não foi uma coisa muito formal vamos dizer assim.

Entrevistador: Como e quais foram às vivências realizadas?

Entrevistada: Pelo o que eu estou lembrado aqui foi mais mesmo explorar os movimentos tá?!

Cada aula tinha alguns movimento, e aí a gente treinava esses movimentos, aí depois tinha uma ordem e na outra aula tentava alguns movimentos novos.

Entrevistador: Quais conhecimentos foram desenvolvidos?

Entrevistada: Eu acredito que mesmo que um pouco dos conhecimentos da prática, um pouco da convivência e um pouco da cultura afro-brasileira.

Entrevistador: Como são desenvolvidos nessas disciplinas os conhecimentos e saberes que possibilitem a intervenção didático-pedagógica junto aos alunos dos diversos ciclos da Educação Básica?

Entrevistada: Bom... Eu acredito que essas disciplinas trazem uma atividade nova pro seu “arcabouço”, acredito que as Lutas de maneira geral trazem um pouco de filosofia, respeitar o próximo, trabalho em equipe, etc.

Exploram aí um pouco do movimento do corpo que é muito positivo, acredito que é isso.

Entrevistador: Quais os limites no processo de aprendizagem dessas disciplinas de Lutas?

Entrevistada: Na minha visão...

Eu já fiz aí, quando era mais criança, uns quatro anos de judô né?!

Então eu gosto do tema, pra mim eu apreciei sim as matérias.

Bom... se eu fosse o professor, né?!

Eu resgataria um pouco mais da, por exemplo, na disciplina X de Lutas, um pouco mais da parte escrita, reflexiva assim da história; foi uma coisa bem prática que eu gosto, mas se eu tivesse na posição dos professores eu teria feito isso.

E no caso da disciplina Y de Lutas, como eu falei né?!

Era um substituto, né?!

Então poderia ter um pouco mais de experiência, né?!

Deu pra ver que ele... bom era isso... um pouco mais de experiência.

Entrevistador: Quais as perspectivas no processo de aprendizagem dessas disciplinas relacionadas a Lutas?

Entrevistada: Eu acredito que assim, a experiência que eu tive em relação ao tema Lutas, foi bem... foi pouca... acho que foi pouca explorada.

Eu tenho um pouquinho de “feedback” fora da Universidade, então eu me sentiria confortável a ministrar uma aula sobre o tema, mas acredito que se fosse unicamente com que a faculdade fornece, acredito que é pouco.

APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista: Docente que já ministrou disciplinas relacionadas a Lutas

Identificação do Participante: Rogério	Entrevista de número: 22
Grupo: Docentes	Subgrupo: Responsáveis por ministrarem as disciplinas de Lutas
Duração da Entrevista: 54 minutos	Tempo de Transcrição: 07 horas e 12 minutos
Data da Entrevista: 09/12/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: Bom... Professor, eu reforço os agradecimentos.

Comunico que a gravação iniciou por aqui.

E eu começo apresentando ao senhor, o seguinte: No currículo do nosso curso as disciplinas relacionadas as Lutas são denominadas com nomenclaturas específicas de suas modalidades, então atualmente a gente tem o Karatê e a Capoeira, e antes a gente tinha o Judô também. Como você enxerga essa relação?

Entrevistado: Bom Felipe...

Entrevistador: Do que as Lutas propriamente ditas... então elas tem as nomenclaturas específicas, do que Lutas propriamente ditas...

Entrevistado: Na verdade é... a opção inicialmente... a gente entende que tem alguns cursos que fazem um agrupamento para que tenha uma experiência na concepção geral de Lutas, tá bem?!

Algumas delas, é... ganharam espaço por conta da cultura nacional, né?! Outras ganham espaço pela grande difusão social e já... como já estão a muito tempo em prática no Brasil... Claro né?! Também já fazem parte da cultura nacional, né?! Tá bem?! Trazido por culturas... por outros povos, mas já trazem aí o seu enraizamento na nossa cultura.

Então eu acho interessante que tenha a nomenclatura, porque a nomenclatura e os conteúdos próprios de cada uma tem aí essa função também de identificar a origem, tá certo?!

E é...

E então não é uma questão apenas relacionadas ao conteúdo que vai ser ministrado, nem a forma como vai ser ministrado, porque cada uma tem as suas peculiaridades em relação

a isso, mas também como uma forma de identificação, de origem, história, o que também é parte integrante do conteúdo, tá bom?!

Então é por isso que eu sou a favor da manutenção de nomenclaturas próprias, tá?! E não em termos gerais, tá bom?!

Entrevistador: Perfeito!

E Professor, no último processo da reformulação do nosso currículo, nos temos o Judô, como uma disciplina que acabou saindo do nosso quadro atual. O senhor poderia compartilhar comigo, como que foi esse processo e o por que deixou de permanecer?

Entrevistado: Bom... é... na verdade foi um acerto de carga horária, então nós tínhamos um limite de carga horária e precisava fazer opções, tá certo?!

No entanto, né, frente a essa opção nós também presamos a questão da diversidade, né?! Então foi colocado, né?! Foi dado prioridade a uma disciplina de Capoeira, por ter uma cultura diferente das outras artes marciais, da origem histórica das outras artes marciais. E dentre as outras artes marciais que eram aplicadas Karatê e Judô, né?! Nós tínhamos ali, conteúdos, né?! E habilidades diferentes, né?! Mas nos temos ali uma perspectiva histórica muito similar, tá bem?! Foi dada aí a opção por uma delas na ocasião, tá bem?!

Então como o Professor de karatê tinha uma identificação muito maior com a área, né?! Do que eu tinha com o Judô, apesar de eu ter sido Professor por muito tempo, a minha identificação em termos de área de investigação é diferente, né?!

Então como o Professor [REDACTED] tem ali também não só a área de atuação profissional, mas também a área de investigação voltada para a Arte Marcial. Então... É claro... ficou ali uma ocasião mais propícia a manutenção do Karatê, tá bom?!

Então eu acho que contribui mais com relação a essa parte mais global que se espera, né?! Associando ensino, pesquisa e extensão, tá?!

Entrevistador: Entendi!

Eu acho que eu não cheguei a comunicar antes Professor, mas eu venho fazendo essas entrevistas no modelo semiestruturado, então eu tenho algumas perguntas prévias no roteiro, mas algumas perguntas surgem aqui e eu acabo que fazendo até mesmo como que uma curiosidade pra englobar depois na discussão que eu vou vir a realizar também.

Entrevistado: Perfeito! Sem dúvidas!

Entrevistador: E vindo... dando continuidade a essa linha de pensamento...

Como é... Qual é a sua experiência prévia com as Lutas, com o Judô?

Entrevistado: Bom, aí... Eu acho que tem um pouco da experiência... é... de... daquele que procura a Educação Física, né?!

Que é uma vivência esportiva anterior, tá bem?!

Então quando... é...

Eu não dava a disciplina de Judô, né?!

Essa disciplina de Judô era antigamente compartilhada entre o próprio Professor [REDACTED], que já deu a disciplina de Judô, né?!

Nós tínhamos o Professor que era bastante específico, aí né?! Que tinha uma vivência muito grande, hoje já falecido, mas já foi diretor da nossa Faculdade, né?! Tá bom?!

Que inclusive é vô de uma de nossas alunas, né?!

Foi vô de uma de nossas alunas...

Que era um Professor aqui.... Ele era de Botucatu, mas também dava aula de Judô e por isso tinha uma história muito grande, né?!

Que era o Professor [REDACTED].

Mas enfim, essa disciplina depois de muito tempo, com múltiplos professores, chegou até mim, da minha experiência prévia com a Arte Marcial. Tá bem?!

No entanto, eu fui praticante, mas não fui um seguidor, tá?! Do Judô...

Houve algum momento da minha vida que eu já deixei de praticá-lo, né?! E não retornei a prática, né?! Voltei depois com a parte conceitual pra ministrar a disciplina. Tá bom?!

Então essa que é uma questão bastante interessante... Então por exemplo, algumas questões relacionadas a parte burocrática, estrutural do Judô, eu nunca participei, que foi de Confederações, Federações, entendeu?! Essas coisas...

Quando competidor sim! Mas depois enquanto Professor, em termos de se dedicar, se aprofundar e contribuir para a Arte Marcial, seja como um federado, como um árbitro, essas coisas não foi aprofundada, tá bom? Tá bem?

Tá sem áudio (entrevistado comunica ao entrevistador) ... Tá sem som...

Entrevistador: Opa... Desculpa Professor...

Entrevistado: Imagina...

Entrevistador: Muito bacana esse compartilhamento dos seus relatos, porque é algo que eu sempre quis perguntar mesmo... Então a minha formação é no Judô e em paralelo eu desenvolvi no Jiu-Jitsu também, eu não sei se o senhor se lembra que eu até fiz parte do projeto de extensão Jiu-Jitsu na UNESP, sob sua orientação...

Entrevistado: Sim... Sim...

Entrevistador: Ainda no primeiro ano, como calouro, a gente não entende muito bem quais são as estruturas do projeto de extensão e até mesmo de iniciação científica, mas é algo que eu sempre quis perguntar e tô tendo a oportunidade agora...

E diante disso tudo que o senhor me expôs, eu lembro-o que eu venho fazendo a Licenciatura, então diante dessa conversa que a gente teve até o momento, eu vou tentar trazer a questão das especificidades, conforme eu apresentei, como um modelo de atuação que o discente, que tá sendo formado agora, ele vai ter lá na frente:

Então diversos currículos, seja a BNCC ou os currículos estaduais e municipais eles vão apresentar especificidades assim como nós temos no próprio curso, só que além do Judô, do Karatê e da Capoeira, eles também propõem outros, como a esgrima, o boxe, o taekwondo, *n* modalidades variando de cada currículo.

Uma pergunta que eu faço, o Senhor acha que existe, diante dessa... então da graduação com aquilo que virão intervir no futuro uma incoerência no modelo de formação?

Entrevistado: Eu acho... Eu acho que a opção, né?! Por uma oferta disciplinar, ligada ao campo do ensino, por exemplo, então o Profissional de Educação Física sendo aí, digamos assim, estimulado, né?! Ao inusitado, né?! Tá bem?!

Bom aí depende, né?! Do quanto isso... Da onde que ele parte, né?!

Pra explorar essa questão inusitada, né?!

Porque... Eu pelo menos falo de acordo com aquilo que eu aplicava durante a parte do Judô, né?!

Então a disciplina tinha por intenção explorar ao máximo as habilidades do Judô enquanto ferramentas que propiciam o ensino do movimento, então sempre eram questões relacionadas ao controle corporal, ao equilíbrio, a queda, tá bem? A flexibilidade, a agilidade.

Então essas grandes, digamos assim, valências físicas foram enaltecidas e incorporadas ao ensinamento.

Então quando eu vejo aí um profissional que é desafiado com uma questão nova pra ele, eu acho que quem vem de um currículo que tem essas bases anteriores... É claro, vai sentir... vai ter a questão do novo, vai ter que aprender, né?! Mas tem a base do que é que se procura ensinar nessas disciplinas, tá bem?!

Então para além... para além da formação do atleta, nós temos a formação motora, as características motoras do próprio indivíduo.

Então eu acho que quando a gente esbarra na... consegue diferenciar as duas coisas, né?! Nós trazemos... Nós diferenciamos o Professor, né?! Tá bem?! Daquele que é por exemplo um técnico que nem sempre tem a Profissão, né?! Mas que tem a formação dentro da habilidade.

Então é interessante por quê? Porquê nas questões, no boxe/ na esgrima, nós não temos especificamente esse tipo de formação, mas por exemplo no Judô, no Karatê e na Capoeira existe uma graduação própria da disciplina, não é?! E aquele que alcança um nível superior de graduação, né?! É constituído como um habilitado dentro da disciplina como Professor, né?!

Então é... é... E muitas vezes o Profes... e esse... e essa pessoa não é um profissional da Área de Educação Física, é um Profissional de outra Área, mas que atua com o Esporte, porque tem uma graduação que o Esporte lhe conferiu, tá bem?!

Então aí fica uma questão da... digamos uma... uma formação... deformação... uma dupla formação profissional, né?! A que dá... A acadêmica, né?! E a que o Esporte confere, tá bem?!

É, então eu vejo assim, os profissionais de Educação Física, os profissionais com uma formação acadêmica, não tem as... não tem a mesma... o peso nas costas e a obrigatoriedade de construir o atleta, tá bem?!

E tem por opção, né?! E por dever... Isso é uma perspectiva pessoal... De saber identificar quais são as habilidades que podem ser utilizadas, né?! Para o aprendizado na escola, e não na habil... e não do esporte em si, né?! Mas como o esporte em si, pode ajuda-lo a melhorar, né?! Tá bem?! Tá certo?!

Entrevistador: Perfeito Professor!

Me sinto contemplado com a sua resposta e muitas das coisas que o senhor falou também eu já venho tendo contato na literatura, então eu acho que isso vai suscitar uma discussão muito rica depois.

Agora eu vou mudar um pouco e vou te apresentar o que pode ser uma dificuldade dentro da nossa graduação, pelo menos dentro da minha perspectiva... Bom, então nós temos as disciplinas relacionadas as Lutas pertencentes a dimensão dos conhecimentos daquilo que conhecemos como as Manifestações da Cultural Corporal de Movimento e em nosso currículo sendo desenvolvidas no Tronco Comum, então quais são as dificuldades em desenvolver competências pedagógicas para atender tanto o Grau da modalidade de Licenciatura, tanto o Grau da modalidade do Bacharelado?

Entrevistado: Pois é, né?!

Nós precisamos lembrar que esse profissional é... que atende... que atende o Tronco Comum... Eu não sei mais se nosso curso ainda é assim, porque nós temos entradas diferentes, né?! Tá bem?!

Entradas diferentes, mas não sei se nós temos salas comuns, tá bem?!

Bom... mas em havendo, como já em outras oportunidades nós tivemos, nós não temos a distinção ainda entre o licenciado e o bacharel, nós temos ali o graduando da Educação Física, que vai ter ali um conhecimento que como eu comentei ali logo no início, não se limita apenas a questão motora, a questão da habilidade em si, mas todo uma... um conhecimento que vai desde uma questão histórica, não é?! E a vivência, faz uma imersão na cultura relacionada aquela modalidade, tudo bem?!

Então eu acho que... que pro Professor em termos pedagógicos, esse nível de discernimento, né?! Separação entre Bacharel – qual o conteúdo do Bacharel e qual o conteúdo da Licenciatura? Ainda não é, ainda... ainda uma coisa bastante assim visível, em termos de... de práticas separadas, tá bem?!

Mas, claro né?! Esse Profissional quando pegar o seu... a sua linha de especificidade e começar a ter outras disciplinas, né?! Vai lembrar daquele momento e vai poder fazer a ponte, né?! Com aquilo que foi... foi transmitido, tá bem?!

Então eu, na verdade, essa é uma questão interessante porque nós não temos muitas disciplinas integrativas, certo?! Hein?!

Entrevistador: Sim!

Entrevistado: E a integração muitas vezes compete ao próprio aluno, que no seu... na sua capacidade de... de... de dúvida, de associação, no seu interesse em querer saber, começa a extrair do Professor as suas principais questões que vão ajudá-lo a fazer esse tipo de associação, tá bem?!

Agora...

De fato, que disciplina no curso que nó temos que falar, essa é uma disciplina que vai associar prática pedagógica a um determinado aprendizado de uma habilidade? Por exemplo... Não é? Tudo bem?!

É... Eu acho que todos os esportes, né Felipe?! Eles são integradores! Todos os esportes eles são integradores! Porque ali é a contextualização de todos os ensinamentos, né?!

Eu até... até brinco que devia vir por último os esportes, depois quando soubesse tudo, aí ele viria lá e de fato ir pra área prática, né?! Tudo bem?!

Como acontece com a Medicina, né?! Primeiro eu aprendo tudo e depois vou pra parte prática, você entendeu?!

Então essa que seria a questão, né?!

Mas no curso de Educação Física é ao contrário, então onde o campo que deveria integrar, né?! Vem primeiro, mostra o contexto e aí o aluno vai aos pouquinhos tendo que verdadeiramente ir... ir associando por si só ou fazendo questionamentos aos Professores, porque eu vou repetir 'eu acho que a gente não têm uma disciplina integradora', tá bem?

Entrevistador: Dando prosseguimento por aqui, eu vou tentar fazer um processo de rememoração com o senhor, de... pro senhor lembrar como que eram às aulas, né?! Então eu pergunto qual era a metodologia/didática da disciplina de Judô? Como que ela era desenvolvida?

Entrevistado: Bom a... a disciplina tinha três momentos bastante distintos, tá bem?! Certo?!

Entrevistador: Correto...

Entrevistado: Então nós tínhamos um momento, né?! De conhecimento das habilidades, tá certo?! Tá bem?! Depois nós tínhamos um texto de aplicação das habilidades em uma aula, o que que era... é... é... como era o desenvolvimento, do aprendizado daquela habilidade, tudo bem?! E isso aí era uma questão que eu achava interessante, porque dava ferramentas para

organizar uma aula, né?! Da parte mais... digamos assim, simples ao mais complexo, de acordo com os níveis de aprendizado de cada um, tá bom?!

E uma parte associada a questão esportiva e hist... e cultural do esporte, da modalidade, tá?! Então essas questões eram... esses três aspectos eram bem... bem definidos, tá bom?!

Entrevistador: Elas vinham geralmente nessa ordem mesmo ou não necessariamente?

Entrevistado: Na verdade, na parte do conhecimento das habilidades e do seu desenvolvimento na aprendizagem, a gente fazia isso integrado, tá bom? Integrado.

Ao final, é que nós tínhamos separado uma parte competitiva e uma parte histórica, né?! Bem... separada desse outro conteúdo.

Entrevistador: E nessa parte de aprendizagem, nós sabemos que assim, muitos alunos mesmo estando na graduação talvez esse seja o primeiro momento em que eles estão tendo contato com a própria disciplina de Judô e talvez seja o único em toda sua vida, enquanto outros já vem com uma certa experiência. Como que o senhor trabalhava esses diferentes níveis de aprendizagem, as dificuldades, ou se até mesmo utilizava o auxílio dos alunos mais experientes no desenvolver dessas disciplinas?

Entrevistado: Muito bem, né?! Então é claro que ali nós tínhamos 100% (cem por cento) de pessoas que já conheciam, né?! Ou ouviram falar... e na verdade ali, uns 10 (dez) a 20 (vinte) por cento (%) de pessoas que já praticaram e menos ainda que continuavam a praticar, tá bom?!

Então a questão era...era mostrar pra essas pessoas que sabiam o que era mais fundamental, ou seja, naquilo que é mais fundamental... aquilo que é mais complexo, tá certo?! Tudo bem?

Em termos de evolução, então eu vou dar um exemplo pra você, uma coisa é você cair quando você está de cócoras, cair de costas quando se está de cócoras, né?! Outra coisa é você cair de costas sendo projetado por cima do ombro de outra pessoa, hein?!

Então essas... então essas questões do básico ao mais específico do Judô a gente assegura, a gente mostrava como é que evoluía, não é?! E até fazia... procurava fazer relações com a complexidade, né?! Relacionada a vida profissional, né?!

‘Vocês vão encontrar crianças, até onde nós podemos ir com as crianças?’, tá bom?!

‘Nós vamos encontrar adultos, até onde nós podemos ir com os adultos’, né?! Tá bem?!

Então a gente organizava as atividades de acordo com a parte do... da complexidade da tarefa, a gente organizava de acordo com aquilo que é mais simples de ser aprendido, daquilo que é considerado básico para conhecer o perfil de um determinado esporte, ou seja, o que é que eu tenho de corpo de conhecimento mínimo para o aprendizado.

Então nós tínhamos ali uma ferramenta, né?! Que eu sempre comentei por ser uma área de minha de atuação, muito realizado a parte de desenvolvimento psicobiológico, né?! Tá bom?! Porque ali a gente, associava ali um... uma fase por exemplo de desenvolvimento humano com a sua habilidade mais adequada pra estimular ou ser realizado. Bem, mas isso é eu, enquanto profissional, né?! Por conta da minha área mais próxima da Fisiologia, certo?! Tá bom?!

Entrevistador: Professor agora, algumas perguntas eu vou até, se possível, pedir para que o senhor exemplificasse com algumas atividades de como eram feitas em sala de aula, caso tenham ocorrido.

Quais eram os objetivos com a realização das atividades de práticas pedagógicas com seus alunos? Eram objetivos mais pontuais de determinadas aulas ou era algo contínuo, de uma aula dar continuidade a outra?

Entrevistado: Então, a gente partia sempre de uma evolução, né?!

A gente não conseguia chegar por exemplo a uma projeção por cima dos ombros, sem passar antes por uma projeção pela cintura, sem passar antes por uma projeção pelo pé, sem passar antes por uma projeção de cócoras ou sentado, tá bem?!

Então, nós tínhamos aí uma escala... uma escala de evolução, tá bem?!

Baseado aí em conteúdos relacionados, tá bom? Por exemplo, vamos... ninguém por exemplo iria aplicar golpes antes de saber cair, ou fazer o ukemi de pé, mas aí tinha toda a evolução relacionada, fazer sentado, fazer deitado, de cócoras e depois de pé, tá?!

Então a evolução, Felipe, do ponto de vista pedagógico... do ponto de vista pedagógico, levava muito ao desenvolvimento da natureza da habilidade em si, estava centrado no nível de complexidade da tarefa, tá?!

Então é sempre do mais básico para o mais complexo, ou do mais simples para o mais difícil, né?! Ou o que dá menos medo, para o que dá mais medo de ser executado, tá certo?!

É claro que... que nesse contexto, né?! As pessoas participavam... participavam de jogos, participavam da própria execução repetitiva do movimento, depois a gente incluía isso em trabalhos – em duplas/ em trios, né?! Então, por exemplo, algumas brincadeiras como ‘balança caixão’ por exemplo, a gente fazia o ‘balança caixão’ e jogava a pessoa lateralmente para ela fazer o ukemi (*quedas/ rolamentos*), já numa fase mais avançada, não é?!

Então a gente usava algumas brincadeiras, usava muito o trabalho em dupla, né?! Que aí as pessoas criavam afinidades, com relação a confiança, aplicação da força, tá bem?!

Então essas situações dentro da evolução... essas situações... essas... essas... digamos assim... essas organizações da prática de ensino a gente ia colocando à medida que ia evoluindo, tá bom?!

Entrevistador: Beleza!

E aí eu vou pegar um gancho dessas interações entre os alunos, pra perguntar para o senhor como que eram essas atividades? Eles realizavam essas atividades conforme uma proposta que o senhor levava ou eles também eram estimulados a estarem desenvolvendo atividades em que eles passassem a estarem ali num papel como professor também?

Entrevistado: Então, aí nós tínhamos a parte das aulas em si, né?! A parte das aulas tinha toda aí uma estrutura é... começo, meio e fim, parte inicial, parte principal, parte final... E nessa fase de desenvolvimento as pessoas... os alunos eram estimulados a trazer algumas... algumas tarefas que poderiam ser encaixadas em determinadas fases, então um grupo ficava com a parte inicial, outro com a parte principal, outro com a parte final, tá bem?! Eles iam sendo estimulados a trazer essas informações, tá bem?!

Felipe?

Entrevistador: Tá travando aí pro Senhor?

Entrevistado: Tá! Tá travando um pouquinho você.

(**Oscilação no sinal de internet do entrevistador**)

Entrevistador: Vamos dando continuidade aqui, aí qualquer coisa eu paro e retomo a fala, mas eu estou escutando o senhor OK por aqui.

Como o senhor enxerga as vivências didáticas que permitem ao estudante contato com ambientes e profissionais externos ao meio acadêmico ao qual estão inseridos?

Então, visitas a academias, entrevistar alguns mestres e se isso era feito também na disciplina?

Entrevistado: Sim, a gente convidava... incentiva eles a irem a academias, né?! Pra conhecer... Principalmente de ex-alunos que passaram a seguir o Judô e dar aulas de Judô, tá bem?

Nós convidávamos outras pessoas pra vir falar sobre essa vivência, então a gente ficava realmente centrado nessa expectativa, né?! Tanto de ir visitar, como de receber, tá?!

Eu acho que é uma forma de contato com o modo profissional interessante, porque aprende ali a dificuldade que é a parte de administração de um ambiente profissional, né?! Para além da administração, né?! Tem a parte do próprio... da própria relação entre profissional e cliente, tá certo?!

E depois eles acabam tendo vivências, né?! Que permitam o retorno depois às aulas e os comentários, se tudo aquilo que a gente vivenciou é... confere segurança a essa pessoa com relação a prática futura, ou se ele chegou a ver coisas ali que ele não viu na disciplina, não é?! Não só com relação ao aspecto do contexto do aprendizado, como a parte de execução das habilidades, mas também com comentários a própria estrutura da aula, ao próprio conteúdo da aula, tá bom?!

Então eu acho que isso é enriquecedor, porque trás a realidade, né?! E o enfrentamento da realidade quando ele é retornado a sala de aula e bem debatido, né?! Eu acho que é promissor, tá?!

Entrevistador: Professor eu vou encerrar essas questões mais voltadas para a metodologia e agora eu vou partir pra uma outra questão também, que a gente encontra bastante debate na literatura que é referente a avaliação, o que o senhor considera imprescindível na avaliação da disciplina de Judô que ministrou?

Entrevistado: Muito bem!

Então, é claro, que nós tínhamos ali uma avaliação teórica e uma avaliação prática, além de uma avaliação... de uma dinâmica em grupo, sobre um tema específico.

Então eu acho que essas perspectivas se complementam, porque eu acho importante ter o domínio da cultura, por exemplo, no Judô os nomes são em japoneses, né?! São todas nomenclaturas japonesas.

Então é difícil, é difícil...

Então associar nome a uma técnica é complicado, mas algum domínio tem que ser mostrado sobre isso, né?! Certo?!

Então na prática a gente via se a pessoa tinha essas... sabia fazer essas relações, tá bom?!

Na parte teórica, né?! Estava relacionada a própria estrutura de aula, e a questão histórico e competitivo do Judô, então aí é uma parte que completa todo o perfil da prática da modalidade, então quais são os conhecimentos básicos sobre a história, sobre a competição, sobre as aulas... E o seminário, né?! Que onde a gente pega o que é que se procura, quais são os principais temas a serem investigados com relação ao Judô, então nós tínhamos aí a parte fisiológica, a parte comportamental, nos temos a parte do próprio ensino, a parte relacionada ao desenvolvimento motor.

Então essas questões relacionadas ao Judô, que são temas digamos assim, mais aplicados, mais acadêmicos, também faz parte pra mostrar que existe a possibilidade aí de investigação, né?!

Então não é só uma questão relacionada a um conteúdo fechado, mesmo que tenha uma perspectiva histórica já muito grande nessa parte esportiva, então ainda há muito que se conhecer e o que é que se vem buscando conhecer, tá bom?!

Entrevistador: Quais eram os momentos em que o senhor realizava essas avaliações?

Entrevistado: Nós tínhamos as avaliações práticas acontecendo primeiro, juntamente com cada etapa de evolução, tá bom?!

Então a partir de cada conjunto básico a ser ensinado, nós entrávamos com uma aplicação prática.

Aí a parte teórica, né?! Vinha após o fechamento dessa parte... dessa parte prática e depois por fim para finalizar a disciplina, né?! Vinha os conhecimentos sobre as aplicações acadêmicas pra fazer o fechamento final da disciplina, tá?

Entrevistador: Professor a próxima pergunta que eu vou fazer ao senhor... O senhor até chegou a abordá-la de forma indireta, quando eu perguntei ‘do que é imprescindível

avaliar na disciplina’, mas agora eu vou refazê-la, não só para a questão de avaliação, mas sim pro próprio desenvolvimento e pra disciplina de um modo geral:

Como aproximar a teoria da prática de forma a que uma favoreça o desenvolvimento da outra?

Entrevistado: Bom... essa é a questão, né?!

Eu acho que as Lutas é... e é por isso que eu disse pra você, no começo, o esporte deveria ir no final, porque ele é integrador, não há, como por exemplo, passar um conhecimento, né?! Sem... sem dar a base pra isso, então eu vou passar um ukemi:

‘O que se aprende com isso?’;

‘Pra quê isso?’;

‘É só uma questão relacionada a habilidade do Judô?’ - Não!

‘O que eu aprendo?’ - Aprendo a cair...

‘Em que condições?’ - Em qualquer condição’, né?!’... Tá certo?!

Quando eu estou andando... é... quando eu estou descendo escadas e caio: ‘Como é que eu posso me virar para não me machucar?’ - Noções de queda do dia a dia, tá bem?

‘E por que partir por ela?’ - Porque ele é o objeto final de toda a Luta, que é derrubar o adversário de costas.

Então pro adversário não se machucar, tem que saber cair. Ele é o mais básico de todos.

Então os... os nossos futuros alunos na escola não podem se machucar, né?!

Então a gente tem aí toda... toda uma questão relacionada a segurança: é uma habilidade básica que dá segurança, com aplicação no dia a dia. Todo mundo pode fazer, porque o movimento é bastante simples, então até a gente ir evoluindo, né?! Com quedas frontais, costas, rolamentos, né?! Tá certo?!

Então... Então é o ukemi, foi dado um exemplo, de como isso tem um contexto dentro e fora do judô, e como o ukemi por exemplo é tratado como uma habilidade fundamental, né?! Não preciso nem ter o tatame para realiza-lo, não é?! Então eu estou ensinando o Judô em qualquer ambiente, mas partindo da sua habilidade fundamental, tá bem?!

Entrevistador: Eu não sei se estou equivocado, mas o senhor chegou a dizer que essa disciplina do Judô ela era dividida entre o Senhor e o Professor [REDACTED], é isso?

Entrevistado: Não... Não, eu estou dizendo que eu assumi a disciplina, ele e outro Professor chegaram a dar a disciplina antes de mim, tá?!

Depois que ela ficou muito tempo sob minha responsabilidade... Antes variava bastante, tá?

Entrevistador: Entendi!

E como é... era articular o desenvolvimento das aulas, com o documento do Plano de Ensino?

Entrevistado: Bom... o Plano de Ensino ele tá muito baseado em aprendizagem de habilidades, tá bem?

Então nessa perspectiva não havia nenhuma dificuldade, tá? Porque ele tá ali muito centrado e ainda tá no aprendizado das habilidades.

Entrevistador: Teve alguma vivência/ atividade que o senhor passou em um ano e no ano seguinte optou em não passar? Como era essa relação da diferença de variar de um termo pra outro?

Entrevistado: Bastante, né?! Bastante... Porque nós estamos desenvolvendo uma brincadeira, né?! De agarrar e derrubar, em algum momento aquilo pode ser agressão, né?! Tá certo?!

Então a gente... a gente tinha que... que de vez em quando evitar algumas situações, porque são brincadeiras que envolvem Lutas, né?! E confronto, né?! Entre corpos... E isso tem que... Se funcionar, sim, mas se não, pessoas – extremamente competitivas; pessoas que precisam aprender a respeitar o outro indivíduo, tanto na dosagem da sua própria força, como onde é possível aplicar essa força, tá bem?!

Então a gente usava mesmo quando dava errado, a gente aproveitava pra passar esse conceito, tá bem?!

Então passava: ‘O que deu errado?’; ‘Por que machucou?’, não é? Tá certo?

Então isso eram coisas que faziam parte da rotina, mas também nos ajudavam a explorar o conteúdo no momento e entender o que a gente queria e o que saiu de errado.

Entrevistador: No Judô, assim como no Jiu-Jitsu, que são lutas agarradas, nós temos um outro fator que os distingue-os, por exemplo, do Karatê, então nessas Lutas como o Judô e o Jiu-Jitsu, desde um primeiro momento os participantes acabam que tendo um contato corpo a corpo com o outro... com o outro parceiro. Como isso era trabalhado

também, ou um contato prévio, até mesmo a questão da vestimenta, era solicitado Kimono ou a própria roupa de Ginástica era permitido? Como era essa relação?

Entrevistado: Então, isso fazia parte da questão... da questão do próprio aprendizado, né?!

Então havia num primeiro momento, nos primeiros meses de aprendizado em que a gente estava sem roupa, pra mostrar que era possível ensinar o Judô em qualquer ambiente em qualquer forma, sem kimono e sem o dojô, tá?!

...

Se cair aqui eu já volto, vou pegar um cabo lá e vou falando enquanto isso

...

*(*Entrevistado comunica do risco da bateria de seu aparelho descarregar durante o uso*)*

...

Entrevistado: Mas Felipe, o confronto é inevitável, então pra... e algumas habilidades técnicas dependem do manuseio do kimono, então a gente precisava também em algum momento ter um kimono pra mostrar como é que ele funcionava, pra você poder projetar e imobilizar o adversário, não é?!

Então isso fazia parte da técnica... da técnica e todo mundo aceitava tudo muito bem, né?! Tá bom?

Agora, é claro que isso pode ser substituído e a gente mostrava quais técnicas podem ser aplicadas, por exemplo, sem o kimono, tá bem?!

Quais técnicas... até onde a gente podia avançar, até onde não dava mais para avançar... Entendeu?! Então limitava o conteúdo quando a gente não tinha condições estruturais suficientes pra isso... como deve acontecer na maioria das escolas, tá bem?! Que não tenham estrutura pra isso.

Então a gente fazia todos esses zelos e essas pontes com essas questões de infraestrutura, tá?!

De infraestrutura e conteúdo a ser aplicado.

Entrevistador: O senhor tocou em um ponto que eu não tinha me atentado até agora, mas que eu acho bem interessante, por exemplo, nós ainda temos uma infraestrutura que nos permite ter esse tipo de disciplina lá na Universidade, mas a gente sabe que em muitas escolas não são assim e mais de uma vez o senhor chegou a falar dessa questão da adaptação. Como eram feitas essas adaptações para ensinarem os alunos a realizarem posteriormente?

Entrevistado: Pois é! É claro que a gente tem ali... é a mesma coisa que se você fazer um... um Jiu-Jitsu sem o Dogi (**vestimenta própria do Jiu-Jitsu/ Judô**), tá bem?! Você necessita manter os pontos de aplicação da técnica, mas na forma é diferente, tá certo?

Então... mas mesmo assim a gente mostrava como que era a dinâmica, né?! Tá certo?!

Então a mão que vai na gola – vai no pescoço, tá certo?!

A mão que vai no cotovelo – agora vai no cotovelo só que não segura a manga, segura o braço, né?!

Então as posições, as formas de desequilíbrio, tá bem?!

Então essas adaptações, né?! A gente procurava passar pra todos eles, né?! Pra que pudessem avançar, porque eu sabia que a infraestrutura era escassa, ainda é escassa.

‘Então o que a gente ainda pode evoluir?’ – ‘Onde é que a gente pode avançar?’

E o curioso é que a gente sempre tentava mostrar o zelo: ‘não é derrubar a pessoa, você vai colocá-la no chão’.

Então a pessoa não tinha que só projetar, ela tinha que projetar mais amortecer a queda da pessoa, né?!

Pra uma questão mais de zelo... E isso a gente foi adaptando aos poucos pra evitar aí medo e poder se expor, e também lá na prática profissional, né?! Imagine que a criança não tenha medo, mas o pai ou a mãe ao ver a criança projetada veem e ficam com medo, ‘aí a criança vai e cai de cabeça, e aí?’... Então infelizmente quando tem contato, aquilo pode sair do controle e acontecer algum acidente.

Então as questões, os principais incidentes possíveis, a gente também lhe dava e o profissional também tinha o conhecimento daquilo que era perigoso fazer, o ‘por que’ era perigoso e como evitar, tá bom?!

Entrevistador: Das principais perguntas que constavam aqui do roteiro de entrevista, já concluímos, e eu faço apenas mais uma pergunta, talvez até mesmo para fazer uma síntese de tudo aquilo que a gente conversou aqui:

Existe mais algum aspecto que o senhor gostaria de abordar sobre o processo de ensino aprendizagem das Lutas na formação inicial em Educação Física?

Caso a gente não tenha discutido aqui e o senhor gostaria de pontuar...

Entrevistado: Olha Felipe, a gente foi bastante abrangente, né?!

Eu não queria apontar coisas a mais... Eu queria destacar, tá bem?!

Então a principal, né?! A principal questão a ser destacada, né?! É exatamente aí o momento em que a disciplina acontece na formação do aluno, tá bom?! Então esse é o primeiro ponto;

Então não dá para ter muita especificidade, e fazer muitas pontes, não dá pra ser integrador, tem isso também... Tá certo?! A gente corre o risco até de invadir coisas que outros Professores nem sequer virão a comentar.

A segunda coisa, é a questão da própria... da própria utilidade da arte marcial como... como formação, não é?!

E aí, dentro de todo o scopus do profissional formado em Educação Física, que é diferente do atleta, tá bem?! Embora nós tenhamos aí o esporte na escola, o esporte de competição como um dos viés que ocorre na escola, tudo bem?!

Muito bem! E a terceira coisa é a infraestrutura, né?! Também! Como é que isso se adapta, quando há a ausência completa de estrutura para realizar.

Tá bom?! Então são esses três pontos aí, que eu queria retomar apenas para deixar bem enfatizado.

Entrevistador: Perfeito Professor!

E por último, acaba sendo até mais uma solicitação minha ao senhor:

Além do que está no Sistema, o documento Plano de Ensino, gostaria/ poderia de compartilhar comigo outros documentos e referências teóricas que aborda na disciplina de Judô?

Do que você utilizou, se fosse possível, eu não sei se o senhor tem ainda...

Entrevistado: Eu até tenho os textos que a gente pede pra ler, eu tenho o material gravado, né?! Todas as aulas...a gente construiu aulas... a gente fez um projeto de extensão uma vez de Judô e a gente filmou, o desenvolvimento das aulas, temos 8 (oito) aulas, completas, formadas, tá bem?! São 7 (sete) DVD's, tá?! Que é um material muito rico, né?!

Entrevistador: Muito!

Entrevistado: Muito rico sobre esse conteúdo e... mas está na minha sala, em DVD, guardado, tá?!

E eu tenho também os conteúdos dos textos que eram abordados, tá bem?!

Entrevistador: Bom, se for possível... é claro que acaba que dando um pouquinho de trabalho, mas aquilo que tiver ao seu alcance e o senhor achar pertinente estar compartilhando comigo também, eu faço essa solicitação....

Bom, dou por encerrada a entrevista, reforço os agradecimentos e estarei interrompendo a gravação, e aí conversamos um pouco mais após o término da gravação, pode ser?

Entrevistado: Ok Felipe, tudo tranquilo! Obrigado pela oportunidade.

Entrevistador: Eu que agradeço!

APÊNDICE D - Roteiro de Entrevistas: Representantes Docentes Titulares que Integram o Conselho de Curso

Identificação do Participante: Fátima	Entrevista de número: 20
Grupo: Docentes	Subgrupo: Integram o Conselho de Curso
Duração da Entrevista: 1 hora e 04 minutos	Tempo de Transcrição: 08 horas e 32 minutos
Data da Entrevista: 11/11/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: Começou a gravação aqui Professora e dando início a entrevista:

Eu começo apresentando que no currículo do nosso curso, as disciplinas relacionadas às Lutas são denominadas com nomenclaturas específicas de suas modalidades e não como ‘Lutas’ propriamente dito. Como você enxerga essa relação?

Entrevistada: Bom dia Felipe! Bom...

Eu preciso recorrer a minha formação, Eu não sou... de antemão eu já te falo que Eu não sou especialista nesta área, não sou uma estudiosa desta área, mas talvez a minha resposta vá no sentido de contribuir para pensar a partir da formação da minha experiência na Licenciatura.

Então eu vou estar muito situada nesse universo, também a partir dos referenciais que Eu tenho que é da Motricidade Humana, então quando você me diz para pensar essa questão de nomenclatura se... se chama de forma das modalidades ou não, ou de Lutas, né?! Eu penso que o mais importante no caso da nossa formação, pensando na intervenção do futuro profissional, é importante pensar esse contexto de Formação, né?! E pensar principalmente na didática e como que nós vamos abordar, porque quando você fala de nomenclatura eu fico imagi... e currículo, são duas coisas assim que muitas vezes nos colocam mesmo em caixinhas, o próprio Rubem Alves já falava da grade curricular né?!

Então é pensar que esses elementos, não são figurativos ali, né?! Eles têm.... eles têm vida, ressignificações, dinâmicas diferentes, né?! Então, Eu penso que para se pensar esse corpo de conhecimentos que você colocou, Lutas ou nas nomenclaturas específicas, a gente precisa pensar assim:

‘O Educador ou a Educadora que vai trabalhar com esses fenômenos da Motricidade, é preciso pensar qual o contexto, didática e abordagem histórica-cultural desses elementos, mais

do que pensar se eu vou chamar de tal forma assim ou pensar na nomenclatura específica, né?!

Então eu tendo esses referenciais de suporte, é onde eu situo a minha resposta, só para... para ficar mais claro, né?! Não sei se... se ficou pra você isso, mas Eu tô embasada nesses referências que são próprios da minha experiência também, né?! Tanto de atuação na escola, como também de pesquisadora no âmbito da Motricidade Humana. Eu só consigo pensar dessa forma.

Entrevistador: Professora, diante dessa estruturação - da nomenclatura de modalidades das Lutas, você acredita que ocorre uma divergência entre o espaço da intervenção e o espaço da formação dos discentes?

Entrevistada: Hmm... Eu... Divergência em que sentido? Assim... Eu preciso de mais clareza nessa pergunta Felipe, por favor...

Entrevistador: Tudo bem!

Então quando a gente toma como base a BNCC ou alguns currículos, elas vão trazer também outras Lutas além daquelas que nós temos no nosso curso. Então essa... Essa relação do nosso curso restringir as Lutas apenas a duas modalidades, você acha que incorre numa divergência entre a intervenção desse futuro Professor com aquela formação Inicial dele?

Entrevistada: Eu não sei se a gente pode chamar de divergência, né?!

Talvez... Se nós... Como eu te falo, né?! Esses elementos eles não estão ali de forma figurativa, eles têm uma intencionalidade.

Então não adianta também eu fazer uma nomenclatura Lutas, se quem vai ministrar essa disciplina vai fazer uma especialização em alguma modalidade.

Então assim, é preciso ter em conta que, por exemplo, a expressão modalidade eu já acho que não cabe nessa formação mais abrangente, talvez de pensar as Lutas... Então se a gente pensar como fenômenos, seja por exemplo, se a gente for pensar Capoeira - a gente pode trabalhar numa perspectiva da Capoeira enquanto Luta, embora no campo de... no próprio campo de... histórico da abordagem... ela também possa ser observada... e conceitual... ela também pode ser observada como Jogo ou como Dança, né?!

Então a gente começa a colocar em caixinhas e eu particularmente acho complicado a gente pensar assim... de colocar em caixinhas... voltando a metáfora do Rubem Alves com a grade – ‘vai amarrando’.

Então se a gente pensar esses fenômenos apoiados lá no ponto de vista histórico-cultural que é dinâmico, a gente vai pensar esses fenômenos de uma forma mais... de como eu vou abordar e em que contexto eu vou abordar, talvez pensar na Capoeira me ajude mais, porque é um campo que eu tenho mais experiência, por estudar a cultura africana e afro-brasileira, então quando eu te falo da questão - dela entendida como Luta: quando eu abordo à parte histórica dela, é inegável falar que não é... mas ela não é Luta enquanto modalidade Esportiva, é Luta enquanto resistência de um povo escravizado.

Então se nós formos pensar assim, eu não acho que existe a palavra divergência. Eu acho que a gente precisa sempre contextualizar, por isso que eu sempre penso de uma forma mais ampla: quando eu falo Motricidade, por exemplo, para você - que é a minha base de referência, eu tô já rompendo com Educação Física, então é difícil Eu te falar... Eu entender como as expressões modalidades, quando eu me refiro à Lutas ou alguma nomenclatura específica... Porque desde o ponto de vista da Motricidade, não é o elemento em si, mas é o sujeito e a intencionalidade do sujeito que vivência aquele fenômeno, seja ele um fenômeno lúdico como jogo, que é o meu campo de estudos, seja o fenômeno das Lutas, seja o fenômeno da Ginástica, seja o fenômeno das Danças, né?!

Então é para este olhar que eu acho que a gente tem que pensar um currículo, um curso, né?!

Que não amarre, que não coloca em caixinhas, mas que tenha essa premissa...

Então pensar do meu ponto de partida, do meu ponto de base, de sustentação teórica que é a Motricidade Humana, é pensar desta maneira. Portanto, não acho divergente, eu acho que nenhuma formação vai dar conta de tudo.

Não dá!

Não dá!

A gente não vai sair... Mesmo que tivesse Lutas, eu fico imaginando isso... Eu não sou professora dessa disciplina, volto a dizer né?! E com muito respeito a quem estuda e quem ministra, mas eu tô olhando do ponto de vista dos fenômenos da Motricidade Humana, compreendidos dessa forma seja a nomenclatura que for ela não vai dar conta de todas as formas desse fenômeno existir.

‘Então como que a gente prepara esse profissional?’

Por isso que eu reforcei: didática; contexto - que é preciso observar; e abordagem histórico-cultural.

Então se o professor dominar isso, todos estes fenômenos são fenômenos possíveis de se estudar na Educação Física, por exemplo:

‘Se ele tiver atento ao contexto, que é um desses pontos que eu destaco, quando ele chegar no contexto de atuação dele – ele primeiro vai observar ‘para quem que eu estou ensinando este fenômeno? Ou trabalhando?’ - de repente ele pode olhar para aquela turma e identificar um filho de mestre de Capoeira, um próprio Mestre de Capoeira por que não?! Ou um filho de um Sensei, ou de um mestre de Karatê, ou de mestre de Judô... não sei se essa é a nomenclatura correta Felipe, desculpe... mas é a pessoa que tenha sabedoria daquele fenômeno e por quê não essa pessoa também ensinar? E fazer esse movimento?’

...

Mas quem que vai estar organizando esse conhecimento junto com essa pessoa é o Profissional/ Professor de Educação Física.

Portanto não... Eu penso dessa maneira, né?! Eu penso que a gente não deve trabalhar com as pessoas que tira das caixinhas, porque as caixinhas não dão conta de tudo, não vai dar, vai escapar alguma coisa – a exemplo do que aconteceu com a Capoeira: quando eu fiz a minha graduação eu tive Capoeira, tive a sorte de ter, mas ela não estava na época que eu estudei em todos os currículos, não estava figurada lá em todos os currículos... Por que eu digo sorte?! Porque no meu curso tinha um professor que era Mestre, tinha esse conhecimento muito específico, né?! E mesmo assim eu tive dificuldade de trabalhar depois. Então não é isso que vai garantir...

Bom, aí voltando a exemplo da Capoeira... Bom, então vamos dizer que até gerações anteriores a minha não vivenciou isso na graduação, não... não conheceu... e esse professor está atuando na rede pública, quando no currículo oficial da rede de ensino... quando passou a se ter um currículo, houve a necessidade de se trabalhar, né?! Seja Capoeira, seja na Dança ou no Jogo aconteceu a mesma coisa, tá lá... né?! Ele olha, ele vai falar:

Mmas eu não tive isso, então como que eu vou fazer?’

...

Ah curso de capacitação, não vai ter...

‘O que eu faço?!’

‘Não trabalho?!’

Então essa é uma questão... se ele tem a didática, o contexto em que ele vai participar... em que ele vai atuar, desculpa... o contexto em que ele está ensinando, se eles tem

essas primícias, a abordagem histórico-cultural... se ele tem essas primícias ele vai ministrar, ele não vai ter dificuldade... Eu penso que a nossa formação está para além, até porque a gente acredita muito nisso, né?!

Eu acredito muito nisso! Que a gente está para além de reproduzir um gesto técnico, embora isso seja conhecimento não é unicamente isso que a gente vai ensinar quando aborda qualquer fenômeno, inclusive o jogo. Portanto, eu acho que colocar em caixinhas não dá conta do profissional trabalhar, deixa ele mais inseguro ainda... Não sei se eu contribuí Felipe...

Entrevistador: Contribuiu sim Professora! É que eu fiquei tão entretido, que até me surgiu uma outra pergunta por aqui, diante da... da própria... que é muito expressivo no seu relato, a questão da Capoeira que você exemplificou bem ela na sua resposta... no nosso currículo a gente tem a Capoeira numa dimensão do conhecimento das manifestações da cultura corporal de movimento, mas ela se encaixa especificamente no tema das Lutas, diante de tudo isso que já foi relatado - da pluralidade no entendimento da Capoeira, no sentido que a gente pode tê-la como Jogo, como Dança e como Luta, em especial essa disciplina:

Você acha que ela merecia uma relevância maior de estar a parte das Lutas para tentar trabalhar tudo isso ou você acha que mesmo ela estando dentro do contexto Lutas é possível trabalhar toda essa pluralidade, trazendo Jogo e Dança, mesmo estando específica dentro do currículo - como você falou: 'dentro dessa caixinha'?

Entrevistada: Mas só voltando um pouquinho Felipe... no nosso currículo ela está como Capoeira, certo?

Entrevistador: Ela está como Capoeira, na dimensão do conhecimento pertencente as manifestações da cultura corporal de movimento, no eixo Lutas... Ela pertence ao eixo Lutas...

Entrevistada: E qual.... E a pergunta... Desculpa.... A pergunta qual que é mesmo?

Entrevistador: É se essa disciplina em específico, merecia um caráter a parte de não estar especificado em qual modalidade ela deveria se enquadrar, porque ela tem justamente isso... essa pluralidade... ela pode ser entendida na manifestação como Jogo,

como Dança, como Lutas... e a segunda pergunta é: se considerarmos a Capoeira apenas como Luta, é possível desenvolver essas outras manifestações simultaneamente?

Entrevistada: Se a gente... se for partir daquele princípio que eu falei pra você, da abordagem histórico-cultural, ela vai ser abordada nas três esferas, porque o surgimento dela... ela... o histórico, não tem relação com modalidade.

Então você vai atravessar toda essa discussão a partir do ponto de vista histórico e cultural, porque como a cultura é dinâmica, ela foi também... a Capoeira, foi se dinamizando dentro desse universo cultural. Então portanto, se hoje a gente tem uma esportivização da Capoeira, no sentido até de competições é porque o componente dinamismo cultural, ressignificação do fenômeno ele acontece, é preciso estudá-lo...

Entrevistador: Perfeito! Mais alguma coisa? Desculpa, eu não sei se te interrompi...

Entrevistada: Não, eu estava na perspectiva de concluir nessa direção mesmo...

Entrevistador: E como desenvolver nessas disciplinas, competências pedagógicas necessárias para atuar como professor no ensino de Lutas nas escolas?

Entrevistada: Na escola especificamente, né?!

Entrevistador: Isso, na escola!

Entrevistada: Eu penso que esse componente... esses componentes que eu mencionei para você, né?! Didática; contexto de atuação e a abordagem histórico-cultural ela precisa existir, porque veja, mesmo quando eu chego na escola e vou ensinar... que precisa ensinar os movimentos, o gesto técnico, eu preciso dizer sobre a história e cultura, porque o gesto ele é cultural...

‘Por que se faz um determinado gesto desta forma?’;

‘Por que se abaixa desta maneira?’;

‘Como que surgiu isso?’;

‘Como que se transformou?’

Será que uma vivência de Lutas na escola, se eu fizer um festival por exemplo, de Lutas, os alunos...

‘Por que não os alunos pesquisarem as diferentes modalidades a partir da história do surgimento, dos países?’

É um campo muito... acho que é muito rico da gente pensar nesse sentido, né?!

Ou seja, mesmo quando eu penso, talvez, numa perspectiva de ensinar o movimento, eu não posso deixar de abordar a parte histórico-cultural, né?!

Porque ela tá emersa nesse campo, portanto eu acho que quando eu adoto isso na escola... por isso que eu digo isso pra você que ‘às vezes, quando eu tô lá na escola, eu posso ter no meu... no meu grupo de alunos e de alunas, alguém que sabe muito mais que deste fenômeno... inclusive de gestos, de movimentos’... Então eu penso que:

‘Onde que o professor vai agregar e onde que ele vai atuar na mediação desse conhecimento?’;

‘Na organização deste conhecimento?’

Partindo desse... desse ponto de vista que eu penso que o professor precisa ter a competência didática, ele precisa dominar as estratégias metodológicas de como organizar esse conhecimento e quando Eu... quando Eu falo... Eu falo principalmente pensando em uma perspectiva Freireana, assim né, que eu parto de algumas perguntas, a primeira é:

‘Para quem?’;

‘Com quem?’

...

Aliás ‘para’ não. É ‘com quem’ que eu tô construindo esse conhecimento.

‘Quem são?’;

Quem... Quem... ‘Quem está nessa comunidade escolar?’;

‘O que eles desejam?’;

‘O que eles anseiam?’;

Porque inclusive daí eu vou descobrir essas... todas essas histórias que eu contei para você, né?!

Vou descobrir os mestres... quem tem talvez o conhecimento sobre as... sobre as modalidades diferentes, né?!

Sobre esses fenômenos – sobre a Ginástica, de repente quem tem conhecimento sobre Danças que eu vou abordar - eu não sei, né?!

Então eu parto dessa pergunta... eu parto de perguntas... Eu como Professora, né?! Professor...

‘Com quem eu vou construir esse conhecimento?’;

E a partir daí, Eu organizo esse conhecimento, porque é óbvio que eu não vou ficar só no conhecimento do aluno, Eu também tenho conhecimentos para compartilhar e para construir junto. Então eu vou organizar esse conhecimento junto com os alunos:

‘Quais as estratégias que vou usar?’;

’Eu vou propor com os alunos uma pesquisa na comunidade, sobre os Jogos, as Lutas, as Danças, as Ginásticas que ali existem ou que já existiram?’;

Então,

‘Como eu vou compor esse conhecimento?’

‘Quais as estratégias que vou usar?’;

‘Depois a gente vai vivenciar em grupos, em trios?’;

‘Depois eu vou finalizar/ fechar com o festival envolvendo todo esse conhecimento construído e convido as famílias pra assistirem?’;

Então veja, isso na minha concepção, né?!

De professor que está na escola é fundamental, são as competências que eu... que eu ressalto aqui para você.

Deixa eu ver se eu deixei de falar alguma Felipe...

Me ajuda aí...

Eu falei da Didática – competência – da abordagem histórico-cultural e isso é muito importante, o professor precisa estar sempre estudando, então às vezes eu me deparo quando eu faço esse movimento de perguntar ‘Com quem?’ - às vezes eu me deparo com conhecimentos que eu não tinha, que eu não tive na formação inicial... O conteúdo que precisa

ser trabalhado naquela comunidade que a minha formação inicial não deu conta, porque como eu te afirmei:

‘Não vai dar conta! Não vai ser ela completa.’

Então Eu preciso estar sempre na busca, sempre nesse movimento de buscar; de estudar; de trazer elementos, mas se Eu tenho a competência da didática, Eu vou mediar esse processo de uma forma muito eficiente, muito bem-sucedida, porque eu tenho a ferramenta inicial ali, eu tenho a didática, o professor tem que sempre estar estudando, isso é uma coisa que é inegável, é inerente ao ser Professor, ele estar sempre com o conhecimento em movimento, porque também é dinâmico, conhecimento é dinâmico, o contexto que Eu vou atuar é dinâmico, as realidades de cada escola são muito diferentes, por isso que não podemos ficar na grade curricular como bem disse Rubem Alves:

‘Não existe grade, não dá para colocar a vida em grade...’

A vida é isso e nós somos pessoas que lidamos com vidas, essa capacidade humana de ressignificar o conhecimento também... O quê é muito bacana... O que é muito importante, porque aí tá a capacidade da Educação de transformar!

Entrevistador: Eu confesso que estou curioso por aqui, porque eu não conheço, não tenho muito contato com o autor Rubem Alves, mas pode ter certeza que assim que eu sair daqui eu vou procurar! Vejo que há um embasamento muito forte e para mim está fazendo total sentido, eu já consigo vislumbrar uma articulação na discussão posteriormente também, mas para isso vou precisar conhecer um pouquinho mais do autor...

E aí, trazendo para... Saindo das escolas e retomando para a Universidade, no desenvolvimento das disciplinas relacionadas às Lutas:

O que você tem a dizer das práticas pedagógicas em que o corpo discente de Educação Física possa atuar como professor no ensino de Lutas?

Ou seja, essa experiência de ministrar, de orientar exercícios, micro-aulas ou aulas propriamente ditas, dentro do próprio desenvolvimento dessas disciplinas ao longo do semestre...

Entrevistada: Você diz... Como eu vejo a organização do...

Não entendi muito bem a pergunta Felipe... volta um pouquinho...

Entrevistador: A organização e a importância dos discentes terem essa relação de aluno com aluno, em estarem desenvolvendo atividades entre eles, para estarem se aprimorando e desenvolvendo um repertório de atividades...

Entrevistada: É eu vejo como fundamental, né?!

Não só para essa disciplina, mas como eu já disse para você no início, né: ‘eu não... não estudo essa área’, então fica difícil eu te dar... ilustrar com exemplos como eu gosto de fazer, mas eu acho extremamente relevante!

Partindo desse pressuposto da pedagogia dialógica, a gente compartilha e constrói juntos, dentro dessa perspectiva construir com os colegas, com os pares também é um processo que é importantíssimo na formação.

Então eu enxergo assim, para qualquer disciplina que isso é fundamental e acho que isso a gente tem enfatizado bastante no curso, tem tido possibilidade de fazer, trazer as experiências, por exemplo, em práticas formativas a gente tem possibilitado esses encontros... as disciplinas... eu penso que isso não tem que ser em um momento só também...

Eu acho que essa é a premissa de você construir algo coletivamente, em conjunto – os discentes entre eles também construir esse conhecimento e aprenderem uns com os outros.

Então eu acho que até falta mais espaços de convivência entre os discentes, porque são espaços de aprendizagem muito relevantes, que eu defendo muito, acho que é... Como você já foi meu aluno, né, em várias situações eu crio situações para isso acontecer, porque eu acredito muito nisso.

Entrevistador: Num contexto em que, quando a gente tratou das competências pedagógicas... você até mesmo disse da importância, da fundamentação do professor saber aquele movimento ou mesmo trazer o aluno que tem uma experiência com aquele movimento... e na literatura a gente constata que as questões relacionadas a Lutas estão muito voltadas a essas questões dos movimentos de serem muito exatos, tecnicista, reprodutivistas... pra expandir essa discussão:

Qual seria a importância do jogo, da ludicidade para trabalhar esses tipos de movimentos fugindo um pouco do... dessas próprias características de reprodução?

Entrevistada: Felipe, cortou um pouquinho o final... eu parei em reprodução, depois eu não ouvi o que você falou...

Entrevistador: Eu terminei aí...

Entrevistada: Ah tá...

Bom Eu... como já disse de início, né?!

Eu acho que essa visão instrumental, ela não pode existir numa formação que a gente tem como premissa educadores e educadoras.

Então aí eu já acredito que a nossa formação seja ela para Licenciatura, seja o Bacharelado, ela vai nessa direção, da gente desconstruir essa reprodução... que foi a palavra que você usou, né?!

Então se a gente quer construir ‘com’ e construir um conhecimento ‘com o outro’, é muito importante a gente trazer as experiências que esse outro tem, senão se eu só partir de uma reprodução, inclusive de um padrão, às vezes um padrão comparado ao com gestos esportivos altamente especializados, né?!

‘Qual o público que eu vou estar contemplando na minha aula?’

É uma pergunta que se tem que fazer...

‘Talvez o de atleta?’

Não sei...

Também porque os atletas, embora tenham alta especialização e performance, nós somos diferentes... Nós somos humanos...

Nós não somos máquinas, né?!

Não!

...

Eu penso que reprodução é uma coisa que não é possível... Não é possível acontecer... Não vai acontecer se o professor pensar dessa forma em trazer o outro como o sujeito desse movimento. Então ele é o sujeito, aí...

Aí eu vou me aportar no Elenor Kunz, né?!

Não é o movimento em si, mas é o sujeito que se movimenta. Então se a gente olhar para esse... para esse lugar, para esse contexto... também trazendo a Motricidade, que é o Manuel Sérgio, né?!

Então a intencionalidade desse movimento... não existe reprodução... a reprodução cai por terra. Então veja que existe uma premissa aí, né?!

A premissa é: a Motricidade - o movimento com intencionalidade...

Eu lembro de uma situação quando Eu comecei a atuar na Educação Básica e é uma situação que ilustra muito bem isso, porque embora Eu não tivesse intenção de reprodução de

movimentos, Eu aprendi na minha Formação Inicial que Eu tinha que seguir uma sequência pedagógica.

Então começar a ensinar o movimento fragmentado, por exemplo:

‘Primeiro inicia um movimento com uma perna; aí repete depois com a outra perna’;

Tá bom... Então eu aprendi assim e é assim que eu entendia que eu tinha que fazer... Então eu fiz uns 10 planos de aula para ensinar a...

Nessa... nesse exemplo, dessa situação que eu tô lembrando... era para ensinar o movimento de Ginga da Capoeira e era na Educação Infantil, então as crianças tinham em torno de 6 anos... na época Educação Infantil ia até os seis anos, depois primeiro ano era 7...

Então eu estava lá com as crianças de cinco - seis anos e com esse monte de planos de aulas, então - a sequência 1; a sequência 2; a sequência 3... cheguei na aula, a minha primeira aula já foram cinco planos que eu tinha feito (**risos**), porque quando eu cheguei para ensinar uma parte do movimento... não existe isso... não existe essa fragmentação... foi o que me ‘caiu a ficha’... a criançada saiu fazendo a ginga... foi só eu colocar o X no chão, que era a sequência que eu ia fazer... deles fazerem a ginga a partir do X desenhado no chão e eu colocar a música... e pronto... eles já começaram a fazer um pé para trás - um pé para frente - o braço aqui - braço lá... e eu falei:

‘Olha... Pronto, cinco aulas minhas eu posso jogar fora, porque já foi... já aconteceu...’

Então nós tivemos essa tradição na Educação Física, que fez parte da história da Educação Física de ensinar por partes, de reproduzir o movimento/ o gesto... o jeito que tem que ser daquela forma, né?!

Principalmente nos fenômenos esportivos... nas manifestações esportivas, isso era muito comum. E aí, quando você fala do jogo... O jogo já é algo um pouco mais desconstruído, né?!

Principalmente se eu for pensar ponto de vista do jogo... dos jogos populares, dos jogos tradicionais... Então você tem essa possibilidade de reinvenção, de criação, embora muitas pessoas ainda instrumentalizam o jogo, mas o jogo tem essa premissa da desconstrução... Então é óbvio que ele vai ser um componente importante para a gente pensar na sua pergunta, né?!

Agora o risco que se corre é ainda sim instrumentalizar o lúdico, então é eu trazer o jogo apenas como uma forma de ensinar o gesto, sendo que eu posso trazer o lúdico... Eu posso ensinar as diferentes formas de brincar... Eu até...

Eu lembro que eu indiquei para você um livro dos Jogos de Lutas, né?! Brincar de Lutas, então a palavra Brincar vem antes da expressão Lutas, por quê? Porque é a partir da brincadeira que eu vou chegar nesse fenômeno e não ao contrário...

Então eu não sei se illustrei bem, mas eu acho que foi quando eu entendi isso... foi quando eu deixei as crianças mais livres para brincar de Capoeira e não tentar trazer o gesto:

‘Tem que ser assim...’

Então quando eu trouxe a brincadeira, isso já começou a ser desconstruído com a música... então a música também faz parte desse elemento lúdico e que muitas vezes não é valorizada a expressão, a emoção, o sentimento que a música traz já desconstrói também essa perspectiva instrumental, eu acho que é riquezas que agente precisa explorar, porque quando a criança aprende, ela aprende de corpo inteiro, para fazer a expressão... utilizar a expressão do professor João Batista Freire, né?! Portanto, quando ela está em jogo, quando ela está brincando, ela está de corpo inteiro...

Entrevistador: Eu enxergo nos seus relatos... talvez uma situação muito forte de simetria invertida, em que o professor ele ensina com e aprende com o aluno também, isso no âmbito escolar... ainda se tratando de práticas pedagógicas no nosso curso de Formação Inicial de Professores de Educação Física:

Como você vê a participação do docente na formação dos discentes nessa relação de práticas formativas?

Entrevistada: Especificamente das práticas formativas?

Entrevistador: Exato!

Entrevistada: Então é... fica difícil responder dos docentes, de cada docente.

Eu não tenho assim uma resposta Felipe para te dar, sem que eu ultrapasse um limite de conhecer...

Eu acho que talvez essa pergunta os discentes possam te ilustrar e possam contribuir muito mais com você...

A minha contribuição pode ser... em ter feito parte da construção do projeto político-pedagógico... da construção de várias matrizes curriculares que a gente tem por conta de atender as diretrizes nacionais da educação, que foram colocadas para nós aí nesse todo, nessa trajetória de constituição do curso... dos cursos, que é mais de um... mas eu posso dizer que em conjunto nós temos muita preocupação com essa... com a relação do discente nas práticas formativas, no sentido de como constituir realmente um momento de conhecer a realidade que ele vai atuar... do campo profissional de cada curso, seja a Licenciatura, seja o Bacharelado... Então nesse processo de construção houve muito comprometimento dos docentes... de quem participou e na discussão mais ampla, de transformar esse momento nesse lugar... nesse espaço de acompanhamento, porém o aluno com uma autonomia para poder entender esse lugar, para fazer-se parcerias em vários âmbitos - no âmbito da Licenciatura com as Escolas, no âmbito do Bacharelado com os espaços de atuação na área da Saúde...

Então o que eu sinto desse processo de construção, se pode se resumir em uma expressão 'é o comprometimento' do grupo - do corpo docente, de não transformar essas horas em horas que tem que estar ali na matriz curricular porque a diretriz curricular coloca, mas não... como que a gente pode fazer pensar e elaborar estratégias e fazer parcerias pra que isso realmente se concretize como ação e espaço de formação em que o aluno esteja muito mais próximo da sua realidade de atuar...

*(*Falha de conexão e interrupção da fala*)*

Entrevistada: Travou um pouquinho Felipe, você conseguiu me ouvir até o final?

Entrevistador: Professora travou aqui para mim também, ela interrompeu no comprometimento e aí você estava começando a desenvolver a questão das parcerias...

Entrevistada: Ah tá...

É, finalizei dizendo isso, né?!

Que é o comprometimento do grupo, do corpo docente, em elaborar estratégias e estruturar essas parcerias pra que se realmente efetive as práticas formativas como um espaço de contato maior, de aproximação e de inserção nos diferentes campos de atuação do futuro profissional.

Entrevistador: Quando eu fiz a pergunta, até peço desculpa, que talvez eu não tenha conseguido desenvolver tão bem e aí eu quase chego incorrer em aspectos éticos, mas a sua resposta foi perfeita... E contemplou totalmente aquilo que eu esperava...

Eu informo que chegamos na metade do roteiro e que as perguntas daqui em diante são mais objetivas... Só para te situar do decorrer da entrevista...

Entrevistada: Ah ok, tá bom!

Entrevistador: Dando continuidade:

Nas disciplinas relacionadas às Lutas, como aproximar a teoria da prática de forma a que uma favoreça o desenvolvimento da outra?

Entrevistada: Eu compreendo que essas duas... esses dois momentos eles são um só na verdade.

Então eu não vejo uma dicotomia assim:

‘Agora é teoria, agora é prática’

E vendo assim, eu penso que todas as vivências que são propiciadas no campo das Lutas, elas podem estar sempre sendo reelaboradas... abordadas de uma forma... inclusive integrando alguns conhecimentos.

Eu gosto muito, você conhece um pouquinho da minha trajetória, né?!

Mas se você olhar lá minha formação... Eu fiz a pós-graduação em outra área do conhecimento, que é a História e depois o pós doutorado em Ciências Sociais... Então as pessoas falam assim ‘que isso?’, ‘por que que você realiza essas maluquices’... Eu gosto muito de pensar a Educação Física assim - Ela tá numa interface com essas outras áreas de conhecimento, porque o ser humano que nós estamos sempre tendo ele como referência de estudar, todos os fenômenos é o...

Partindo daquele ponto de vista que eu te falei... daquela premissa que é o sujeito, que é o centro e as intencionalidades, os significados são importantes...

Então quando eu olho para a abordagem de qualquer fenômeno, eu vou abordá-lo dessa forma integral, por isso que quando eu falo de vivência eu também ao mesmo tempo estou trazendo a história, também estou trazendo a cultura, os aspectos culturais, inclusive construindo com os discentes essa cultura, ressignificando isso...

Por isso que lá nos jogos a gente começa vivenciando os jogos, viver... vivendo... vivenciando as emoções dos jogos, porque todos os conceitos que depois a gente estuda com Huizinga, com os autores clássicos... você sentiu primeiro, no seu corpo... depois a gente aguça esse sentir com os marcos teóricos, mas eles estão dizendo sobre o quê? Eles estão dizendo sobre o ser humano que vivencia o jogo, então você ser humano tem que vivenciar o jogo, até pra entender o que o autor tá falando... então essas coisas estão imbricadas, não dá para separar, eu penso que todos os fenômenos da Motricidade têm que ser abordados, não tem outra forma de abordar... a menos que você faça o que? Instrumentalize... Aí é uma outra perspectiva, diferente da minha, mas eu só posso contribuir com você a partir da minha perspectiva, então essa é minha visão de mundo, esses são os meus referenciais que me sustentam. Então a partir deles eu te falo que não existe separação entre esses dois momentos, teoria e prática.

Entrevistador: O que você considera imprescindível de avaliar nas disciplinas relacionadas às Lutas?

Entrevistada: Difícil também hein Felipe essa pergunta...

Eu acho... Eu não tenho muitos elementos porque eu não sou... eu não ministro... não é minha... nem minha área de atuação, nem são as disciplinas que eu trabalho, mas avaliar você diz... Avaliar o aluno/ o discente de Educação Física?

Entrevistador: Isso!

Entrevistada: Eu vou usar como referência de novo, a minha experiência, os meus referenciais... Eu acredito que partindo desse pressuposto que você precisa ter a didática, as competências, né?!

Então a gente olha para as competências... para construir com os alunos algumas... alguns elementos ali, os critérios que a gente vai avaliar, mas a gente parte das competências... se ele teve a competência, a didática...

Então a competência/didática que eu acredito engloba o domínio das estratégias metodológicas para ensinar aquele conjunto de conhecimentos, para organizar esse conjunto de conhecimentos e também para colocar em ação esse conjunto de conhecimentos...

Eu penso que esses são os elementos que talvez possam nortear aí, né?!

Nortear não é uma palavra muito boa, mas que possam nos dar alguns indícios... algumas indicações de quais instrumentos avaliativos nós poderíamos construir juntos com eles, pensando nessas competências.

Entrevistador: E quais podem ser as possíveis dificuldades encontradas na realização de práticas pedagógicas nessas disciplinas?

*(*em complemento a pergunta*)*

Entrevistador: Com o sentido de ajudar a compreender um pouco mais sobre essa questão:

Muitas vezes a gente tem a questão da formação de Lutas considerada a parte, da própria característica dos Mestres em que se faz uma constituição dessa formação a parte, o tempo talvez dentro do próprio currículo poderia ser uma dessas dificuldades? Ou apontar outros tipos de dificuldade diante dessas disciplinas?

Entrevistada: Eu acho que uma coisa que você apontou, bem importante!

Que eu de novo vou retomar a minha experiência nesse processo de reestruturação dos currículos, das discussões que nós fazíamos... um ponto é a questão da carga horária, como que você coloca tanto... tanta coisa que precisa ser... em produção é importante, são relevantes dentro do universo da Motricidade Humana, pra estudo... dentro da carga horária que nós temos de um curso e que isso sempre tá sendo muito mexido aí pelas diretrizes curriculares, a gente tá sempre tendo que repensar, abrir mão... não tem como... porque não dá para entrar tudo que a gente considere, então a gente... claro que isso é uma dificuldade muito grande para se pensar e aí você tem que ir pensando em estratégias. Agora em termos de práticas pedagógicas, dependendo da realidade que o discente vai se deparar também são questões que se colocam para os cursos, porque é uma retroalimentação também, a gente pensar nessa formação inicial, a gente tem que pensar também nos contextos de atuação...

Eu preciso pensar um pouquinho por aqui se existem outras questões aí que a gente pode colocar...

Entrevistador: Professora e diante disso, só um complemento... Diante dessa questão dos contextos de atuação:

Como pensar então o desenvolvimento dessas práticas pedagógicas em Lutas, sendo que elas se encontram no nosso currículo no Tronco Comum?

Porque vai ter o contexto da atuação na escola e o contexto do Bacharelado em diversos âmbitos...

Entrevistada: Verdade!

É uma questão... Bem lembrado!

Porque...

E que tem muita relação com essa questão da temporalidade... O tronco comum tem que dar conta...

E é uma coisa que também passa por mim, porque a disciplina de Jogos, Atividades Lúdicas e Lazer está no tronco comum, então no meu caso... por exemplo, a gente teve que aumentar a carga horária, por conta de três fenômenos que a gente estuda como você bem sabe e que no campo do Bacharel não tem a disciplina de Lazer, então isso tudo vai interferir e é óbvio que isso, especificamente, na sua pergunta... no campo das Lutas também!

Com certeza existe essa dificuldade de situar esses dois campos de atuação, mas é como eu... como eu te disse 'a gente precisar lançar mão', nós somos professores que mediamos esse conhecimento...

No meu caso especificamente, eu lanço mão do componente da didática para trazer essa... proporcionar essa formação nos dois contextos e muito... de forma muito bem sucedida, na minha disciplina tem me ajudado muito as práticas formativas, com relação a isso... Eu exploro bastante esse espaço também das práticas formativas, para trazer e suprir essa lacuna de carga horária e temporalidade nos impõe...

Então a gente precisa enquanto professores que ministram as disciplinas, a gente precisa ter... lançar mão desses nossos conhecimentos didáticos, que nós que organizamos esse conhecimento... esse conjunto de conhecimentos... para poder fazer trabalhar com as estratégias metodológicas e nos adequar ao tempo que nós temos, para possibilitar essas vivências nos dois âmbitos de atuação e para isso acho que práticas formativas tenham um papel super importante aí para nos ajudar, pensar nessa direção, né?!

Entrevistador: Professora então por fim, eu pergunto:

Existe mais algum aspecto que você gostaria de abordar sobre aprendizagem dos discentes durante a formação inicial no que diz respeito para o ensino das lutas nas escolas?

Não sei se queria complementar alguma coisa...

Entrevistada: Que eu não tenha falado?!

Eu acredito muito nisso, né?! Que a educação, a escola, ela precisa ser pensada nessa perspectiva de construção conjunta do conhecimento, se o discente na formação inicial tenha essa experiência de perceber a riqueza que é o fenômeno Lutas, em termos culturais, históricos e de perceber que esse conhecimento é construído em conjunto com a comunidade escolar, muitas inseguranças são minimizadas, porque não só com Lutas, mas eu observo na minha inserção na escola, que muitas das dificuldades dos professores e que eu também tive, de trabalhar com dança; luta e... danças/ lutas eu acho que essas são as principais, sabe?!

Os principais conteúdos, as principais manifestações que gera muita insegurança nos professores... que eu percebo... que também gerou em mim... vem decorrente dessa premissa de que a gente tem que saber fazer para ensinar e eu acho que se nós garantirmos para a formação inicial, o discente tenha a premissa de que são fenômenos a serem estudados, integrando uma série de conhecimentos históricos, da Antropologia, né?!

Porque é Cultura...

Das Ciências Sociais, porque tem muita questão também do ponto de vista da sociedade e das transformações que foram ocorrendo...

Esportivização:

‘O que isso implica em estudar esse fenômeno?’

Se o professor ele entender isso, o futuro professor entender isso, eu acredito que a gente vai ter... vai minimizar esse aspecto do professor... que ele vai dominar a didática, como organizar isso e não necessariamente dominar a... enquanto modalidades, né?! Esportivas... ou que venham dessas correntes de gestos esportivos.

Então eu acredito muito nisso!

E nós precisamos dar essa... essa base... essa sustentação, essa formação inicial, porque depois fica muito difícil mesmo o professor enxergar possibilidades de trabalhar e ele é o responsável por organizar esse conhecimento. Embora tenhamos como eu te disse ‘experiências entre os alunos na escola’, mas se ele não organizar esse conhecimento essa experiência vai passar despercebida, pouco valorizada...

E aí, nós temos essa questão do quanto que a Educação física deixou... principalmente nas séries iniciais... Quando eu trabalhava... Deixou de lado a Dança; as Lutas, né?!

Acho que é uma pena, porque é uma riqueza muito grande, inclusive de se fazer trabalhos integrando outros componentes curriculares, integrando a arte, integrando componente curricular - no caso do sexto ano e até Ensino Médio - integrando a história, a geografia, a língua portuguesa... muitos trabalhos integrando conhecimentos, poderiam ser feito na Educação Física para valorizar inclusive os trabalhos multidisciplinares, interdisciplinares e a Educação Física como protagonista desses projetos interdisciplinares, né?!

Ela propondo o estudo desses fenômenos, integrando as abordagens históricas, culturais, geográficos, enfim...

Eu acho que é uma riqueza!

Então se a gente soubesse explorar isso, a gente...

Eu acho que já tem... Já temos assim: uma nova geração de professores que vem com mais domínio, com mais segurança, que vem trabalhando, fazendo parcerias também, né?! Buscando parcerias... e não ficar esperando cursos de capacitação, porque infelizmente isso... que nem falei lá atrás nas dificuldades, mas isso é uma dificuldade pro futuro Professor que ele também vai enfrentar, né?!

A escassez da formação continuada...

Mas a gente percebe o quanto é importante, por exemplo, no caso da Dança que teve... a gente teve aqui na *Instituição* formação continuada... O quanto isso foi primoroso para os professores da rede participarem!

Eu me lembro, que a [REDACTED] estava à frente, é um projeto da professora Dagmar inclusive... e a [REDACTED] esteve na frente um bom tempo, foi um período muito frutífero para Dança.

Então olha como isso vai movimentando o ensino na escola dessas... destas... destes fenômenos, desses elementos da cultura que muitas vezes no passado, na minha geração eu posso te dizer ficou relegado, 'por que?' – porque a gente entendia como no exemplo que eu te dei da Capoeira, que nós tínhamos que dominar, que tínhamos de saber fazer...

Então nós tivemos essa formação instrumental.

Eu gostaria que nós rompêssemos com essa formação instrumental e Eu acho que isso está acontecendo aos poucos, a gente tá conseguindo desconstruir isso...

E só mostra o quanto os nossos estudantes... vocês... em articulação com os professores da rede, tem aprendido e tem colocado em ação os conhecimentos de todos os elementos da cultura corporal de movimento, para garantir esse amplo repertório de conhecimentos dos alunos...

Eu acho que é isso Felipe, que eu gostaria de complementar e novamente agradecer você pela confiança em acreditar que eu posso contribuir com seu trabalho.

Entrevistador: Eu que só tenho a agradecer por você ter me concedido a entrevista, me ceder um pouco do seu tempo e compartilhar comigo o seu relato!

Estarei interrompendo a gravação por aqui agora...

Identificação do Participante: Ayrton	Entrevista de número: 21
Grupo: Docentes	Subgrupo: Integram o Conselho de Curso
Duração da Entrevista: 57 minutos	Tempo de Transcrição: 07 horas e 36 minutos
Data da Entrevista: 16/11/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: Gravando...

E para dar início a entrevista, eu começo apresentando que:

No currículo do nosso curso as disciplinas relacionadas às Lutas são denominadas com nomenclaturas específicas de suas modalidades e não como Lutas propriamente dito, eu gostaria de saber como o senhor enxerga essa relação?

Entrevistado: Então Felipe, eu... eu assim, particularmente... e até vou tomar como exemplo a Ginástica... isso é uma coisa que eu discuti bastante, na época eu era até Vice-Coordenador, o Professor [REDACTED] era o Coordenador, e eu entendia que nós não deveríamos ter apenas uma disciplina com nome de Ginástica e sim... Perdão, Ginástica Artística, e sim uma disciplina que discutisse sobre a Ginástica como um todo.

Então eu também entendo que esse exemplo serve para as disciplinas que, senão me engano nós temos o Karatê e o Judô, não é isso?

Entrevistador: Hoje em dia temos o Karatê e a Capoeira. O Judô não tem mais no currículo do nosso curso.

Entrevistado: Ah perdão... Karatê e a Capoeira...

Então, eu defendo muito que o ideal seria a gente ter disciplina a disciplina denominada como Lutas e que ela tivesse essa abrangência, que ela desenvolvesse as atividades como um todo. Até porque dentro da minha concepção da formação, nós não estamos aí para formar um indivíduo que vai sair dali um capoeirista; ou um carateca; ou um judoca, enfim... Como não teríamos o objetivo em tornar alguém um atleta de ginástica artística.

Então Eu acho que seria mais produtivo, mais interessante, a gente trabalhar com essas questões pra que pudesse aumentar a probabilidade do aluno trabalhar com Lutas no contexto da escola, porque quem entra sem noção nenhuma de alguma modalidade de Lutas,

difícilmente vai ter uma noção muito aprofundada em quatro ou cinco meses, que é o tempo que dura, vamos dizer assim, que dura a disciplina.

Então eu acho que o caminho seria esse, eu vejo que já várias Universidades têm feito isso, eu acho que seria o mais interessante e, foi nessa discussão que eu também... eu tive nessa reflexão e foi por isso também que eu solicitei a alteração da Ginástica Artística e nos fundimos com a Ginástica para a Escola, eu não sei se na sua época já era assim ainda?!

Mas...

E aí nós denominamos como uma única disciplina, como Ginástica.

Entrevistador: Perfeito Professor...

É muito legal esse paralelo que o senhor faz também trazendo para suas disciplinas! Porque como além de eu estar trabalhando além das Lutas, mas sim o Currículo, eu passo a vislumbrar o cenário como um todo.

E dando continuidade a essa pergunta: quando a gente passa a observar, por exemplo - a BNCC, ou alguns Currículos Municipais/ Estaduais, esses documentos em sua distribuição apresentam diferentes Lutas, assim como no nosso currículo, Lutas por suas modalidades. Então identifica-se como propostas algumas modalidades como Esgrima, Boxe, Tae-kwon-do, dependendo do currículo.

Diante disso, o senhor acredita que haja uma incoerência entre o espaço de formação e o espaço de atuação desses futuros profissionais, tendo em vista que o nosso currículo está limitado a apenas duas dessas modalidades?

Entrevistado: Eu acho!

Aí sim... que é incoerente.

Até... porquê...

É claro que... que você restringe demais. Vamos tomar como exemplo: Eu trabalho muito com os fundamentos, então... você... evidentemente quando você fala de modalidade específica, você tem fundamentos que são inerentes... nem sempre os fundamentos são inerentes à todas as modalidades de Lutas, né?!

Então, isso... tomando como base só um aspecto...

Então, é claro quando você tem uma formação muito específica, você acaba restringindo essa visão do todo, né, muito provavelmente você tem muitas habilidades, muitos fundamentos que poderiam ser incomum a outras modalidades de Lutas, mas então, isso torna um fator que cria uma dificuldade nessa questão da formação.

Então eu entendo que esse ajuste, né?! Em tempos...

Nós devemos fazer um Currículo pra que a gente também possa contemplar aquilo que tem no mercado de trabalho. O mercado de trabalho, vamos dizer assim, ele é mais dinâmico do que as modificações, as alterações que nós fazemos na grade curricular. Isso também é uma opinião particular e serve para outras demais disciplinas, e a gente de tempos em tempos a gente tem que olhar o mercado de trabalho pra que a gente possa fazer os ajustes nas nossas disciplinas também. Para que possa ser contemplado isso.

Entrevistador: Dando continuidade, eu pergunto ao senhor:

Como desenvolver nessas disciplinas competências pedagógicas necessárias para atuar como professor no ensino de Lutas nas escolas?

Entrevistado: Então... eu tô... eu tô procurando...

É claro, como eu não sou um especialista em Lutas, estou tomando como base o exemplo da minha disciplina, daquilo que eu conheço. Então quando eu alterei o nome e toda a constituição da disciplina, eu procurei enxergar o seguinte: nós temos questões que estão ligadas ao aprendizado dos fundamentos e no meu caso também das capacidades motoras. Então eu comecei a procurar a ver em várias das modalidades, vamos dizer assim, denominadas como gímnicas e quais delas eram comuns a todas, e que eu poderia contemplar, e de certa forma apresentar pro aluno que esse seria um aprendizado básico/ inicial e, que daria suporte pra que lá no futuro os alunos pudessem se inserir naquela modalidade em que eles se sentissem mais confortáveis, aquela modalidade em que seria da preferência/ do gosto.

Então, eu vejo num primeiro momento que a gente tem que preparar o aluno pra esse caminho, né?!

Pra se sentir seguro em desenvolver essas atividades de forma mais abrangente, não é só a questão de se sentir seguro, porque eu vejo... a gente tem ainda... o aluno... eu percebo pelo menos que o aluno quando ele egressa na Educação Física, ele olha pra grade e ele fala assim:

‘Olha tem Ginástica Artística; tem Judô; tem Karatê; tem Capoeira... Ah mas eu não vou fazer essa disciplina porque eu não tenho experiência nenhuma, então eu não vou me sentir capaz, competente, hábil pra desenvolver essa disciplina, né?!’

Então esse é o ponto – a gente já tem que quebrar/ de certa forma desfazer essa ideia desse pré-julgamento que existe já também no aluno: que se ele não teve experiência externa em nenhum momento da vida, ele não será capaz de ensinar isso.

E a gente sempre cria uma relação que é o seguinte...

Ah e uma coisa que eu sempre considero é que às vezes na cabeça do aluno, ele acha que o professor/ o docente ele tenha que ter tido uma experiência como atleta nessa modalidade né?!

Então eu não sei até que ponto também a gente acaba que estimulando muito esse ciclo, e eu não preciso ter sido um atleta de Ginástica Artística pra trabalhar com Ginástica Artística, eu tenho que entender sobre o que?

Os conteúdos que eu vou ter que desenvolver com esses indivíduos.

Pra que eles possam ser capazes.

Então eu vou ter que enxergar... eu vou pedir para que dentro desse processo de ensino, eles vão ter que se tornar capazes e seguros pra desenvolver os conteúdos que são inerentes aquela modalidade.

Então, se desfazer, se desprender dessa ideia de que só um ex-atleta que vai ser capaz de transmitir esse processo, enfim... E que nós temos ainda, principalmente, nas disciplinas que são práticas no nosso curso.

Então, a gente tem que apresentar o que é importante dentro de um conteúdo:

‘O que cabe dentro de uma aula?’;

‘Como que isso acontece?’;

O professor – de que maneira que eu vou fazer essas relações:

‘O que é importante?’;

‘Quais são as etapas?’;

‘Do meu conteúdo, aquilo que é mais simples e até onde eu posso chegar para desenvolver algo mais complexo?’;

Enxergar as limitações, aqueles indivíduos que são mais... de certa forma eles já tem uma experiência maior e às vezes em uma determinada atividade ele se sai melhor, enfim... E é fundamental mostrar para os alunos que eles são capazes de realizar aquelas determinadas tarefas.

Então assim, pra resumir, né?!

Eu acho que a gente tem que recriar também esse pré-julgamento, esse pré-conceito que existe, até porque quando nós entramos pra fazer a Universidade:

‘Ah esse cara tem que ser da área’ ou ‘ele vai dar futebol/ ou natação tem que ser...’

E não é assim! Porque se fosse assim, nós teríamos uma restrição muito grande e não precisaríamos de uma formação acadêmica de quatro/ cinco anos.

Não sei se eu respondi...

Entrevistador: Respondeu sim Professor!

Eu acho até interessante porque o senhor passa a levantar alguns aspectos que até então ninguém tinha levantado e eu concordo também com essa ideia, de a gente como discente, vir até com um certo pré-conceito, né?!

Mas de onde será que vem isso?

Eu acho que isso vem desde a nossa formação lá na escola mesmo...

Entrevistado: Exato!

Entrevistador: A gente passa a carregar isso na Formação Inicial, enquanto Professores em Formação e corre o risco de alguns ainda levarem isso enquanto tiverem atuando, né?!

Entrevistado: Oh, esse risco é grande!

Infelizmente Felipe...

Infelizmente...

É aquela história hoje, que eu vejo também, já que nós estamos comentando agora, conversando... por exemplo, do treinamento personalizado, que tem um estereótipo do professor:

‘Ah o professor’ - vamos dizer assim, ‘que está mais jovem, está mais forte’, então aí, né?! ‘Esse aí aparentemente ele deve ser um melhor professor... tem muito disso’.

Entrevistador: Sim!

Entrevistado: A gente cria um estereótipo, especialmente nessas áreas, do que seria um melhor professor/ docente, enfim... E a gente carrega, estimula muito isso também no curso... E não deixa de ser um pré-conceito como você falou, né?!

Entrevistador: Ainda diante das Competências Pedagógicas, assim como as Lutas, a Ginástica que é uma disciplina que o senhor ministra, elas estão na dimensão do conhecimento das Manifestações da Cultura Corporal de Movimento e no nosso currículo elas aparecem ainda no Tronco Comum, quais são as dificuldades em desenvolver essas Competências Pedagógicas pra atender tanto o grau/ modalidade de Licenciatura, tanto o Bacharel nessa fase do curso?

Entrevistado: Eh isso...

Esse é um ponto...

Essa dificuldade ela persiste até hoje, eu...

É difícil a gente fazer essa separação, essa distinção. Até porque, ainda mais agora, o aluno ele já fez a sua opção antes de ingressar, sem ter conhecimento nenhum, então, eu tenho percebido que tem aumentado essa... essa dificuldade.

É evidente, claro que isso é uma tarefa nossa, mas eu percebo que pro aluno também... quando ele...

Claro, eu tenho que começar a dividir de que maneira eu enxergo, por exemplo, no meu caso eu trabalho mais, eu comecei a pensar no desenvolvimento do meu trabalho já por períodos da vida, ou seja:

‘O que a Ginástica pode ajudar a contemplar na infância e na adolescência?’;

‘Como que ela é importante nessa faixa etária?’;

Então em determinado momento eu percebo que o meu discurso durante o desenvolvimento do meu conteúdo, ele acaba que sendo dirigido muito mais pra quem está com ideia em trabalhar na Licenciatura, do que com quem tá com ideia de trabalhar no Bacharelado.

O que talvez seja uma impressão minha, mas o que eu também percebo muito que poucos são os alunos que talvez tenham esse interesse em desenvolver o seu trabalho com crianças e adolescentes.

É claro que o Professor, aquele que vai pra escola, aquele que faz a Licenciatura, ele não tenha dúvida que esse vai ser o público-alvo dele.

Então, por que eu falo que é difícil?

Porque quando a gente começa a fazer essa... a gente começa a direcionar a discussão para esse lado, aqueles também que já tem a cabeça voltada para o Bacharelado, eu percebo que existe um certo desinteresse do aluno, porque às vezes naquele momento ele não consegue enxergar, que talvez aquela atividade que eu estou supostamente atribuindo a um período da vida/ fase da vida, ela pode ser adaptada pra um indivíduo mais idoso, pra uma outra atividade.

Então, por mais que a gente tem esse discurso, que a gente procure fomentar isso, de eles enxergarem isso, é difícil, mas não porque é uma coisa que está relacionada já com o discente, enfim... Ah até uma certa imaturidade, depois vai acho que... talvez muitos deles vão perceber isso e vão adquirir maturidade pra entender de como que aquilo foi direcionado. Agora, um ponto também que eu percebo dentro dessa dificuldade é que nós professores também às vezes alimentamos isso. O professor que tem o perfil mais do Bacharelado, muito provavelmente ele vai já trabalhar uma disciplina dessa com uma tendência maior a atender o... vamos dizer assim: a essa área, esse nicho. Já o que está mais na Licenciatura, talvez ela possa até pender um pouco mais pras questões, se atendendo ao... voltar mais o seu discurso, os seus conteúdos para a Licenciatura. Então, isso é uma coisa que de fato é muito difícil.

Eu em algumas oportunidades, eu também às vezes até cheguei a pensar: 'pô talvez a minha disciplina de Ginástica ela esteja muito mais adequada a Licenciatura do que ao Bacharelado', por conta dela trazer uma discussão e os seus conteúdos serem muito direcionados a essa população e que conseqüentemente essa população está dentro da escola.

Essa é uma coisa que... só que por outro lado, né o Felipe... a vida ela dá muitas voltas, às vezes um cara que está fazendo o Bacharel agora, lá na frente ele vai montar uma academia, uma clínica, ou ele vai trabalhar num clube, e ele vai ter que desenvolver um trabalho com crianças, então, em algum momento ele vai precisar desse reportório pra desenvolver o seu trabalho. Então, a gente volta sempre naquela discussão, porque às vezes a gente já tem uma certa convicção formada:

'Ah isso aqui é bacana e tals, mas eu não vou me interessar muito, eu não vou me aprofundar porque eu nunca vou fazer uso desse conteúdo', você entendeu?!

'Ah eu não pretendo trabalhar com essa faixa etária'.

Então é um desafio pra nós tentarmos fazer isso. Eu vejo que tem alguns conteúdos, especialmente da minha área, por exemplo, quando eu trabalho a Ginástica para Todos, eu

percebo que... às vezes eu falo assim: ‘uma que ela não é muito estimulada, não é uma atividade... um conteúdo que é muito trabalhado nas escolas, enfim...’, aí aquele conteúdo específico/ aquele tema específico, é difícil de você fazer, de você convencer que... olha: ‘que isso poderia ser feito numa academia, num outro contexto’. Por mais que você traga argumentos, o convencimento é uma outra coisa. Então, é muito difícil, mas é uma coisa que a gente tem que continuar tentando, porque está posto desta maneira; a maioria das Universidades hoje, a gente tem o currículo comum desta forma; então, é uma tarefa que está muito ligada ao desafio que a gente tem, enquanto Professor.

Entrevistador: Mais um aspecto que eu vou... Aqui é um comentário... que talvez eu esteja expandindo aquilo que eu vim trazer como roteiro da entrevista, mas quando o senhor apresenta até mesmo uma certa ausência ou mesmo de não haver um interesse dos próprios discentes, em trabalhar com essa faixa etária de crianças e adolescentes... Eu também sinto isso! E eu vejo que a cada ano que passa, quando se pergunta, assim por exemplo: ‘na minha época, ainda se tinha muito disso, por que você está fazendo Educação Física?’. Porque vinham de alguma vivência prévia de algum esporte, no meu caso Judô, outros vinham do Handebol... agora passa a perder isso também... Muitos vêm, por causa do treinamento resistido, ou do Crossfit, então eu acho que isso acaba que sendo uma das implicações também para... por causa desse... desse encaminhar das coisas em como estão se dando, né?!

Entrevistado: Isso...

Exatamente...

Eu concordo Felipe!

Antes, e até na minha época...

Esse antes que a gente está falando, eu não estou falando de algo que é tão remoto assim não, e estou falando de... olha como esse ciclo se alterou... se eu for tomar como base os últimos seis/ sete anos, esse perfil do aluno que veio mais para o exercício resistido, do Crossfit, da... tá muito maior. Lá no passado, as experiências que nós tínhamos, eram experiências do esporte. Muito do que levou a gente pra fazer Educação Física é por conta do esporte. Então, não tenho dúvidas que esse perfil ele está se alterando, se modificando. E com isso, é claro, o objetivo e desenvolvimento do trabalho se torna com uma população específica. E eu também enxergo dessa maneira, parece que cada vez menos... a gente

conversando, a gente vendo... nossa percepção, existe um certo desinteresse pra trabalhos com criança e adolescentes. É também minha percepção disso.

Entrevistador: Muito bacana Professor... E conforme... eu não sei se havia dito, mas a entrevista é em um modelo semiestruturado, então alguns pontos da sua fala me chamam a atenção e até por isso surgem novas questões, e acaba suscitando uma discussão interessante pra gente ir ampliando... e querendo ou não tem haver com aquilo que vem sendo estudado por mim também...

Entrevistado: Claro! Claro! E é um bate-papo!

Entrevistador: Perfeito! Então eu pergunto ao senhor:

O que tem a dizer das práticas pedagógicas em que o corpo discente de Educação Física possa atuar como Professor no ensino de Lutas?

Isso dentro das próprias disciplinas: experiência de ministrar, orientar exercícios, micro-aulas ou aulas propriamente ditas.

Entrevistado: Você se refere a prática pedagógica... não a prática formativa da disciplina em si?!

Você fala da atuação dentro da disciplina?

Entrevistador: Isso!

Entrevistado: Então deixa eu ver se eu entendi... se isso é importante?!

Eles... eu vejo assim... eu não sei se eu entendi sua pergunta... mas eu enxergo assim: eu dou muito mais valor, do ponto de vista da avaliação que eu faço do aluno, ou da sala, ou da turma... em enxergar se eles estão adquirindo capacidades e habilidades pra transmitir o conteúdo enquanto docentes, do que na realização do próprio conteúdo, então é evidente que a experiência física daqueles movimentos, daquelas habilidades, daquelas capacidades que compõem essas disciplinas práticas ela é importante, mas isso não é um fim, a finalidade, o objetivo principal que eu enxergo é a forma como nós vamos lidar com isso.

Então, estimular esses momentos em que os alunos eles vão preparar, vão assumir a posição, digamos assim, entre aspas, de ‘docente’/ ‘professor’, eu acho que isso é fundamental!

Eu sempre brinco ‘se é que a gente erra, a hora de você errar e de fazer a experimentação é ali, entre 4 paredes e tal... vendo o que pode dar certo, o que pode dar errado, essas simulações’, é assim que eu enxergo, mas não avaliando o desenvolvimento da técnica, de como que eles estão fazendo isso, mediante esse comportamento individual, e sim, de forma como eles estão melhorando suas relações entre professor-aluno; ensino-aprendizagem.

Como eles vão conseguir transmitir... porque sempre a gente fala... eu falo isso... porque muita gente vê lá, todo mundo que vê uma disciplina prática – ‘ah isso é fácil’, todo mundo acha, enxerga que não precisa ter uma rotina, que não é organizado um plano de aula pra fazer esse tipo de execução, e você...

‘Por que?’

Você tem uma composição, de uma quantidade de exercícios, você tem que enxergar uma série de coisas que vão depender muito dessas experiências, muitas vezes também a gente trabalha diante de um certo improviso, então, antes de trabalhar diante de um certo improviso você tem que ter um certo laço também já desenvolvendo esse tipo de atividade.

Então, você fala ‘parece coisa simples’, mas se eu tenho 50 minutos pra desenvolver uma aula, por exemplo, de Judô:

‘Quais são os exercícios e atividades que eu vou integrar?’;

‘Qual o tempo destinar a cada um deles?’;

‘Como que eu vou fazer isso?’, enfim....

Porque parte da aula, até a própria motivação do aluno depende disso. Eu não posso selecionar três atividades e ficar 50/ 60 minutos no mesmo, que se torna uma coisa chata, monótona, cansativa. Então, isso é o olhar que a gente tem que ter dentro desse processo. Não se ele executa lá o movimento de forma correta e tal, ele tem que entender se conseguiu desenvolver a habilidades pra ensinar aquele movimento, ensinar aquele conteúdo, aquela atividade.

Então é dessa forma Felipe que eu enxergo isso, eu não sei é nesse sentido, nesse caminho que você me perguntou...

Entrevistador: É sim Professor, eu compartilho dessa ideia também... E alguns pontos em sua fala me chamam a atenção com aquilo que venho estudando, até mesmo com alguns outros relatos. Quando eu falo das práticas pedagógicas que são desenvolvidas durante a própria disciplina, eu também vejo que os alunos têm da própria experimentação, porque dificilmente eles vão ter em outro lugar.

Entrevistado: Não têm!

Entrevistador: Não têm! E até quando o senhor fala do Plano de Aula, o que eu penso é o seguinte: principalmente quando se trabalha com as Manifestações da Cultura Corporal – Lutas, Danças, Ginásticas... há uma ideia de fragmentação do movimento, né?! Em cada aula eu vou ensinar tal coisa e muitas vezes o aluno pode chegar a cair naquilo ‘eu planejei 10/15 planos de aula’, só que quando ele incorrer nessa situação de fragmentação pode acontecer que 5 dessas aulas que ele planejou, acontece em uma aula só...

Entrevistado: Numa aula só! Exatamente! Exatamente!

Entrevistador: Então, é mais um comentário e complemento mesmo...

Entrevistado: O que acontece é o seguinte: você pode até pensar no desenvolvimento fragmentado, na questão da didática, só que na hora que você vai por aquilo em prática o aluno não vê dessa forma, ele não entende nem que isso vai acontecer dessa forma. Então você tem que estar preparado para isso e são nessas simulações que a gente faz que é importante.

Eu vejo também, não sei se concorda... que claro, eu entendo que a maioria dá bastante valor a isso, mas tem a questão às vezes por ser com a própria sala, alguns são um pouco mais tímidos, enfim... então às vezes tem uma certa... mas eu acho que isso tem que ser estimulado, porque é o que você falou ‘não faz ali, nunca mais vai fazer em lugar nenhum, nunca mais!’, porque não vai ter outra oportunidade, pega por exemplo uma disciplina que nem natação, quantos vão ter a oportunidade de aprender algo sobre natação quando nunca tiveram nenhuma experiência...

Entrevistador: E quando... principalmente nessa disciplina em que muitos lugares não oferecem nem uma piscina...

Entrevistado: Exato... aí você cai numa...

Vamos imaginar que você vai ser contratado, por exemplo, eu trabalhei em uma escola que tinha piscina, piscina olímpica, então se eu não soubesse... senão tiver nenhuma noção de natação como é que vai ser contratado?!

Então aí a gente começa a perceber... e dentro da Universidade você vai poder ter um contato mínimo, pra depois ter uma certa autonomia, pra você buscar conhecimento após a formação, mas você tem que ter a experiência básica ali, não tenha dúvidas.

Entrevistador: Perfeito... Dando continuidade, ainda pegando o gancho da pergunta anterior, eu pergunto agora:

Quais são os elementos constituintes das atividades de práticas pedagógicas que, na sua opinião, mais contribuem para a formação dos alunos como professores?

Até mesmo, trazendo algo com que o senhor disse... como enxerga a interação de aluno-aluno nesses momentos de vivência, essa experimentação que eles têm ali, se um ajuda o outro ou se opõem a essas atividades, peço que explore um pouco mais essa parte....

Entrevistado: Então Felipe, eu acho que isso é muito livre do docente... a gente tem que tentar criar, vamos dizer assim, criar o ambiente favorável pra que isso aconteça. Então pensando lá na questão das atitudes, dos procedimentos, enfim... Essas questões que são relacionadas a atitudes, eu tenho que propiciar isso... às vezes muito docentes... é também uma opinião particular... às vezes ele enxerga um aluno ensinando o outro, e ele fala assim ‘ah mas eu que sou o professor aqui, eu que tenho que dar essa ordem de comando, eu que tenho que ensinar’, porque acha que isso possa ser um problema e eu acho que não, muito pelo contrário, a gente estimular esse tipo de situação, principalmente dentro da Universidade... pra formação, essa autonomia – seria até uma outra palavra... estar disposto a tomar esse tipo de atitude é fundamental, porque essa é uma das características...

Entrevistador: Seria protagonismo?

Entrevistado: Pois é, um protagonismo, assumir essa... isso seria... eu vou dar um exemplo, eu tive em Ginástica, vários alunos que foram ex-atletas e me ajudavam muito, e a coisa ficava muito interessante nesse sentido, então você tem que abrir esse espaço para que o aluno possa se sentir confortável e ele fazer isso... ele começar a ter esse... se sentir... até a questão... eu não vou dizer útil, mas eu vou dizer... vamos dizer assim...

Entrevistador: Como parte do processo?

Entrevistado: Exato!

Como parte do processo... Eu não posso só ir ali determinar o que tem que ser feito, como tem que ser feito, enfim... Eu procuro... Eu tento de certa forma, estimular eles a fazerem isso e eu percebo também que dentro desse processo de educação nossa, que já vem do Ensino Médio – Ensino Fundamental, eles também... foram poucos que tiveram esse tipo de estímulo, em se tornar protagonista, crítico, por conta da maneira em que a Educação no Brasil enxerga essas questões.

Agora, o aluno também tem que estar aberto para isso, ele entender que essa atitude do professor ela não é para deixar ele de lado, enfim... É por aí... esse é um processo e tem que ser reconhecido também! Mas... Eu... É por esse caminho que a gente tem que seguir.

Entrevistador: Como enxerga as propostas de atividades extra classe ou até mesmo a participação de convidados externos que são da própria área, essa relação com a disciplina e até mesmo a aceitação por parte dos alunos?

Entrevistado: Eh... então... isso é uma boa pergunta, viu Felipe... Eu acho importante, você trazer pessoas de fora e o que nós que somos professores universitários, nós temos um tipo de formação um pouco diferente... já tivemos, mas hoje, atualmente, a gente trabalhando com ensino e pesquisa... mas não da mesma forma como as pessoas que estão fora. Então, por exemplo, eu vou trazer um professor de ginástica Artística ou um professor de algum tipo de Lutas pra contar a experiência dele, como ele desenvolve o trabalho, como que foi a trajetória dele, como que foi a formação dele, como que ele se viu nessa formação, das dificuldades... porque são coisas tão específicas teoricamente... porque um aluno ele pode ter um interesse... eu acho que a gente tem que jogar muito aberto já que a gente está formando profissionais, até pra saber o quanto que ganha um profissional da Educação Física, todas essas experiências elas são importantes, porque vamos imaginar que às vezes a gente acha que ‘pô trabalhar como personal em uma academia gera um certo status’, mas quanto que ganha esse

profissional?! Talvez uma outra atividade possa ser até melhor remunerada, às vezes a gente cria essas... e a gente sabe muito pouco da realidade, então, eu acho muito interessante trazer esses profissionais de fora, porque eles estão mais próximos, muitas vezes do que nós, dessa realidade de trabalho, entendeu?! Então, eu acho que eles tem muito a contribuir! E assim, nas experiências que eu tive trazendo profissionais dentro da minha disciplina, eu acho que elas foram muito úteis nesse sentido, porque também tem uma coisa, às vezes até para tomar aquilo como parâmetro profissionais para fazer comparações no sentido... olha... a gente não pode achar que tudo que está sendo feito lá fora e às vezes é uma coisa que a academia faz muito, tá errado.... você entendeu?!

Entrevistador: Sim!

Entrevistado: Então eu acho que a gente tem que cada vez mais estreitar essa distância que nós temos da academia e do mundo profissional, da área/ do campo de trabalho.

Entrevistador: É talvez... Muitas vezes... Quando a gente incorre nessa questão, de achar que só o que a academia produz é o correto, é o que gera o distanciamento da própria intervenção né?!

Entrevistado: Exatamente! Você pega o quanto que a gente faz de intervenção?! Mesmo em pesquisa... Quase nada...

Entrevistador: Sim! Sim!

Entrevistado: Então é uma coisa que deve ser discutida...

E aí, eu acho que ao trazer esses profissionais... Eu acho que a gente minimiza um pouco isso que a gente está discutindo... minimiza... porque lá fora é um outro olhar pras coisas, de certa forma são coisas bastante diferenciadas.

Entrevistador: Sem contar que lá fora, muitas vezes a situação exige uma, como eu posso dizer?! Uma imprevisibilidade em que exige do profissional agir momentaneamente e dentro da academia a gente tem geralmente situações de controle e, creio que essas experiências possibilitam aos discentes uma visão real da situação, de que nem tudo ‘são

flores’, você vai ter que saber lidar e articular determinados pontos de vistas que talvez diverjam dos seus também, né?!

Entrevistado: Exatamente!

Porque isso está muito direcionado às relações interpessoais, porque quando você... é o que você falou ‘quando a gente está no ambiente acadêmico você têm tudo bem controlado’, você tem regras bem estabelecidas, às vezes até a própria hierarquia, mas quando você vai pra fora no mercado de trabalho, você tem que começar a enxergar as coisas de uma outra forma, de uma outra maneira, então, essas simulações, de certa forma os estágios deveriam contemplar esses tipos de situação, mas nem sempre... também não por culpa da academia, mas porque muitas vezes existe também muita restrição, muito fechamento, dessa aproximação do aluno que está se formando, então essa é uma outra dificuldade, vamos dizer assim, pra conhecer realidade. O mundo ideal e o mundo real são totalmente diferentes, né?!

Entrevistador: Sim! Professor ainda referente às práticas pedagógicas eu vou te fazer uma pergunta que eu acredito que em até determinados momentos o senhor já respondeu ela indiretamente... Durante as práticas pedagógicas, como você vê a participação do docente na formação dos discentes?

Você até levantou a questão da simetria invertida, do próprio professor aprender com o aluno...

Entrevistado: Eu acho que... além de tudo isso que você pontuou, que indiretamente eu passei a comentar, existe uma coisa que é bem interessante, que eu vou fazer um paralelo, uma coisa que é muito importante, por exemplo, você educar filho não é com aquilo que você fala, é aquilo que você faz, aquilo que eles observam você fazer.

Então, eu acho que é muito importante também, até pra fechar um pouquinho também isso que a gente está conversando, a postura do professor; das atitudes que ele tem durante a aula; da maneira como ele lida e resolve problemas; como ele administra esses problemas, tanto de questões éticas, como hormonais, porque elas superam as necessidades às vezes do conteúdo. Você ter um docente que tenha um repertório muito grande do conteúdo que ele está desenvolvendo, mas se ele não tiver essa questão da postura, da atitude, de preservar condições/ valores morais; valores éticos entre ele e os alunos, uma condição de respeito e assim por diante, nada vai dar certo.

Então eu acho, olha... veja... na minha opinião o quanto que a formação docente ela é complexa, porque muitas vezes isso que a gente está falando pode ser considerado bom senso, a gente não aprende sentado no banco/ carteira de universidade... então, talvez esses bons exemplos e esses maus exemplos, começam a ajudar ao aluno formar sua característica... não vou dizer... usar a palavra personalidade... mas de certa forma como ele vai se caracterizar enquanto professor... enquanto docente...

Então isso também, eu acho que tem uma valor muito... muito... ainda mais nos dias de hoje, em que a gente vive dias...

Mudou muito a nossa participação... na maneira como nós fazemos isso... hoje a gente tem que tomar cuidado até com as palavras, algumas coisas que a gente fala... esse exercício tem que ter, tem que existir de fato...

Então, o aluno tem que estar atento a isso, porque muito provavelmente eles estão, sempre estão... você estando ainda nessa condição de aluno sabe, eles estão sempre observando essas características que são pessoais, mas que modificam muito essas relações interpessoais, aluno-professor, professor-aluno. Esse talvez, eu considero hoje um dos principais fatores, não adianta eu estar falando aqui e eu viro as costas e o meu exemplo, aquilo que eu faço na prática, não condiz com o meu discurso, então aí, a coisa está acabada... então eu penso muito nisso Felipe também.

Entrevistador: Perfeito... Eu concordo... por mais que literatura seja ampla, a relação do trato com as pessoas ela se dá ali no dia-a-dia, no cotidiano, experiências exitosas e outras nem tanto, se faz no contato humano mesmo.

Entrevistado: Entrevistado: É não tenha dúvidas...

Entrevistador: E dando prosseguimento por aqui também...

Professor eu informo que chegamos na metade das perguntas programadas previamente no roteiro da entrevista, essas três primeiras perguntas elas são sempre sucedidas de subitens, então a gente chega na metade da entrevista e daqui em diante as perguntas que eu faço elas são um pouco mais objetivas também... E relacionado as Lutas, é claro, mas eu acho que o senhor vai fazer um paralelo bem legal com a disciplina que ministra é:

Como aproximar a teoria da prática de forma a que uma favoreça o desenvolvimento da outra?

Entrevistado: Isso é uma... é outro também desafio, hein Felipe?!

Eu vejo assim... a gente já tenta... é importante... eu acho importante o seguinte... ambas são importante... vamos pensar em uma condição prática que a gente desenvolve: você tem ali uma carga horária e, dentro da carga horária você têm uma certa quantidade pra ser desenvolvida no plano teórico e uma certa quantidade pra ser desenvolvida no plano prático, mas isso é uma grande bobagem, porque não acontece isso... didaticamente às vezes a gente tem aquela preocupação, vamos expor isso daqui, lá no retroprojeto, tal, tal, tal... e depois vamos lá tentar fazer esse tipo de transferência... o que eu também às vezes tenho minhas dúvidas sobre isso...

Eu sempre pensei pra essas disciplinas que esse talvez seja o maior desafio nosso... de tentar mostrar a importância da teoria nas condições práticas...

Mas o que eu penso é o seguinte, quando eu tenho uma base teórica sólida, eu aumento a minha capacidade de repertório e de convencimento pro desenvolvimento das nossas atividades práticas, certo?!

Eu acho que isso é muito difícil, demora muito tempo para você entender isso, então vamos lá, eu vou dar um exemplo... eu vou dar um exemplo do meu... às vezes lá minha aula eu falava um pouquinho do tema – a Ginástica não interfere no crescimento de crianças e adolescentes, certo?! Isso do ponto de vista teórico, isso já está... já se sabe... não, não é... o problema não é a Ginástica, a modalidade, é a forma como você desenvolve esse procedimento, como você vai fazer uma atividade muito intensa, aquela coisa toda... mas você pode um dia, ter um pai que vai falar assim: ‘ah eu vou tirar meu filho da Ginástica porque parece que ele não está crescendo muito’, então isso é uma situação prática pro docente que ele vai ter que ter argumento, para se direcionar a aquele pai, pra convencê-lo de que aquilo não é verdade... eu não sei se estou sendo claro, mas é uma das maneiras que a gente tem... que nós enquanto profissionais a gente tem que ter, vamos dizer assim, esse repertório para que a gente possa desenvolver as nossas práticas. Outra coisa que eu vou dar exemplo, no passado, os atletas iam fazer qualquer atividade e não se falava pra que era, por que fazer, qual quantidade fazer... hoje mudou muito, um pouco mais sobre isso... é um desafio, mas eu entendo que talvez seja isso o principal fundamento – você aumentar a sua capacidade de convencimento das pessoas.

Entrevistador: Acho que quando o senhor traz os exemplos, acaba que ilustrando bem aquilo que você vem pensando e fica bem claro para mim também... partindo para a

próxima pergunta, mesmo o senhor já destacando inicialmente que não é da área das Lutas, mas eu faço essa pergunta num plano de visão mais pedagógica:

O que considera imprescindível na avaliação das disciplinas relacionadas a Lutas?

Entrevistado: Imprescindível?! Oh o Felipe, eu vou te dizer que essa capacidade... você fala da disciplina avaliando o aluno, né?

Entrevistador: Isso!

Entrevistado: Se ele se tornou hábil suficiente, capaz suficiente pra transmitir o conteúdo... Eu acho que isso é imprescindível... vamos imaginar o seguinte, aí também fazendo um exemplo do meu lado: eu não tenho que ver se o aluno aprendeu a fazer um rolamento pra frente, eu tenho que entender se ele aprendeu a se sentir capaz a ensinar esse rolamento pra frente, é isso que eu acho que é o mais importante, então a gente avaliar dessa forma e é muito complexo, né?!

Avaliação é um negócio difícil, não é um negócio fácil... mas aí a gente vai ficar discutindo isso até... mas não... você enxergar o fato de o aluno fazer o rolamento pra frente de uma maneira perfeita, isso não quer dizer que ele estará em condições pra transmitir aquele conteúdo, isso não é um pré-requisito, né?!

Entrevistador: E quais podem ser as possíveis dificuldades encontradas na realização de práticas pedagógicas nessas disciplinas?

Entrevistado: Uma dificuldade... eu não sei se isso tem haver... mas que eu percebo cada vez mais, que essa experiência motora dos alunos parece estar diminuindo, a falta de contato que eles tiveram... um tipo de experiência que eles tiveram... uma experiência maior... do repertório motor mesmo... parte daí, dessa condição... não sei se é isso que você tá querendo me perguntar... da minha dificuldade pra essas experiências, é isso?!

Entrevistador: Isso também está ligado... ela abrange uma das coisas que eu imagino que possam vir a surgir nas discussões posteriormente...

Entrevistado: É uma outra coisa também que eu percebo, é que tem existido cada vez mais Felipe, uma certa resistência do aluno de Educação Física, assim: no sentido de se integrar mais e de se entregar mais as práticas pedagógicas, nessa parte assim, nessas experiências, nessas vivências... eu sei que a gente tem... pode não ter grandes problemas... mas eu percebo isso... que às vezes... em alguns momentos é um pouco relegado, talvez é o momento, porque o esporte você bem falou, hoje, o foco, o interesse vai ser outro, e essas práticas ficam mais em segundo plano, então isso também, as questões que estão em volta dos planos motivacionais dependem muito disso... dependem muito disso... em estar aberto pra receber aquilo.

Então eu vejo também que existe uma certa resistência, que no passado o aluno até reclama demais que se tinha muita disciplina prática e não tinha muita teoria, então você tinha que dar mais teoria... hoje já estão dizendo que é o contrário, então fica um certo ponto de acomodação em algumas situações, nesse sentido...

Entrevistador: Por fim, eu faço a última pergunta:

Existe mais algum aspecto que você gostaria de abordar sobre a aprendizagem dos discentes durante a formação inicial no que diz respeito para o ensino das Lutas nas escolas?

Entrevistado: Eu acho que a escola nunca... nem é o objetivo dela... não é a intenção... ela trabalhar com modalidades... vamos dizer assim, que a escola tem como sua função, de apresentar esse fundamentos, fazer uma apresentação do ponto de vista básico, em termos de área, aquela coisa toda... pra que aí sim, aqueles que se sentirem mais interessados buscarem seus próprios caminhos, iniciação, o despertar do gosto...

Então eu acho que a escola ela tem esse papel, ela tem que cumprir esse papel. Então se ela tem que cumprir esse papel, eu acho que dentro da formação, a gente tem uma formação um pouco mais geral, generalista neste sentido, principalmente no aspecto das Lutas, eu acho que seria mais interessante, porque você tornaria o professor e principalmente aqueles que nunca tiveram experiência nenhuma, você daria uma condição pra esse aluno dentro da formação dele que ele se sentiria mais capaz, mais à vontade, mais seguro no desenvolvimento destas atividades, então quando você, claro, trabalha uma única modalidade, você já torna aquele professor um certo 'especialista', você já estimula uma certa especialidade, então também o que seria errado – um cara só de Karatê entrar na escola e só desenvolver Karatê por si só e assim por diante...

Então essa formação mais geral, generalista, eu acho que ela seria interessante e importante para o desenvolvimento, porque a gente tem muitas formas de desenvolver Lutas dentro da escola, nós poderíamos ter do ponto de vista de estratégia de colocar esse conteúdo, esse conhecimento pro aluno e despertar o gosto por essas atividades, mas não dessa forma clássica/ original daquilo que nós temos, que eu enxergo do desenvolvimento disso tudo nas academias, aquela coisa toda.

Pra você demonstrar e é a mesma coisa com a Ginástica, eu não vou trabalhar Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, a Ginástica Competitiva, eu vou apresentar os fundamentos, a partir do momento que ele desenvolve essas habilidades, ele consegue ter domínio sobre elas, o que vai acontecer? Ele vai despertar o gosto, e aí, ele pode se tornar uma pessoa que vá fazendo Ginástica Artística, Competitiva, enfim seguir... e se não for todo esse aprendizado, esse repertório que ele desenvolveu, vai servir de certa forma pra outras modalidades que ele vier a escolher... pro futuro, pensando a longo prazo, na idade adulta, nisso nós temos a criação do repertório que ela é importante, estimulação desse repertório pra vida como um todo do aluno. É mais ou menos isso.

Entrevistador: Excelente Professor, eu dou por encerrada então a entrevista...

Entrevistado: Legal!

Entrevistador: Reforço meus agradecimentos!

Entrevistado: Imagina Felipe.

Entrevistador: Eu estarei interrompendo a gravação por aqui e a gente continua batendo um papo informal.

Entrevistado: Legal!

APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista: Representante Docente Suplente que Integra o Conselho de Curso

Identificação do Participante: Cláudia	Entrevista de número: 19
Grupo: Docentes	Subgrupo: Integram o Conselho de Curso
Duração da Entrevista: 1 hora e 30 minutos	Tempo de Transcrição: 12 horas e 00 minutos
Data da Entrevista: 05/11/2020	Local da Entrevista: Remota Síncrona

Entrevistador: Tá carregando aqui, logo mais já inicia...

... Bom Professora, iniciou...

E a primeira pergunta que eu... Dou o start aqui no... nas entrevistas... ela é assim:

No nosso... no currículo do nosso curso, as disciplinas relacionadas às Lutas são denominadas com nomenclaturas específicas de suas modalidades e não como Lutas propriamente dito, como você enxerga essa relação?

Entrevistada: Éehh...

Bom.. éhh...

Na verdade assim, eu acho... Pelo menos no meu ponto de vista, parece um pouco uma... uma dificuldade que a área vem construindo ao longo do tempo, né?!

Nas licen... éhh...

Em especial as... as Licenciaturas... né?!

A Licenciatura em Educação Física, né?!

E por que que eu digo isso?!

Porque quando a gente fala Lutas, eu acho que a gente tá trazendo um conceito que congrega um conjunto de práticas com uma certa característica. Quando a gente fala, por exemplo, as práticas... do meu ponto de vista isolada, né... A gente corre o risco de trazer um vigor maior pra questão esportiva.

Então eu sei que você gosta aí do Judô, né?! Vou te dar o exemplo aí do Judô... Quando a gente tem a perspectiva do Judô enquanto Lutas, eu vejo que há uma perspectiva que tem uma valorização muito maior da tradição; da base filosófica; dos elementos aí de... éhh... da sua origem; do seu nascedouro; da sua própria história, né?! Por exemplo, o Judogi, ser de uma cor só, branco, porque tem um significado... A faixa, as cores das faixas... Mas

quando a gente vai falar do Judô Esporte, a gente já vai ter o Judogi branco, azul; a gente já vai ter um grande atropelo na perspectiva filosófica, né?!

E eu acho que aí... éhh... o conceito de Luta se perde e ganha relevo o conceito esporte. Eu acho que isso pra área não tá muito claro. Então eu me preocupo um pouco com essa separação, né... de deixar as práticas com nome isolado ou com nome específico, sem trazer uma ideia, né:

‘O que pode?’

Pode! Não é necessariamente... Porque um Professor pode trabalhar lá se estiver escrito Judô, como no nosso currículo, né... Já estive em algum momento... Se estivesse escrito Judô o Professor podia trabalhar numa perspectiva de Lutas, né... Mas eu tendo a achar que a tendência é pensar numa perspectiva esportivista e aí eu acho que o aluno, o graduando, o licenciado, ele perde toda essa oportunidade de aprender sobre essa característica da Luta enquanto Filosofia, enquanto uma... um modo de vida, né... das suas origens... Então, eu acho assim, que tem Luta é claro... desculpa, que tem Práticas Corporais que vão de fato assumir uma característica esportiva, por exemplo, o Boxe. O Boxe não tem uma característica, uma trajetória filosófica em si, ele já nasce num modelo esportivizado, ele já nasce com uma perspectiva muito mais esportivizada do que por exemplo, muitas... muitas práticas, né, de origem oriental. Então, eu acho que aí teria essa diferença...

E aí, se você pega, por exemplo, os documentos... éhh... que são os documentos de Políticas Públicas que hoje tem ajudado... Na verdade, não só ajudado... estabelecido a referência de ensino, por exemplo dos professores: se você pegar, por exemplo, o Currículo do Estado de São Paulo; se você pegar agora o Currículo Paulista e se você pegar a própria BNCC... Se você olhar a BNCC, o nosso documento Federal, que é o mandatário, que é o que vai coordenar todas as bases de Políticas Públicas Estaduais e Municipais, ele vai usar o termo ‘Esportes de Combate e Lutas’, separadamente... E você não tem com clareza qual é a diferença de um e de outro.

‘Por que que tem Lutas separado de Esportes de Combate?’

Pra mim, né... Eu acho que essa separação tem haver com essa questão filosófica, porque é o que pra mim diferencia, mas isso não tá claro no documento e tenho a impressão que também não fica claro nos Currículos de Formação e, também pros Professores que

ministram as disciplinas e, pros graduandos. O que pra mim é uma perda formativa, porque eu acho ser importante ter um olhar mais abrangente e não ficar restrito ao universo esportivo.

Entrevistador: Então Professora, você enxerga que nessa relação ocorre uma divergência entre o espaço da intervenção e o espaço da formação? Seria isso?

Entrevistada: Eu não sei se uma divergência Felipe, eu diria que me parece... éhh... éhh... que tanto a intervenção por conta dessa orientações de Políticas Públicas... Porque as Políticas Públicas elas vão orientar a intervenção sobretudo, né... A Formação, a Graduação, a Formação Inicial, ela vai tentar garantir um pouco mais essa formação acadêmica. Embora, essas coisas elas não são separadas, elas dialoguem, né?!

Eu acho que ambas influenciam tanto a Formação Inicial quanto a Intervenção. Então, eu acho assim, não é uma incoerência, eu acho que é uma falha, uma deficiência que vem se estabelecendo no campo das Práticas Corporais, né?!

E aí se a gente fosse falar das Lutas, tanto na Formação Inicial/ na Graduação, quanto também na Intervenção Profissional, porque essas Políticas Públicas que orientam Intervenção Profissional carregam o mesmo... pra mim, né...o mesmo... éhh... comprometimento, assim, de entendimento claro de uma... de uma... éhh... apresentação... éhh... ampliada das perspectivas das Lutas que não aquela somente orientada pelo carácter... pela orientação dos critérios esportivos, entendeu?!

Não sei se ficou claro...

Entrevistador: Sim! Sim, ficou!

Professora, aí por exemplo, quando você cita no nosso próprio currículo a questão do Judô que em determinado momento a gente teve e no currículo atual a gente não... não... não consta mais essa disciplina. Nesse processo de transição de currículo, o que foi que delimitou a retirada do Judô ou a escolha das outras disciplinas pra que permanecesse? Ou como que é feita essa constituição da seleção de um currículo... de uma disciplina ou de outra?

Entrevistada: É um embate bem curioso, né Felipe?!

Porque infelizmente a gente tem sempre uma expectativa de que o currículo seja uma base de conhecimento, que possa de fato oferecer um... um... de fato um conjunto de conhecimentos pro aluno acessar, né?!

Enquanto graduando, né?!

E pra que ele possa construir essas referências enquanto profissional. E aí, Eu acho que o olhar tem que tá, sempre pensando na formação do aluno, né?!

Eu tenho uma certa crítica a olhar pro currículo e vinculá-lo diretamente ao mercado de trabalho, eu considero sem dúvida importante fazer esse diálogo, mas eu acho que ele não pode ficar refém do mercado de trabalho. Porque o mercado de trabalho também ele... ele estabelece uma... uma... Um constructo onde uma... uma... Um discurso e uma prática também do consumo, né?!

Capitalista...

Então eu acho que a Formação Inicial, ela também tem que fazer frente na oposição, na resistência ou no estabelecimento de novos debates, né?!

Que critiquem e que possam promover mudanças no cenário do mercado de trabalho. Então eu me preocupo um pouco com essa relação direta de causa e efeito, né?!

‘Ah, mas como é que tá o Mercado de Trabalho?!

... Vamos colocar isso no Currículo’

Eu acho que isso é um... um... pode ser um tiro no pé. Eu acho que tem que ter muita cautela pra fazer esse tipo de debate, né?!

E aí, nesse sentido, éhh... éhh... O currículo pra mim é algo que tem que representar esse elementos, né: uma formação mais ampla; crítica – que dê essa condição pro graduando, né, em sua formação e que isso possa trazer... éhh... éhh... desdobramento na sua formação profissional futura. Mas com o caso do... isso é o que eu penso... mas infelizmente o currículo não é necessariamente assim, né Felipe?!

‘Por quê?’

Não dá pra gente ignorar o corpo docente. Então você tem um determinado corpo docente, com um determinado perfil, e aí, algumas mudanças são possíveis de serem feitas e outras não são, né?!

Porque o corpo docente não responde a essas mudanças que muitas vezes a gente gostaria de fazer, né?!

Ainda mais numa conjuntura que a sua turma já tá vivenciando, já tem um tempo, né?!

Na qual a gente tem uma Política também de Reitoria que não tem tratado com muito cuidado, né?!

Como no meu ponto de vista, deveria: a questão da contratação docente, né?!

Da reconfiguração do quadro de professores dos cursos de formação, tanto é assim que a gente vem acompanhando cursos que, né... se tem aqui um exemplo, no nosso campus... você já deve ter ouvido falar inúmeras vezes do curso de Biologia, que se têm um número muito alto de professores aposentados e se têm... e se não tem a contratação pra dar suporte, né?!

Se não tem concurso pra... pra suprirem essas vagas que tão sendo... tem sido... têm ficado descobertas... Aí se contrata professores substitutos, em condições bastante precárias, né... de... de financeiro e aí também por conta disso, pouco atrativo pros estagiários que vêm a atuar como docente, e aí a gente têm comprometimento na formação desses docentes e que virão a bordo na formação dos graduandos.

E por que eu estou falando tudo isso?!

Porque no caso dos conteúdos Lutas, no nosso currículo. Eu vou usar esse termo Lutas, eu não vou falar Práticas... até posso falar depois, mas nesse primeiro momento... A gente não tinha no currículo... no curso... éhh... éhhh... Quando a gente foi fazer a opção por fazer os dois cursos, o Bacharelado e a Licenciatura, o curso de bacharelado pela característica – que é uma característica mais das ciências biológicas, né... É um curso mais voltado pra questão da... orientado pelas... pelas quatro bases aí que seriam: as doenças cardíacas; as doenças... éhh... éhh... relacionadas a diabetes, né... as doenças osteoarticulares e as deficiências em si, não doenças, mas é o quadro que orienta a base desse currículo... Você é... Foi necessário remanejar vários docentes pra suprir a demanda dessas características, desse perfil de curso Bacharelado e com isso, em especial a disciplina de Judô, ela acabou perdendo, porque o docente que ministrava acabou ampliando a sua carga horária de aula, tendo de ser redirecionado pro curso de Bacharelado. Então isso foi um problema e, no meu ponto de vista, uma fragilidade, porque os alunos acabaram perdendo essa possibilidade... Eu considero como uma perda! Do meu ponto de vista...

A gente ainda têm Karatê, né?!

E a questão da Capoeira que é um conteúdo já... uma disciplina aliás... que é... aparece no curso já, se eu não estou enganada aqui, né... Desde a reestruturação que vai finalizar em 2005, que vai começar... que vai ter relevo o curso de Licenciatura específico... no curso de Licenciatura que a gente de 2005 até chegar nessa mudança entre o Bacharelado e a Licenciatura, então a gente ficou nesse intervalo, né... De 2005 em diante, com um curso que

era de Licenciatura para o formado atuar no ambiente escolar, especificamente, no ambiente escolar, né?!

A gente... foi quando inaugurado efetivamente a disciplina... a indicação... a composição na verdade da disciplina de Capoeira no curso. Que eu também acho fundamentalmente importante pra formação dos alunos, considerando toda a matriz cultural nacional; as nossas influências afrodescendentes; enfim... uma série de aspectos históricos e cultural, e até pela Lei... pela Lei que a gente tem aí de trabalhar conteúdos afro-brasileiros e tal, né?!

Eu acho que era... É um conteúdo muito importante! Mas curiosamente no bolo da... desse esquema de contratação docente, a gente foi percebendo que esse conteúdo, essa disciplina, ela foi perdendo o vigor... Talvez por uma... Eu hoje faço essa leitura... Talvez por alguma falha da gente lá atrás quando se cria a disciplina de Capoeira, né?!

No curso de Licenciatura, como não se tinha professor naquele momento e era uma coisa emergencial, precisava do docente para começar a disciplina, foi feito uma parceria com a Faculdade de Arquitetura e Artes, a FAAC e, a Professora [REDACTED] deu início a ministrar essa disciplina, mas foi uma condição muito curiosa e de certo modo que já tava pré-disposta a gerar um certo conflito, um certo problema futuro:

‘Por quê?’

Porque a Professora era de um outro Departamento, de uma outra Faculdade e ela ministrava a disciplina que era alocada no Departamento. É muito diferente por exemplo de uma disciplina lá da... por exemplo, ‘Estágio Supervisionado’, embora ela esteja no nosso curso... Então tem que diferenciar Curso e Departamento... Embora ela esteja no nosso curso, ela pertence ao Departamento de Educação. Então é o Departamento de Educação que estabelece o professor que ministra essa disciplina e é o Departamento de Educação que computa a carga horária pro docente, a gente tem que cumprir um X de carga horária pro semestre, né?!

Isso inclusive tá na LDB.

E aí, essa Professora ela não tinha computado a carga horária pra ela, porque não era do Departamento dela e, ela ficou anos ministrando a disciplina. Então veja que problema que foi gerado, como nós tínhamos a Professora, não se abriu concurso, não se foi atrás dessa questão e aí a Professora ficou ministrando e, isso foi até um momento em que ela começou a ser pressionada pelo seu próprio Departamento, com relação a carga horária e aí houve uma

situação bastante curiosa também, né... Porque a Docente chegou a fazer o pedido pro Departamento, quando ela começou a passar por esse processo pra que ela... pra que a disciplina de Capoeira fosse pro Departamento dela, né...

Éhh...

Só que o Departamento entendeu... de Educação Física, o nosso Departamento... que não era adequado que fosse pra lá, porque o departamento perderia uma identidade, porque sairia uma disciplina característica do curso, né?!

E aí, portanto, do Departamento e, essa disciplina se perderia...

Então assim, indo pra um Departamento diferente... éhh... éhh... o controle disso já né... você não tem garantia que é a mesma Professora que vai ministrar; eventualmente pode entrar uma professora que não tenha vínculo com a Área da Educação Física, né... Porque a Faculdade é de Artes, né... Então, vinculado a essa manifestação, vista a uma perspectiva mais artística, é diferente da perspectiva do Profissional de Educação Física ou do Professor de Educação Física, né...

Então, isso resultou num grande problema...

‘E o que acontece hoje?’

É uma disciplina que passou pelo currículo, então vira e mexe ela fica aí orbitando na demanda de um professor substituto, né?!

Isso já têm sido discutido no Departamento, bastante, porque a gente já visualiza que... que só essa disciplina, inclusive, vai ser muito... praticamente impossível que a gente consiga, inclusive, organizar uma base de concurso, né?! Que dirá conseguir um concurso, né?!

Porque é uma disciplina isolada, precisaria tá casada com outra disciplina que tivesse uma correlação, que tivesse uma aproximação.

E eu particularmente, e eu falo isso pra você, mas sem nenhum problema, porque eu tenho compartilhado isso com a docente que eu vou agora citar aqui, tenho conversado muito, fiquei fazendo essa linha de frente quando estava na chefia, né... E como a gente tem passado agora por um momento da pandemia, isso foi interrompido, porque a gente né... primeiro a minha gestão também terminou... e a gente também é... você deve ter até acompanhado em algum momento, se não me engano, você estava participando, né... Do processo de reestruturação curricular, mas nesse processo de reestruturação eu tenho conversado muito com a Professora [REDACTED] que pra mim é uma pessoa que tem o perfil pra assumir essa disciplina e como ela já tem uma carga horária excessiva, eu venho sempre falando com ela

que a proposta seria que ela juntasse Dança com Atividades Rítmicas e ficasse uma disciplina só e não separada como é hoje e, abrisse a responsabilidade de ministrar Capoeira, até pelo trânsito que ela tem, ela estuda a cultura afro-brasileira, ela é uma estudiosa, cuidadosa, recentemente teve uma orientanda que até foi premiada no ‘Educador Nota 10’, estudando essas questões, então eu acho que seria... seria bastante rico pro Departamento, pro curso na verdade, pra formação dos alunos... Porque eu sinto que se não houver esse movimento também, eu tenho um pouco de receio, porque tem uma... um certo grupo no Departamento também, que percebe isso e vem sinalizando pra um indicativo de a

‘Vamos acabar com essa disciplina’;

‘Vamos tirar essa disciplina do currículo, porque não vai ter contratação’.

Ninguém tem condição, se sente em condição de ministrar e, Eu realmente assim, era o que eu não gostaria que acontecesse, né?!

Mas, contra fatos, nem sempre há bons argumentos. Então é preciso construir uma argumentação, uma possibilidade clara e assim, por exemplo, se a professora que eu citei, já manifestasse interesse, eu acho que isso já avançaria, já buscaria um outro tipo de discussão, né... Mas eu me preocupo com a reestruturação curricular de ter uma certa pressão pra tirar a disciplina, já que há um certo enfrentamento. Que é um enfrentamento que não é nada fácil, porque o departamento tem que contratar substituto, muitas vezes não tem verba, às vezes tem que arcar com a verba super... éhh... reduzida que recebe, pra pagar professor substituto... têm ano/semestre que a Reitoria libera vaga, tem semestre que não... Então é uma situação muito instável, entendeu?!

Então... mas é assim que eu penso, é assim que eu vejo, eu acho que deveria estar presente. Então isso contando uma história bem rápida, né... No final dessa conta ficou só Karatê, que eu acho que é um conteúdo interessante, também acho relevante, mas é uma matriz no campo das Lutas, né?!

Com um certo perfil...

Pros alunos seria interessante que a matriz fosse ampliada, né?!

Eu concordo com você... não sei se é uma perspectiva que você também defende...

Mas me desculpa ter falado ‘concordo contigo’, mas que você sinalizou aí na sua pergunta...

Eu, por exemplo, na minha formação, Eu tive a disciplina de Lutas e aí nessa disciplina eu aprendi várias manifestações, várias!

E foi uma experiência muito rica, embora ela tenha diluído então várias práticas, né?! Porque acaba acontecendo isso, mas eu acho que... que o aluno ele fica com um olhar mais ampliado sobre essas práticas, sobre os conceitos, sobre as possibilidades, né?!

Então... mas assim, efetivamente do modo como está e com a configuração do corpo docente que a gente têm, hoje eu não vejo a possibilidade de que seja criado uma disciplina com esse... essa nomenclatura e que dê essa condição, né?!

Então eu acho que ainda... A gente ainda continua nessa coisa da especificidade, mas especificidade por especificidade, seria bacana que já que a gente tem uma representante oriental, que a gente tivesse uma representante das práticas de Lutas com outra tradição e aí a Capoeira seria uma... uma representação importante. Na minha opinião, né?!

Entrevistador: Perfeito Professora!

E sim, eu compartilho desse pensamento também!

Diante da sua fala, eu estava até formulando aqui uma pergunta que abordasse essa questão de uma possível disciplina relacionada a fundamentos metodológicos de Lutas, mas eu acredito que você tenha respondido no final e até agradeço, até esse momento, porque muitas coisas das quais eu queria saber nesse processo histórico, que eu ainda não tinha resposta, você acabou me servindo dessas informações.

E dando continuidade aqui, nessas disciplinas de Lutas, então, como desenvolver competências pedagógicas necessárias para atuar como professor no ensino das Lutas nas escolas com os discentes do curso de Educação Física?

Entrevistada: Então, eu acho assim: o nosso curso, do jeito que ele tá configurado hoje, ele traz um grande desafio, né?!

Eu acho que você já deve ter me ouvido falar, especificamente, não de Lutas, mas de Handebol, que é uma disciplina no meu ponto de vista que passa por uma situação sob esse aspecto que eu vou falar agora, semelhante. Então assim, quando você tem uma disciplina... éhh... eu não gosto de falar disciplina prática, porque eu acho que essa divisão teoria e prática não é muito... não leva a gente a um lugar que nos permite fazer uma discussão que avance, né?!

Mas assim, essas disciplinas com essa característica, né...

Então, vamos falar assim: que tem essa demanda pela experiência, pela experimentação, pela vivência, eu vou usar esse termo porque eu acho que é melhor. Quando elas estão alocadas no espaço que é embora não oficial, mas oficioso, né... porque se você for

considerar que ela tá no tronco comum ou núcleo comum do Curso, então o Professor tem que se desdobrar para ministrar uma disciplina com essa característica, que tenha elementos tanto para quem tá fazendo Bacharelado ou pra quem vai fazer, quanto pra quem tá fazendo ou vai fazer... porque é uma situação que vive no Curso hoje, a gente tem um grupo que entrou específico Licenciatura e Bacharelado, outro grupo que entrou talvez seja seu caso: com tal do tronco comum e depois escolheu, mas de todo modo isso serve para os dois...

‘Por que?’

Porque a gente continua no mesmo lugar. A gente não. Essas disciplinas continuam no mesmo lugar! Então você dar conta: um semestre ou de alguma disciplina e fazer um discurso, uma ação que congregue esses dois grupos é muito difícil.

Pra mim a grande... a grande... como é que eu vou dizer?!

A grande instabilidade ou o principal problema, ele tá na interpretação que muitas pessoas fazem dessas disciplinas. Então muita gente acha que ensinar uma disciplina como essa... essas, desse conjunto que eu tô delimitando de experimentação e vivência, é só ensinar fundamento e a técnica, e os alunos ensinam como quiserem.

E aí vai por água abaixo as Competências Pedagógicas que é, o que você tá destacando na sua questão, né?!

Então assim competência pedagógica não é dominar regra e nem execução de fundamento. Competência Pedagógica é:

‘Saber ensinar’, né?!

Só que o contexto do ensino de um licenciado ou de um professor e o contexto de um bacharel é muito diferente, sob essa perspectiva mais ampliada, né... se você quiser olhar assim. Quer dizer... Desculpa, sobre essa perspectiva da legislação, né?!

Ainda que eu não concorde com essa coisa de divisória, né?!

Não é que eu não concordo com separação Licenciatura ou Bacharelado, mas eu acho injusto a Licenciatura ficar refém, restrita exclusivamente da escola, porque na minha opinião a atuação de um licenciado no SESC's, atuação de licenciados em projetos sociais esportivos, tem tudo haver com a formação. Eu acho que é um espaço que deveria ser aberto para o licenciado, mas infelizmente por conta do nosso Conselho, o qual eu não sou filiada, isso ficou separado. E aí, o licenciado só pode atuar na escola, né?! E o Bacharel pode atuar em todos os lugares possíveis e imaginários, você vai falar ‘menos na escola’ e, eu vou te dizer

‘se na cidade que ele tiver, não tiver Licenciado, o Bacharel pode dar aula na escola’, isso também é amparado por Lei, então ele pode dar aula em todos os lugares e aí, é confusa essa... essa separação, né?! Mas assim, isso falando no geral. Agora imagina você, num Bacharel como o nosso, que é muito mais como eu falei - ‘de orientação’, não que eu concorde, porque um Bacharelado pra mim na Área da Saúde tem que ter uma base forte de Ciências Humanas, mas o nosso não tem. Então o nosso tem uma base forte nas Ciências Biológicas, então tem uma fragilidade ainda maior... uma cisão ainda maior entre Licenciatura e Bacharelado. E veja só que papel difícil do Professor que vai ministrar as disciplinas que tem vivência, experiência, né... como por exemplo...

Como...

Vou usar a minha tá?!

Como exemplo o Handebol, você olhar as competências pedagógicas de alguém que vai trabalhar com Handebol na Escola (no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, na Educação Infantil, no EJA) e um que vai trabalhar com diabéticos, com hipertensos, com cardiopatas, né?!

Primeiro que você já tem aí um grande elemento, que é a questão das faixas etárias, né?!

São populações muito diferentes.

Então para você trazer também competências pedagógicas ou reflexões em torno disso, é importante trazer o grupo social, porque as competências pedagógicas elas dialogam com o grupo social no qual você trabalha, né?!

Então como é que você traz isso e ainda traz a escola, e consegue trabalhar nos alunos, né... Numa perspectiva que dê condição de eles entenderem tudo isso?

‘Como que Eu no Handebol faço essa... essa... fiz essa escolha?’

É uma escolha e Eu sou criticada por vários alunos que vão para o Bacharelado e que dizem que disciplina de Handebol é para Licenciatura, né?!

Então o que eu vou fazer é sinalizar isso desde o início e dizer:

‘Ó pessoal, a disciplina ela tem que dar conta de dois... de dois... de duas formações muito específicas, ainda mais por conta da característica do Curso de Bacharelado que a gente tem aqui...’

E aí, o Handebol que a gente vai ter aqui, é um Handebol que vai estar voltado para olhar a iniciação esportiva. E aí, Eu vou entender iniciação esportiva não como espaço de revelar talento, mas como espaço de possibilitar ao aprendiz que ele se aproxima daquela prática, que ele conheça, que ele vivencie, que ele goste ou jogando ou apreciando como espectador, então a proposta é essa, mas eu não tenho certeza, né... não tenho clareza, né... que todos os meus colegas que também ministram disciplinas com essas características, também caminhem nessa direção.

Não sei!

A gente pode ter também o oposto, alguém que tem um perfil mais do Bacharel e que vai trabalhar mais... mais voltado pra essa... mais direcionado pro Bacharel e vai deixar descoberta a questão da Licenciatura, mas de qualquer modo, voltando a sua questão é um desafio... mas voltando para sua pergunta, né... as questões pedagógicas, é aquilo que eu sinalizei pra você:

‘Eu vejo as disciplinas como... com essas características, com compromisso de discutir com o graduando e contribuir com a formação do graduando para que ele aprenda a ensinar’,

Aprender a ensinar é diferente de aprender a fazer, executar. Então você precisa se comprometer a trazer essa... esse conhecimento, para que o aluno acesse essa característica, como que é a estrutura, a dinâmica, o funcionamento como é que ele acontece, né?!

E daí começar a dialogar com um cenário de transposição didático pedagógico. Então assim, dentro desse cenário, com essas características, quais demandas essas pessoas que vão aprender elas apresentam para gente dialogar com isso e construir essas ações, ou essa denominada aí, que você chamou de ‘competência pedagógica’:

‘Como é que eu ensino?’;

‘Como é que eu ensino uma criança que tem dificuldade de se relacionar com o outro?’,

Se no meu caso, aqui é um esporte que você tem uma situação de cooperação no interior da equipe, né... do seu time, como é que...

‘Como é que isso vai ser desenvolvido?’;

‘Como é que eu ensino isso?’,

‘Como é que um grupo de alunos que quando começa a jogar Handebol, apresenta um jogo extremamente anárquico, extremamente desorganizado, como é que eu enquanto Professor vou visualizar o que é anárquico ali e a partir dessa visualização como é que eu construo as intervenções para que a qualidade dessa prática vá melhorando?’

‘Que os alunos construam competências e habilidades para melhorar a condição de jogo?’

Então não se trata necessariamente de ficar voltado para habilidade motora específica, aliás, você sabe disso porque você fez a disciplina e, a disciplina de Handebol ela vai na contramão dessa... dessa perspectiva, a gente vai falar que na iniciação é importante que o aprendiz ou a aprendiz, que eles entendam como é que funciona o jogo e como é que eu entro nesse jogo para poder participar ativamente, me envolvendo e lembrando daquele meu... na minha primeira prerrogativa lá que é ‘contribuir para que o aluno goste do Handebol’, pra que o aprendiz goste do Handebol, eu vou ter que também proporcionar experiências que ele possa participar mais, se envolver mais, se incluir mais, ou seja, democratizar a experiência, então eu acho que este seria um compromisso dessas disciplinas.

No caso vejo que Lutas não seria diferente, né?!

Eu penso também dessa forma, né?!

A gente tem visto aí também né Felipe... Uma reconfiguração até de nomenclatura, com algumas abordagens teóricas, que não são novas né?!

Elas chegaram no Brasil um pouco tardiamente, os acadêmicos foram estudá-las igualmente mais tarde, eu digo, né... do que a sua... o momento da sua produção, mas por exemplo na BNCC vai começar aparecer essas nomenclaturas: esporte de combate; esporte de invasão, né?!

E aí, no Departamento eu acho que você até acompanhou, há uma certa discussão sobre eventualmente reconfigurar essas disciplinas que tem essa característica de experiência, de vivência. Eu tô falando isso, porque automaticamente isso inclui Karatê que a gente tem no currículo e Capoeira, por exemplo.

Mas você percebe que... Eu não sou partidária... Eu não sou defensora dessa nomenclatura em si, mas você sabe que como eu estudo Praxiologia Motriz, que é um referencial teórico que me inspira a olhar para esses fenômenos, né?!

Eu penso que talvez um olhar que possa reunir um grupo de conteúdos ou de disciplinas, mas que seja lá e cá, entendeu?!

Um pouco de genérico, mas também garantindo um específico, um pouco lá um pouco cá, né?!

Então teríamos talvez como você colocou aí, metodologias, alguma coisa assim das práticas com uma determinada característica, porque a especificidade também é importante - o específico também é importante porque ele garante a valorização da dinâmica interna daquela prática, por mais que você encontre elementos que tenham identificação com outras, o interior de uma prática ele é sempre moldado por aquilo que ele estabelece como referência específica, então não tem prática igual se você for pensar na especificidade, por isso que os nomes são diferentes.

‘Ahh se parece tanto, mas chega nessa hora, faz essa outra coisa’,

Então, porque tem uma especificidade. Agora, de fato apesar de colocar isso para você, não é uma tarefa fácil fazer reflexão, porque se a gente pensa no currículo e se a gente pensa num currículo de formação que seja de fato ampliado... ampliado no sentido de que ofereça para o graduando um trânsito nas várias possibilidades de práticas, ou de experiências dessas disciplinas, eu já acho assim, que a gente precisaria repensar:

‘Por que tem tantos Esportes e por que tem estes Esportes?’,

Eu acho que essa é uma discussão que a gente precisaria fazer.

Por exemplo, por que esportes de aventura ou em contato com a natureza... ou práticas de Aventura...

‘Por que esse conteúdo é tão fragilizado no nosso currículo?’,

Então a gente volta lá na nossa primeira questão:

‘Porque hoje, se a gente fosse fazer uma disciplina dessa característica, a gente não tem docente com perfil’,

Mas assim... é aquilo que eu falei pra você:

‘O currículo, ele não pode dialogar só com o que você tem para hoje, no interior do corpo docente’,

Você tem que pensar na formação do graduando, mas você vê que são coisas que elas se influenciam. Então você não pode pensar numa coisa só, né?!

Mas eu acho que eu estou trazendo essa reflexão, para mostrar para você que não é uma coisa tão simples quanto pode parecer:

‘Aí é só mudar o nome’;

‘É só juntar’;

‘Ou é só separar’;

‘É só fazer isso’;

‘É só fazer aquilo’,

Eu sempre gosto de contar, e aí o nosso trânsito com os colegas de outras Universidades também, ele é importante para gente poder visualizar coisas diferentes, mas é... o meu marido ele dá aula na Federal de São Carlos, e na UFSCAR por exemplo, a algum tempo já, né?! Diria bastante tempo, eles não tem disciplinas esportivas e os alunos quando eu falo isso, falam:

“Mas como é possível?”

Pois é, então é possível! Aí você pode falar assim:

“Ah, mas fica fragilizado uma parte, fica fragilizado outra’

No nosso não fica?! Não fica fragilizado um monte de outros Conteúdos?! Porque se a gente fosse pensar, tem que entrar tudo no Curso?! Então o que nos falta Felipe, que é o que eu quero chamar atenção, que é o que eu acho que aí, a minha... o meu óculos da Praxiologia Motriz me ajuda a enxergar dessa forma é, quais são os critérios que a gente usa para selecionar este; aquele; aquele outro?

O que eu vejo no nosso Departamento e no Curso de vocês em específico é: não tem critério.

O que tem se seguido é uma tradição:

‘Ah tem sido assim... tem sido assim... tem sido assim... tem sido assim... que tem sido assim e vai assim, entendeu?!’

E aí, é óbvio que isso já de certo modo consolidou um Corpo Docente, com uma determinada característica, com um determinado nível de segurança, para assumir essas disciplinas, e aí, de fato é difícil mudar, é difícil!

Por isso que uma reestruturação curricular, não é só mudar nome de disciplina, mudar a carga horária... é mudar Concepção, mas nem sempre há essa abertura coletiva para mudança de Concepção, porque como você sabe a gente está num lugar diverso, e aí, cada um pensa de um jeito. Tem gente que vai falar totalmente o oposto do que eu estou te falando, você vai ouvir isso nas suas entrevistas. Claro, e é salutar que a gente tenha essa diversidade, mas a diversidade ela não pode ser independente.

Então:

“Eu penso assim, faço assim, faço assim e dane-se o resto”,

Ela precisa ter algum tipo de diálogo, porque a gente não tá falando só pela gente, a gente fala por um curso, a gente fala por um grupo de formandos, então é esse o compromisso:

‘Como é que a gente estabelece um diálogo?’;

Como eu vejo hoje?! Não tem diálogo...

Cada um faz o que quer, como quer, do jeito que quer, mas aí você vai falar assim:

‘Ah, mas tá escrito lá na ementa que é pra fazer isso’,

Ok, mas a interpretação da ementa depende de quem lê a ementa.

Então o Professor ele lê, interpreta, e ele acha que tá cumprindo a ementa do jeitinho que tá lá. Eu também gosto de dar um exemplo, quando eu era Professora Substituta lá na UFSCAR, eu trabalhei com o estágio supervisionado, eu trabalhei lá no Departamento de Educação e eu me lembro, que eu ia a uma escola em que eu acompanhava os alunos fazendo estágio. E numa dessas aulas o professor, ele sempre era aquele professor do ‘Rola Bola’, ele dava bola e os alunos ficavam lá jogando, e claro que com todo cuidado, e já também numa situação que a gente já tinha um vínculo e tal, eu conversando com o professor falei:

‘Mas Professor, como é que você vê isso?’

E era sempre vôlei, futebol, aí na época a gente estava vivendo sob a orientação do PCN, os Parâmetros Curriculares Nacionais, aí o Professor falou assim pra mim:

“-Mas [REDACTED] eu li o PCN e tá escrito lá que a gente tem que desenvolver autonomia nos alunos. É isso que eu faço, eu trago a bola, pergunto o que eles querem jogar e eles estão jogando, é autonomia!”

Então veja, é uma interpretação que ele fez do documento, né?! Então você vai falar assim:

‘Ah ele tá totalmente equivocado e tal.’

Então pra ele não, porque ele tava certo de que aquele... aquela aula ‘rola a bola’, era a aula que o documento tava pedindo que ele fizesse, entendeu?!

Eu não sei se eu te respondi eu sei que eu viajei bastante.

Entrevistador: Entendi sim professora! Muito claro... Tanto é que algumas perguntas que eu ia fazer, eu acho até que você acabou respondendo, mas eu gostaria de dar continuidade e eu vou tentar reformulá-las. Então... no sentido, assim... Eu gostei do paralelo que você fez quando perguntei das competências pedagógicas das Lutas e você levou pro seu projeto de extensão do Handebol. E aí o que eu ia te perguntar é o seguinte: o que você tem a dizer das práticas pedagógicas em que o corpo discente de Educação Física possa atuar como professor no ensino de Lutas?

Você até chegou a falar como que você trabalha isso com os alunos do projeto, mas aí eu te pergunto, por exemplo, há uma ausência de projetos de extensão hoje em dia relacionados a Lutas, de que forma que você enxerga que essa delimitação de só ter o contato com as Lutas nas próprias disciplinas interferem com uma expansão, uma ampliação na verdade, né?! Dos alunos com um aprofundamento dessas disciplinas?

Entrevistada: Então Felipe, na verdade até... Eu nem sei se na questão anterior Eu falei tanto do projeto de extensão, eu tava me referindo mais a disciplina de handebol mesmo, né?!

E aí, dizendo da intervenção profissional, do confronto, né?!

Desses espaços aí, né?!

Entrevistador: Sim...

Entrevistada: Tava falando mais da Graduação, mas assim, sobre a sua pergunta agora, Eu vejo que a experiência - quando você fala prática pedagógica, no nosso curso ela está muito associada, pelo menos no meu ponto de vista, as disciplinas práticas formativas, né?!

Éhh...

Eu vejo assim, é uma contribuição bastante importante. Então não sei se você sabe, mas o conceito de práticas formativas vêm da prática como componente curricular; vem da legislação de 2001; das Diretrizes Curriculares das Licenciaturas, né?!

Então não é da Educação Física especificamente, mas das licenciaturas e vai falar muito dessa preocupação com a formação do professor, porque vem da Licenciatura, né?!

Com a formação do professor no campo... éhh... de fato da prática pedagógica, então assim, você passa anos na graduação sem ter um contato direto, né... com a prática pedagógica. Você pode falar:

‘Ah, mas tem os estágios, tal’.

Então, mas na perspectiva do estágio... O estágio é mais uma disciplina de síntese, né?!

Então por isso que ele tá mais pro final, né?!

Também é discussão, né?!

Na nova legislação agora de trazê-lo mais pro começo, mas assim, ele tem essa característica mais genérica, né?!

Eu acho também igualmente importante...

Entrevistador: Travou para mim, você pode repetir?

Desculpa...

Entrevistada: Claro, posso repetir!

Então assim, fazendo um paralelo entre essa perspectiva aí da prática pedagógica, né... Ela tem uma aproximação com a prática formativa que é uma disciplina vinculada a prática como componente curricular, que vai surgir, né... a reflexão e ela vai ser incorporada no nosso

currículo, nesse currículo aí de 2005/2006 que eu tô falando aqui para você desde o começo, com a legislação das diretrizes curriculares das licenciaturas.

Então ela foi pensada para os cursos de formação de professores, mas foi incorporada no nosso caso, do curso... né... de também agora misto, Licenciatura e Bacharelado, porque como eu falei para você, né... A nossa tradição curricular aqui, né... na Educação Física de Bauru, ela... Eu diria que em geral, né?! Em Prudente e também em Rio Claro, ela é balizada inicialmente pela... pelos cursos de Licenciatura, né?! Depois que vão surgindo os currículos de bacharelado, né?!

No nosso caso aqui, esse currículo que eu me refiro e que eu vivi mais o contato de construção curricular, porque esse período também eu tava na Coordenação de Curso, é muito forte a Licenciatura e ela só ganhou uma... Eu diria assim, ela... dissipou um pouco, né?!

Eu diria até que bastante, com a entrada do Bacharelado, que aí você vai ter uma um conjunto de contratação de docente e vai ter um perfil bem específico, inclusive que tem certa dificuldade de dialogar com a Licenciatura, não conhecem muito esse campo, né?!

Embora muitos deles tenham tido a formação inicial enquanto licenciados, né?!

Eu acho que a gente tem um ou outro professor, se não me engano um ou dois no máximo que tiveram a formação de Bacharel e, que estão no nosso Departamento dando aula no curso, mas a grande maioria é formado no curso de Licenciatura, mas tudo bem...

Então voltando para a questão... Então eu vejo que essa ideia da prática formativa, né, que se difere do estágio - que como eu falei 'o estágio tem uma perspectiva mais genérica, também é da prática pedagógica, da prática profissional, mas ele é mais genérico'... A prática formativa ela vai fazer um link mais direto com cada disciplina específica, o que eu acho bacana, porque os alunos sempre reclamaram e, com razão do meu ponto de vista, de que várias disciplinas não faziam qualquer relação com a escola, né?!

E aí, Eu acredito que as práticas formativas elas... elas teriam essa incumbência, ou elas teriam essa possibilidade na verdade, né?!

Embora, como eu falei tornou-se um outro desafio, porque agora você tem que fazer práticas formativas pensando na atuação do Licenciado e na atuação do Bacharel, mas vamos lá... Então assim, Eu acredito sim que seria bastante importante, né... Manter a ideia... Não sei se você sabe dessa história, mas talvez seja bacana compartilhar contigo, né?!

No momento inicial, a prática formativa ela tava dentro da disciplina, então ela aparecia na ementa que o professor tinha que trabalhar práticas formativas.

‘O que foi se notando ao longo do tempo?’

Que muitos professores não trabalhavam, porque ela tava ali e, aí o professor misturava com as outras coisas e se perdia. Aí por isso que ela se separou, por isso é que se tem a disciplina e a prática formativa da disciplina. Então você vai ter aluno que é aprovado na disciplina e reprovado em práticas formativas, ou vice-versa, o que é uma loucura, mas acontece, né?!

Hoje a gente percebe... A gente tem a impressão que os docentes incorporaram a prática formativa, então a gente na reestruturação curricular... você já deve ter ouvido isso também lá... A gente tem a expectativa de juntar, porque a própria Reitoria que tá trabalhando com ampliação da carga horária de atuação dos professores... Então se antes a gente tinha que ter oito (8) horas obrigatoriamente de aula por semestre, a *Instituição* já lida com outro número, que seria dez (10), porque já evidencia a carência de professores, aquela coisa toda, né?!

E isso significa que a *Instituição*, a Reitoria vem criticando o nosso Departamento em especial, por conta de a gente ter separado, como se a gente quisesse ganhar mais carga horária...

Não é isso!

Mas a gente tem uma explicação bastante plausível que é essa que eu tô te dando, ‘por que a gente separou?’, mas hoje dado o tempo de trabalho dessa forma, acredito que dê pra gente voltar e incorporar. Pode ser que no futuro volte a acontecer aquela perspectiva dos professores não estarem trabalhando, mas enfim...

E aí assim, a primeira questão Felipe é que o conceito em si de prática como componente curricular que vai resultar no... na nomenclatura práticas formativas que a gente tem no curso, ele não é só ir a campo ou entrar no projeto de extensão, acompanhar o professor ou dar algumas aulas, envolve uma série de outras coisas, né?! Assistir aulas, analisar e propor, né... Resolver situações problemas - texto escrito com uma situação problema, por exemplo. Analisar estudos de caso, né... Caso de ensino... Eu tô dando aqui uma geral, né, mas são alguns exemplos do que cabe na prática formativa.

Por isso que... Você deve ter acompanhado a minha manifestação no Conselho de Curso, quando no primeiro momento da pandemia, tava sendo estabelecido que seria proibido Professor desenvolver práticas formativas. E aí eu questionei, porque se você pegar no projeto político-pedagógico você vai ver lá que o conceito não é só sair a Campo e intervir. Então a gente teria várias coisas para fazer remotamente, que também poderiam ser feitos. É que muita gente não leu o projeto político-pedagógico e acaba perdendo, né... aproximação com o

conceito original daquilo que a própria legislação fala sobre a prática como componente curricular, mas enfim... Esse é um ponto.

O segundo ponto é que quando você fala para mim:

‘Ah, mas seria bacana que tivesse projeto de extensão’,

Não sei se você tem percebido, mas a *Instituição* tem feito um trabalho para acabar com os projetos de extensão. Na minha opinião, né?!

Então primeiro foi todo aquele... aquele remelexo, né... assim, dê certo modo até não sou tão contrária hoje... hoje, no momento que isso aconteceu eu fui bastante crítica, né?! Bastante contrária a posição que a Reitoria assumiu naquele momento, mas hoje eu repenso sobre um aspecto, né... mas não concordância no geral, não concordo... Sobre o aspecto que um projeto, deveria estar mais claro que trata-se de algo que tem início, meio e fim.... Como a gente vinha fazendo na Universidade... porque os projetos eram automaticamente... se podia pedir o mesmo e alimentando o sistema, pedindo o mesmo ano após ano, você não tinha mais projeto na minha opinião... porque quando você já tem algo que está estabelecido, aquilo torna-se um programa e não é mais um projeto. Só que infelizmente, né... a Universidade ela tinha uma proposta inicial, lá atrás, de transformar alguns projetos em programa, mas com o tempo também, isso foi se tornando custoso - que transformar em programa significa: que ele vai ter verba disponível; que ele vai ter suporte; que ele vai ser um assessoramento, né?! Isso foi resultando numa... numa crítica... numa autocrítica da própria... das próprias gestões de Reitoria que foram se seguindo e se percebeu que a verba não daria conta.

Então essa possibilidade de transformar o seu projeto em programa, acabou. Então, isso já foi um aspecto bem ruim, né?! Aí se fazia projeto ano a ano... Na Reitoria mais... mais recente aí, dos últimos quatro (4)/ cinco (5) anos, a gente teve uma mudança de posição, então não poderia mais repetir o mesmo projeto, né?! Repetir o mesmo projeto, na minha... no meu entendimento é pelos mesmos objetivos, fazendo as mesmas ações... então você tem que mudar objetivos e mudar ações... então você pode no máximo prorrogar o seu projeto por mais um ano... um ano com mais um (1)/ dois (2) anos em vigor...

‘E o que que aconteceu, né?’

Com essa leitura, né... Além disso, né... Desta abertura à Reitoria também estabeleceu uma... uma perspectiva de pensar sempre em metodologias ativas... Então os projetos que não

tinham metodologias ativas, que significa envolver a comunidade no processo decisório da elaboração... E que também acho importante, também acho que seja significativo... Mas isso não ficou claro, a Reitoria não deixou isso claro, né?! E mesmo se você pegar aí... até o... até o ano passado, a regulamentação dos projetos de extensão da *Instituição* como um todo, você não tinha isso para...

Era uma regulamentação super antiga, né?! Mas que se fosse vir a rigor ela não tava mais em vigor e ninguém se preocupou em alterar a resolução - o regulamento da extensão Universitária. Então se mudou a regra, sem se mudar o regulamento - veja que loucura, né?!

Então isso foi trazendo exigências a ponto dos professores submeterem projetos, e vários projetos começaram a ser negados ou então quando era aprovado, você era aprovado sem bolsas; sem financiamento nenhum; sem aporte efetivamente, né... para que você fizesse o trabalho. Então isso resultou, por exemplo, no nosso Departamento... que é um Departamento tradicionalmente que sempre teve muitos projetos de extensão... então, eu acho que a gente chegou a ter vinte e cinco (25) projetos de extensão em um ano... hoje para você ter uma ideia na última submissão que eu acompanhei, né... que foi agora pra esse ano, a solicitação para 2021, o Departamento teve seis (6) projetos. Então é uma mudança muito grave, muito acentuada e isso se deve a esta... esta celeuma que foi criada, né... pela Reitoria, né... pelas novas gestões da Reitoria aí... atual, né... que está saindo, mas que não soube operar muito claramente com qual seria a proposta, como que a gente poderia... e que isso fosse sendo feito, né... gradativamente/ paulatinamente... não do jeito que foi feito, radicalmente.

Então eu sou contrária a isso, né?!

Hoje eu acho, vejo que uma reflexão em torno da ideia de projeto, de fato faz sentido... porque um projeto é isso e, não é um programa, né?! Mas é... um apoio maior, uma orientação maior, um suporte maior para os professores que já estavam habituados a construir um projeto a anos de um determinado jeito, tiveram que mudar radicalmente o que faziam, né?!

E isso Felipe, tudo pra dizer para você o seguinte - como é que você vai falar assim:

‘Teria que ter projeto de extensão de Lutas...’

Esse é o front enfrentado pelos professores.

Então assim,

‘Ah eu não vou fazer um projeto, porque eu não quero passar por isso... por isso... por isso...’, a gente chegou a ouvir... eu tive projeto assim... vários docentes do Departamento... que o que a gente fazia, não era projeto de extensão, né?!

E a gente tava orientado pelo regulamento, e a Reitoria vendo outra coisa, que não falava para a gente o que era e avaliando com base nessa outra coisa que não tava pública. Então foi muito difícil, porque gerou até uma... um sentimento de incompetência. Quer dizer eu tô na Universidade há dez (10); doze (12); quinze (15); vinte (20) anos fazendo projeto de extensão e agora me veio uma gestão de Reitoria... da Pró-Reitoria de Extensão... que me diz que Eu ‘não sei fazer projeto’, né?!

Então foi bem difícil. Eu acho que nesse momento a Reitoria, essa gestão, né... Eu não tô falando geral, mas essa gestão ela minou, ela colocou uma granada, nesse Campo aí e muitos professores... mas muitos mesmos, se desencorajaram, se desmobilizaram, né... E não se sentem mais incentivados a fazer projetos de extensão.

E aí se vai me perguntar:

‘Professora, mas e a prática formativa?’

Então ela tá refém desse contexto, em se tratando em pensar que Lutas teria que ter, talvez tivesse que ter... mas aí veja só, né Felipe... a gente tá colocando a extensão, quando a gente faz esse olhar ‘da extensão vinculada diretamente com a graduação’ a gente tá fazendo um outro olhar da extensão, que não é o atual o olhar da gestão da Reitoria.

A Reitoria embora ela exija que os alunos participem, né... da extensão... que você tenha um número de alunos participantes, essa participação... eu tô falando oficial, né... ela não é o que rege, né... o que vai de fato sedimentar a proposta.

Muito embora, né Felipe, não dá para se esconder e fugir disso, talvez até... não sei se a sua pergunta tenha sido nesse sentido – tem uma exigência pela própria lei, uma lei federal, né... de que os alunos graduandos tem que participar de projetos de extensão. Então essa é uma exigência, né?!

Não sei se tá me ouvindo, mas a sua imagem está congelada... Está me ouvindo?

Tá me ouvindo Felipe?

*(*imagem congelada, delay na transmissão*)*

Entrevistador: Tô sim, você consegue me escutar?

Entrevistada: Consigo sim, de todo modo eu segui falando, mas eu parei agora porque a sua imagem tava congelada, mais pela experiência que tenho tido com as gravações do Google Meet, viu Felipe, como você tá gravando vai aparecer a minha fala, mesmo que eventualmente se não tenha ouvido ou tenha congelado um ou outro, no... depois no... no vídeo você vai perceber, mas só... você tá me ouvindo, eu vou continuar tá?

Entrevistador: Perfeito!

Entrevistada: Só para dizer que assim, há uma mudança na legislação, né?!

A legislação vai estabelecer a obrigatoriedade dos alunos terem vínculo com os projetos de extensão. Você também deve ter acompanhado, né... na reestruturação curricular um debate em torno desse aspecto, que foi interrompido aí por conta da pandemia tal. Então a gente parou de discutir a reestruturação curricular... também por conta de tudo isso teve um processo de prorrogação e tal... Então assim:

‘Como vai ser feito isso?’

A gente ainda não sabe,

‘A *Instituição* está se posicionando?’

Tá... se posicionando que a gente tem que fazer, tem uma carga horária estabelecida pra extensão. Só que se percebe que... no meu ponto de vista... como a Universidade não tem se posicionado enfaticamente... como o que me parece a gente tem feito projeto de extensão aos moldes do que esta gestão de Reitoria deixou estabelecido, que não é aos moldes da atual lei de formação de graduandos... éhh... me parece que essa extensão que tá anunciada na lei, vai ter que ser alguma coisa obrigatória do Curso...

O Curso vai ter que obrigatoriamente oferecer e não vai ter mais suporte da Universidade – verba... bolsa... E aí, Eu não sei como que isso vai acontecer... E aí, Eu pergunto a você:

‘Como é que o professor vai ter fôlego para fazer projeto de extensão independente?’

E sem ter verba...’

Porque a Reitoria continua com essa política, né?! Porque a Reitoria já poderia estar numa fase, que eu chamaria de suspender esses projetos, para discutir com o corpo docente como é que vai fazer esse novo modelo de extensão universitária, com base nessa resolução de lei, né?!

Não é isso que tá acontecendo... na verdade, eu participei de uma reunião ainda, né... no papel de Chefe... uma reunião só... na qual a vice-coordenadora, a Professora [REDACTED] né... que cuida mais dessa parte da extensão no nosso campus... conversou um pouco formalmente, né... numa reunião coletiva sobre o que a Reitoria tá fazendo... Tá, mas assim, nada! Porque ela apresentou a legislação, o que que a gente vai ter que fazer de acordo com a legislação, mas você não sabe o que que a Reitoria vai fazer... Então me parece, salvo engano, né... mas é... de acordo com todo o contexto da precarização do ensino superior, né... todo o contexto aí de não contratação, de carência de verba, né... a gente tem um momento aí até de suspensão de 13º salário para o ano retrasado... então assim, não vejo como uma maré positiva e favorável, para que a extensão se estabeleça nos moldes que a gente tá/estava habituado, né... de ter financiamento e tal...

E Eu acho, que pra mim a extensão vai ser enfiada... e eu tô falando entre aspas esse “enfiada” no... no currículo... e os professores vão ter que oferecer e vai ser daquele jeito... provavelmente projetos de extensão coletivos, que tenha rodízio dos docentes, então ele vai perder especificidade, né... vai ter... porque você vai ter que congrega um número muito alto de alunos... é diferente dos projetos de extensão nos moldes que já acontecem hoje... só aqueles que tem interesse é que vão e, eles se envolvem mesmo e tal... agora pensa num professor num projeto de extensão, que acontece toda semana, com 50 alunos:

‘Quem é que vai dar aula agora?’;

‘Quem é que vai dar aula depois?’;

‘Quem é que vai supervisionar?’;

‘Como é o ‘know how’ do professor sobre aquele conhecimento que está sendo evidenciado na extensão?’,

Então... Eu assim, infelizmente, Eu não consegui ver isso ainda... o que me parece, né Felipe... É que as nossas práticas formativas, tem certo alinhamento com essa ideia da extensão universitária enquanto lei, pra entrar na formação do... dos graduando. Por um outro lado, se você pegar as diretrizes curriculares, tanto da Licenciatura, quanto do Bacharelado,

né... Você tem lá um indicativo de permanência das práticas formativas, mais a extensão universitária. Então... é confuso ainda, isso para mim ainda não é claro, e:

‘Como é que ficaram as Lutas nesse cenário?’

Na mesma confusão de todas as outras, mas eu sou favorável que tenha essa perspectiva da prática pedagógica... lá na sua questão inicial... sou favorável! Sou favorável, né... que o aluno tenha essa experiência, Eu acho que ela é diferenciada, né... mas ela é diferenciada desde que ela também seja adequadamente mediada, né Felipe... dizer pro aluno assim, ‘vai lá e fica dando aula’, eu diria que é a mesma coisa que a gente critica aqui na Universidade, do aluno que é graduando... Hoje acontece isso menos, né... Por conta até de vários aspectos, inclusive da... né... talvez da... e nesse caso, somente, talvez por influência do Conselho da Área, né?! Mas assim, a gente ainda tem em baixo dos panos aí, né... alunos graduandos dando aulas aí de natação, de musculação... lá nas academias... Eu acho que talvez esse seja um dos espaços mais permeáveis pra esses alunos tarem aí.

E aí assim, ‘ah, mas é legal que está atuando’... Então, tá atuando, mas tá atuando sozinho, sem supervisão, sem base... Então eu pergunto:

‘Pra quê que tá no curso, se já sabe fazer?’

E se tá no curso,

‘Qual é o espaço que o curso oferece para fazer esse diálogo de informação?’

Estabelecer esse ordenamento, esse acompanhamento legal, né... e de fato, porque às vezes tem lá que está sendo acompanhado e supervisionado... tem o documento escrito, mas você vai olhar não está sendo supervisionado, acompanhado – tá dando aula sozinho, tá fazendo tudo sozinho, tá treinando sozinho... aprender sozinho é tentativa e erro... você erra muito pra poder acertar... só que você tá errando sobre uma pessoa que está indo lá fazer sua aula, entendeu?!

Então pra mim é um irresponsabilidade profissional, mas né... isso acontece e o pessoal da... nem sempre os donos de academia, né... eles estão preocupados com essa... esse desdobramento, né... eles estão preocupados em garantir que tenham alunos, que tenha professor lá... se esse professor tá no último ano, tá no primeiro, tá no quarto ou se vai se

formar amanhã, não importa... E não sei se... me parece, né Felipe... eu não sei...pode ser que no campo das lutas isso também aconteça com uma certa facilidade, né... Eu não tenho muitas informações a esse respeito, mas eu vejo que as Lutas elas tenham identidade a parte, né... Principalmente as Lutas de Matriz Oriental, né... porque a pessoa... até eu acho que o conselho de profissão tenha uma certa flexibilidade com isso... éhh, porque você vai comparar a formação de um faixa preta de qualquer... qualquer Luta que você quiser pensar... de qualquer Arte Marcial, com alguém que tá tendo pela primeira vez no Curso Luta, um conhecimento básico sobre aquela Luta... acho que é... Eu compartilho sim... acho que é muito diferente... agora a garantia de que esse faixa preta vai dar uma boa aula, eu também coloco em cheque... Eu também... não tenho... não tenho assim, a segurança de dizer ‘não, mais ele é faixa preta, ele dá uma boa aula’, eu acho que são coisas diferentes, o faixa-preta para mim é da competência dele ter... fazer muito bem o Kata (**sequência de golpes de ataque e defesa pré-estabelecidos**), dele executar muito bem as manifestações, né... dos gestos... eu não sei como que chama aí... não são fundamentos das Lutas, né... e talvez alguns elementos, né... da filosofia, da disciplina, do respeito, mas isso não te dá necessariamente, efetivamente, garantia de ensinar bem. De se preocupar com esse contexto, de alinhar o contexto ao grupo social que vai fazer a prática, entendeu?

É um pressuposto... Eu uso esse pressuposto também para falar do Esporte, né... Eu não sei se nas Lutas não é a mesma coisa, mas eu tendo achar que sim, né... Então... Mas é isso.

Entrevistador: Professora uma...

Antes de dar continuidade, a gente tinha estabelecido como teto, né... da entrevista uma (1) hora, ainda tem algumas perguntas para estar fazendo... Eu não sei como você tem de disponibilidade de tempo, se a gente pode seguir ou não, a gente pode concluir?

Entrevistada: Podemos sim Felipe, a gente pode ir... Eu tenho aqui até às 10:30 am... dá pra gente ir...

Entrevistador: Perfeito então!

E aí diante de toda essa contextualização que você fez, eu tenho algumas perguntas para estar desenvolvendo aqui, em certos pontos você até levantou algo relacionado, mas não se aprofundou com que eu vou perguntar aqui agora:

Quais são os elementos constituintes das atividades de práticas formativas... práticas pedagógicas, que na sua opinião, mais contribuem para a formação dos alunos como professores?

Entrevistada: Certo... Então você tá falando especificamente da docência, né?!

Entrevistador: Isso!

Entrevistada: Da atuação na escola?!

*(*Entrevistador sinaliza que sim*)*

Entrevistada: Bom os elementos de composição da prática pedagógica, né... Então eu diria que... a gente está falando especificamente da intervenção, né?!

Então eu penso assim... Eu penso um pouco na linha de um autor, né... que é um norte-americano, chamado Lee Schulman – o Schulman vai dizer que o professor, né... competente é aquele professor que domina o conhecimento que ele ensina - dominar o conhecimento não é executar – então isso já é uma priori que a nossa área já tem que enfrentar, porque ela por muito tempo... ao longo da sua tradição, né... por conta da sua influência histórica ela foi construindo uma ideia de que o bom professor é aquele que sabe executar, que sabe demonstrar pro aluno como faz...

Então, esse é um dos recursos que o professor pode acionar quando ele tá dando aula. Eu não tô desprestigiando, mas ele não pode ser o único.

Então... porque a gente não vai ter condição, quando a gente fala de docência - quando a gente fala que a educação física escolar tem que ensinar as diversas manifestações da cultura corporal... Então muitas das manifestações que a gente nem teve na graduação, a gente vai ensinar... Então eu não tenho como pensar que eu vou saber executar todas elas. Isso já, né...

E aí,

‘O que que é o domínio?’

O Schulman ele não é da Educação Física, o Shulman ele vai falar para educadores em geral... Então ele fala assim ‘que o domínio é conhecer aquilo que você vai ensinar’, então, por exemplo, Eu não tenho... então vamos dar uma situação real aqui... Eu não tenho nenhuma

experiência sobre Parkour, né... mas o Parkour vai ser um conteúdo que eu vou desenvolver nas minhas aulas... Mas:

‘O que é esse domínio?’ - É ler sobre o Parkour,

‘Qual é a característica dessa prática?’;

‘Como que ela funciona?’;

‘Quais os elementos que a constituem?’

Isso são elementos que eu tô dizendo, assim que corresponde a esse domínio e que vão necessariamente, né... balizar a prática pedagógica docente:

‘Quais são os elementos de segurança?’, né... que eu tenho que pensar;

‘O que que pode acontecer no ambiente da escola?’;

‘Aquele lugar que a gente vai fazer a prática do Parkour, Eu já visitei?’;

‘Eu já olhei?’;

‘Eu já vi o que tinha de risco?’;

‘Já preparei o ambiente?’, né...

Então não é chegar lá:

‘Ah pessoal, hoje nós vamos fazer Parkour. Alguém já fez?’;

‘A nós vamos na praça da escola’... e naquele dia, né... porque você não tem ido atrás da escola - tava tudo sujo, tinha coisas ali que podia contaminar os alunos, né... E você não... ‘mas vamos lá mesmo e fica lá’ e podem ter um monte de desdobramento negativo, então o professor ao dominar o conhecimento, ao fazer toda essa, né... esse trânsito, ele vai precisar então chegar para a aula um conhecimento acessado, né... eu não tô dizendo com isso, né Felipe... também que o professor é o patamar superior ao aluno... não... não... Eu reconheço e acho que é extremamente importante... penso que ser extremamente importante o diálogo que ele estabelece com os alunos, porque você vai se surpreender com alunos que tenham vivências sobre aquilo e que portanto, eles vão partilhar um conhecimento muito rico pra você enquanto professor e para os colegas do grupo, né... Então ali naquela turma, aprendendo aquele conteúdo... Então isso também é o elemento a ser considerado, nesse domínio de até o professor fazer um diagnóstico anterior e já identificar quais são os alunos que já tenham uma experiência e podem partilhar ou que tem familiares, né...

Então a gente tem uma experiência aí, com um orientando meu do mestrado com Lutas e ele dando aula para uma turma de sétimo ano, né... E ele usou a expressão Lutas mesmo, porque ele foi trabalhar muito com essa Matriz Filosófica, as tradições... Então alguns alunos tinham pais praticantes de Lutas, de Artes Marciais e em uma dessas ocasiões, né, o pai - por causa do diálogo do professor, da valorização/ do reconhecimento - o pai foi a escola dar uma palestra pra turma sobre a Luta... Olha que bacana... Olha que integração com a comunidade, com as famílias, né... E como que esse aluno se sentiu prestigiado, né... Se sentiu valorizado, né...

Então só para colocar assim: que o fato do professor/ da professora buscar, né... ter esse ‘know how’ do que a gente tá chamando de domínio do conhecimento, não significa, né... é desmerecer a cultura popular, o que tá produzido no em torno daquilo que é... no qual... é o ambiente no qual o professor está fazendo a intervenção, então esse diálogo é fundamental, mas eu penso que este é o elemento primordial para você começar a pensar na prática pedagógica - se você não faz esse levantamento; se você não... não faz essa visitação - você fica refém, né... de um cenário que você inclusive: não sabe onde você vai chegar; você não sabe... e a escola é para mim, né, pode até ser que há pessoas pensando diferente e tal e tem, né, ainda bem... A Universidade é importante, mas a escola para mim é o espaço de sistematização do conhecimento e o professor/ a professora eles têm intencionalidades pedagógicas... Então é importante que você não faça nada a esmo, então:

‘Ah, eu fiz por fazer’ - Eu dou esse exemplo, você já deve ter me ouvido falar... talvez não tenha ouvido porque na remota a gente não falou muito isso, mas eu brinco assim, o professor sonha, né... No dia anterior com vôlei e aí ele chega, e aí então:

‘Vou dar um vôlei hoje’; ‘Vamos lá fazer vôlei pessoal’...

E ele ensina o conteúdo assim... Não pode ser assim... Você tem que ter um preparo e... você vai dizer assim pra mim:

‘Ah mas hoje em dia com muitos... muitas políticas públicas e currículos estabelecidos isso é tranquilo pro Professor’,

Eu vou dizer:

‘Também não garante Felipe, que tá escrito lá que nesse bimestre, por exemplo, vai ser, né... vão ser jogos e brincadeiras’,

E aí o professor não se preocupa, ‘ah jogos e brincadeiras têm um monte’ – não se preocupa em dominar esse conhecimento, então em estudar, ver o que que tem, as matrizes curriculares, as práticas diferentes... fazer um levantamento, porque ele tem uma intencionalidade e a intencionalidade dele é que ‘o aluno aprende o quê?’, ‘por quê?’ e ‘para quê?’... Então essas perguntas também são perguntas da prática pedagógica:

‘O que eu vou ensinar?’;

‘Por que eu vou ensinar?’, né...

Na correlação com o objetivo ‘como é’ que eu vou... eu vou correlacionar o conteúdo com o objetivo e ‘para quê’, quer dizer que vai ‘além’ daquilo, assim, socialmente... a minha discussão com a... com o meu entorno, com a minha vivência fora da escola...

‘Como é que isso que eu estudo na escola dialoga com a minha vida fora da escola?’

Então, esses debates também são os elementos que para mim seriam os elementos mais importantes para a gente pensar a questão, né... dos elementos principais daí dessa prática pedagógica... não sei se eu fui clara, mas um desafio também para Educação Física na Escola.

Estou estudando isso agora com um projeto de pesquisa, mas é o próprio espaço, né... a escola... a escola está orientada para uma perspectiva esportivista, a gente tem quadra poliesportiva na escola...

‘Por quê que a gente ainda tem quadras poliesportivas nas escolas brasileiras, se há mais de 20 anos a área já vem mobilizando um discurso das Manifestações da Cultura Corporal’

E, não é só um discurso acadêmico, porque esse discurso já está presente nas políticas públicas, está presente nos currículos, nos documentos oficiais, mas as escolas continuam construindo quadras poliesportivas, como se a Educação Física só ministrasse vôlei, basquete,

futsal ou futebol e handebol, então se vê que a prática pedagógica também passa por uma crítica ao que a gente vê no contexto da escola... das escolas, né...

Entrevistador: Professora, ainda sobre as práticas pedagógicas: como você vê a participação do docente na formação dos discentes, isso se tratando da formação inicial de professores?

Entrevistada: Então, é isso que eu tô sinalizando para você... assim, se a gente não pensar que a formação do licenciando, né... o futuro docente ela é para ensinar e não para executar, a gente continua esbarrando, né... nesse desafio de pensar a prática pedagógica, ela deve ser pensada no meu ponto de vista, né... que Eu já falei para você, em uma formação que esteja voltada para discutir:

‘Como é que se ensina?’;

‘Por quê se ensina dessa forma?’, né... e até ‘por que se seleciona tais conteúdos e não outros?’, né... Então esse debate que deve estar inspirando a formação dos docentes, né...

Então, muitas vezes, como você sabe disso, né... O nosso currículo para mim é bastante esportivizado, né... essa é uma crítica e olha que eu dou a disciplina de handebol... Então... Embora eu veja toda a riqueza que esse... que essa disciplina pode trazer e eu vejo isso muito mais no projeto de extensão, né... que eu tenho visto isso... para você ter uma ideia, agora na Pandemia a gente não pode fazer as aulas, né... presenciais... E aí, a gente fortaleceu o grupo, né... do projeto de extensão, juntando mais três professores que tinham turmas de handebol; ou na aula de Educação Física; ou turma de ACD, né... Atividade Curriculares Desportivas... e a gente se encontra toda segunda e, aí juntou um grupo... um grande grupo no WhatsApp, né... Com quarenta e oito (48) alunos e a gente se reúne toda segunda-feira, com os professores e estagiários, remotamente, nesse esquema aqui... para pensar a atividade que a gente vai postar no grupo do WhatsApp dos alunos, para eles terem essa semana de análise... para eles responderem... Então a gente tá desde a pandemia, até o momento, fazendo isso... E aí a gente vê o quanto é rico esse processo de troca, esse processo tanto pros professores, quanto pros alunos, porque você vai aprendendo um novo contexto, um novo cenário, uma nova limitação, né... Eu não tô falando que é... que é bom que a gente tenha fazendo isso... é interessante como a gente se rearranja... como a gente vai buscar ações, para continuar trabalhando numa perspectiva de ensino... continua ensinando, né... de uma outra maneira, com uma outra perspectiva, com outro desafios, mas a gente tem se debruçado a isso também

pensando nesses elementos aí que eu tô me referindo a você e relativos a prática pedagógica e a essa formação... Então, penso que a formação teria que estar voltada para esses aspectos...

Entrevistador: Professora eu vou citar aqui algo que você até falou um pouquinho no início da entrevista, da questão de... da teoria e prática:

Então essas disciplinas relacionadas às Lutas, como aproximar a teoria da prática de forma a que uma favoreça o desenvolvimento da outra?

Muitas vezes a gente tem... como forma que se apresentou... até uma dificuldade, né?! De aproximar essas práticas por... por estarem no contexto do tronco comum, ou mesmo algumas disciplinas acabarem assumindo um caráter mais esportivista, então na sua opinião, como você viria essa relação de aproximação?

Entrevistada: Então Felipe, eu vou... eu vou me colocar aqui e... e parecer bastante repetitiva, né... mas eu volto a dizer assim:

Acho que... Ou penso que... éhh... se a gente achar que o curso de formação é pro aluno aprender a executar, agente já incorre no primeiro equívoco, na minha opinião, né... E aí, eu acho que quando a gente se preocupa com aluno - saber executar - eu acho que a gente faz uma grande decisão entre teoria e prática. Acho que daí que...

Tá me ouvindo?

Saiu o seu rosto...

Felipe?

*(*nesse momento a internet do entrevistador perdeu o sinal e a entrevista foi interrompida por alguns minutos, até que se conseguisse reestabelecer o sinal de transmissão.*

A gravação da entrevista possibilitou que nenhum relato fosse perdido)*

Entrevistada: Felipe tá me ouvindo?

*(*Entrevistador contatou a entrevistada via WhatsApp para informar do ocorrido*)*

Entrevistador: Oi professora, voltei desculpa...

Entrevistada: Imagina, não tem problema! Seguimos lá...

Então como eu dizia... Assim, eu acho que o que assentou essa separação teoria e prática, pelo menos, né... num certo sentido... Num certo sentido também porque a gente poderia pensar em outras... outras possibilidades também, mas assim quando se tem uma expectativa de que o aluno aprenda a executar, fazer aquela determinada prática, determinada Manifestação Cultural... você tende a separar mais teoria e prática, porque aí você vai falar de elementos teóricos, fundamentos daquela manifestação e na hora da manifestação em si, você vai fazer, vai executar, vai aprender... para mim, isso não é uma... uma... uma... prerrogativa de um curso de formação inicial de professores, né... porque como Eu falei, né... Por isso que Eu que eu vou parecer repetitiva aqui... O curso tem que estar voltado para que o aluno, o licenciando, o graduando, ele aprenda a ensinar, né... Então, aprender a ensinar, vai envolver um elemento que articule teoria e prática... Então quando eu digo pra você assim:

‘Óh, a gente vai olhar para aquela manifestação e vai entender de onde vem aquele gesto, que é manifestado naquela... naquela prática... naquela prática corporal’

Ele ‘surgiu em qual momento?’;

‘Que vínculo ele tem com a cultura produzida?’;

‘Quais são os recortes que foram feitos hoje e que configuração se colocou para aquela manifestação?’;

‘Ela tá no âmbito, no caso aqui que a gente tá falando das Lutas ou ela já foi para um outro lugar chamado Esporte?’;

‘Como que a sociedade vê a relação Luta e Esporte?’;

‘Ela valoriza mais um ou valoriza mais outro?’;

‘Por que a esse tipo de relação?’;

‘O que que a nossa sociedade, né... estabelece para que a gente construa essas referências?’;

‘Como que a ideia do espetáculo, e aí ele têm vínculo com a questão esportiva, têm tomado conta do nosso dia a dia?’;

‘E a questão do consumo dessas questões de Espetáculo?’

De assistir, de consumir... Vamos pensar aí, né... na reconfiguração que foi feito no campo das... das Lutas... E aí. Eu vou falar enquanto Esporte... Vamos pensar aí nas Lutas Mistas, né... no MMA, por exemplo:

‘Como que isso ganhou relevo televisivo?’;

‘Por que... Por que que isso se tornou espetáculo?’;

‘Qual o rendimento disso?’;

‘Por que a população se sente atraída para ver as pessoas sangrando?’,

Então Eu não tô trazendo coisa só da... da dimensão... da execução... da Luta. Eu tô trazendo um questionamento, uma reflexão que enquanto Professor Você também precisa fazer com seus alunos, né...

Então a graduação ela precisa garantir também esse trânsito para que esse aluno graduando/licenciando tenha condição de quando chegar na escola como professor, também tenha esse conhecimento... vamos lembrar lá o ‘domínio do conhecimento’, esse domínio não passa por entender os fundamentos técnicos-táticos e as regras e, ensinar.

Não...

É uma configuração sociocultural, né... Nenhuma prática corporal é o que é, porque quiserem e ‘ponto final’. A prática corporal é viva, ela se transforma, ela se reconfigura... Algumas delas acabam com o tempo, porque elas perdem certo sentido por determinados conjuntos sociais que são estabelecidos, né... por determinadas normas, por determinados modos de vida, né... Então esses elementos são importantes e é claro, junto com isso né Felipe... Eu não posso ignorar, né:

‘Como se pratica isso hoje?’,

Mas lembrar que toda questão, por exemplo: da regra; da estrutura de espaço, ela também não é uma... uma estrutura estabelecida neutra politicamente, ela também é política... Então, se eu tenho, por exemplo, uma mudança no voleibol, que antes o set demorava para acabar, porque tinha vantagem para depois ter o ponto - você passa a ter o ponto direto:

‘Ah por que quiseram que fosse assim? Por quê? Mudaram à toa?’,

Não, mudaram por uma questão econômica, política... A transmissão de televisão não queria ficar tendo mais prejuízo com um jogo que durava cinco (5), seis (6) horas, e daí comprometia toda a programação televisiva...

‘Então vamos fazer esse jogo ser mais rápido e a gente ter mais clareza do tempo que ele vai acontecer, vai durar’,

Então veja, mais aí você vai dizer:

‘Ahh mais é uma regra do vôlei’

É uma regra do vôlei, que foi feita por uma questão política, econômica... E isso é com tudo, né?!

E as práticas, né...

Éhh...

O próprio handebol, por exemplo, que agora tem é o goleiro-linha, né... que antes não tinha - então você pode ficar sem goleiro, por um jogador a mais, ‘pra que que é isso?’, para aumentar o espetáculo, para deixar o jogo mais... ‘porque o cara pode fazer um arremesso lá do outro lado e fazer... acertar no gol, porque não tem goleiro’... Então espetáculos, gera mais espectadores e gera mais consumo... Então o esporte vira mais mercadoria... Então a gente não pode se eximir, né... de falar sobre isso...

Então a formação ela gira em torno disso, mas veja a estrutura técnica, tática, a regra, ela tem que dialogar com as questões sociais, porque elas não estão ali à toa, elas não estão ali porque alguém ‘sonhou, bateu a cabeça e decidiu e tudo bem’... talvez a origem, o nascedouro tenha... mas quando um Jogo já se transforma em Esporte, já significa que ele se rendeu a várias normas, por algumas expectativas, por exemplo:

‘Por que será que nas olimpíadas, hoje, a gente vai ter a inclusão de algumas práticas que não estavam ainda - o skate; escalada - O que que significa isso?’

Ah é que, né... Tá todo mundo pensando há um discurso, né... De deixar a Olimpíada mais atrativa para os jovens, porque é uma linguagem que vai atingir, mas está se pensando em consumo, né... não está se pensando em divulgar uma cultura, pode até que ser, que isso aconteça, né... mas por um outro lado:

‘Qual prática do skate que se torna olímpica? Todas?’

Não, uma determinada que vai ser, né... a mais divulgada, depois vai ser a mais procurada, outras inclusive Felipe, podem se tornar extintas... Então uma coisa que eu também sempre gosto de falar, que a gente sempre tem essa coisa de que:

‘Ahh é Esporte, então é mais importante do que as outras práticas que não são esportivas’,

Os Jogos, por exemplo, as Lutas, as Danças... Eu sou totalmente contrária a essa posição... Esporte é uma perspectiva que tem um determinado conjunto de critérios e Jogo; Luta; Dança outra perspectiva com conjuntos de critérios, igualmente importantes. E a gente tem mais autonomia nessa, do que na esportiva... A esportiva tá mais estabelecida, mas socialmente ela também tem influência, ela continua tendo influência... É por isso que as regras elas se modificam, é por isso que as estruturas do espaço também, né... aparece uma linha nova ao longo do tempo... porque elas são vivas, né?!

Então eu me preocupo com a ideia de se ensinar a fazer só, como se aquilo fosse instituído e o aluno tende... e o graduando tende a naturalizar, e dizer:

‘Ah essa prática sempre foi assim’,

Primeiro que nada, nunca, é sempre do mesmo jeito, a vida inteira, as coisas sempre se modificam ao longo do tempo, senão se modificaram em seu interior, elas podem modificar em percepção... Então isso o aluno precisa aprender, mas se você separa teoria e prática, nessa perspectiva aí da execução... ela vai ser difícil que o professor, né... que o futuro Professor aprenda isso.

Entrevistador: Professora,

Respeitando então o tempo, eu só vou te fazer a última pergunta:

Existe mais algum aspecto que você gostaria de abordar sobre aprendizagem dos discentes durante a formação inicial no que diz respeito para ensino das lutas nas escolas?

Entrevistada: Eu acho que nas respostas anteriores, Eu já toquei nos elementos que eu acho que são mais significativos, mais emblemáticos, né...

Pra mim, sobretudo, o que me causa muito desconforto é... é conseguir trabalhar com esta... com esta perspectiva de entender que tem um grupo ali centrado no Esporte e tem um outro na Matriz de Lutas... Eu acho que embora possa parecer sutil isso... Eu acho que isso tem uma... um impacto significativo nas formas de ler; na forma de olhar; na forma de perceber as práticas, né... Acho que sobretudo, né... as práticas de práticas corporais de Lutas, de manifestação Oriental e eu não sei exatamente, talvez até a própria Capoeira, né... Eu não sou uma estudiosa no assunto, por isso eu tô pisando em ovos, mas a própria capoeira também tenha... tenha elementos ritualísticos, né... E quando eles se esportivizam... ela... se perdem...

Então, Eu acho que esses elementos ritualísticos são... ou filosóficos das artes marciais aí... são elementos muito ricos pra gente entender melhor as culturas; pra gente entender melhor os sentidos e a significação das práticas para as pessoas, né... E Eu acho que isso é um aspecto pra mim dos mais caros, assim dos mais preciosos, quando a gente tá falando do conteúdo Lutas.

Entrevistador: Professora, eu dou por encerrado então a entrevista, deixo meus agradecimentos e eu vou estar interrompendo a gravação, tudo bem?

Entrevistada: Tudo bem Felipe! Eu que agradeço pela oportunidade.

APÊNDICE F - Cronograma de Entrevistas

ENTREVISTAS SOB A ÓTICA DO CORPO DISCENTE				
Noturno - Ingressantes 2016				
Entrevista de número	Identificação Participante	Data da Entrevista	Duração da Entrevista	Tempo de Transcrição
03	Ravi	21/08/2020	15 minutos	2 horas e 27 minutos
04	Gael	21/08/2020	15 minutos	2 horas e 32 minutos
06	Ruan	24/08/2020	18 minutos	2 horas e 59 minutos
12	Aurora	11/09/2020	18 minutos	2 horas e 57 minutos
15	Dante	29/09/2020	22 minutos	3 horas e 36 minutos
Noturno - Reingressantes 2019				
Entrevista de número	Identificação Participante	Data da Entrevista	Duração da Entrevista	Tempo de Transcrição
01	Melina	16/07/2020	17 minutos	02 horas e 50 minutos
11	Sophia	11/09/2020	25 minutos	04 horas e 26 minutos
Integral - Ingressantes 2017				
Entrevista de número	Identificação Participante	Data da Entrevista	Duração da Entrevista	Tempo de Transcrição
02	Theodoro	23/07/2020	18 minutos	03 horas e 03 minutos
07	Isabel	25/08/2020	23 minutos	03 horas e 54 minutos
08	Lucas	01/09/2020	14 minutos	02 horas e 15 minutos
10	Thales	11/09/2020	33 minutos	05 horas e 30 minutos
13	Estevão	25/09/2020	22 minutos	03 horas e 41 minutos
14	Marina	29/09/2020	31 minutos	05 horas e 14 minutos
16	Jade	29/09/2020	16 minutos	02 horas e 38 minutos
17	Letícia	01/10/2020	22 minutos	03 horas e 40 minutos
18	Luísa	06/10/2020	21 minutos	03 horas e 35 minutos
Integral - Reingressantes 2020				
Entrevista de número	Identificação Participante	Data da Entrevista	Duração da Entrevista	Tempo de Transcrição
05	Otto	24/08/2020	14 minutos	02 horas e 19 minutos
09	Luna	01/09/2020	16 minutos	02 horas e 44 minutos
Tempo Total			06 horas 00 minutos	60 horas e 16 minutos
ENTREVISTAS SOB A ÓTICA DO CORPO DOCENTE				
Responsável por ministrar uma disciplina relacionada a Lutas				
Entrevista de número	Identificação Participante	Data da Entrevista	Duração da Entrevista	Tempo de Transcrição
22	Rogério	09/12/2020	54 minutos	07 horas e 12 minutos
Integram o Conselho de Curso				
Entrevista de número	Identificação Participante	Data da Entrevista	Duração da Entrevista	Tempo de Transcrição
19	Cláudia	05/11/2020	1 hora e 30 minutos	12 horas e 00 minutos
20	Fátima	11/11/2020	1 hora e 04 minutos	08 horas e 32 minutos
21	Ayrton	16/11/2020	57 minutos	07 horas e 36 minutos
Tempo Total			4 horas e 25 minutos	35 horas e 20 minutos

ANEXOS

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CURRÍCULO, FORMAÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERVENÇÃO ESCOLAR NO CAMPO DAS LUTAS

Pesquisador: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33587220.2.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.158.986

Apresentação do Projeto:

O projeto da pesquisa se apresenta de forma clara, com adequada fundamentação teórico-metodológica, permitindo, por isso, uma adequada avaliação do mesmo no que diz respeito aos aspectos éticos da pesquisa que envolve seres humanos.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme consta no projeto, seus objetivos são: "Primário: Analisar o Projeto Político Pedagógico em Licenciatura, de uma Universidade Pública Estadual, do interior paulista, especificamente, no que diz respeito à preparação do professor para a atuação do ensino das lutas nas escolas, sob a ótica do corpo docente e discente. Secundário: Preservar a memória curricular de curso de graduação, Licenciatura em Educação Física, de uma Universidade Pública Estadual, do interior paulista"

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora responsável informe sobre riscos e benefícios que:

"Riscos: Trata-se de um estudo de história oral, portanto ao entrevistar os professores que compõem o corpo docente da instituição analisada responsáveis

por ministrar as disciplinas relacionadas a Lutas, no currículo analisado, atualmente Karatê e Capoeira, anteriormente também o Judô, e, ainda, estudantes do último ano, há a possibilidade de causar certos desconfortos pessoais, justamente por trabalharmos com a memória e, conseqüente,

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 4.158.986

emoções. Esclarecemos que estão devidamente pontuados no TCLE. Benefícios: Preservar a memória curricular de curso de graduação, Licenciatura em Educação Física de uma Universidade Estadual Pública, bem como, melhor compreensão de currículo e formação profissional em Educação Física, especificamente, para atuação do ensino de Lutas na escola e propagação dos relatos recolhidos ampliando a revisão da literatura pertinente ao assunto. Disponibilização do acervo para a formação e atuação profissionais da Educação Física Escolar. Esclarecemos que estão devidamente pontuados no TCLE."

Assim sendo, este CEP considera que riscos e benefícios estão adequadamente descritos no projeto de pesquisa e no TCLE, permitindo ao candidato a participante, compreendê-los adequadamente e, assim, exercer livre e autonomamente a escolha quanto a sua participação ou não no projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa se apresenta com relevância científica e social, estando apta à execução, em especial porque do ponto de vista ético, cumpre os requisitos exigidos pelas resoluções em vigor.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado e respeitando as orientações das resoluções vigentes do CNS, a saber: 466/12 e 510/16.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1566036.pdf	04/06/2020 17:52:51		Aceito
Folha de Rosto	Folha_FM.pdf	04/06/2020 17:51:46	Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger	Aceito

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 4.158.986

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_M.pdf	28/05/2020 17:06:27	Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	F_ProjetoPesquisa.pdf	28/05/2020 17:00:24	Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 16 de Julho de 2020

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br